

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto

**AS PRANCHAS DO MAR E DO ASFALTO: A COBERTURA TELEVISIVA DO
SURFE E DO SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS**

Bauru
2021

Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto

**AS PRANCHAS DO MAR E DO ASFALTO: A COBERTURA TELEVISIVA DO
SURFE E DO SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

Bauru

2021

F656p Fogliatto, Monique de Souza Sant'Anna
As pranchas do mar e do asfalto : a cobertura televisiva do surfe e do skate como modalidades olímpicas / Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto. -- Bauru, 2021
240 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientador: José Carlos Marques

1. Skate e surfe. 2. Modalidades olímpicas. 3. Tóquio 2020. 4. Adiamento. 5. TV Globo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MONIQUE DE SOUZA SANT'ANNA FOGLIATTO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 22 dias do mês de novembro do ano de 2021, às 15:00 horas, via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MONIQUE DE SOUZA SANT'ANNA FOGLIATTO, intitulada **As pranchas do mar e do asfalto: a cobertura televisiva do surfe e do skate como modalidades olímpicas..** A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado JOSE CARLOS MARQUES (Orientador - Participação Virtual) do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista; Professor Doutor MARCOS AMÉRICO (Participação Virtual) do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista; e Professora Doutora TATIANE HILGEMBERG FIGUEIREDO (Participação Virtual) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Universidade Federal de Roraima. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma virtual, a discente recebeu o conceito final: **APROVADA**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo Presidente da Comissão Examinadora.

Professor Associado JOSÉ CARLOS MARQUES

MONIQUE DE SOUZA SANT'ANNA FOGLIATTO

As pranchas do mar e do asfalto: a cobertura televisiva do surfe e do skate como modalidades olímpicas

Área de concentração: Comunicação

Linha de pesquisa: 2 – Produção de sentido na comunicação midiática

Banca Examinadora

Prof. ° Dr. José Carlos Marques
Presidente/Orientador/Unesp

Prof. ° Dr. Marcos Américo
Docente/Unesp

Prof.^a Dra. Tatiane Hilgemberg Figueiredo
Docente/UFRR

Bauri, 22 de novembro de 2021.

A todas as pessoas que insistem na educação, mesmo em tempos sombrios

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus, por me direcionar sempre pelo melhor caminho, mesmo diante das minhas falhas e incertezas. Agradeço também a Ele por me dar forças todos os dias para prosseguir nessa árdua jornada.

Agradeço aos meus pais, Ana e Fladimir, por acreditarem que a educação é chave de transformação, não medindo esforços para fazer acontecer os sonhos de seus filhos, mesmo tendo que deixá-los voar para longe. Agradeço ainda ao meu irmão, Matheus, por todo o apoio e incentivo na forma de brincadeiras, que me fizeram trilhar este caminho de forma mais leve.

Ao meu orientador, professor doutor José Carlos (Zeca) Marques, por ter acreditado em meu potencial desde o início, me escolhendo como orientanda, pelo auxílio na mudança de projeto de pesquisa e na execução deste trabalho. Obrigada por muitas vezes acalmar meu coração ansioso e ter paciência com essa pessoa indecisa e por vezes insegura com o próprio potencial.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, professores doutores Tuca Américo, Rafael Fortes e Tatiane Hilgemberg, por aceitarem o convite para contribuir com a execução e avaliação deste trabalho.

Aos meus professores, que me permitiram ser quem sou hoje. A eles, o meu muito obrigada pela inspiração e por não medirem esforços para transmitir um pouco daquilo que sabem todos os dias.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação, Ana Paula, Hélder e Sílvia, por todo suporte técnico e amizade.

À Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), por conceder a bolsa que facilitou a minha sobrevivência por um período em Bauru. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que por meio do processo 2019/22606-4 acreditou no potencial deste trabalho, garantiu a execução deste projeto e financiou a pesquisa.

Aos meus queridos amigos de vida: Jessica Sant'Anna, Beatriz Carvalho, Maria Carolina Abdalla, Aparecido Carmo, Mariana Mouro, Jaqueline Braz, Bianca Lopes, Dionny Rodrigues e Jéssica Bastos por todas as orações, conversas, contribuições com o trabalho e, o mais importante de tudo, o suporte emocional, emprestando seus "ombros virtuais" quando a sanidade mental se esvaía.

Aos meus amigos de trajetória acadêmica, que compartilharam, presencialmente e à distância, angústias, ansiedades e momentos de risada e descontração que aliviavam a tensão de um trabalho tão solitário: À Kethleen Guerreiro, Heloísa Moutinho, Monielly Barbosa, Beatriz Carvalho, Diuan Feltrin e Núbia Azevedo, pela companhia, suporte emocional e por sempre emprestarem um pouco dos seus tempos para dividir anseios, ansiedades e preocupações. Em especial à minha amiga, Érika Araújo, por tudo que fez por mim desde o primeiro segundo em Bauru. Pelas primeiras conversas antes da mudança, pelas caronas nas voltas das aulas noturnas, pelas conversas intermináveis no Whatsapp neste tempo de ensino à distância, por dividir comigo leituras sobre o jornalismo esportivo e por sempre me lembrar que, juntas, somos mais fortes.

Em especial, queria aqui agradecer à irmã que a Unesp me deu, Renata Santos, me faltando até palavras que possam aqui expressar o tanto que sua ajuda foi essencial nesta caminhada. Obrigada por todo o acolhimento, carinho, incentivo e por sempre estar ali por mim, mesmo diante de toda correria da rotina, dos problemas e dos afazeres do dia a dia. Por sempre estar na torcida, dar pitaco nas minhas ideias, estar presente nas madrugadas de transmissão do meu objeto e sempre me mandar uma foto ou um vídeo fofo do Vicente pra acalmar meu coração.

À Bauru, que me proporcionou uma das experiências mais loucas e engrandecedoras que eu poderia ter. Estar a quase 2.000 km de casa me fez entender que a vida de “gente adulta” não é tão simples quanto eu desejava que fosse. Obrigada por pôr em xeque todas as certezas que eu tinha, mudar a forma de me relacionar, comigo e com os outros, e moldar um pouco do que eu sou hoje.

Por fim, é preciso dizer que este trabalho é também fruto de resistência. O ano de 2020 vai ser para sempre lembrado como aquele em que tivemos que enfrentar um inimigo mortal invisível. Queria poder dizer que a pandemia de coronavírus só impactou a execução deste trabalho, mas seria mesquinho. Ela tirou empregos, sonhos, estabilidade e a esperança das famílias. No Brasil, mais de 607 mil pessoas, até o momento, já perderam a vida para essa doença, a qual demoramos demais para ter acesso a uma vacina. É em nome de Amanda Araújo, minha colega de turma, que eu termino esse agradecimento. Não são apenas números, são vidas interrompidas pela ambição e o descaso.

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara
Ensaio sobre a cegueira

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant'Anna. **As pranchas do mar e do asfalto: a cobertura televisiva do surfe e do skate como modalidades olímpicas**. 2021. Dissertação de conclusão (Mestrado em Comunicação) – FAAC – Unesp, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques, Bauru, 2021.

RESUMO:

A presente dissertação de mestrado teve como motivação central buscar possíveis respostas ao questionamento “Como a imprensa brasileira, representada pela TV Globo, construiu discursos e representações sobre os esportes sobre pranchas, estreantes nos Jogos Olímpicos de Tóquio, haja vista o protagonismo dos representantes brasileiros em ambas as modalidades?”. Através do viés teórico da Análise de Discurso de linhagem francesa, estabelecemos como corpus da pesquisa os programas jornalísticos e esportivos da emissora compreendidos no intervalo entre 05 de julho e 08 de agosto de 2021 para construir análises mais abrangentes acerca do objeto desta pesquisa. As análises empíricas deste trabalho encontram-se constantemente articuladas com articulações teóricas a respeito do histórico das modalidades sobre pranchas e sua estreita articulação com os conceitos de cultura, juventude, desvio, lazer e tempo livre e esporte. Além disso, remontamos um breve histórico dos Jogos Olímpicos, desde suas edições na Antiguidade até sua versão moderna, teorizada por Pierre de Coubertin, incluindo algumas contribuições do processo de midiaticização para as configurações atuais deste megaevento. Além das discussões a respeito das representações discursivas construídas sobre as disputas de surfe e skate enquanto modalidades olímpicas, este trabalho ocupa-se ainda da análise envolvendo um fato inédito, o adiamento da edição de Tóquio 2020, buscando compreender como a TV Globo, enquanto parte interessada no êxito de sua realização, construiu discursos a respeito deste acontecimento jornalístico.

Palavras-chaves: Skate e surfe; Modalidades olímpicas; Tóquio 2020; Adiamento; TV Globo

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant'Anna. **As pranchas do mar e do asfalto: a cobertura televisiva do surfe e do skate como modalidades olímpicas**. 2021. Dissertação de conclusão (Mestrado em Comunicação) – FAAC – Unesp, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques, Bauru, 2021.

ABSTRACT

This present master thesis had as core motivation seek to understand to the quest “How does the Brazilian press, represents as TV Globo, built speeches and representations about the boards” sports, debutants in Tokyo’s Olympic Games, given the protagonism of the Brazilians” members in both modalities?”. Through the theoretical bias of French Discourse Analysis, we set up as search corpus the journalistic and sports programs of the broadcasting station in the period of July 05 and August 08, 2021 for to build more comprehensive analyses about the object of this research. The empirical analyses of this work are constantly articulated with theoretical articulations regarding the history of board sports and their close articulation with the concepts of culture, youth, detour, leisure and free time, and sport. In addition, we retrace a brief history of the Olympic Games, from their editions in antiquity to their modern version, theorized by Pierre de Coubertin, including some contributions of the mediatization process for the current configurations of this mega event. Besides the discussions about the discursive representations built about the surf and skate competitions as Olympic sports, this work is also concerned with the analysis involving an unprecedented fact, the postponement of the Tokyo 2020 edition, seeking to understand how TV Globo, as a stakeholder in the success of its realization, built discourses about this journalistic event.

Keywords: Skate and surf; Olympic categories; Tokyo 2020; Postponement; TV Globo

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Trecho da cerimônia de encerramento Rio 2016

Imagem 2- Suporte imagético utilizado para as declarações de Carlos Gil a respeito do adiamento dos Jogos Olímpicos

Imagem 3- Imagens-índice utilizadas como ilustração para o tratamento do adiamento

Imagem 4- Correspondentes internacionais presentes para abordagem da temática Adiamento Olímpico no CACV

Imagem 5- Cenas complementares de apresentação do surfista Gabriel Medina

Imagem 6- Atletas utilizados como fonte declaratória pelo JH para tratamento da temática

Imagem 7- Aparição do surfe e do skate no tema Adiamento Olímpico no JN

Imagem 8- Imagens que ilustram as declarações do correspondente Carlos Gil

Imagem 9- Jornalistas envolvidos na abordagem da temática Adiamento Olímpico no BDB

Imagem 10- Recurso imagético utilizado para noticiar a declaração do presente do COI, Thomas Bach

Figura 11 – Acendimento da Pira Olímpica em Fukushima

Figura 12 – Cenas usadas como suporte para as declarações de Carlos Gil para o JH

Figura 13 – Apresentação das novas datas de realização das Olimpíadas de Tóquio

Figura 14 – Telejornais e programas jornalísticos-esportivos que compõem o corpus de pesquisa

Figura 15 – Representantes do Brasil no surfe olímpico Tóquio 2020

Figura 16 – Atletas representantes do skate do Time Brasil nas Olimpíadas de Tóquio

Figura 17 – Identidade visual para tratamento do surfe olímpico nos telejornais da TV Globo

Figura 18 – Identidade visual para menções às disputas de skate street e park

Figura 19 – Fontes imagéticas usadas como suporte para construção narrativa do histórico do surfe no Globo Esporte

Figura 20 – Cena utilizada como suporte narrativo do incidente ocorrido entre o cinegrafista e o atleta australiano

Figura 21 – Cena usada como suporte narrativo para a matéria de apresentação de Pâmela Rosa no Esporte Espetacular

Figura 22 – Imagens históricas do festival de Woodstock e Jimmy Hendrix utilizados para contextualizar as declarações de Pedro Barros ao JN

Figura 23 – A narrativa imagético-discursiva de transformação do skate de brincadeira a esporte olímpico na matéria do JH

Figura 24 – A democracia do skate representada pelas figuras de Rayssa Leal e Dallas Oberholzer

Figura 25 – Provas de ocorrência para ilustrar a desconstrução do ambiente de disputa do skate park (GE, 04/08)

Figura 26 – Cenas representativas do espírito skate nos telejornais da emissora

Figura 27 – Destaque imagético à plasticidade dos movimentos envolvendo as pranchas do mar e do asfalto nos programas do corpus da pesquisa

Figura 28 – Suportes para os discursos de apresentação das modalidades do skate nos Jogos Olímpicos de Tóquio

Figura 29 – Aspectos do discurso não verbal que compõem a transmissão do skate street

Figura 30 – Mediadores informacionais do Fantástico responsáveis pela apresentação do skate

Figura 31 – Charge destacada no quadro do Hora 1

Figura 32 – Destaque da figura de Ítalo Ferreira, à esquerda da vidraça da loja para reforçar uma admiração internacional pelos atletas brasileiros

Figura 33 – Gráfico utilizado como ilustração para o discurso enunciativo de apresentação das atletas do skate street feminino

Figura 34 – Imagem ilustrativa da manobra que deu o segundo lugar no pódio do skate street masculino a Kelvin Hoefler

Figura 35 – Momento em que Luizinho chuta o capacete em tom de “dever cumprido” ao fim da sua última volta

Figura 36 – Exemplos de vestuários masculinos e femininos utilizados nas competições do skate

Figura 37 – Sonoras com Owen Wright, surfista australiano, e John John Florence, estadunidense considerado expoente da nova geração de surfistas

Figura 38 – Jogo de elementos da palavra Florianópolis que ajudam a construir, e sustentar, a narrativa apresentada no JN

Figura 39 – O skate e as cidades representadas nas narrativas jornalísticas analisadas

Figura 40 – Apresentação da Arena Ariak, palco do skate street e park

Figura 41 – Praça Palmares e a referência a Chorão

Figura 42 – Cena do vídeo que “revelou” Rayssa Leal na cena do skate street

Figura 43 – O “percurso” de Rayssa Leal nas narrativas do EE

Figura 44 – Recurso gráfico utilizado para ilustrar o georreferenciamento da praia de Tsurigasaki, mostrada ao fundo

Figura 45 – Barreiras instaladas na praia de Tsurigasaki, palco das disputas inéditas do surfe olímpico

Figura 46 – Relação de culto estabelecida entre o homem e o mar ilustrado por Italo Ferreira

Figura 47 – A relação harmônica entre os indivíduos e o espaço da praia

Figura 48- Imagens que ressaltam o aspecto brincadeira ligadas às disputas de skate e surfe

Figura 49- Momento da quebra de prancha de Ítalo Ferreira na bateria final

Figura 50- Cenas da pista de competição para reforçar a ideia de paredes maiores

Figura 51- Acidente envolvendo o atleta australiano Keegan Palmer durante as competições de skate park masculino

Figura 52- Postagens de personalidades reconhecidas sobre as conquistas dos atletas brasileiros nas modalidades sobre pranchas

Figura 53- O reconhecimento dos comuns acerca das conquistas olímpicas

LISTA DE GRÁFICOS:

Gráfico 1- Percentual ocupado por cada abordagem do tema “Adiamento Tokyo 2020”

Gráfico 2- Quantidade de dias em que as modalidades sobre pranchas foram abordadas em cada telejornal/programa esportivo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quantidade de dias em que as modalidades sobre pranchas foram abordadas em cada telejornal/programa esportivo

Tabela 2- Informações sobre o material jornalístico veiculado pela Rede Globo relativas às repercussões do adiamento dos Jogos Olímpicos de 2020

Tabela 3- Informações sobre o material jornalístico veiculado pela Rede Globo relativas à remarcação dos Jogos Olímpicos de 2020

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 19 |
| CAPÍTULO 1 - SURFE E SKATE..... | 23 |
| 1.1. Para além do S que as unem: a trajetória histórica das práticas do skate e do surfe..... | 23 |
| 1.2. Mais que uma prática, um estilo de vida: entre culturas e identidades..... | 30 |
| 1.3. Ser jovem: uma questão cultural..... | 35 |
| 1.4. O espaço comunica..... | 40 |
| 1.5. Os sentidos atribuídos: os espaços e os lugares..... | 41 |
| 1.5.1. A praia: entre o receio, a ritualidade e o refúgio..... | 45 |
| 1.5.2. A cidade: um mundo de sentidos..... | 50 |
| 1.6. Construindo discursos: entre os espaços e seus ocupantes..... | 53 |
| | |
| CAPÍTULO 2 - ENTRE O JOGO, A BRINCADEIRA E O ESPORTE..... | 60 |
| 2.1. Esportes “de risco” ou “de aventura”..... | 68 |
| 2.2. A midiática do surfe e do skate..... | 71 |
| 2.3. O esporte olímpico..... | 73 |
| 2.3.1. Os Jogos Olímpicos da Antiguidade..... | 73 |
| 2.3.2. Os Jogos Olímpicos Modernos..... | 76 |
| 2.3.3. A ritualidade..... | 78 |
| 2.3.4. Os megaeventos: quando o esporte se midiática e ganha novas dimensões.... | 82 |
| 2.4. Tornando-se olímpicos: entre os desafios e o reconhecimento..... | 89 |
| | |
| CAPÍTULO 3 - O SURFE E O SKATE NOS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO 2020/2021..... | 94 |
| 3.1. O surfe e o skate nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020/2021..... | 94 |
| 3.2. A pandemia que paralisou as pranchas: o Coronavírus..... | 95 |
| 3.2.1. O histórico olímpico conturbado..... | 95 |

| | |
|---|------------|
| 3.2.2. A paralisação das pranchas: A pandemia de Coronavírus..... | 96 |
| 3.2.3. O adiamento transformado em notícia..... | 97 |
| 3.3. O retrato do adiamento dos Jogos Olímpicos pelas lentes da Rede Globo..... | 98 |
| 3.3.1. O adiamento (24/03/2020)..... | 100 |
| 3.3.2. Repercussão (25 e 26/03/2020)..... | 115 |
| 3.3.3. A remarcação (30/03/2020)..... | 119 |
| | |
| CAPÍTULO 4: A COBERTURA TELEVISIVA DAS PRANCHAS: O SURFE E O SKATE NOS TELEJORNAIS E PROGRAMAS ESPORTIVOS DA TV GLOBO..... | 126 |
| 4.1. Questões teóricas e metodológicas para análise do corpus..... | 126 |
| 4.2. O discurso: conceitos fundamentais..... | 126 |
| 4.2.1. Amplificando as vozes: o papel do discurso jornalístico..... | 132 |
| 4.3. Os caminhos da pesquisa..... | 137 |
| 4.4. O caminho até as Olimpíadas..... | 146 |
| 4.4.1. A gênese das pranchas..... | 147 |
| 4.4.2. Percurso das pranchas..... | 162 |
| 4.4.3. Tornando-se olímpicas..... | 170 |
| 4.4.4. As pranchas olímpicas..... | 190 |
| 4.5. As pranchas e os espaços..... | 194 |
| 4.5.1. O estabelecimento de uma relação..... | 195 |
| 4.6. “Brinca-se, joga-se ou compete-se?..... | 206 |
| 4.7. Os “louros” da vitória..... | 214 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 221 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 229 |
| | |
| PRODUTOS AUDIOVISUAIS QUE COMPUSERAM O CORPUS DE ANÁLISE..... | 235 |

INTRODUÇÃO

O século XIX serviu de terreno fértil para mudanças significativas na mentalidade coletiva, trazendo novas formas de se organizar e se relacionar consigo, com os outros e com as estruturas sociais que organizavam a mentalidade coletiva. Berço de inúmeras revoluções, seja no campo científico, político, econômico ou social, este período foi de essencial importância para a compreensão das estruturas históricas que servem de referência para a sociedade contemporânea que temos hoje (HOBSBAWM, 2015). E é neste contexto de uma Inglaterra pós-Revolução Industrial, marcado pelas reconfigurações das noções de tempo livre, lazer e trabalho e da inauguração de novas concepções de produção e consumo que emerge o esporte, produto cultural inglês amplamente difundido e popularizado.

Se, por um lado, compreender o conceito de esporte nos auxilia na constituição de bases para o desenvolvimento deste trabalho, é em outro período histórico que nosso objeto de pesquisa, mais especificamente o surfe e o skate, encontrou solo fértil para brotarem e se espalharem pelo mundo enquanto práticas associadas ao lazer e tempo livre. De um lado, a década de 1960 representou um marco para a emergência de revoluções sociais, políticas e culturais que colocavam o sujeito enquanto ativo no processo de reivindicação de direitos e contestador de causas políticas, sociais e culturais. De outro lado, principalmente no caso brasileiro, víamos emergir uma mentalidade social pautada no autoritarismo e no conservadorismo, conhecido como os Anos de Chumbo da Ditadura Militar brasileira.

É neste mesmo cenário, contestador e de revoluções, que emergem as práticas de lazer aqui tomadas como objeto desta pesquisa. As pranchas do mar e do asfalto, que estão assim denominadas no título deste trabalho de pesquisa, têm suas histórias entrelaçadas: Apesar de não possuir uma data definida para sua gênese, e primariamente ser associado à atividades ritualizadas e de culto, o surfe com um modelo parecido com o que conhecemos hoje tem suas origens na Califórnia da década de 1950, atraindo os olhares da juventude, que ainda encontrava nas demais referências culturais uma possibilidade de constituir, e consolidar, uma identidade própria (LORCH, 1980) (FORTES, 2011). Já as “pranchas do asfalto” nascem de um processo adaptativo, motivado por intempéries climáticas enfrentadas nesta região ainda nos anos 1960 e que constituiu identidade própria no decorrer desta mesma década. Exportados enquanto produtos culturais de consumo, as modalidades chegam ao Brasil no mesmo período e marcam profundamente o cenário nacional, trazendo a possibilidade de uma cultura contestatória à mentalidade conservadora vigente (BRANDÃO, 2007) (MACHADO, 2012).

Desde o momento em que foram introduzidas em solo nacional, enquanto produto cultural estadunidense, muitas foram as transformações ocorridas nos universos de sentidos em que as práticas do surfe e do skate estiveram inseridas. Ao chamarem a atenção de um público essencialmente juvenil principalmente pelos elementos identitários destes grupos sociais, as práticas se popularizaram, ganhando espaço na vida cotidiana das grandes cidades brasileiras, atraindo a atenção de investidores que viram nas práticas um público consumidor em potencial e, conseqüentemente, transformando as atividades de tempo livre e lazer em práticas esportivizadas (BOURDIEU, 2001).

Com universos competitivos consolidados, mercados consumidores em ascensão e trazendo à tona novas formas de se pensar as práticas esportivas e as relações com os espaços, as pranchas do mar e do asfalto foram se consolidando na mentalidade coletiva. Foi desta forma que as pranchas do mar e do asfalto chamaram a atenção do Comitê Olímpico Internacional (COI), interessado na renovação do público espectador deste importante megaevento esportivo, sendo incluídas, junto a outras três, como modalidades estreantes nos Jogos Olímpicos de Tóquio, inicialmente marcados para ocorrerem em 2020.

É diante este intenso processo de esportivização das práticas, e suas conseqüentes transformações em modalidades olímpicas, que procuraremos compreender, sob o viés da Análise de Discurso de linha francesa, como a imprensa brasileira, representada pela TV Globo construiu discursos e representações sobre os esportes sobre pranchas, estreantes nos Jogos Olímpicos de Tóquio, haja vista o protagonismo dos representantes brasileiros em ambas as modalidades. Para buscar as respostas possíveis ao questionamento que move esta pesquisa, estabelecemos como corpus de análise as matérias jornalísticas apresentadas entre 05 de julho de 2021 e 08 de agosto de 2021 pelos telejornais Hora 1, Bom dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional, Jornal da Globo e Fantástico, bem como os programas esportivos Globo Esporte, em sua edição paulista, e o programa dominical Esporte Espetacular.

O primeiro capítulo, intitulado “Surfe e Skate”, apresenta ao leitor o universo simbólico que envolve as modalidades sobre pranchas. Em um primeiro momento, tentamos reconstruir a trajetória histórica destas práticas, situando-as espaço-temporalmente, para depois tentar compreender de que forma os conceitos de juventude, cultura e identidade se articulam entre si para construir um universo de sentidos partilhados pelos praticantes e espectadores destas modalidades. Para além disso, não poderíamos deixar de lado as discussões a respeito das articulações entre as pranchas do mar e do asfalto e os espaços em que elas têm lugar, que são de fundamental importância na compreensão deste universo de sentidos.

No segundo capítulo, “Entre a brincadeira, o jogo e o esporte”, sustentamos nossas reflexões em autores reconhecidos no campo da sociologia do esporte, tais como Roger Caillois, Valdir Barbanti, Norbert Elias e Eric Dunning, para tentar compreender o processo de transformação do surfe e do skate de atividades tipicamente relacionadas ao tempo livre e lazer a modalidades olímpicas. Para tanto, tratamos da classificação destas práticas na categoria de “esportes de risco ou de aventura”, do processo de midiaticização desencadeado pelo aumento de interesse a respeito destas atividades, bem como retomamos aspectos históricos constitutivos dos Jogos Olímpicos para, enfim, tratar do processo, por vezes conturbado, de inserção das pranchas do mar e do asfalto no rol de disputas neste megaevento esportivo.

Já o terceiro capítulo, “O surfe e o skate nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020/2021”, tratou, especificamente, do processo de inserção das modalidades nas disputas olímpicas, bem como tratou de construir percepções a respeito de um fato histórico inédito: o adiamento em virtude da pandemia de Coronavírus. Neste capítulo, buscamos compreender como a decisão conjunta entre o COI e o comitê organizador local foi repercutida pela TV Globo, também parte interessada na realização do evento, por deter dos direitos de retransmissão em solo nacional.

Já o último deles, intitulado “A cobertura televisiva das pranchas: o surfe e o skate nos telejornais e programas esportivos da TV Globo” trouxe, especificamente, a análise empírica deste trabalho de pesquisa, procurando respostas possíveis ao questionamento que conduz esta dissertação. Além de uma breve explicação a respeito dos procedimentos metodológicos utilizados para desenvolvimento da análise, seguimos para as percepções empíricas desta pesquisa.

Diante do extenso material jornalístico veiculado, que compôs o corpus, e, procurando estabelecer articulações com as discussões teóricas apresentadas no decorrer deste trabalho, foram construídos quatro pilares analíticos, que se desdobraram em uma série de outras subtemáticas que, direta ou indiretamente, nos conduziram aos achados desta pesquisa aqui apresentada: 1) O caminho até as Olimpíadas, que tratou das construções discursivas relacionadas à gênese, ao desenvolvimento e à transformação dos esportes em modalidades olímpicas; 2) As pranchas e os espaços e 3) Brinca-se, joga-se ou compete-se, que buscou articular os sentidos discursivos contidos nas narrativas jornalísticas com as discussões essencialmente teóricas apresentadas no decorrer deste trabalho e; 4) os louros da vitória, que buscou compreender os sentidos, intrínsecos ou visivelmente perceptíveis, contidos nos discursos produzidos sobre os atletas representantes das modalidades sobre pranchas,

especialmente aqueles que conquistaram medalhas inéditas na estreia do surfe e do skate nos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Enquanto considerações finais, buscamos olhar com mais atenção para as percepções que “saltaram aos olhos” no decorrer da análise empírica do corpus componente deste trabalho para construir respostas possíveis para o questionamento que serviu de força motriz para a condução deste trabalho. Além disso, com base nas articulações entre os materiais empíricos e os aparatos teóricos utilizados como sustentação, apontamos caminhos possíveis a serem desdobrados por possíveis pesquisadores para o desenvolvimento de pesquisas futuras neste importante, e fértil, terreno de análise que é o universo esportivo, sobretudo no que diz respeito às práticas esportivas do surfe e do skate.

CAPÍTULO 1 - SURFE E SKATE

1.1. Para além do S que as unem: a trajetória histórica das práticas do skate e do surfe

Frequentemente associadas à juventude e a elementos ligados à resistência a uma mentalidade conservadora instituída, as práticas de skate e surfe têm similaridades que perpassam a obviedade do apoio sobre um pedaço de madeira e um sem número de manobras, realizadas com ou sem a sustentação pelas rodinhas. Para além do corte de cabelo, vestimentas e linguagens específicas partilhadas, que reforçam a questão identitária de seus praticantes, interessa-nos traçar um plano de fundo a fim de compreender de que forma os contextos históricos tiveram influência significativa para o surgimento e a consolidação do surfe e do skate enquanto ferramentas identitárias de resistência.

Sustentadas pelas mesmas raízes, as duas modalidades têm suas histórias entrelaçadas, tal como discutiremos mais adiante. Longe de tentar exaltar tais práticas, o que nos interessa aqui é dizer que elas foram fruto de seu tempo, tendo marcado as décadas de 1970 e 1980, momento em que ambas começam a ganhar um protagonismo ímpar no Brasil. Porém, é preciso dizer que não só de reconhecimento vive uma atividade de tal natureza. Apesar de ter atingido sua popularidade em um momento significativo, tais práticas ficaram popularmente conhecidas como subversivas, marginalizadas, avessas à ordem social estabelecida. Para além destes estereótipos carregados pelas atividades, e conseqüentemente por seus praticantes, cabe-nos antes reconstruir o momento em que elas tiveram sua origem (FORTES, 2011) (BRANDÃO, 2007).

O movimento das ondas acarretado pelas correntes marítimas foi palco para o nascimento da mais antiga das modalidades aqui estudadas. Pouco se sabe a respeito do seu real surgimento, já que, em sua gênese, o surfe estava mais ligado ao simbolismo de um aspecto ritual de algumas sociedades que habitavam determinadas faixas litorâneas ao redor do mundo. Não podemos demarcar aqui uma temporalidade para tal evento, tampouco uma territorialidade exata. Sua origem é disputada por povos polinésios e peruanos, reconhecidos como habilidosos navegadores, que se utilizavam da prática do surfe como uma espécie de oferenda ou ritual para descarrego de energias negativas e, conseqüentemente, uma revitalização daqueles que se aventuravam nas incertezas do oceano (LORCH, 1980).

Assim como em todo elemento ritual, a prática do surfe também refletia hierarquias sociais presentes nestas sociedades: os reis e rainhas, considerados a porção do cume da pirâmide social, eram os únicos autorizados a surfar em pé. Apoiar-se sobre as pranchas tal como conhecemos hoje servia de elemento simbólico para legitimar uma estrutura social mais

complexa daquelas sociedades (LORCH, 1980). Para tal ritualidade, eram utilizadas pranchas extremamente compridas e largas, que davam estabilidade ao surfista, mas que, ao mesmo tempo, eram extremamente pesadas, o que dificultava a mobilidade do suporte usado para flutuação no mar. Esta hierarquização também se viu refletida no processo de popularização desta atividade no mundo contemporâneo, sendo inicialmente apenas praticada por uma pequena parcela da população que detinha de poderes aquisitivos para fazê-la.

Além disso, este ritual, de origem pagã, carregava múltiplos sentidos e interpretações. Acreditava-se que, ao produzir a prancha e se apoiar sobre elas, haveria uma troca energética que aliviaria as ansiedades daqueles que se aventurassem no ambiente marítimo. A relação de simbiose entre o homem e o ambiente da praia nos revela uma importante característica das sociedades que disputam a gênese desta atividade: o mar, “(...) elemento líquido, irremediavelmente selvagem (...)” (CORBIN, 1989, p.72), é quase personificado, tal qual em uma narrativa mitológica, sendo temido e respeitado pelas sociedades que, ao mesmo tempo, esperam dele uma capacidade sobre-humana de alívio dos males, em uma espécie de relação desarmônica em que os únicos supostos beneficiados são os seres humanos.

O desenvolvimento da prática do surfe aconteceu de forma gradual. Sua descoberta por outros povos só aconteceu anos mais tarde, quando o navegador inglês James Cook aportou sua expedição, em meados de 1777, na baía de Kealakekua, que corresponde atualmente ao Havaí (EUA). A prática, realizada por nativos, ainda carregava forte simbologia ritualística. Acredita-se que o ato de surfar sobre pranchas estava ligado às tradições de ano novo, sendo o ato dedicado ao deus Lono, responsável pela regularidade do sol e das chuvas, além de representar fertilidade e abundância (LORCH, 1980) (FORTES, 2011).

As pessoas apoiavam-se sobre pranchas com corpos desnudos, num ritual que envolvia a instauração de uma espécie de competição, não baseada na estética dos movimentos executados, mas na agilidade e rapidez. Nela, os competidores tinham que conseguir chegar o mais rápido possível às areias das praias. A derrocada da prática enquanto aspecto ritual ocorreu a partir de 1820, quando missionários cristãos adentraram nas terras havaianas e classificaram o ato de surfar como afronta aos bons costumes da nova civilização que ali estava em formação. Na tentativa de reconstruir significados, tal qual é comum na relação entre cultura dominante e cultura dominada, o que antes era tomado como ritual foi gradativamente se convertendo em elemento subversivo e visto com maus olhos por aqueles que passaram a ditar a nova configuração do imaginário social daquele coletivo.

A proposta de sobreposição da cultura do colonizador à do colonizado não conseguiu sufocar a prática ritualizada do surfe. Representou um período de declínio, mas não sua dissolução. Na tentativa de burlar o sistema, as pranchas eram enterradas nas areias e o surfe era praticado em momentos específicos, longe dos olhares dos colonizadores. (SAID, 2007), (LORCH, 1980).

A popularização no imaginário coletivo, no entanto, deveu-se ao protagonismo de um homem. Duke Kahanamoku, campeão olímpico de natação nos Jogos de 1912, em Estocolmo (Suécia). O marco, segundo dados históricos, deve-se ao simples ato de atribuir também à prática do surfe o bom desempenho na competição. Em suas entrevistas, o medalhista olímpico trouxe à tona seu gosto pela modalidade, praticada nos momentos de lazer, fazendo com que os holofotes midiáticos se voltassem para as pranchas dos mares.

Entretanto, os efeitos de sua popularização para além das fronteiras havaianas foram sentidos apenas décadas mais tarde. Engana-se quem pensa que o ato de surfar se desenvolveu de forma igual para todos os grupos que se aventuraram em praticá-lo. Assim como qualquer outra atividade, equilibrar-se sobre um pedaço de madeira também trouxe à tona aspectos singulares que se associavam, essencialmente, à localidade escolhida para o desenvolvimento da mesma. Surfar dependia, essencialmente, das regras fluidas e subjetivas partilhadas por aqueles que estavam envolvidos nesta atividade.

Mas, afinal, de que diferenças estamos falando? Por que elas se tornam significativas a ponto de serem discutidas aqui? Acontece que, apesar de se configurar atualmente enquanto uma prática cotidiana das cidades costeiras ao redor do mundo, o surfe é uma atividade extremamente adaptada às condições imprevistas dos ambientes em que estão sendo desenvolvidos. Assim, não é possível falar em um estilo, mas sim em estilos, estes sempre adaptados às condições específicas onde é praticado. O surfe, assim como várias outras modalidades, é marcado pela característica da imprevisibilidade: não é possível prever certamente as condições ideais em que seria possível surfar: condições climáticas, de correntes marítimas e a própria geografia em que a praia está inserida contribuem para que as regras socializadas pelos surfistas sejam extremamente situacionais.

Podemos, então, falar do surfe enquanto produto social. Nele, múltiplas identidades se mesclam em prol de um gosto comum: a aventura sobre ondas. Mas esta relação não foi a mesma para todos os praticantes de surfe, nem tampouco para aqueles inseridos em uma mesma sociedade, uma vez que as condições eram específicas para cada uma das localidades escolhidas para a prática. Assim, podemos identificar dois principais estilos de surfe: o australiano, marcado pela identidade agressiva de seus praticantes e pelos movimentos mais

bruscos sobre as pranchas, cujo principal objetivo era a dominação e a destruição das ondas; e, de outro, temos o estilo norte-americano, caracterizado pela “(...) interação harmônica com a natureza, através da relação horizontal entre surfista e onda, em vez de conquista ou dominação, como nas vertentes australiana e sul africana” (FORTES, 2011, p.51).

De certa forma, o que vemos na contemporaneidade é resultado de uma mescla desses dois estilos. Enquanto o caráter rebelde do estilo australiano deu aos praticantes do surfe um estilo mais ligado à resistência à ordem instituída e o espírito de competitividade, prezando a individualidade do surfista, o estilo norte-americano contribuiu significativamente no processo de popularização, e conseqüentemente profissionalização, desta atividade.

Muito mais do que uma simples atividade ligada ao período de lazer, o surfe apresentou-se como uma ferramenta de identificação de uma parcela populacional; poucos anos mais tarde, converteu-se em bens culturais de consumo. Os corpos sarados e dourados, o estilo de vida despreocupado e intimamente relacionado com a natureza, os cabelos loiros ou descoloridos e compridos e a vestimenta larga marcaram uma geração e foram apropriados pela Indústria Cultural. Passou-se a vender mais do que uma simples atividade, mas também um estilo de vida, com uma moda e um estilo próprios, que atraíam pessoas de diferentes idades.

Foi em meio a um contexto conturbado que a prática adentrou em solo brasileiro. Apesar de ter atingido seu ápice apenas em meados da década de 1980, o surfe já era cena cotidiana nas areias das praias desde as décadas de 1950 e 1960, quando turistas estadunidenses introduziram a prática em solo carioca. Encontrando ambiente fértil para disseminação, a popularização do surfe também teve forte influência dos meios de comunicação e, principalmente, dos produtos culturais trazidos sob influência estadunidense, que à época, reforçava sua força coercitiva sobre os países em um período marcado por uma disputa ideológica, a Guerra Fria (HOBBSAWM, 2015).

Apesar da popularidade, o que se viu foi ainda o reflexo de uma atividade de lazer que prezava pela diferenciação social e o reforço de estruturas hierárquicas. Devido a diversos fatores, tais como dificuldades para chegar até as praias ou até mesmo acesso ao material necessário para desenvolver a atividade, o surfe se configurou como um “esporte da elite”, principalmente no eixo central de seu desenvolvimento em solo nacional, situado entre Rio de Janeiro e o litoral paulista. Se tomarmos o caso carioca como exemplo central, é possível verificar que a organização espacial da cidade tornava difícil o acesso de populações periféricas às praias consideradas “ideais” para a prática do surfe (DIAS, 2008). Além disso, antes de ser popularizada pela mídia, a prática era marcada pelas experiências empíricas de

surfear ondas em praias no exterior e os equipamentos de maior qualidade, em um primeiro momento, foram trazidos principalmente dos Estados Unidos, sendo produto raro e, portanto, de alto custo (FORTES, 2011).

O surgimento de mídias especializadas, tais como revistas, ainda na década de 1980, ajudaram a construir o universo simbólico do surfe.¹ Através de suas páginas, o surfe encontrou solo fértil para se consolidar no cenário nacional. Foi assim que esta prática perpassou os mais diversos universos ligados à cultura. Para Fortes (2011, p.20), considerado um “(...) “universo”, “mundo”, “cultura”, “subcultura” ou “estilo de vida”, o surfe não se resume à prática de um esporte. Manifesta-se na cultura e no cotidiano da vida de quem o pratica: se relaciona com o estilo das roupas, visual, comida, natureza, saúde, música, hábitos, cinema.”.

É nesse cenário que o surfe passou a ser esportivizado (BOURDIEU, 1983) e se tornou objeto de interesse de empresas cinematográficas, publicitárias e de bens de consumo. Para Rafael Fortes (2011, p.253), àquela época, o surfe dispunha de um forte poder atrativo, devido principalmente ao “(...) extenso caráter imagético da larga influência cultural que os EUA exercem sobre o Brasil e de sua classe média a partir da segunda metade do século XX”. Pouco a pouco, o que antes era apenas um hobby, praticado em momentos de lazer, se converteu em um esporte, regido por normas e convenções partilhadas pelos surfistas e conhecidas por aqueles que se tornaram os espectadores.

Se voltarmos à tentativa de reconstrução do cenário em que o surfe tentava se estabelecer em solo nacional, iremos facilmente identificar duas questões que se contrapõem e que foram fundamentais para a visão construída sobre ele naquele momento histórico. De um lado, vemos o surfe ainda como atividade voltada ao lazer, sendo seus praticantes conhecidos por serem “surfistas de alma” (FORTES, 2011), ou aqueles sujeitos que, em sua relação íntima com a natureza, utilizam do surfe como um passatempo, uma espécie de entretenimento incorporado a um estilo de vida singular. De outro, apresenta-se o cenário da Ditadura Militar brasileira, marcado por censura, repressões e cerceamentos, implícitos e explícitos, de liberdades individuais (FERREIRA e DELGADO, 2019).

O século XIX assistiu a importantes transformações nas mais variadas vertentes: as cidades ganharam forma e receberam novos habitantes. A Revolução Científica e as

¹ No processo de popularização da prática, na década de 1970 destacam-se as publicações de “Surf Sul” (Florianópolis), “Quebramar” (Santos) e “Brasil Surf” (Rio de Janeiro) (Gutenberg, 1989, p. 186 apud FORTES, 2011, p.27). Abordando assuntos variados, as publicações podiam tratar tanto das influências culturais dos surfistas, trazer um panorama do estilo de vida assumido por este grupo, possibilitar o entendimento da modalidade ou destacarem as incipientes competições.

Revoluções Industriais subsequentes àquela ocorrida na Inglaterra permitiram inaugurar novas formas de se pensar a produção e o consumo. Nas áreas sociais, culturais e econômicas, temos discussões antes impensáveis: divórcio, liberdade sexual e movimentos contra culturais foram postos em pauta. Muito além do olhar macro, em nível de sociedade, os olhares foram voltados para os grupos que a compunham que, dispendo de suas diferenças, conviviam em relativa harmonia no interior de uma mesma coletividade. Em suma, estas transformações modificaram a mentalidade coletiva ao colocarem em evidência a figura de sujeitos, não mais vistos enquanto coletivo, mas com suas subjetividades expostas e valorizadas enquanto sujeitos emancipados (RANCIÈRE, 2012) (HOBSBAWM, 2015).

Como discutiremos mais adiante, o surfe passou a fazer parte de uma “subcultura”, reunindo grupos sociais que ofereciam oposição à configuração da sociedade que estava vigente entre meados das décadas de 1960 até 1980. Ganhando espaço midiático através de publicações nos periódicos da época, que já reuniam até mesmo revistas especializadas (FORTES, 2011), o surfe foi se consolidando enquanto produto da Indústria Cultural, sendo tema central de produções da indústria do entretenimento. Assim, elementos contra culturais, tais como a “celebração do prazer” foram incorporados à mentalidade coletiva, não mais enquanto elemento de identificação de grupos, mas como um produto que despertou a atenção até mesmo de empresas, que viram na prática uma oportunidade de mercados consumidores (BRANDÃO, 2012).

As décadas de 1960 e 1970, que representaram um marco nas transformações de cunho social, também assistiram ao processo de adaptação da prática sobre pranchas. Devido às intempéries climáticas ocorridas na Califórnia naqueles anos, surfistas passaram a adaptar suas pranchas colocando-as sobre quatro rodinhas, primeiramente pouco resistentes, e ganharam os ambientes urbanos em busca de espaços que possibilitassem a realização de manobras. Primeiramente, passaram a ocupar as piscinas de casas abandonadas da região, cujo design foi fundamental para que a nova prática de lazer pudesse ser realizada: as bordas arredondadas, construídas com o propósito de não racharem com o congelamento das águas no inverno, serviram como ambiente para as primeiras deslizadas sobre rodas. Além disso, as piscinas, esvaziadas devido à seca que assolou a região, permitiam aos surfistas explorarem a área e, além disso, pensarem em novas “acrobacias” que seriam executadas nas águas quando o mar estivesse propício.

Calçadas, corrimãos e escadas serviam de suporte para que os jovens, que eram maioria entre o grupo, deslizassem e realizassem manobras que, cotidianamente, eram atribuídas ao surfe. Não à toa, o skate ficou primeiramente conhecido como “sidewalk

surfing” ou, simplesmente, surfinho. Para realização de tal atividade, foi preciso um processo adaptativo: as pranchas foram encurtadas, os materiais usados foram trocados para que a prancha se tornasse mais leve e, por fim, foram sendo incorporados novos materiais para que os skatistas pudessem ter estabilidade e segurança para execução das manobras, substituindo, por exemplo, a roda dos patins improvisados nas pranchas por outras, de material mais resistente (BRANDÃO, 2007).

É ainda na década de 1960 que esta prática, ainda fortemente associada às atividade desempenhada sobre ondas, adentra em solo brasileiro, resultado de uma forte influência norte-americana que já se fazia perceptível desde meados dos anos 1940. O skate, enquanto fruto de seu tempo, trazia em suas “veias” a necessidade por mudanças, que se tornou uma marca significativa na construção da identidade deste grupo social. Seja no modo de pensar, de se comportar, ou simplesmente de se relacionar, com os “outros”, consigo mesmo ou com o espaço, o skate traz à tona aspectos que iam de encontro com a mentalidade instituída em solo brasileiro, que vivia, em meados da década de 1960, o período conhecido como Ditadura Militar.

Apesar de ter suas raízes no Rio de Janeiro, tal como um desdobramento do surfe, é em São Paulo que o skate ganha espaço e notoriedade (BRANDÃO, 2007). Isso se deve principalmente a influências culturais que já despontavam em solos paulistanos na década de 1980: o surgimento do skate street e as influências do movimento punk. Este último, inclusive, fundou as bases para a criação de uma identidade própria, fazendo com que os skatistas se diferenciassem definitivamente dos surfistas. As roupas com estilo praianas foram substituídas por calças e camisas mais largas, que facilitavam a mobilidade, além de serem acrescentados alguns acessórios, tais como tênis e bonés, os quais demarcariam o início de uma nova tribo, que agora estava, literalmente, desfrutando do ambiente urbano para sua prática.

Nascido como uma prática “subversiva” e de transgressão às regras institucionalizadas de ocupação dos espaços públicos urbanos, o skate, assim como o surfe, serviu de ferramenta de expressão de uma resistência cultural à ordem estabelecida. Com o passar do tempo, o que se viu foi uma gradativa popularização da prática, que ganhou novos adeptos e um público interessado nas especificidades desta modalidade, o que acarretou em sua mercantilização. Enxergando nesse público um potencial consumidor, houve um investimento na criação de empresas e indústrias voltadas para bens de consumo específicos para esse “público-alvo”.

Como uma forma de “organização espacial”, diante do “caos” instalado pela prática do skate em espaços não planejados para tais finalidades, foram criadas, ainda na década de 1970, diversas pistas de skate. O reconhecimento de espaços próprios para esta atividade e

seu processo de regulamentação tiveram impactos, sobretudo, na visão construída sobre o skate e seus praticantes. Mais que regulamentar *onde* e *quando* o skate poderia ser praticado, esta medida visava estabelecer um conjunto interno e socializado de normas a respeito de *como* estes skatistas poderiam utilizar-se destes espaços. Assim, o que antes era visto como algo “(...) transgressivo e incômodo” (MACHADO, 2019, p.104) se converte em uma oportunidade de negócios: as empresas, especializadas em bens de consumo para os praticantes e seus admiradores, viram na promoção de campeonatos um solo fértil para a difusão desta modalidade através da esportivização e da mercantilização.

1.2. Mais que uma prática, um estilo de vida: entre culturas e identidades

Não podemos tratar aqui do surgimento das duas modalidades estudadas como um fenômeno singular. Estas foram, sobretudo, produto de seu tempo, carregando consigo aspectos temporais e territoriais fundamentais para o estabelecimento e difusão de ambas as atividades, principalmente se nos atentarmos ao caso brasileiro. Estamos falando de uma década efervescente: sob influência norte-americana, experimentamos um novo modo de consumir, baseado na produção em série e padronizado; no campo científico, pudemos colher os frutos do cientificismo do Século XIX; na área cultural, diversos movimentos trouxeram à tona novas formas de consumir e produzir arte, sempre carregada de um viés político. Também é na cultura que pudemos experimentar novas configurações nas organizações familiares que refletiram nos papéis desempenhados pelos sujeitos no interior das sociedades. Estas transformações trouxeram, sobretudo, uma nova forma de nos relacionarmos, conosco, com nossos pares, e com aqueles que estão distantes de nós. A alteridade aflorava (HOBSBAWM, 2015).

Se hoje podemos olhar microscopicamente para a sociedade e entendê-la como uma formação heterogênea de sujeitos emancipados e reunidos em grupos múltiplos que partilham elementos culturais específicos, na década de 1960 esta reflexão ainda era um pouco equivocada. Sair carregando as pranchas por aí ou deslizando-as sobre rodinhas pelas ruas da cidade não eram atividades bem vistas por alguns membros da sociedade, que prezava pela moral e pelos bons costumes trazidos pelos “Anos de Chumbo” (HOBSBAWM, 2015). Porém, o que não se pode negar é que ambas as atividades, à época voltadas para o lazer, se configuraram enquanto produtos culturais de contestação que colocavam à prova os valores de uma mentalidade socializada naquele período.

Mas, antes de discutir a influência das práticas no cenário nacional, é preciso desdobrar o conceito de cultura e, posteriormente, seu desdobramento, a contracultura,

parcela em que ficaram classificadas as atividades aqui estudadas. Entendida como elemento norteador responsável por dar sentido de unidade a uma coletividade, a cultura extrapola tal denominação simplória na medida em que passa a ser olhada a partir de várias perspectivas. De certa forma, o conceito de cultura enquanto cultivo, sendo entendido como algo de “(...) regulação e crescimento espontâneo” (EAGLETON, 2005, p.14), é válido para os desdobramentos que vieram a seguir, na medida em que entende cultura como produto, como resultado do esforço desempenhado por indivíduos. Para Sandra Jatahy Pesavento (2012, p.5), a cultura é vista como “(...) um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.”, sendo a partir dela que os sujeitos puderam dar sentido aos acontecimentos do mundo. Já para Zygmunt Bauman (2012), a cultura tem papel mais ordenativo do mundo social partilhado na medida em que desempenha a função de meio que garante

(...) o “ajuste” entre os sistemas “sociais” e de “personalidade”. “Sem a cultura, nem as personalidades humanas nem nossos sistemas sociais seriam possíveis” – eles são possíveis apenas em coordenação mútua, e a cultura é precisamente o sistema de ideias ou crenças, de símbolos expressivos e orientações de valor que garante a perpetuidade dessa coordenação. (BAUMAN, 2012, p.24)

É a partir desta definição que podemos construir reflexões mais densas a respeito do conceito de cultura e de como estas construções, de natureza discursiva, refletiram sobre as práticas sobre pranchas. Estas transformações conceituais têm suas raízes no século XX, possibilitadas pelas transformações ocorridas nas mais variadas áreas da vida social. O que vemos é que, diferente do conceito anteriormente estabelecido, carregado de generalismos e concretudes, cultura passa a ser vista a partir de sua natureza “em perpétua transformação, constantemente adaptada às novas circunstâncias” (BURKE, 2004, p.31).

Apesar de uma definição um tanto quanto genérica, não é mais possível pensar em cultura no cenário pós-moderno como produto único de uma sociedade que, em determinado período, é vista em seu conceito macro como um coletivo de indivíduos regidos pelas mesmas regras e orientados pelo mesmo sistema de valores, crenças e configurações organizacionais, ou, para melhor definir, sob um mesmo imaginário social, denso e indissociável. (BACZKO, 1984) (BAUMAN, 2012). Em uma tentativa de inaugurar uma nova forma de pensar a coletividade, o conceito de cultura na pós-modernidade nos propõe reconfigurar uma mentalidade socializada, de forma a conceber uma nova síntese organizacional das sociedades. Longe de compreender a coletividade enquanto homogênea, passou-se a conceber os indivíduos enquanto ativos no processo de constituição da sociedade,

com múltiplas e mutáveis identidades. Neste cenário um tanto quanto heterogêneo é que podemos compreender a importância do skate e do surfe enquanto produtos culturais de uma sociedade (BECKER, 2008).

Enquanto agentes sociais, somos, sobretudo, seres culturais. Este aspecto cultural, que nos permite dizer que existe um elo que sustenta a base da coletividade humana, pode ter múltiplos significados dentro de um meio. Cultura, portanto, pode ser entendida como um resultado das nossas práticas cotidianas e que, de certa forma, é responsável por gerar a identificação de muitos indivíduos que, porventura, possam fazer parte de uma mesma sociedade. É ela que nos confere identidade, organizando nossos esquemas mentais de forma a fazer com que nós possamos dizer quem somos, aquilo que existia antes de nós e continuará a existir posteriormente à nossa existência, mas que está em constante transformação (BERGER & LUCKMANN, 2014).

A cultura, portanto, carrega consigo traços dos conceitos de identidade e alteridade. Enquanto a alteridade se configura na compreensão da relação Eu x Outro,

(...) as representações identitárias são matrizes de práticas sociais, guiando as ações e pautando as apreciações de valor. (...) a identidade se constrói em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizados, que rendam reconhecimento social a seus detentores (PESAVENTO, 2012, p.52)

Para Hall (1997), é a cultura a responsável por justificar o sentido de nossas ações e determinar os diferentes rumos pelos quais as sociedades humanas possam ter passado no decorrer da constituição de sua história. Tomada primeiramente como um referencial pelo qual as mais variadas coletividades puderam ser comparadas e valorativamente denominadas “desenvolvidas” ou “subdesenvolvidas”, o conceito é visto hoje como resultado de uma experimentação, como produto constantemente mutável de vivências construídas e compartilhadas (BAUMAN, 2012). Assim sendo, a identidade é “(...) uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, estabelece a diferença. A identidade é relacional (...)” (PESAVENTO, 2012, p.23).

O fato é que, na contemporaneidade, os indivíduos, reunidos em um mesmo meio social, desempenham diferentes papéis e podem assumir as mais diversas e variadas identidades que constituem em um jogo de valores determinados tanto pelos integrantes deste grupo que partilham elementos culturais, quanto recebem ação valorativa dos indivíduos de fora dele. O que vemos, neste caso, é que, assim como os sujeitos que partilham o cotidiano

da contemporaneidade, as identidades por eles assumidas são igualmente múltiplas, o que faz com que haja cisão entre as formas identitárias.

Assim como reflete Edward Said (2007) a respeito da separação entre o “eu” e o “eles”, Erving Goffman (2004) traz à tona os conceitos de “Identidade Pessoal” e “Identidade Social”. Enquanto o primeiro se relaciona à construção do “eu” pela perspectiva biográfica, levando em consideração o “mundo da casa” (DAMATTA, 1997), que ordena a base pela qual o indivíduo se constitui como sujeito de uma dada coletividade, a “Identidade social” diz respeito a duas importantes percepções: o modo com que o sujeito se constrói e constantemente se transforma para parecer aos demais e, aquela que faz parte “(...) dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão” (GOFFMAN, 2004, p.91).

Este processo já era uma realidade no início da concepção do surfe. Se voltarmos ao fato já narrado aqui anteriormente, veremos que o processo de imposição cultural por parte dos europeus colonizadores não resultou na dissolução da simbologia já construída e constituída pelos costumes locais. De um lado, os colonizadores tentaram desconstruir a prática ritualística incutindo na mentalidade dos “colonizados” de que surfar era um ato imoral, associado a padrões incivilizados. Inúmeras medidas restritivas foram impostas, porém, na contramão deste processo, o que se viu foram atos de resistência da prática e da identidade relacionada a ela. O “enterrar das pranchas” nas areias das praias representou um marco inaugural da constituição da atividade como elemento de resistência a uma ordem instituída, primeiramente representada pela oposição ao processo de aculturação pretendido pelos colonizadores europeus.

É nesse contexto, resgatando a conceituação hierarquizada que a cultura teve durante décadas, que passamos a discutir a importância de o surfe e o skate permanecerem, durante um período considerável, classificados como produtos subculturais. Apesar de estarem inseridos dentro da categoria de “subculturas” e carregarem estigmas e representações parecidas, tal como discutiremos adiante, nossos objetos de pesquisa têm propostas que, se contrapostas, podem parecer um tanto duais.

De um lado, o surfe traz consigo uma visão harmoniosa da relação homem-natureza. De outro, o skate nos aparece mais relacionado a movimentos contestatórios de ocupação do espaço urbano que, em sua premissa, visam assumir um visual que represente a proposta subversiva a que se propõem: vestuário largo, de cores escuras e visual diferenciado além do estabelecimento de uma relação de utilização “subversiva” dos espaços públicos, contestando o que por muitos era considerado “normal”. O meio ambiente, no caso do surfe, aparece

como uma espécie de refúgio dos males causados pelo cotidiano vivenciado no meio urbano, como uma espécie de revitalização das forças. Longe de exaltar uma relação perfeita, o que pudemos observar quando voltamos nosso olhar microscópico para a prática do surfe é que ela se configura enquanto reflexo do meio social em que está inserida.

Surfar, em determinados períodos, configurou-se como um privilégio de poucos, uma vez que o acesso ao suporte, equipamentos e até mesmo ao ambiente praiano se tornou um impeditivo para que o surfe fosse uma realidade de muitos que apreciavam a prática. A hierarquia social e os privilégios de classes estavam refletidos nas ondas. Apesar de parecer um ambiente marcado pela cooperação e pelas relações sociais harmônicas entre seus frequentadores, o que se vê é que a praia “(...) guarda as marcas das hierarquias sociais vigentes, o que vale tanto para a classe social e área em que se reside, quanto para a cor da pele.” (FORTES, 2011, p.302).

Além do caráter higienista (BOURDIEU, 1983), o que se viu no caso do surfe foi um elemento de diferenciação tendo como aspecto norteador da experiência: o simples relato de ter surfado determinadas ondas em certas localidades do mundo fazia com que alguns adeptos da prática se colocassem como “modelos a serem seguidos” pelos demais admiradores. Para Vera Costa (2009), a prática do surfe era um simples reflexo da estrutura social que se configurava no espaço das praias: Os surfistas, constituídos em grupos sociais, representavam aquilo que já se via nos centros urbanos àquela época: em sua maioria, eram jovens que desfrutavam de condições sociais e financeiras que lhes davam livre acesso aos equipamentos de alta qualidade, que à época eram importados, e, mais do que isso, esta parcela detinha de tempo considerável de lazer para o desempenho desta atividade.

Na outra face da moeda, o skate tem suas influências no nascente movimento punk. A associação, para Brandão (2007, p. 97), teve múltiplas vertentes: seja como caráter comercial, na tentativa de se diferenciar de uma vez por todas do surfe e atrair a atenção do público e de possíveis patrocinadores dos incipientes eventos, seja enquanto ferramenta de identidade, na medida em que tinha no punk uma justificativa de identificação simbólica e discursiva. Conhecidos pelas roupas que tinham uma característica visual mais “pesadas”, de colorações escuras, pelo estilo musical mais “agressivo”, os punks trouxeram para a prática do skate alguns estigmas que se tornaram também elementos culturais de identificação por parte dos seus praticantes: nascia aí a identificação do grupo com a ideia de rebeldia e subversão, que serviria como justificativa para classificação do skate e dos skatistas como “outsiders”, como pertencentes à “subcultura” (BRANDÃO, 2007).

1.3. Ser jovem: uma questão cultural

As sociedades tradicionais nunca deram a devida atenção à parcela compreendida entre a infância e a idade adulta. Crianças eram vistas como inocentes, cuja única atividade proveitosa era o privilégio de desfrutar de inúmeros momentos de lazer. Já à parcela adulta, centrada sempre na figura masculina, uma vez tratando-se de sociedades patriarcais, era cabida a responsabilidade do provimento de recursos para subsistência da família, cabendo à esposa a gestão doméstica dos lares. No outro extremo estava a parcela senil, responsável por transmitir valores, conhecimentos e ensinamentos aos demais, por vezes tomados como elementos centrais na constituição organizacional de uma família (MORIN, 1997).

Em contrapartida, a figura do jovem como elemento de destaque nos processos de transformações sociais se faz presente ainda no final do século XIX. Ao contrário do que se convencionava pensar, a experiência passou a ser deixada em segundo plano, sendo privilegiado o posicionamento de “adesão ao movimento”, que se tornou necessidade básica nesse cenário de transformações (MORIN, 1997). O que se viu neste período foi uma gradativa degerontalização, uma tentativa de despatriarcalização e uma ascensão do “juvelinismo” (MORIN, 1997; BRANDÃO, 2012). Àquela época, ser jovem significava estar imerso em um processo de formação identitária ainda não cristalizada, emersa em valores e papéis sociais não rigidamente estabelecidos. O jovem, portanto, “(...) está à procura de si mesmo e à procura da condição adulta, donde uma primeira e fundamental contradição entre a busca de autenticidade e a busca de integração na sociedade.” (MORIN, 1997, p.154).

Não foi à toa que o século XX ficou conhecido como “A Era das Revoluções” (HOBSBAWM, 2015). Como já dito, uma série de eventos marcaram este período histórico, o que, inevitavelmente, impactou a mudança de visão a respeito da juventude. Mas, afinal, por que resolvemos tratar desta parcela da população? Este desdobramento se faz essencial quando voltamos nosso olhar para o objeto desta pesquisa: surfistas e skatistas são, em sua maioria, jovens que compunham os mais variados estratos sociais.

Ainda na década de 1950, momento em que o surfe era incipiente em algumas localidades, era possível dizer que o jovem não tinha uma posição de muito destaque na sociedade da época, marcada pela visão tradicional patriarcal. Naquele momento, a juventude era vista como uma mera etapa transitória, momento em que os homens eram preparados para assumir os negócios da família. Às mulheres estavam destinados ensinamentos que as ajudariam a lidar com a vida doméstica. Porém, na década seguinte, esta parcela da

população pôde sentir os impactos das transformações que viriam: os movimentos contestatórios e contra culturais que colocaram em xeque paradigmas já constituídos acenderam os holofotes para o protagonismo destes indivíduos (MORIN, 1997) (HOBSBAWM, 2015).

Frente a um cenário de potencial transformação, os jovens puderam, talvez pela primeira vez, enxergar-se enquanto sujeitos ativos no processo de constituição de uma nova sociedade. A constituição social da juventude foi um fenômeno que ultrapassou fronteiras geográficas. Seja no Oriente ou no Ocidente, no norte ou sul, as transformações ideológicas e conceituais do século XX acarretaram em processos de construção e reafirmação de identidades que reverberam, principalmente, na parcela mais jovem. É no século XX que se passa a pensar a juventude enquanto conceito sociológico, que, naquela época, era representada pela “adolescência”. Segundo Morin, “(...) vemos uma tendência comum aos grupos de adolescentes a afirmar sua própria moral, arvorar seu uniforme (...), a seguir sua própria moda, a reconhecer-se nos heróis, uns exibidos pelo cinema (...) outros oriundos da imprensa sensacionalista.” (MORIN, 1997, p.155).

Porém, apesar de considerarmos, hoje, esta parcela como força motriz da transformação, tais atitudes acometidas pelos jovens foram contestadas, e tais atos, vistos com “maus olhos”. A cultura, concebida naquele período como um “mapa de significados” capaz de dar sentido e unidade a um coletivo, sofreu modificações. Ao invés de concebê-la enquanto unidade, passou-se a ver um coletivo humano como um conjunto de subjetividades, que, unidas, constituiriam um coletivo não tão pacífico quanto previsto. Assim, o que temos é a ascensão de subculturas, produtos dos movimentos contraculturais.

Movimentos subculturais não pretendem, nem poderiam pretender, fazer uma ruptura total com a cultura que lhes deu origem. Entendidas como menores, mais organizadas e com estruturas diferenciadas, as subculturas marcaram as décadas seguintes, trazendo à tona um novo modo de pensar a sociedade: não através de um olhar macroscópico, mas tomando outro mais subjetivo, entendendo os grupos sociais, suas formas de pensamento, ação e reação. A constituição destas culturas particulares, portanto, depende de sua capacidade de coesão e, sobretudo, de seus processos de articulação para serem instituídas no cotidiano dos indivíduos. Para isso,

As subculturas devem exibir uma forma e estrutura suficientemente distintas para torná-las identificadamente diferentes da cultura dos "pais". Eles devem se concentrar em certas atividades, valores, certos usos de artefatos materiais, espaços territoriais etc. que significativamente diferenciá-los da cultura mais ampla. (CLARKE et al, 2003, p.13-14) [tradução minha].

Apesar de analisar o contexto pós-guerra britânico, em um período compreendido entre 1945 e 1979, as discussões apresentadas por John Clarke, Stuart Hall, Tony Jefferson e Brian Roberts (2003) são de grande valia para compreendermos os sentidos atravessados pelos conceitos de juventude e, sobretudo, contracultura. Estas reflexões se fazem ainda mais essenciais quando nos atentamos que nenhum acontecimento é feito isoladamente, sendo dependente de um contexto específico e com impactos, maiores ou menores, nos modos de vida, de comportamento e de mentalidade dos indivíduos.

À procura da construção de uma identidade própria, que se afastasse dos ideais pretendidos por seus pais, a juventude das décadas de 1960-70 pôde experimentar este processo de reconstrução social estando na linha de frente. Foi assim que, associando-se a múltiplos grupos e assumindo posturas mais rígidas com relação ao questionamento de princípios antes sedimentados na formação de seu caráter, os jovens assumiram protagonismo. Para Murdock (1997, p.9, apud CLARKE et al, 2003, p. 29), as subculturas, situações em que os grupos mais variados compostos pela parcela jovem da população se inseriram, “(...) oferecem uma solução coletiva para os problemas colocados por contradições compartilhadas (...) e proporcionam um contexto simbólico para o desenvolvimento e reforço de identidade coletiva e autoestima individual.”

Mas, afinal, o que entendemos por identidade? De que forma essa constituição do “eu” acarreta impactos significativos para a mudança da percepção coletiva sobre alguém ou alguma atividade desempenhada em determinado espaço? Para Sandra Jatahy Pesavento (2012), é através da identidade que o indivíduo consegue se diferenciar no interior de um meio social, fazendo a distinção entre o que ele é e aquilo que os outros são, a partir do princípio da alteridade. Para a autora, “(...) a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento.” (PESAVENTO, 2012, p.23). Já Renato Ortiz (2005) atenta para o processo de constituição da identidade neste cenário marcado pela pluralidade de sentidos e práticas desempenhadas pelos sujeitos que compõem um mesmo grupo social. Para ele, identidade se configura como “(...) uma construção simbólica que se faz em função de um referente. Os referentes podem evidentemente variar em natureza, eles são múltiplos – uma cultura, a nação, uma etnia, a cor ou gênero.” (ORTIZ, 2005, p.79).

Na contramão dos pensamentos tradicionais, a parcela juvenil daquele período inaugurou uma forma diferenciada de ser, se apresentar e se relacionar. Os jovens perceberam que a constituição de grupos era uma maneira um tanto eficaz de se fazer presente em um cenário marcado por repressões e cerceamento de liberdades, tal como se apresentava o

cenário brasileiro. É neste cenário que começamos a pensar em uma sociedade enquanto um complexo emaranhado de identidades individuais que, oportunamente, podem identificar questões comuns em um processo de interação e permitirem-se formar grupos, em uma adaptação do que Michel Maffesoli convencionou chamar esse fenômeno de “neotribalismo”, “(...) caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão (...)” (MAFFESOLI, 1987, p.107). Mais do que isso, a constituição de grupos relacionais, não restritas ao caso dos jovens, advém da concepção pós-moderna de mundo, no qual os indivíduos puderam assumir diferentes papéis sociais, sendo possível construir múltiplas identidades.

Assim, é possível fugir da classificação hierárquica construída a respeito do conceito de “subculturas” e trazer à tona a discussão sobre “microculturas”, que emergem em um cenário urbanizado, propiciadores de comportamentos distintos. A constituição desses grupos, portanto, constitui uma possibilidade de recriar uma nova sociabilidade de reeditar uma nova ordem simbólica a partir do tecido social cotidiano (CORNEJO; CERDA; VILLALOBOS, 2012, p.231), estando unidos pela capacidade de “(...) concentrar em certas atividades, valores, certos usos de artefatos materiais, espaços territoriais etc. que significativamente diferenciá-los da cultura mais ampla.” (HALL e JEFFERSON, 1976, p.13-14).

Estas transformações, sobretudo, trouxeram duas características importantes para a identidade destes grupos essencialmente compostos por jovens: o corporeísmo e a mercantilização da cultura subversiva, elementos típicos das décadas de 1960 e 1970, que privilegiavam a construção de si e a relação com o corpo (BRANDÃO, 2012). Regidos por lógicas próprias, na maioria dos casos não regulamentadas, skate e surfe se apresentam intimamente relacionados à questão estética. De um lado, o sentido mais amplo, relacionado ao cuidado com a saúde e com a promoção do bem-estar (ainda que apresentem, em sua face oculta, questões relacionadas ao uso de drogas)². De outro, a execução dos movimentos que revelam a plasticidade dos corpos e, mais do que isso, exaltam a “dominação do homem sobre o espaço”. Esta característica ainda se faz presente mesmo após a profissionalização das duas práticas, ocorridas entre meados da década de 1970 e 1980: muito mais do que vencer um oponente, o válido para ambas é a utilização proveitosa do espaço, o que demonstra superioridade técnica frente ao indivíduo, mas, sobretudo, uma relação de auto superação. (BARTHES, 2004).

² Tais proposições são discutidas com mais profundidade na obra de Rafael Fortes (2011), intitulada “**O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura**”.

É no seu auge, entre meados das décadas de 1970 e 1980, que a característica da mercantilização da cultura juvenil dos surfistas e skatistas pôde ser melhor percebida. Difundidos através dos mais variados meios de comunicação (jornais, revistas especializadas e até mesmo produções audiovisuais), a cultura, antes vista como subversiva e alternativa, tornou-se produto de consumo, seja pelo corte de cabelo, o modo de falar e ou as vestimentas e materiais usados para a prática. Mais do que popularizar a prática para além dos membros daquele grupo, a mídia se tornou importante no processo de esportivização das duas práticas ao atrair patrocinadores para os eventos. Este incentivo refletiu até mesmo na criação de espaços próprios para a prática do skate que foram financiados pela iniciativa privada.

O bem-estar da mente e do corpo sempre foram premissas fundamentais para as duas modalidades aqui estudadas. Em um cenário conturbado, tal qual se apresentava no momento de introdução das práticas aqui no país, o resgate da subjetividade era feito principalmente através da tentativa de estabelecimento de uma relação com o espaço das práticas realizadas no tempo livre dos indivíduos. Assim, as práticas aqui estudadas, sobretudo às que se referem ao ato de surfar, são caracterizadas por “(...) desenvolver um cuidado com o corpo, a manutenção da aparência jovem, higiênica e da expressão de saúde e bem-estar.” (COSTA, 2009, p.55).

Apesar de terem sido criadas identidades singulares para cada uma delas, ambas preservam em comum as raízes fundadas na dimensão estética, privilegiando a plasticidade dos corpos na execução de manobras e, sobretudo, o desenho realizado durante a execução das práticas. O que os une, portanto, é essa possibilidade de exploração dos usos do corpo para além de dimensões previamente estabelecidas. Estes momentos de expressões subjetivas em muito diferem da concepção de esportes ditos tradicionais, com regras, convenções e ambientes determinados. Para Leonardo Brandão (2012), as duas práticas foram “frutos de seu tempo”, na medida em que puderam ser influenciadas pelos acontecimentos da época em que adentraram no país e observou-se a

Descoberta do corpo como elemento de comunicação [que] através de uma série inusitada de gestos e movimentos evidenciava um desejo por aventuras e deslizamentos os mais variados (...) uma questão de conquistar, através do corpo – ou “in-corporar” – essas novas possibilidades de movimento e frenesi estético. (BRANDÃO, 2012, p.23)

Apesar de estas práticas estarem frequentemente associadas à parcela juvenil, seja pela característica subcultural de atos de resistência culturais e sociais, ou associado ao fator corporeísmo, é importante dizer que estas “tribos urbanas” (MAGNANI, 1993) são compostas por pessoas de idades variadas e que se identificam com esses símbolos

associados às práticas destas modalidades. Assim, muito mais do que “ser jovem”, para as tribos dos skatistas e surfistas era mais importante “conservar a juventude”. Era comum encontrar, principalmente, homens de variadas idades que, incorporando para si as identidades surfista e skatista, passaram a constituir estes grupos e serem sinônimos da perpetuação dos valores destas tribos no interior de uma coletividade mais ampla à qual pertenciam.

1.4. O espaço comunica

Para construir reflexões a respeito da relação entre as práticas sobre pranchas e os espaços por elas tomados como palco de ocorrência, é preciso apresentar as dicotomias que se revelam neste processo comparativo. Frente a frente se opõem natureza e urbanidade: areias são substituídas por asfaltos, escadas e corrimãos; as ondas, resultado das correntes marítimas, tornam-se ladeiras. São feitas, portanto, releituras a respeito da utilização desses espaços. Se focalizarmos o holofote nas questões espaciais, veremos que talvez tenhamos mais antagonismos que similitudes. Mas não é bem assim.

Simultaneamente à introdução das práticas sobre pranchas em solo nacional, a cidade do Rio de Janeiro estava ainda sofrendo os impactos da recente transferência da capital para Brasília. Sob a emergência da figura de Carlos Lacerda, eleito governador do então estado da Guanabara, que a ex-capital federal se transformou em um legítimo canteiro de obras. A articulação discursiva do progresso pôde ser vista nas inúmeras intervenções, principalmente de infraestrutura e mobilidade urbana que se desencadearam nesta localidade, em uma espécie de tentativa de “autoafirmação” frente à nova capital projetada e inovadora, à época. (DIAS, 2008).

Este cenário de inúmeras mudanças foi refletido de inúmeras maneiras: seja na relação interpessoal entre os indivíduos, seja na relação com os espaços urbanos e naturais que compunham a cidade do Rio de Janeiro. Sob o ideal de resgate relacional e de retomada de uma identidade pessoal, os espaços naturais se tornaram uma espécie de refúgio, tal como um “santuário” em busca de elementos novos para reconstituição dos indivíduos. E é através dos esportes praticados em locais alternativos e em contato com a natureza, que essa realidade pôde ser consolidada. Para tanto, precisamos entender a importância dos espaços para que estas modalidades sejam realizadas.

1.5. Os sentidos atribuídos: os espaços e os lugares

Antes de tratar especificamente dos ambientes em que as práticas destas modalidades são realizadas, é preciso discutir o conceito de lugar e, primariamente, dissociá-lo daquele instituído como espaço. Nomear é um ato discursivo que reflete a estrutura social de uma coletividade: envolve sujeitos, mediações, interações, interpretações e múltiplos outros elementos que desembocam no ato de enunciar. Se tomarmos como premissa que a linguagem é o ponto central para o desenvolvimento e consolidação de uma coletividade humana, esbarramos no fato de que, constituir uma sociedade é, também, delimitar papéis sociais que são tomados e atribuídos pelos sujeitos de forma a organizar um meio social. Assim, as posições de sujeito no momento do ato enunciativo e, sobretudo, a legitimidade de atribuir sentidos a sujeitos, objetos ou situações, trazem à tona uma discussão que precisa ser desdobrada.

Não podemos esquecer que a produção de discursos é resultado do processo de articulação da linguagem, que, não pode ser concebida como “neutra, inocente (...) e nem natural” (BRANDÃO, 2012, p.12). Muito mais do que compreender aquilo que se mostra no ato enunciativo, o que nos interessa aqui é dizer que a produção de discursos traz consigo um plano de fundo um tanto quanto complexo. O fato é que não dizemos aquilo que enunciamos simplesmente por vontade própria. Todo discurso é resultado de um processo de constituição do sujeito: aquilo que eu sou não se resume somente àqueles que compartilham do mesmo espaço que nós ou dos acontecimentos que se desenrolaram enquanto tivemos lugar em uma determinada coletividade. Somos resultado de um sistema de ações, experiências empíricas e de valores que vieram antes de nós e que, de alguma forma, tentam se fazer presente naquilo que somos, ainda que tal definição do “eu” não seja concreta, mas em constante transformação.

Ao compreendermos que todo discurso revela uma estrutura complexa que opera através da linguagem usada para sua constituição, é preciso dizer que todo discurso é, de certa maneira, ideológico. Ao invés de invocar o sentido de ideologia como uma ferramenta de controle, tomemos a definição mais ampla, em que o termo é apresentado como “(...) uma visão, uma concepção de mundo de uma determinada comunidade social numa determinada circunstância histórica.” (BRANDÃO, 2012, p.30). Assim sendo, todo discurso ou construção de conceitos reflete uma estrutura que perpassa os sentidos atribuídos pelos sujeitos e passa a ser um índice para compreender uma mentalidade mais ampla, partilhada para constituição de uma determinada sociedade.

É preciso dizer que esta é também uma atividade situacional. Isso significa que os sentidos atribuídos no ato enunciativo podem ser múltiplos se considerarmos as territorialidades e temporalidades de sua construção discursiva conceitual. Nomear e atribuir sentido ao conceito criado é também um produto social e que, assim como qualquer outro, está passível de transformação. Além disso, em todo ato enunciativo encontram-se refletidas hierarquias sociais: o que quer dizer que determinados sujeitos são colocados em situação de enunciação privilegiada, o que faz com que seus discursos tenham maior validade, sedimentação e disseminação e, acima de tudo, sejam capazes de determinar o que pode ou não ser dito e mais do que isso, como aquilo deve ser dito. Em se tratando de sujeitos, podemos afirmar que todo discurso e todo ato nomeativo são reflexos de um sistema de mediações partilhadas, sendo a linguagem um “lugar de conflito” construído sócio historicamente (BRANDÃO, 2012). Neste sentido,

(...) como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (...) mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala. Nesse sentido, questiona-se aquela concepção do sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte do sentido, formulado inicialmente por Benveniste, porque na sua fala outras vozes também falam. (BRANDÃO, 2012, p.59)

Estas reflexões anteriores nos ajudam a sustentar os conceitos de espaço e lugar, tão caros à nossa discussão. Sabemos, portanto, que nomear, coisas, pessoas ou situações é deixar aflorar uma estrutura mais complexa da sociedade, fazer transparecer hierarquias sociais através das posições de sujeitos responsáveis por gerir, planejar ou simplesmente organizar um meio social. Frequentemente tomadas como sinônimos, as palavras “espaço” e “lugar” ganham diferenciações importantes se voltarmos nosso olhar para o campo da geografia, onde elas têm suas raízes.

Tomado, muitas vezes, como algo mais concreto e impessoal, dá-se o nome de espaço a qualquer ambiente a que se pretenda tomar como palco para o desenvolvimento de atividades humanas. (JACOBS, 2014) (SANTOS, 2006) (SERPA, 2018). Apesar de genérico, o conceito nos revela importantes aspectos que nos auxiliam a refletir, posteriormente, sobre o objeto de nossa pesquisa. Surgida, por vezes, sem propósito, as cidades nos ajudam a melhor compreender este conceito na medida em que se apresentam enquanto estruturas que, outrora, foram planejadas. Assim, através do processo interventor de sujeitos, que desfrutavam de posições privilegiadas, passou-se a pensar o espaço segundo a utilidade dada

pelos indivíduos que partilham de uma mesma coletividade. Para Milton Santos, longe de uma estrutura rígida, imutável,

(...) o espaço está sempre mudando em sua fisionomia, em sua fisiologia, em sua estrutura, em suas aparências e em suas relações. A celeridade das mudanças deve-se, substancialmente, à multiplicidade de vetores que o percorrem, à rapidez de sua substituição, à novidade das forças que portam e à sua incidência sobre os objetos. (SANTOS, 2006, p.141)

É nesse sentido que pensamos o espaço: como estrutura segundo a qual podemos compreender como a sociedade passou a se organizar e gerir seu funcionamento. Porém, não podemos pensar no conceito de espaço sem deixar de mencionar outras significações surgidas a partir desta. Longe de pensar o espaço como uma estrutura rígida, esvaziada de sentidos, precisamos entender que este conceito como resultado de uma construção social, estando sempre “(...) misturado, interligado ou "embebido”. Os sujeitos, neste caso, são a peça fundamental que dão significado a este território (DAMATTA, 1997, p.19). É assim que, de uma hora para a outra, pudemos hierarquizar os espaços: dotados de sentidos, partilhando de uma mesma espacialidade e temporalidade, os espaços são tomados como “estrutura imanente à existência constitutiva da sociedade” (CARLOS, 2019, p.53).

Nesta sociedade contemporânea, que passa a pensar os sujeitos como detentores de múltiplas identidades e influenciados pelas mais variadas mediações, é necessário pensar o espaço não mais tal como foi planejado, mas sim elucidar os múltiplos sentidos que este passa a ter. Assim, mais do que se ater às dimensões materiais, concretas e abstratas (SERPA, 2018), é preciso pensá-lo como produto, condição e meio. Para Roberto Corrêa (2019, p.43), o espaço é entendido como “(...) consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos. (...)”.

É a partir dos significados construídos e partilhados pelos indivíduos que passamos a conceber a transformação do conceito de espaço em lugar. Enquanto produtores de cultura, os indivíduos se apropriam do espaço para desempenho de suas funções cotidianas: habitar, socializar, trabalhar, divertir-se, entre tantas outras. É neste momento que, ao assumir funções a estes espaços, tomados enquanto palcos da sociabilidade, que o ambiente, antes rígido e vazio de sentido se converte em lugar. Ao passarmos a considerar o espaço como elemento essencial para a prática da experiência cotidiana, vemos que os sujeitos, diferente do que se pensava o planejamento urbano, atribuem sentidos múltiplos aos espaços. Para Serpa (2019),

Todos os habitantes do espaço urbano têm seu sistema de significações em nível ecológico, expressão de suas passividades e de suas atividades. (...) conjunto de significações, elaboradas não a partir do percebido e do vivido pelos habitantes da cidade, mas a partir do fato de habitar, por eles interpretado. (SERPA, 2019, p.38)

Como já mencionado, é preciso pensar a sociedade contemporânea enquanto uma reunião, de certa forma harmônica, de grupos sociais compostos de sujeitos com múltiplas mediações. Sob o olhar de grupos distintos, os espaços vão se convertendo em lugares na medida em que são construídos sentidos (ou, mais especificamente, discursos), que podem ou não influenciar na imagem que se têm destes ambientes.

Se o conceito de espaço concebia o ambiente apenas como suporte de sociabilidades, o que estendemos por lugar traz à tona aspectos um tanto quanto subjetivos. O que ocorre, portanto, é um processo de passagem. Para que se possa realizar esta transformação conceitual, os sujeitos precisam partilhar sentidos, o que nos permite dizer que a constituição de “lugares” é uma produção comunicacional, relacional. A transformação em lugar pressupõe “(...) um espaço vivido e sentido” (SERPA, 2019, p.103) na medida em que se configura como “(...) teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (SANTOS, 1996, p. 258).

Nesta tentativa de atribuir valores e sentidos aos espaços por meio de conceitos, aplicamos a eles o princípio da diferenciação. Não apenas ocupamos espaços, mas realizamos nossos atos neles. Assim, seja como “território de passagem” (MAGNANI, 1993) ou utilizando-os enquanto elementos fundamentais para nossas atividades cotidianas, os espaços também podem ser qualificados a partir da oposição “eu” x “eles”, tão cara ao princípio da alteridade. O que se vê são as múltiplas interpretações às quais o conceito está submetido.

Enquanto palco, os espaços passam a comunicar das mais variadas formas. Enquanto produto cultural de um coletivo heterogêneo, é possível dizer que tudo que compõe o ambiente tomado como cenário das ações humanas significa: os equipamentos que os compõem, as pessoas que por ali passam ou permanecem, os usos casuais ou exóticos, todos os outros elementos que não são percebidos no cotidiano das pessoas. Assim, o que se vê é a passagem “De uma estruturação dita „natural“, existindo pela troca de energia entre os seus elementos (tal como eles são e como estão dispostos), passamos a uma valorização das coisas, por intermédio da organização, que comanda sua vida funcional.” (SANTOS, 1996, p.192).

Através dos usos que os coletivos fazem dos espaços e desfrutando da posição privilegiada que é dada a determinados sujeitos, passou-se a se classificar determinados ambientes, convencionando “usos previstos” desde seu planejamento (JACOBS, 2014) e, de outro, “espaços opacos”, que comportam atribuição de sentidos aos espaços vistas com ressabio por aqueles responsáveis por seu planejamento (SANTOS, 1996). O uso do discurso, neste caso, funciona como uma articulação da linguagem com propósitos específicos. Neste caso, "(...) ela é mais do que um simples reflexo de uma formação social, ela é também justificção.” (BRANDÃO, 2012, p.25). São nesses processos de construção de sentidos sobre os espaços que estes, tomados pelas ações dos sujeitos, se tornam lugares.

1.5.1. A praia: entre o receio, a ritualidade e o refúgio

Ambiente de encontro entre dois elementos fundamentais: a terra e a água. Acrescida de sal e com ondas que repetidamente tocam a porção de areia, influenciada pelo movimento da Terra, a praia sempre marcou o cotidiano e as produções dos indivíduos: seja através de narrativas escritas, orais ou visuais ou até mesmo servindo de palco para desempenho de atividades cotidianas ligadas ao tempo de lazer. Assim, a praia

É uma construção social que se inscreve num quadro geral de mentalidades e que se modifica com a passagem do tempo, em função da complexa teia de relações que se estabelece entre aquele espaço e os actores sociais. Com efeito, o olhar de um indivíduo ou de uma sociedade sobre a “paisagem litoral” é sempre uma apropriação subjectiva do meio físico subjacente, conferindo-lhe um significado simbólico que traduz uma perspectiva crítica sobre o mundo envolvente. (DE FREITAS, 2007, p.106)

Porém, a imagem construída deste cenário singular nem sempre foi carregada de sentidos positivos. Se voltarmos nosso olhar para os séculos passados, iremos perceber que os indivíduos costumavam ver com temor e cautela esse ambiente singular. Para justificar esta afirmação, vamos tentar reconstruir o imaginário ocidental a respeito da praia a fim de tentar compreender como este espaço foi apropriado pelos sujeitos e, nos dias atuais, representa um importante elemento do espaço cotidiano das pessoas das cidades litorâneas, servindo de palco para o surgimento da prática do surfe, que, mais tarde, veio a influenciar no desenvolvimento da prática do skate.

As narrativas bíblicas são um bom ponto de partida para desdobrarmos as representações construídas sobre a praia e, sobretudo, sobre o mar. Para melhor compreender a importância deste ato, nos sustentamos na ideia de Sandra Pesavento (2012), que afirma que é por meio deste ato que os indivíduos passam a dar sentido e construir a realidade

que partilham. Desta forma, “Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; (...) A representação é um conceito ambíguo (...) não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.” (PESAVENTO, 2012, p.18).

Diversos são os episódios em que o mar é citado, seja como mero descritivo, seja como plano de fundo significativo para o desenrolar das histórias. Criado sob intervenção divina descrito no livro de Gêneses da Bíblia, nas representações criadas pelos cristãos sobre o mar foi palco para o ensinamento de lições, sendo o tempo todo atemorizado pelos sujeitos participantes das ações: o Dilúvio que banhou a Terra durante sete dias e sete noites fez com que toda a vida existente no exterior da Arca desaparecesse; Jonas, ao sair em incursão pelo mar depois de ter negado a ordem divina, foi engolido por uma baleia; em outra ocasião, na parábola da rede, o mar, visto como ambiente infértil pelos discípulos, converte-se em sinônimo de fartura quando invocadas as palavras de Cristo; eventos envolvendo o mar também são narrados como sinais para o Apocalipse. Segundo Corbin (1989, p. 12), o oceano é constantemente rememorado “(...) como instrumento da punição (...) como a lembrança da catástrofe.”.

Nas narrativas mitológicas esta realidade não é muito diferente. Em diversos momentos, os personagens protagonistas são exaltados enquanto verdadeiros heróis que se lançam ao desconhecido dispostos a enfrentar as incertezas do mar. Para Joseph Campbell (2007, p.64), a constituição destas narrativas se faz importante pois “há nessas aventuras uma atmosfera de irresistível fascínio em torno da figura que aparece subitamente como guia, marcando um novo período, um novo estágio, da biografia.”. Os oceanos, portanto, foram tomados como ambientes hostis, imprevisíveis, de certa forma, finitos e tomados por criaturas fantasiadamente horrendas que ameaçam o espírito desbravador. Outros perigos também se faziam frequentes: tempos de escassez de pescado, irregularidades nas correntes marítimas que faziam com que navegadores e pescadores fossem engolidos pelas águas e, talvez a ameaça mais espetacularizada de todas, os piratas e corsários, que faziam parte de uma construção imagético-discursiva ainda mais complexa (DE FREITAS, 2007).

A relação do homem com o mar é significativa, principalmente se tomarmos como objeto histórico as incursões marítimas que ficaram conhecidas como Grandes Navegações. Para Corbin (1989, p.40), “Esse inesgotável discurso desemboca num hino à navegação que aproxima os homens, que permite ao marinheiro admirar a terra inteira, que encoraja o comércio e, sobretudo, possibilita o desdobramento do esforço missionário.” Dotados de algumas tecnologias incipientes, este momento histórico marca um processo de

ressignificação do imaginário: dotados das ferramentas necessárias e munidos do espírito desbravador, inúmeros navegantes se lançaram ao mar em busca de novas e desconhecidas terras. As incursões, narradas na forma de cartas formais ou relatos, fizeram com que pouco a pouco, a relação do homem com o mar se modificasse.

Passada a euforia dos descobrimentos, em meados do século XVII, os sentidos atribuídos ao mar aproximam-se da sensação de refúgio e contemplação. Ressignificando a relação entre o homem, a natureza e o divino, é no mar que os indivíduos passam a encontrar refúgio para as ansiedades, em uma busca constante pela construção de suas individualidades. Além disso, o mar neste período era visto como um ambiente de descarrego, no qual os indivíduos são incentivados a se arrepender dos pecados e converterem-se. (CORBIN, 1989). Neste período, o ambiente da praia tinha alguns sentidos comuns: era lugar e trabalho dos pescadores, alguns indivíduos já o utilizavam como lugar de passagem nos tempos que lhes sobravam e, ademais, era palco para contemplação daqueles necessitados de um resgate de si.

A relação mais íntima com este ambiente está ancorada entre os séculos XVIII e XIX. É neste momento que os indivíduos passaram a construir uma relação sólida com o ambiente praiano, fazendo dele palco para inúmeras atividades do cotidiano. Assim, como uma tentativa de resgate dos sentidos sobrenaturais atribuídos ao mar, este passou a ser tomado tal como um “elemento mágico”, como um intermediário entre os homens e o poder divino, responsável pela recuperação dos acometidos. Neste sentido, podemos notar uma associação latente entre a realidade deste período e àquele da origem do surfe, ainda nos povos peruanos e polinésios, momento em que esta atividade era também carregada de simbolismos e aspectos rituais que tinham no mar uma figura mística de recarga de energias e descarrego de tensões.

Construídas como *pleasant places*, as praias passam a ser vistas como ponto de fuga de uma realidade cada vez mais caótica e acelerada que se instala nos centros urbanos.

Incorporado pelo movimento literário arcadista, o *fulgere urbem* foi uma importante característica que marcou a sociedade da época: os indivíduos, dispostos a resgatar suas identidades individuais, se voltam para os elementos da natureza como uma espécie de ferramenta para a resignificação do “eu”. Volta-se a ser atribuída ao mar a função de um projeto terapêutico, fundamentando o surgimento de uma corrente vitalista em que este é o elemento responsável por acalmar os ânimos destas coletividades humanas (CORBIN, 1989).

Marcado por inúmeras transformações, o século XIX inaugura o ambiente da praia como um espaço de sociabilidades, mas frequentemente ainda associado à prática do “(...) „prazer à distância“, limitado ao olhar e ao olfacto.” (MACHADO, 2000, p.212). A praia

torna-se, então, palco para que as pessoas dispensem o tempo livre que lhes resta das atividades laboriosas; entretanto, esta não é uma atividade democrática. Neste momento da história, devido à organização espacial urbana, o acesso à praia é restrito a alguns grupos sociais, tornando-se uma importante ferramenta para demarcação de hierarquias. Assim, os grupos de indivíduos que frequentavam as praias tinham características associativas dos bairros que os cerceavam e refletiam estruturas mais complexas da organização do imaginário do urbano, estabelecendo regulamentação para o uso desses espaços. Neste período histórico,

A alteração das bases tradicionais de posição social e a emergência de novas fontes de poder econômico, proporcionada pelo modo de produção capitalista, fez com que as práticas criadas para o contacto com os espaços naturais se tornassem, mais do que nunca, elementos importantes nas estratégias simbólicas de ostentação de uma posição social elevada. (Mukerji, 1990 apud MACHADO, 2000, p.204)

Tal como qualquer outro ambiente compartilhado, a praia se mostra tal como um reflexo das construções discursivas e, obviamente, sociais. Neste período, o simples ato de “praíar” (BARICKMAN, 2016), ou dispensar um tempo considerável para “estar na praia”, dependia de uma série de construções sociais associadas ao seu uso. Assim como outros espaços partilhados, “(...) a praia pode ser lida como um texto, como uma construção significativa de potenciais significados que operam a vários níveis.” (FISKE, 1989, p.43 apud MACHADO, 2000, p.202). No Brasil, essa realidade não era diferente. O litoral, por sua vez, passou a ser considerado “(...) uma área de tensões potenciais. A indeterminação desses espaços, a multiplicidade dos direitos de uso e (...) os privilégios outorgados e as insidiosas tentativas de monopólio tornaram esses lugares altamente conflitivos.” (CORBIN, 1989, p.215).

A transição para o século XX ilustra uma importante mudança de concepção do ambiente da praia, que, em meados do mesmo período, serviria de palco para o desenvolvimento do surfe em terras tupiniquins. Aos poucos, o local que servia inicialmente para um simples mergulho teve o uso desse espaço ampliado, e seus frequentadores passaram a utilizar mais tempo nas faixas de areia do litoral, o que gerou um processo de regulamentação do uso do espaço, principalmente se voltarmos nosso olhar para caso carioca. A mentalidade da época demarcava certo conservadorismo, o que esbarrava com os ideais de “praia lúdica” (MACHADO, 2000), que dispensava um constante jogo do “ser e ser visto”. Ainda para Machado, desenvolve-se o que Michel Foucault convencionou chamar de “tecnologia política do corpo”. Para a autora

É na “praia lúdica” que as técnicas de vigilância e controlo social dos corpos ganha mais relevo, possibilitada pelo desnudamento progressivo dos corpos e uma maior permanência temporal na praia. Camuflados pelo princípio do prazer, os meios de controlo e disciplina dos corpos tornam-se mais eficazes, por serem difusas e imperceptíveis. (MACHADO, 2000, p.214)

Influenciados pelas revoluções de modos e costumes que marcaram as décadas de 1950 e 1960, as regulamentações sobre o vestuário e os usos “previstos” nas praias passaram a ser objeto de interesse governamental e político. Principalmente no caso carioca, era instituído a órgãos policiais o direito de “moralizar” o ambiente da praia por meio da regulação do público que era frequentador desses espaços. Segundo Barickman (2016, p.9), este aparato regulador era uma prática recorrente desde o fim do século XIX, momento em que, após a Abolição da Escravatura, os negros passaram a se utilizar da praia como ambiente de passagem de suas atividades rotineiras. Neste cenário, mesclavam-se ex-escravizados e “(...) banhistas de “família” e componentes da “boa sociedade”, os quais se consideravam dignos de respeito e que reivindicavam para si um *status superior*” e uma hierarquização social para a utilização deste espaço. Ainda para o autor,

A lei, em outras palavras, não era para todos. A polícia carioca, com uma reputação de violenta que remontava ao século XIX, podia recorrer à força bruta quando lidava com as classes baixas e os malandros das favelas. Com os abastados e os ricos, no entanto, essa mesma polícia devia alterar seu comportamento; devia demonstrar “polidez” e “respeito” quando interagia com os moradores da cidade “de condições superiores à sua”. (BARICKMAN, 2016, p.49)

Desenhou-se, no século XX, uma nova “geografia simbólica”, na qual, com o objetivo de garantir os preceitos da moral e dos bons costumes e frear a disseminação de ideais libertários que já eram recorrentes no estrangeiro. Inúmeras, espantosas e inconstantes e igualmente inconsistentes eram as determinações das autoridades, sempre ligado aos vestuários das pessoas que frequentavam o ambiente praiano.

Esta regulação ainda passava, claramente, por parâmetros sexistas. A nudez masculina era coibida, seja pelo uso de camisetas não tão decotadas nas costas e o uso de shorts que não revelassem as pernas ou até mesmo a nudez na parte superior do corpo, que, ao se retirar das areias deveria ser encoberta por paletós. No caso feminino, essa regulação se mostrava um tanto mais severa: eram coibidas roupas de banho decotadas, sendo elas em certos momentos até mesmo medidas por autoridades policiais. Além disso, tal como uma medida de etiqueta, esperava-se que as jovens, ao avistarem corpos desnudos masculinos, tivessem o impulso de enrubecerem-se e virarem os rostos (BARICKMAN, 2016). Esta medida estava ligada ao fato de que as mulheres, principalmente as jovens, “(...) deviam guardar o maior recato em seus

gestos e em seu modo de se vestir; caso contrário, corriam o risco de perder sua reputação de honesta e casta.” (BARICKMAN, 2016, p.36).

O passar das décadas viu afrouxar as restrições ao uso da praia. Mulheres tinham liberdade de usar o que lhes convinham e fazer diversas atividades sem que tivessem suas atitudes censuradas ou julgadas por olhares alheios e “atravessados”. Porém, as hierarquias sociais ainda se refletiam nas areias. Diversas praias que margeavam bairros considerados nobres eram vistas como extensão do ambiente doméstico, e diversas práticas passaram a ser objetos de julgamentos e carregados de estereótipos negativos. (BARICKMAN, 2016). Os reflexos dessas construções sociais discursivas puderam ser sentidos na prática que estabelecemos como objeto desta pesquisa, o surfe.

1.5.2. A cidade: um mundo de sentidos

Primeiro veio a linguagem, trazendo à luz uma forma de expressar sentimentos, pensamentos e proposições. Através dela, a reunião de seres humanos em grupos se tornou possível, pois, pela primeira vez, houve troca de informações e, se estabeleceu-se a comunicação. Esta relação interpessoal para além dos limites familiares permitiu com que os sujeitos se organizassem coletivamente e, de uma maneira ainda rudimentar, constituíssem um sistema organizativo que gerisse as necessidades básicas de grupos humanos: alimentação, proteção e gestão de interesses comuns. É neste sentido que nasce a cidade: como um instrumento de gestão coletiva que possibilita a ação de sujeitos em seu interior. (JACOBS, 2014).

O que, então, podemos entender como “cidade”? Como todo conceito, podemos compreendê-lo de diferentes formas. Porém, interessa-nos aqui dois pontos de vista que, cada qual à sua maneira, se complementam para compor o sentido que buscamos aqui discutir. O primeiro deles, visto sob os olhares arquitetônicos e geográficos tradicionais, apresenta a cidade enquanto um espaço planejado, com espaços pré-determinados e convencionados de forma a servir como suporte para suprimento de necessidades coletivas através de um sistema eficaz de distribuição de serviços e bens, sendo uma articulação eficiente entre a necessidade das pessoas e dos negócios que compõem o ambiente urbano, responsáveis por suprir, mas também de certa forma criar, necessidades dos indivíduos. (JACOBS, 2014).

Visto sob o ponto de vista objetivo, “cidade” denominaria um sistema eficaz de gestão jurídica, econômica, política e social (WEBER, 1967). Por meio de uma organização estratégica, são atribuídas funções aos espaços: morar, comprar, realizar a gestão pública, promover o bom funcionamento do setor privado e garantir a manutenção dos serviços

básicos. O que se revela, neste sentido, é que, muito mais do que uma construção estrutural para organização de uma coletividade com a maior eficácia possível, este planejamento é também reflexo de uma estrutura hierárquica mais complexa que tem por detrás, no plano de fundo, sujeitos colocados em posições privilegiadas para decidir sobre “o que fazer” com esses espaços.

Apesar de trazer uma reflexão um tanto mais profunda do que apenas compreender a cidade como um amontoado de prédios cercado por asfalto e pequenas áreas verdes, isso ainda não é tudo o que podemos dizer sobre esse espaço, dinâmico e plural. O que nos leva à segunda conceituação, mais relacional e resultado da experiência empírica dos sujeitos, ou, em outras palavras, comunicacional.

De “cidades rígidas”, passamos a pensar no espaço urbano através da proposta de “cidade plástica”, constituídas de sujeitos emancipados (RANCIÈRE, 2012) que, no exercício de suas subjetividades, ajudam a constituir os sentidos dos espaços partilhados, sendo resultado de “formas horizontais e verticais de comunicação entre os homens” (SANTOS, 1996, p.190). É sobre esta perspectiva que nos propomos a desdobrar o conceito de cidades: trazendo à luz o protagonismo de sujeitos que, utilizando-se de seu papel ativo na constituição do social, articulam a linguagem e produzem discursos “no” e “sobre” os espaços partilhados.

Esta construção discursiva nos leva à primeira proposta de separação entre os ambientes que compõem a cidade, que em suas estruturas está dividida em vários espaços. Primeiramente separa-se o ambiente familiar “de casa” mais restrito, aquele que compõe a parte externa do recinto denominado “rua”, tal qual uma articulação maniqueísta. Para Roberto DaMatta (1997), este fato deve-se às experiências vivenciadas pelos indivíduos. Enquanto o ambiente doméstico é “lugar” de referência da constituição moral, ética, cívica e relacional dos indivíduos, a rua se apresenta como palco de uma infinidade de possibilidades, como um cenário hostil, como um desafio a ser vencido.

Ainda segundo o autor (1997, p.42), a rua “(...) tem um caráter negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora”. Já para José Luiz Magnani (1993, p.13), a constituição destes espaços não é o resultado de escolhas individuais, nem são aleatórias: “são resultado de rotinas cotidianas, ditadas por injunções coletivas que regulam o trabalho, a devoção, a diversão, a convivência e que deixam suas marcas no mapa da cidade.” (MAGNANI, 1993, p.13).

Lançados neste ambiente de possibilidades e subvertendo a proposta da cidade como planificação, os indivíduos apropriam-se dos espaços, dotados de seus “usos previstos” e os transformam segundo os próprios interesses, acarretando em sua territorialização, trazendo à tona o que Jane Jacobs (2014) propôs tratar como “usos imprevistos”, transformando os espaços antes luminosos em “espaços opacos” (SANTOS, 1996). A territorialização dos espaços traz de volta a importância de entender os usos destes ambientes partilhados como ações naturalmente discursivas. Em um processo de “mão-dupla”, os sujeitos constroem sentidos para a cidade e, de certa forma, os espaços da cidade transmitem valor às atividades que aí se localizam (SANTOS, 1996, p.169), fazendo com que estes espaços se convertam em lugares que são ressignificados e têm características distantes dos objetivos planejados. Para Angelo Serpa (2018),

(...) os usuários privatizam o espaço público através de ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis. O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos (...). (...) Todos os habitantes do espaço urbano têm seu sistema de significações em nível ecológico, expressão de suas passividades e de suas atividades. (...) conjunto de significações, elaboradas não a partir do percebido e do vivido pelos habitantes da cidade, mas a partir do fato de habitar, por eles interpretado. (SERPA, 2018, p.36-38)

O ambiente urbano pode ser entendido, portanto, como o resultado da interação entre a sua concepção organizacional, no qual se sobrepõem as estruturas organizativas de uma coletividade e o âmbito da vida vivida, partilhada com os demais e com múltiplos sentidos. Em um jogo de produções de sentidos, ora ocorridas no âmbito da vida privada, ora desenvolvidas através de partilhamento de sentidos e mediações, os espaços da cidade vão ultrapassando a “materialidade objetiva”. (CARLOS, 2019, p.70).

Longe da perspectiva estrutural, planejada, o ambiente urbano passa a ser visto tal qual uma colcha de retalhos, um ambiente híbrido, onde pequenos grupos, com identidades próprias e múltiplas, se apropriam dos espaços e lhes dão sentidos, tornando a cidade uma Obra Aberta ³(ECO, 1979; GARCÍA CANCLINI, 2012). É neste cenário, ora caótico, ora repleto de possibilidades, que podemos nos debruçar sobre as conceituações dos espaços e seus reflexos nos sujeitos que os ocupam e os utilizam de formas diversas.

³ Esta conceituação foi originalmente concebida por Umberto Eco (1979) e propõe a produção literária como algo passível a interpretações dos sujeitos que têm contato com a obra. Da mesma forma, podemos entender que a cidade, para além do planejamento urbano, está passível às interpretações dadas pelos sujeitos que habitam nela.

1.6. Construindo discursos: entre os espaços e seus ocupantes

Tal como já vimos, os sujeitos, convertidos em agentes transformadores dos espaços partilhados, passaram a dar a estes ambientes usos imprevistos na concepção do planejamento estrutural das cidades. É neste sentido que o estigma do desvio passa a ser validado: fruto da articulação discursiva de grupos sociais que, de certa forma, consolidam as hierarquizações do imaginário social, oferecendo estereótipos de cunho negativista aos espaços e seus frequentadores.

Os espaços ocupados por este grupo social, também se tornaram alvo de julgamentos por parte daqueles que se fizeram responsáveis pela organização e gestão dos meios partilhados. Sabemos, pois, que é através da linguagem que os indivíduos passaram a se organizar enquanto coletividades e posteriormente em grupos sociais distintos, mais do que isso, produziram articulações e elementos culturais específicos, o que mais tarde pôde ser concebido como cultura, não mais em seu sentido generalista.

Neste cenário em que coexistem subjetividades, é preciso entender de que forma a língua, articulada na forma de linguagem e transformada em discurso, é significativa no processo de hierarquização dos elementos que compõem os espaços partilhados: os equipamentos, o ambiente e, sobretudo, os indivíduos. Para Émile Benveniste (1991, p.17), “(...) a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação.”

Para Bourdieu (2001, p.12), “Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, é trazer à existência.” É através da apropriação da língua, transformada primeiramente em linguagem e, mais tarde em discursos, que os homens podem retomar a existência de um dado objeto, indivíduo ou situação e, mais do que isso, refletir suas impressões sobre estes. Para isso, é preciso que o sujeito, que toma a palavra, esteja em posição privilegiada no ato de sua fala, permitindo com que a mesma influencie a uma coletividade maior e fundamente as bases da mentalidade de uma sociedade de um determinado período histórico.

Para além de compreender o ato enunciativo como “emissão-recepção”, trazida à tona pela visão instrumental primitiva da comunicação, tomamos como elemento central o impacto dos significados construídos e partilhados acerca dos espaços, sujeitos ou situações. Vemos que construir discursos é trazer à tona sedimentações constitutivas dos sujeitos, elementos que contribuíram para suas formações e, além disso, posicionamentos tomados por estes no decorrer da vida e que, ora irracionalmente ora conscientemente, estes são incorporados aos discursos emitidos.

Apesar de todas as transformações na mentalidade vigente, os discursos construídos por aqueles que detêm o poder de classificar objetos, sujeitos e situações, são maniqueístas, e perpassam a questão cultural na medida em que a cultura aparece. Expressões como “bons” ou “maus”, “aceitáveis” ou “indesejáveis” e diversos outros termos, foram usadas como uma forma valorativa de classificação. Para Eni Orlandi (2001) não há discurso sem uma estrutura ideológica. Ou, ainda,

(...) as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. (...) os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. (...) As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre uma parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória. (ORLANDI, 2001, p.41)

Desta maneira, colocados em posições privilegiadas para emitir discursos, os sujeitos deixam revelar aspectos subjetivos de classificação, que permitem fazer a dissociação entre o “eu” discursivo e o “outro”, aquele que recebe a classificação de cunho negativo. (PESAVENTO, 2012).

A ideologia, refletida no discurso, é transformada em plano de fundo, permitindo-nos compreendê-la apenas sob um olhar mais atento. A construção de sentido e a valoração de objetos, sujeitos, espaços e situações perpassa a questão cultural na medida em que a cultura aparece como “(...) forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica” (PESAVENTO, 2012, p.5). Partindo da perspectiva antropológica, a cultura ainda

(...) consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas, nos termos das quais as pessoas fazem certas coisas como sinais de conspiração e se aliam ou percebem os insultos e respondem a eles (...) a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível. (GEERTZ, 2012, p.9-10)

É sob o conceito de cultura que, associado à análise do discurso, podemos compreender como os estigmas são consolidados no imaginário de uma dada sociedade. Usando de suas posições privilegiadas de sujeitos responsáveis por estabelecer regras de conduta que servem de norte para organização da sociedade, determinados agentes passaram a considerar os espaços, e conseqüentemente aqueles que os utilizavam como palco para exercício da subjetividade, como algo “aceitável” ou “reprovável”.

Primeiro, vistos de forma concreta, os espaços da cidade foram ganhando utilidades: de uma hora para outra, surgiram espaços dedicados ao comércio, às casas, às áreas

industriais e de lazer e entretenimento. E assim o foram durante muito tempo. No entanto, o surgimento de diversos grupos culturais no interior das sociedades e a necessidade que os mesmos tinham de se fazerem elementos visíveis fizeram com que alguns destes espaços urbanos fossem ressignificados, passassem a assumir usos diversos, com apropriações múltiplas, nem sempre associadas ao uso inicial previsto na concepção inicial do projeto dos ambientes da cidade usados por esses grupos.

Se voltarmos nosso olhar para o caso da prática do skate, que passou a ocupar o ambiente urbano mais precisamente entre as décadas de 1960-80, iremos compreender de que forma esses “usos imprevistos” (JACOBS, 2014) se tornaram comuns no ambiente da cidade. Apropriados como forma de resistência a uma ordem socialmente estabelecida, estes espaços utilizados como palco para os praticantes desta modalidade passaram a ser classificados como “perigosos” pelos usos desempenhados neles e, principalmente, sustentados pelos estereótipos negativos construídos sobre os skatistas, o que fez com que se intensificassem medidas governamentais de proibição de determinadas práticas. Utilizando corrimãos, escadarias, inclinações íngremes e uma infinidade de outras estruturas urbanas que se configuraram em “equipamentos de lazer não planejados” (DUMAZEDIER, 1979), os skatistas passaram a ser vistos com maus olhos pelos planejadores do espaço urbano.

Mas este estigma não se restringiu àqueles que dispunham do espaço urbano para exercício de suas subjetividades. No caso do surfe, o estigma esteve de certa forma associado ao estilo de vida marcado pela forte ligação com a natureza e a proposta de tornar um ambiente de lazer um espaço também de exercício de uma atividade produtiva. Identificados principalmente por sua aparência estética e pelos objetos relacionados à prática, os jovens surfistas sofreram resistências: seja das demais pessoas, que viam como incômoda tal atividade no lugar dedicado ao descanso, ou por parte de outros surfistas, que passaram a hierarquizar o “uso” de determinadas praias por certos grupos e restringir o acesso a outros, o que ficou conhecido como “localismo”.

Longe de conceber o ambiente da praia como um espaço harmonioso, de convivência pacífica entre seus frequentadores, o que vemos é que, assim como o espaço citadino, as areias e, sobretudo, as ondas, são ambientes também de disputa e conflito. Em uma forte oposição entre “eu” e “outros” (SAID, 2007), o que se vê é uma apropriação do espaço por parte de determinados grupos que, através do estabelecimento de regras internas, fazem com que outros grupos sejam impedidos de realizar a prática do surfe ou de “pegar” as melhores ondas. Isto é legitimado pela apropriação de discursos que, com base em uma espécie de

“usucapião” de determinadas praias, seleciona aqueles “privilegiados” que podem desfrutar daquele espaço. (CUNHA, 2000 apud FORTES, 2011).

É neste cenário de transição entre natureza e urbanidade que os surfistas passaram a refletir a hierarquização social construída pela sociedade: o uso, que deveria ser socializado e democrático, constituía um ambiente de uso privilegiado por determinados grupos sociais. Vale dizer que, assim como os estigmas conferidos ao espaço, o “desvio” que foi atribuído aos sujeitos também se configura enquanto um ato discursivo. Nele estão inscritas posições de sujeitos, uma cena enunciativa e as mais variadas sedimentações que fizeram com que o discurso reunisse uma série de memórias discursivas que se fizeram presentes nesse ato valorativo.

Neste caso, o que nos importa aqui dizer é que o discurso, como produto da articulação da linguagem, não é igualmente puro, natural, não intencional. Ao contrário, se encontra “atravessado, ele mesmo, por outros discursos e pelo já-dito em outros lugares.” (BENETTI, 2016, p.240). Já para Eni Orlandi (2001), o que determina a construção de discursos é a relação existente entre a memória, responsável pela constituição do dito, e a atualidade, que dispõe de circunstâncias para se enunciar. Para além disso, compreender um discurso valorativo significa conhecer as circunstâncias de sua enunciação, já que, em premissa, os discursos são resultado de um processo de constituição dos indivíduos, de formação de identidade baseada nas sedimentações que os formam (BERGER & LUCKMANN, 2014).

Carregados de sentidos, originados em nós ou sedimentados em nossa formação, os discursos carregam sentidos diversos. São atravessados por outros discursos e apoiados em interdiscursos. Este conceito configura um

(...) conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. (...) é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o "anonimato", possa fazer sentido em "minhas" palavras. (ORLANDI, 2001, p.34)

Os apagamentos, por sua vez, se configuram nos discursos de duas formas. Sustentados nas proposições de Michel Pêcheux (2014), o esquecimento é “estruturante”, resultado da relação entre sujeitos e sentidos. Enquanto o “esquecimento número um” diz respeito à ordem ideológica, validado pela premissa de ser o indivíduo pioneiro ao enunciar determinado discurso, o segundo deles, ou “esquecimento número dois”, é da ordem da enunciação. Neste caso, o sujeito é responsável pelas escolhas linguísticas do ato enunciativo,

sendo esta escolha consciente por parte de quem enuncia. O que podemos perceber, portanto, é certa ciclicidade dos discursos, que podem ser constantemente retomados em contextos diferenciados, mas assumindo posicionamentos semelhantes, tomados enquanto ferramenta de consolidação de uma estrutura organizacional e social mais complexa.

É a partir desta contextualização que nos debruçaremos sobre o estigma do desvio atribuído aos sujeitos objetos deste trabalho: surfistas e skatistas. Enquanto ação valorativa, sustentados por um viés tradicionalista vigente à época da popularização destas práticas, os estigmas atribuídos a estes grupos são, ainda na contemporaneidade, elementos incorporados a elementos culturais destas “tribos”. Colocados na situação de “subculturas”, os grupos juvenis passaram a serem vistos como “tentativas de resolver certos problemas nas estruturas sociais” (CLARKE et al, 2003, p. 29).

Mas, afinal, o que se convencionou chamar "desvio"? Tomado por uma situação essencialmente comunicativa, o desvio estaria diretamente relacionado a uma dada temporalidade e territorialidade. Resultado de uma situação interativa entre sujeitos, o desvio se configura como um produto desta interação: ele não existe isoladamente, é fruto da construção de sentidos e significados sobre alguém ou algo em determinadas condições pré-estabelecidas. Assim, ser desviante pode estar intimamente relacionado aos esquecimentos discursivos: sejam eles no âmbito ideológico ou no individual, no processo de escolha de elementos para composição do discurso.

Desse modo, o estigma do desvio está relacionado diretamente com a estrutura organizacional que dá base para a mentalidade coletiva. Ao valorar determinados sujeitos como “bons” ou “maus”, fazemos escolhas linguísticas através de percepções que não advêm de um consenso geral, mas que se situam como resultado de um conjunto de “valores” partilhados por aqueles sujeitos responsáveis por emitir discursos em posições privilegiadas (ELIAS E SCOTSON, 2000) (GOFFMAN, 2004) (BECKER, 2008). Ainda segundo Becker (2008), o desvio está associado à “(...) construção de reafirmação de significados morais na vida social cotidiana” (BECKER, 2008, p.185), sendo estas regras sociais construídas a partir de um dado contexto partilhado. Assim, o desvio, para Becker (2008), é resultado de um processo de reforço de uma ideologia hierárquica, sendo

(...) descrito como pouco mais que o resultado de uma tomada de decisão arbitrária, fortuita ou tendenciosa, a ser compreendido como um processo sociopsicológico pelo qual grupos procuram criar condições para perpetuar valores estabelecidos e modos de comportamento, ou aumentar o poder de grupos especiais. (BECKER, 2008, p.195)

Vale questionar a real validade deste estigma, procurando compreender tal situação a partir do questionamento “Desviantes aos olhos de quem?”. Longe de rotular “certos” e “errados”, o que nos interessa aqui é discutir os contextos enunciativos que originaram tais construções discursivas. O discurso, tal como qualquer produção humana, reflete uma série de elementos não aparentes à primeira vista nos discursos enunciados. Discursos são construídos de acordo com os interesses de quem narra. Para Michel Foucault (2014, p.13), os discursos “(...) se organizam em torno de contingências históricas; que não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento; que são sustentadas por todo um sistema de instituições (...)”.

Nestes casos, postos sob um contexto marcado pelo autoritarismo e pelo conservadorismo, as práticas de surfe e skate seriam inevitavelmente consideradas subversivas, desviantes ou marginalizadas. Assim, o que vale é dizer que, muito mais do que negar tal subversão, seus praticantes incorporaram tais estigmas como parte de suas identidades, sendo estes objetos de orgulho que se perpetuam até hoje em ambas as práticas: os cabelos, as vestimentas e o próprio modo de agir e se relacionar revelam características desta dita “subversão” que foi conservada por surfistas e skatistas.

Muito mais do que tipificar os indivíduos, o estigma do desvio também se vê refletido nos espaços por eles ocupados. Projetados para servir de aparatos do espaço urbano, diversos equipamentos, tais como corrimões, escadas, bancos, entre tantos outros espaços urbanos, foram incorporados pelo cotidiano dos skatistas, que passaram a considerar novos usos destes equipamentos, pois estes, a seu ver, “(...) possibilitam maior velocidade e deslize aos skates, além de controle rítmico mais apurado aos corpos dos praticantes.” (MACHADO, 2019, p. 287). Mas não foram apenas “equipamentos” que foram tomados pela tribo⁴ skatista. Principalmente se olharmos para o caso paulista, vemos a apropriação deste grupo de espaços considerados nobres da capital. Pouco a pouco, o que era considerado “rua”, lugar de passagem, ambiente de desafios, vai se convertendo em casa, ganhando sentidos próprios de grupos, tornando-se ambiente com que os usuários deste espaço ganham certa familiaridade. (DAMATTA, 1997).

As avenidas Paulista, Faria Lima e Berrini, que concentram o coração da vida corporativa da cidade de São Paulo, são fortes exemplos dessa apropriação espacial imprevista e, sobretudo, da transformação de “espaços planejados” em “espaços híbridos”,

⁴ Tribos urbanas, um conceito desdobrado por José Luiz Magnani (1992), evidencia a necessidade de se olhar para a multiplicidade da constituição de grupos variados no interior de uma coletividade. Longe de olhá-la de forma generalista, o autor avalia que deveriam ser lançados sobre estes grupos olhares microscópicos que permitam compreendê-los com mais clareza.

entendidos sob a lógica de Néstor García Canclini. Para articular as diferenças que convergiram a esses espaços, foi preciso estabelecer normas e ordenamentos para convivência das diferentes finalidades atribuídas a esses espaços partilhados, sendo estabelecidos “(...) usos, funções, marcadores sociais e moralidades tidas como mais aceitáveis, ao passo que as que não se encaixam nas estratégicas pretensões são tratadas como desviantes, indisciplinadas e marginais.” (MACHADO, 2019, p.287).

Inúmeras foram as intervenções estatais que coíbiam a prática do skate nas ruas e equipamentos urbanos na cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo em que atingia o seu ápice de popularidade, a prática do skate encontrava empasses nas repressões governamentais nas décadas de 1970 e 1980. Uma das principais medidas foi denominada Decreto-Lei 25.871, instituído durante a Prefeitura de Jânio Quadros, que desde o princípio do mandato já instituíra diversas ações de coibição da prática de skate nas ruas da cidade paulista (MACHADO, 2011). Utilizado como promessa de campanha pela candidata Luíza Erundina para as eleições de 1988, a descriminalização do skate foi um marco tanto na história da modalidade quanto no que tange às questões políticas: ao se apropriar de uma pauta marginalizada, Erundina trouxe para perto de si um grande contingente de eleitores, que viram na candidata uma saída para continuarem a exercer suas paixões, agora na legalidade (BRANDÃO, 2014b). Após a eleição, na tentativa de “desmarginalizar” os espaços por eles ocupados e seguindo a popularização incipiente da modalidade, foram criados espaços próprios para atividade, os quais foram, sobretudo, financiados por marcas que viram no skate uma oportunidade de público alvo. (MACHADO, 2011) (BRANDÃO, 2007).

Utilizando a resistência à ordem instituída e ao uso dos espaços como seus principais elementos de identidade, surfe e skate foram crescendo em importância midiática, o que transformou, gradativamente, a imagem construída sobre esses praticantes. A midiaticização dessas práticas, possibilitada pela projeção dos atletas nos campeonatos que foram surgindo no decorrer do tempo, possibilitaram uma experiência singular de resistência e popularização, tal como veremos nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 2 - ENTRE O JOGO, A BRINCADEIRA E O ESPORTE

Muito antes de se configurarem enquanto esportes de tamanha relevância no cenário midiático nacional e internacional, as práticas de surfe e skate têm suas raízes nas atividades de lazer. Com o passar dos anos, o simples hábito de sair por aí com uma prancha debaixo do braço junto aos amigos para surfar a melhor onda da praia, ou deslizar as rodinhas sob pranchas pela cidade foram ganhando novas configurações, regras e reconhecimento, mas nunca deixaram de serem, concomitantemente, atividades de sociabilidade e lazer.

Para poder iniciar a discussão, precisaremos retomar algumas discussões. Como vimos no contexto histórico, político e social no qual as práticas de surfe e skate adentraram em solo nacional, foi marcado por um período de autoritarismo e repressão. Estes elementos, integrados ao imaginário social vigente à época, fizeram com que seus praticantes reavaliassem o uso do seu tempo livre e de lazer em uma sociedade que, a cada dia, estava mais urbanizada e industrializada.

As transformações ocorridas nos cenários urbanos trouxe à tona uma nova forma de se relacionar com os ambientes: pouco a pouco a cidade, que era vista como espaço potencial do progresso e do desenvolvimento, passou a se configurar como “(...) algo rodeado de tormentos, um pesadelo de multidões” (DIAS, 2008, p.25). Principalmente no caso estudado, em que colocamos como elemento central o desenvolvimento das práticas de surfe e skate como lazer, é possível dizer que a introdução de ambas ao cenário nacional se deu a partir de um processo de interação e adaptação entre o urbano e o natural.

Como em uma espécie de “resgate” da essência humana, essa nova configuração dos usos espaciais se configurou enquanto uma reinterpretação dos princípios do “fulgere urbem” e “*Locus Amoenus*”⁵. Essa nova configuração interacional entre o homem e a natureza como possibilidade de lazer é mais bem representada no caso do surfe, quando o espaço da praia, como já vimos, se tornou um perfeito “arquétipo do paraíso perdido” (DIAS, 2008, p.91) e, sobretudo, este *modus vivendi* ultrapassa até mesmo o simples ato de praticar a modalidade, mas se torna instantaneamente perceptível nos sujeitos ali incorporados nesta cotidianidade (DIAS, 2009).

Mas, para poder estabelecer o vínculo entre tempo livre, lazer e as transformações conceituais ocorridas nas práticas de skate e surfe, precisamos nos debruçar sobre a

⁵ Estes conceitos têm suas raízes na escola literária arcadista, vigente na Europa do século XVIII, sendo inspirados pela retomada dos princípios da cultura clássica, gregos, romanos e renascentistas. Enquanto *fulgere urbem* estaria relacionada à concepção de que a cidade não era mais um ambiente confortável para o desenvolvimento humano, *Locus Amoenus* trazia como premissa a necessidade de um ambiente bucólico para que o ser humano pudesse novamente se encontrar.

construção discursiva dos dois conceitos. Apesar de parecerem similares, ambos os termos são fruto de inúmeras discussões empreendidas em diversos momentos da História, cujas reflexões resultaram em uma variada gama de significações a depender do contexto em que estavam sendo discutidas.

Longe de terem suas origens na sociedade industrial, que inaugurou uma nova forma de pensar a estrutura social, os conceitos de tempo livre e lazer têm origens ainda mais antigas e que as concepções a respeito destes se modificaram no decorrer do tempo e de acordo com o contexto em que eram empregadas. Uma das mais antigas construções discursivas estes conceitos pode ser encontrada na Grécia Antiga. Àquela época, o ócio era valorizado, tomado como um privilégio que fazia parte do cotidiano das camadas mais altas da parcela social, sendo usado para reflexão e contemplação. Trabalhar, segundo a realidade grega, era uma espécie de “castigo”, sendo esta função atribuída aos escravos e estrangeiros, que ocupavam a base desta estrutura social. (MELLO; ALVES JUNIOR, 2012).

Se olharmos para o caso romano ou ambientarmos nossa discussão na Idade Média, outras são as percepções do mesmo conceito. Assistiu-se a uma gradativa substituição dos conceitos associados ao “não fazer nada”, em que o lazer passa a ser associado a um “(...) indicador de status e distinção” (MELLO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 3). A expansão da dominação romana trouxe à tona uma nova interpretação do conceito de lazer: nela, diferente de um privilégio, este espaço de tempo da vida cotidiana era associado ao processo de “(...) recuperação e preparação do corpo e do espírito para a atividade laboral” (MELLO; ALVES JÚNIOR, 2012, p.4) em que o ócio e o trabalho passaram a ser vistos como resultado de uma relação de interdependência.

Ainda no caso romano, o que vimos foi uma incorporação do conceito do lazer pelos organismos estatais, em uma ação que ficou conhecida como “Pão e Circo”, que mais uma vez demonstrou que o uso do tempo livre e da prática do lazer é socialmente determinada. Reforçando o caráter hierarquizador e de controle social detida pelos conceitos, esta política determinava que o acesso à diversão estava condicionada aos estratos sociais mais elevados da pirâmide. Enquanto para as camadas mais abastadas era cedido o direito às atividades reflexivas e contemplativas, cabia às parcelas mais baixas da base da pirâmide social atividades de distração que fossem regulamentadas e controladas pelo governo. Essa apropriação do lazer enquanto ferramenta de controle inaugura uma nova forma de pensar os conceitos aqui desdobrados, na medida em que “O desenvolvimento e a manutenção de uma máquina poderosa de sonhos e excitação procura (...) entabular o controle, difundindo valores

e comportamentos que interessam à manutenção da ordem.” (MELLO; ALVES JÚNIOR, 2012, p.4).

É a partir da Revolução Puritana, ocorrida no século XVII, período contido na Idade Moderna, que a noção de tempo livre vai assumindo novos significados e tomando o contorno mais parecido com a mentalidade partilhada na contemporaneidade. Neste momento, aliado à instauração da mentalidade industrial produtivista, capitalista e consumista, o tempo livre passa a ser visto como um desperdício. (HOBSBAWM, 2015) O tempo que antes era visto com vias de utilidade, passa a ser ocupado por atividades laboriosas que tinham como finalidade o lucro. Munida de outros valores, no qual o tempo livre era visto com desprezo, a mentalidade partilhada à época permitiu com que as pessoas pensassem em “(...) como *empregar* esse tempo (...) como preencher os interstícios do seu dia com relações sociais e pessoais mais enriquecedoras e descompromissadas; como derrubar mais uma vez as barreiras entre o trabalho e a vida.” (THOMPSON, 2019, p.302).

As conceituações a respeito do lazer e do tempo livre, portanto, são culturais e sociais. Atravessam transversalmente o imaginário partilhado por membros de uma dada sociedade que, através de sua organização estrutural e gestão da vida pública, constroem significados que lhes são convenientes a respeito dos dois conceitos. Tempo livre e lazer, portanto, passam a ser objeto de discussão na medida em que passam a ser vistos com olhares “atravessados” em um modelo de sociedade em que, cada vez mais, o ócio é negado em detrimento do lucro.

É comum a consideração de que o tempo livre englobe a totalidade do tempo não destinado às atividades do trabalho. (DUMAZEDIER, 1979). Porém, se olharmos em um olhar microscópico, será possível traçar diversos caminhos a respeito das atividades desempenhadas neste período. Assim como tempo livre, o conceito de lazer também se transformou: sistematizado apenas no século XVIII, suas origens estão amparadas ainda no século XIV, que o teorizava enquanto derivação da conceituação francesa de “*leisir*”, ou “ser permitido”, que por sua vez tinha sua raiz latina no conceito de “*licere*”, ou, em outras palavras, “ser lícito” (MELLO, 2019, p.23).

Para Victor Andrade de Mello (2019), a consolidação do conceito só foi possível a partir da nova configuração urbana espacial, que representou um novo espaço de expressões humanas da qual se origina o atual conceito de lazer. A partir do processo de ressignificação da palavra, possibilitada pela articulação da linguagem em discurso, pudemos introduzir o lazer como “(...) fruto de uma nova organização dos tempos sociais, que gestou uma mais

clara separação entre o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho”, (MELLO, 2019, p. 24), fazendo uma “(...) nova reordenação dos tempos sociais” (MELLO, 2019, p.29).

Norbert Elias e Eric Dunning (1992), ao discutirem empiricamente sobre o conceito de lazer, amparados no contexto inglês do século XIX, apresentam categorias segundo as quais estariam contidas as atividades cotidianas dos indivíduos no que se convencionou chamar tempo livre. A primeira delas é denominada trabalho privado ou administração familiar. Nesta categoria estão envolvidas todas as atividades que, segundo os autores, são feitas a gosto ou contragosto dos indivíduos: gestão financeira e organizacional de um lar, formação e educação de crianças, entre tantas outras.

A segunda classificação é denominada repouso. Ainda que possa ser mais próxima do que se convencionou chamar de lazer, esta compreende as atividades que estão mais relacionadas ao “não fazer nada”. A esta categoria “(...) pertence o estar sentado e o estar a fumar ou a tricotar, os devaneios, as futilidades sobre a casa, o não fazer nada em particular e, acima de tudo, o dormir.” (DUNNING; ELIAS, 1992, p.108). A outra categoria é auto explicativa, provimento das necessidades biológicas. Nesta estão contidas atividades que geram bem estar e satisfação que estão fora do controle do indivíduo. Para os autores, “Todas podem estar (...) até certo ponto, submetidas à rotina, mas podem ser, e poderiam ser, de facto, realizadas sem rotina, de tempos a tempos (...)” (DUNNING; ELIAS, 1992, p.109).

As duas últimas classificações, denominadas sociabilidade e atividades miméticas ou de jogo, serão de grande valia ao analisarmos o caso das práticas de skate e surfe. Apesar de também estar inserida na categoria “trabalho”, a sociabilidade no tempo livre se relaciona à capacidade dos indivíduos de se relacionarem entre si e estabelecerem vínculos com base em traços e gostos comuns. É ela que, como já vimos, deu sustentação para a formação de grupos de jovens e permitiu a criação de uma identidade própria entre eles. Já a última delas é “atividades miméticas ou de jogo”. Relacionada intimamente com o conceito de tempo livre, esta categoria também tem seus pontos de convergência com o conceito de lazer, na medida em que aglutina atividades em que os indivíduos estão envolvidos para satisfação pessoal, “(...) quer se tome parte nelas como ator ou como espectador, desde que não se participe como se participasse numa ocupação especializada através da qual se ganhe a vida” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.110).

Antes de assumir características de jogo e, posteriormente, de esporte, surfar e andar de skate também já se configuraram enquanto brincadeira. O primeiro contato com as pranchas pode acontecer de inúmeras maneiras, direta ou indiretamente: sendo público direto, observando praticantes *in loco*; influenciado por amigos próximos ou, ainda, indiretamente,

através de transmissões por meios de comunicação. Mas, independentemente deste contato inaugural, as práticas de skate e surfe nascem enquanto brincadeira, descompromissada e com intuito diversional. Ao contrário do que possa parecer, ela inaugura um universo singular, e, tal como qualquer outra atividade cotidiana, tem um universo de sentidos regulamentado e aceito por aqueles que se propõem realizá-la (BARTHES, 2009).

A transformação da brincadeira em jogo traz algumas características importantes que, mesmo quando o skate e o surfe se converteram em esporte, nunca foram abandonadas. O jogo, tal como um universo construído e partilhado, tem sua ligação com a cultura. Orientado por uma mentalidade comum, o jogo se apresenta como uma realização humana de caráter voluntário, autônomo e desinteressado (HUIZINGA, 2000). Esta não se classifica como vida real, sendo regida por regras e ordem que orientam um universo particular. Roger Caillois, ao desdobrar as teorizações de Johan Huizinga, nos apresenta que o jogo

(...) não nos prepara para nenhuma atividade definida; de uma maneira geral, é introduzido na vida, acrescentando a ela toda capacidade de se livrar de obstáculos ou de fazer oposição às dificuldades. (...) é necessário aceitar de antemão o possível fracasso, má sorte ou fatalidade (CAILLOIS, 1990, p.18)

Livre, incerto, delimitado, improdutivo, regulamentado, fictício. Para além de uma definição revisada, Roger Caillois (1990) apresenta classificações importantes a respeito do universo do jogo. De maneira nenhuma excludentes, essas características ajudam a melhor entender o universo de práticas humanas. Segundo o autor, a denominação se baseia em aspectos diferenciais característicos de cada jogo.

Num caso, escolhe-se realmente como critério de divisão o instrumento do jogo; noutro, a principal qualidade exigida; mi, terceiro, o número de jogadores e a atmosfera do jogo; e por fim, o lugar onde a prova é disputada. E ainda, complicando tudo o resto, pode-se jogar sozinho ou com outras pessoas a um mesmo jogo. Determinado jogo pode mobilizar várias qualidades ao mesmo tempo ou não exigir nenhuma. (CAILLOIS, 1990, p.31)

A classificação dos jogos passa por quatro categorias: *Agôn*, *Alea*, *Mimicry* e *Ilinx*. O caráter de competição é elemento central do *Agôn*. A oposição é feita em condições ideais e permite com que a disputa consagre um vencedor baseado no aprimoramento da utilização de técnicas de um deles. Já no *Alea*, como já se presume do próprio termo, o importante é o caráter aleatório, a sorte. Para Caillois (1990, p.37) “(...) se trata mais de vencer o destino do que um adversário. (...) O jogador (...) é inteiramente passivo, não faz uso de suas qualidades ou disposições, dos seus recursos de habilidade, de força e de inteligência. Limita-se a

aguardar (...) as imposições da sorte.”. *Mimicry*, por sua vez, é caracterizado pelo fato de ser uma simulação da vida corrente do indivíduo. Roger Caillois (1990) nos apresenta uma explicação mais ampla sobre esta característica dos jogos.

O prazer é o de ser um outro ou de se fazer passar por outro. (...) a questão essencial não é ludibriar o espectador. (...) a *mimicry* apresenta todas as características do jogo (...) Contudo, a continuada submissão a regras imperativas e precisas é algo que não se verifica. (...) A *mimicry* é invenção incessante. A regra do jogo é uma só: para o actor, consiste em fascinar o espectador, (...) para o espectador consiste em prestar-se à ilusão sem recusar a priori o cenário, a máscara e o artifício em que o convidam a acreditar, durante um dado tempo, como um real mais real que o real. (CAILLOIS, 1990, p.43)

A última das classificações, denominada *Ilinx*, talvez seja uma das que mais se aproxima com as modalidades que se tornaram objeto desta pesquisa. Juntamente com a imprevisibilidade, trazida pela *Alea*, o *Ilinx* oferece às modalidades a característica da busca pela vertigem. É através da execução de atividades consideradas “radicais” ou “perigosas”, que os sujeitos procuram experimentar novas sensações que se aproximam a uma espécie de êxtase. Mas, apesar de oferecer prazer àquele que pratica skate e surfe, seja pelo perigo do desconhecido e do enfrentamento do mar, seja pelas manobras arriscadas proporcionadas pelas manobras desempenhadas nos skates, utilizando-se de elementos espaciais urbanos, o que vale mais aqui é dizer o quanto este êxtase também relacionado com a perspectiva social. Para Roger Caillois (1990, p.44-45) “Existe, em paralelo, uma vertigem de ordem moral, que se apodera subitamente do indivíduo. Essa vertigem associa-se habitualmente ao gosto, normalmente reprimido, pela desordem e pela destruição.”.

Todas essas características nos levam a ressaltar que, para além de todas as características, falar de jogo é ressaltar sua significação cultural. Feito *por* e *para* pessoas, os jogos podem ter seus sentidos múltiplos a depender do contexto em que são inseridos e dos grupos que são constituídos para sua execução. Neste sentido, podemos olhar para eles enquanto reflexo de uma coletividade que estabelece para si princípios e elementos norteadores específicos. É olhando para a concepção e execução dos jogos que podemos perceber como uma coletividade atua, pensa e se organiza nos espaços.

É a partir dos elementos pertencentes do jogo que vamos avançar nas discussões e perceber como este se metamorfoseia e se converte em esporte. É preciso dizer que este processo, que ocorre de maneira gradual, não exclui a existência dos demais. Assim, elementos típicos das atividades encontradas na categoria de “jogos” podem e são constantemente encontradas nas mais variadas atividades. Mas, afinal, o que podemos

entender enquanto esporte? Sabemos que, para compreender em sua totalidade, assim como qualquer outro, não podemos dissociar o conceito de seu contexto de surgimento.

O esporte, tal como conhecemos hoje, nasceu na Inglaterra do século XIX. Muito mais do que um evento importante nacionalmente, a Revolução Industrial marcou a história mundial e inaugurou uma nova forma de mentalidade socializada: incitou novas necessidades de consumo e, para além disso, modificou as relações de trabalho. Tal como já ressaltado, engolidos pelas atividades laboriosas, os sujeitos tinham pouco tempo livre para aproveitarem tal como lhes era conveniente. É nesse sentido que o esporte surge como alternativa para “preenchimento” do tempo ocioso que lhes restavam (HOBSBAWM, 2015).

Longe de um aspecto ritual ou de exaltação, o esporte, de certa maneira, tinha um caráter utilitário. Para Ronaldo Helal (1990) o esporte está para além de uma prática, se convertendo em uma construção social que é partilhada, tal como um costume, passado de geração em geração, sendo entendido como algo “(...) que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma forma imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes.” (HELAL, 1990, p.13-14).

Muitas são as discussões empreendidas sobre a conceituação de esporte. Assim como quaisquer outras atividades cotidianas, tais como viver, comer e socializar, por exemplo, o esporte se constitui enquanto um “fenômeno sociocultural” (TUBINO, 1999, p.7) que está intrinsecamente relacionada à mentalidade da época em que está inserida. Carrega consigo a territorialidade e a temporalidade específicas que, de alguma maneira, determinam “como” um determinado esporte se configura. Segundo Valdir Barbanti (2006), esta prática deve ser analisada em suas particularidades, uma vez que a determinação do que vem a ser “esporte”, para ele, depende de três condições que, de certa forma, podem também ser encontradas no jogo: dependem de uma situação específica de ocorrência, da vontade e das subjetividades dos indivíduos envolvidos e do intuito da atividade (BARBANTI, 2006).

O nascimento do esporte enquanto prática social se estabelece muito antes de sua conceituação, que se acredita ter origem nas atividades relacionadas ao lazer dos marinheiros, ainda no século XIV (TUBINO, 1999). Neste período, “esporte” estaria ligado a “desportar-se” ou “sair do porto”, principalmente para realização de atividades relacionadas ao corpo. A relação com o bem estar e o culto ao aspecto estético do corpo é uma assertiva que, frente às inúmeras mudanças transcorridas nos séculos, permaneceu. Esta premissa é visível quando nos atentamos à definição oferecida pela Carta Europeia do Desporto, datada de maio de 1992, que se propõe a “(...) promover a prática do desporto junto de toda a população, quer

para fins de lazer, de saúde, ou com vista a melhorar as prestações, colocando à sua disposição instalações adequadas, programas diversificados e monitores, dirigentes ou “animadores” qualificados.” (DA EUROPA, 1992, p.6).

Reforçar laços de sociabilidade, mas instituir-se enquanto uma prática competitiva. É desta forma que o esporte desponta em nossa sociedade. Distante da brincadeira, que se pretende espontânea e livre, o esporte se apresenta como regulamentado, estruturado e institucionalizado, fundado em um universo próprio disposto a garantir equidade àqueles indivíduos que estão dispostos a ingressá-lo. De caráter utilitário-guerreiro, o esporte se transforma e assume aspectos higienistas e de finalidade educativa para, anos mais tarde, retomar o caráter competitivo organizativo, tal como o concebemos hoje (TUBINO, 1999).

Tal como uma tentativa de retomada do princípio latino “*Mens sana in corpore sano*”, o esporte ultrapassa os limites de um universo único e simbólico de ação e ganha novas significações. Tal como proposto por Leonardo Brandão (2014, p.14), este produto social humano pode ser visto como “(...) um conjunto de técnicas, saberes e discursos que, desde pelo menos o final do século XIX, vem ora apagando, ora organizando, controlando e normatizando uma variedade imensa de práticas corporais”. No caso brasileiro, esta garantia do esporte se torna algo concreto com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 217 versa sobre a garantia do direito e promoção à prática esportiva, a regulamentação do profissionalismo esportivo e a destinação de recursos a essa atividade.

É neste propósito que, apoiando-nos nas reflexões de Manoel Tubino (1999), podemos pensar o esporte sob três diferentes perspectivas: esporte-educação; esporte-participação e esporte-performance. O primeiro estaria intimamente relacionado ao princípio da cidadania, garantindo o acesso de todos aqueles que assim desejassem praticar qualquer forma de atividade relacionada ao lazer como forma de evitar a “(...) seletividade e a competição acirrada.” (TUBINO, 1999, p.27).

Por outro lado, o esporte-participação estaria elencado pelo autor por servir como uma espécie de retomada de ludicidade, própria da brincadeira, como uma forma de lazer associado à “(...) utilização construtiva do tempo livre” como uma forma de promover o bem-estar e o “(...) espírito comunitário, de integração social, fortalecendo parcerias e relações pessoais” (TUBINO, 1999, p.27). Já no último caso, o esporte-performance, consiste na subserviência a regras e particularidades e estimula o indivíduo a aprimorar suas habilidades em busca do reconhecimento, seja ele no âmbito pessoal ou aquele que serve de identificação para uma coletividade, como no caso de conquistas de medalhas em competições internacionais.

Mas, quando tratamos deste processo de transformação das práticas, de brincadeiras a esportes, não estamos, de maneira alguma, sobrepondo uma à outra, de uma forma a hierarquizá-las. De certo, nem toda regulamentação e institucionalização é capaz de “engessar” o esporte, sendo aparentes em diversas modalidades, alguns resquícios da brincadeira e do jogo na atitude daqueles que se dispõem a praticar determinada atividade: a atividade é voluntária, mas envolta em regras que necessitam serem cumpridas para o bom andamento da atividade.

No caso das que nos propomos aqui estudar, isso pode ser perceptível de inúmeras maneiras: seja pelo não uso de uniformes para as competições, sendo dispensado por alguns atletas até mesmo o uso da camiseta; o aspecto relacional de interação no ambiente externo à disputa; artifícios para “driblar” a ordem e “pegar a melhor onda”, no caso do surfe, ou ainda a questão da persistência, perceptível na repetição das manobras mesmo após o erro consecutivo, que gera reações diversas e inesperadas, tais como bater ou quebrar os skates.

2.1. Esportes “de risco” ou “de aventura”

Não estamos tratando, portanto, de uma categoria genérica de esporte, mas este tomado em sua especificidade. Neste sentido, surfe e skate, que como já vimos advém do primeiro, podem ser classificados na categoria de esportes californianos ou, ainda, em “esportes radicais” ou “de risco aventura” (DIAS, 2008) (SPINK e SPINK, 2009). Esta nova forma de conceber determinadas atividades desempenhadas ao ar livre está intimamente relacionada aos aspectos do jogo elencados por Roger Caillois (1990), mas, principalmente ao que o autor denomina *Ilinx*.

A busca da vertigem, nesta categoria de práticas, deixa de ter um caráter essencialmente negativo, mas assume-se o risco como uma nova forma de experimentação dos sentidos e situações que se constroem. Tal como uma forma de restabelecimento de contato com a natureza e da redescoberta de si, esta categoria de esportes se relaciona muito mais com “O desafio de conhecer novos lugares, atingir o desconhecido, estar diante de outras comunidades, outras paisagens pouco ou não exploradas (...)” (COSTA, 2009, p.53). Mais do que uma simples atividade voltada para o lazer ou para promoção do bem-estar, estes esportes têm

(...) forte valor simbólico, que mobiliza o imaginário, mitos e símbolos que animam a cultura daquela atividade. Vivenciada no meio selvagem (PARBELAS, 1988, 1992-1993, 1998), não se apresenta somente como uma prática física, mas se manifesta como um exercício da vontade do sujeito que a vivencia, de sua imaginação, da razão e do sacrifício para chegar ao

objetivo primordial: o êxtase. O êxtase de seu próprio reencontro. (COSTA, 2009, p.56)

Quando tratamos desse desdobramento do conceito de esporte, estamos atribuindo-lhe sentido através da incorporação de adjetivos como “radical”, “de aventura” ou, ainda, “de risco”. Através do ato nomeativo, que envolve a subjetividade dos sujeitos participantes colocados em posições de sujeito privilegiadas (ORLANDI, 2012) (BRANDÃO, 2012), podemos compreender de que forma o imaginário social delineou as representações construídas sobre essas práticas.

Envolvendo elementos como “(...) ludicidade, aventura, imaginário heroico, renascimento e reencontro de si” (COSTA, 2009, p.68), os esportes radicais ou “da natureza” representaram uma nova forma de se relacionar com os espaços e, conseqüentemente, consigo mesmo e com os demais. Nesta nova mentalidade, o que antes era tomado como risco ou inseqüência, passa a denotar aspectos essencialmente positivos, ligados a um estilo de vida peculiar que, sobretudo, traz ao praticante uma espécie de êxtase nunca antes experimentado em outras atividades, em algo que se aproxima ao que Callois (1990) conceituou *Ilinx*.

Ainda para Marília M. Bandeira (2009), esta categoria de esportes, tal qual uma ressignificação linguística, passou por uma readequação de sentidos construídos sobre ela. Ao instituir o risco calculado e previsível, esta nova forma de praticar esportes ressignificou o conceito de vida e das apropriações espaciais. A relação dicotômica entre harmonia com a natureza e a transgressão de regras e princípios que regulamentavam a vida social é escancarada. Para a autora, esta categoria esportiva é diversificada e ampla, e mais do que propor o perigo, estes esportes “(...) trariam um elemento de purificação das pressões e facilidades da vida em sociedade por meio da conversão do esforço com a pureza do mundo, da busca por uma intensificação da vida, da formidável formação de si mesmo em um meio ambiente natural.” (BANDEIRA, 2009, p.138).

Quando falamos de skate e surfe, além da relação com o espaço em que a prática é desempenhada, a inclusão se dá pela relação construída do indivíduo consigo mesmo. Sob a perspectiva do que ficou conhecido como corporeísmo, as práticas sobre pranchas inauguraram uma nova relação entre o corpo físico e as sensações desencadeadas nas ações destes indivíduos. Muito mais do que a visão tradicional do esporte, que prezava pelo bem estar do corpo com base na força, alto desempenho e virilidade, neste estilo de esporte o corpo se converte como um “objeto comunicativo”, com sensações que “(...) prometiam, para

além do controle e da disciplina, certas liberdades intersticiais que passavam a ser percebidas como estilos de vida” (BRANDÃO, 2014a, p.56).

O corpo, portanto, torna-se elemento fundamental característico desta categoria de esportes, na medida em que o pensam como além de uma estrutura física, mas como vetor de sentido, elemento comunicativo. Para David Le Breton (2007), esta nova maneira de pensar os corpos e as ações dos sujeitos, a partir da década de 1960, é reflexo de uma estrutura mais complexa de redefinição de sentidos. Mais do que um suporte, o corpo passa a ser vetor comunicativo de linguagem ímpar que atua tanto expondo aspectos subjetivos dos sujeitos quanto refletindo as sedimentações transmitidas a ele, como “(...) efeito de uma elaboração social e cultural.” (LE BRETON, 2007, p.26).

Esta maneira singular de comunicação, que coloca frente a frente a estética dos movimentos corporais e a busca constante pelo *Ilinx*, nos apresenta uma nova perspectiva de experimentação do mundo. Através do risco, o skate e o surfe se propõem oferecer aos praticantes uma espécie de controle, seja do próprio corpo, pensado como estrutura física, seja do risco, em que, por mais perigosas que sejam as manobras, é o sujeito que as realizam que detêm o controle da situação vivenciada. Para David Le Breton, utilizando-se das reflexões de Alain Ehrenberg, esta categoria esportiva nos chama a

(...) nos tornar empreendedores de nossas próprias vidas. O indivíduo tende cada vez mais a se auto-referenciar, a procurar em si o que antes procura no sistema social de sentidos e de valores no qual a existência se inscrevia. (...) [Ele] Experimenta nos obstáculos e na relação frontal com o mundo a oportunidade de encontrar os referenciais que são necessários para sustentar a identidade pessoal (LE BRETON, 2007, p.88)

Assim, os “esportes de risco” ou “esportes de aventura” foram ganhando espaço no imaginário social e no gosto dos indivíduos. Este ganho de notoriedade, ainda para Le Breton (2007) estaria sustentada por estas práticas oferecerem àqueles que se dispõem a elas uma espécie de “rito ordálico”, como se a morte fosse solicitada, ainda que simbolicamente, para que o indivíduo pudesse experienciar o ato de existir em suas mais altas potencialidades, como se a mesma fosse uma “(...) instância geradora de sentido e de valor” (LE BRETON, 2007, p.89). É neste cenário que, aos poucos, estes esportes foram ganhando cada vez mais espaço nas preferências de indivíduos das mais variadas idades e, sobretudo, passaram a ser objeto de interesse de marcas e de grupos midiáticos que, de uma forma ou de outra, os projetaram para mais pessoas, ampliando a possibilidade de novos espectadores das práticas.

2.2. A midiaticização do surfe e do skate

Apesar de se constituírem enquanto práticas marginalizadas, devido ao contexto autoritário de sua inserção em solo brasileiro, as atividades sobre pranchas foram, aos poucos, ganhando novos praticantes e públicos. A chegada de ambas a terras brasileiras, sobretudo, é marcada pelo processo de mercantilização e midiaticização. Apesar de iniciada pelo contato da juventude carioca de classes mais abastadas com a prática ainda em solo californiano, o interesse pela cultura dos “esportes da natureza” teve como principal elemento propulsor os meios de comunicação.

No caso do surfe, esta relação construída entre praticantes e os meios de comunicação talvez tenha sido mais intensa. E isto, em grande parte, teve como justificativa o fato de partilharem o mesmo território como berço: tanto surfe quanto o cinema nascem e se difundem, a partir das terras californianas. Ao mesmo tempo em que se consolidava como esporte da natureza e se institucionalizava a partir da organização de competições, instituições de regras e o surgimento de uma indústria de consumo próprio, o surfe era “vendido” por produções cinematográficas norte-americanas desde a década de 1950 (BRANDÃO, 2012).

Talvez influenciado pelo momento histórico de sua inclusão no Brasil e, simultaneamente, o momento histórico de efervescência de revoluções ocorridas ao redor do mundo, o surfe ganhou seu espaço. Aos poucos, de atividade marginalizada, passou a se institucionalizar, construir regras e organizar campeonatos, sendo estes feitos *para e por* surfistas. Este processo de esportivização foi garantindo que, aos poucos

(...) o conteúdo libertário, transgressor e transcendental fornecido pela experiência de contato com o mar, que denotava uma vivência quase espiritual, seria substituído por uma mentalidade mais convencional, (...) mais condizente com a competição e a busca de lucros e resultados. (DIAS, 2008, p.133)

Considerando que estas práticas, além de atividades de lazer, se configuraram enquanto estilos de vida, é preciso salientar a criação de uma indústria de produtos específicos. Além de servir como um espaço de reforço de uma identidade, estas empresas encontraram na necessidade de um mercado consumidor espaço para se difundirem em solo nacional. Foram estas que, algum tempo mais tarde, permitiram com que os campeonatos fossem patrocinados e os primeiros colocados nas competições fossem premiados.

Além do cinema, a televisão, chegada ao país na mesma época que a prática do surfe, representou uma importante ferramenta de difusão das práticas de skate e surfe, permitindo

com que as mesmas alcançassem seu auge entre as décadas de 1960-80. Segundo Rafael Fortes (2011), o interesse dos meios de comunicação, enquanto construtores de realidades (BOURDIEU, 2001), pela prática do surfe traz alguns aspectos que, se olhados em suas particularidades, nos revelam os interesses comerciais envolvidos, na medida em que “As representações construídas e veiculadas na mídia são decisivas para a passagem de esporte marginal a fonte de identidade para muitos jovens brasileiros” (FORTES, 2011, p.23). Em primeiro lugar, há interesse pelo esporte e a cultura particular que o originou, de forma a fazê-los entendíveis e atrativos para consolidá-lo na mentalidade coletiva e ganhar mais espectadores e adeptos. Outro ponto essencial é a capacidade das narrativas produzidas de fornecer um espaço de debate a respeito da prática, fornecendo “matrizes, estimulando a existência de diferentes correntes, opiniões e vertentes.” (FORTES, 2011, p.22-23).

Porém, talvez o que chame mais a atenção e, claro, também pode ser aplicada no caso do skate, é que, por ser um esporte de natureza estética, sua veiculação, sobretudo cinematográfica e televisiva, tem um forte apelo midiático. A dinamicidade e plasticidade dos corpos, combinados com o movimento das marés ou a arquitetura dos espaços urbanos, no caso do skate, gera imagens esteticamente agradáveis ao potencial “público consumidor”, se tomarmos a visão instrumental da comunicação.

Outros meios de comunicação investiram na especialização de seu conteúdo como forma de ampliar os conhecimentos e reforçar elementos identitários de ambas as práticas aqui estudadas. No caso dos jornais, o espaço ocupado nas editorias de polícia foi, aos poucos, sendo transportado para a de esportes, em uma estratégia de “atrair público” para as competições que já estavam rotineiras em solo nacional, para além das fronteiras cariocas, e, sobretudo, como uma forma de retratar o cotidiano das práticas sem os cotidianos estereótipos.

Já no que diz respeito ao mercado editorial de revistas, inúmeras foram as que figuravam na imprensa nacional, principalmente no período considerado o auge das atividades sobre pranchas. O surgimento das chamadas “mídias de nicho”, se configuraram enquanto importante ferramenta de difusão das práticas sob pranchas, na medida em que estas atuaram “(...) categorizando, explicando, discutindo, rotulando grupos sociais, gostos e preferências, organizando dados disparatados, legitimando-os e apresentando-os como algo distintivo” (FORTES, 2011, p.33-34).

Um importante ponto a ser destacado é que o surgimento dessa setorização da cobertura voltada para nichos específicos permitiu a consolidação de uma nova categoria de imprensa. Nestes casos, o processo editorial da revista consolidava o que se convencionou,

mais tarde, chamar “producer”, uma vez que, em seu fazer jornalístico estavam produtores que também desempenhavam o papel social de surfistas e/ou skatistas. Observando a demanda por produção de material divulgativo e informativo, estas revistas surgem como “voz” desta parcela da população, já que “(...) o jornalista é alguém que entende e gosta do assunto, assim como o leitor. Ambos fazem parte da subcultura (...) e compartilham seus valores.” (FORTES, 2011, p.34).

Mais do que meios de comunicação, estes veículos, aliado ao surgimento de um nicho de consumo específico, deram as bases para o desenvolvimento e consolidação de ambas as modalidades aqui estudadas, principalmente no momento em que ambas tiveram seu auge, na década de 1980. Apesar do enfraquecimento das “mídias de nicho”, principalmente as de meio impresso, a presença destes esportes principalmente nas grades de programação televisivas é cada vez mais presente.

Atualmente, campeonatos são patrocinados por empresas fora do “nicho” que viram na midiáticação dos eventos esportivos de skate e surfe uma possibilidade de serem visíveis ao público. Além disso, diversos outros produtos midiáticos específicos foram incorporando a temática das práticas sobre pranchas: são inúmeros os programas, documentários, séries fotográficas e diversos outros produtos que contêm como elemento central as pranchas. Este espaço midiático, sobretudo, foi o que deu as bases para a transformação do surfe e do skate em modalidades olímpicas, tal como discutiremos nos tópicos seguintes.

2.3. O esporte olímpico

2.3.1. Os Jogos Olímpicos da Antiguidade

Quando tratamos da categoria de esportes olímpicos, estamos mergulhando em um universo complexo de valores, sentidos e construções sociais. Para melhor aprofundar essa discussão e permitir questionamentos a respeito da inserção das práticas sobre pranchas aqui estudadas no rol de modalidades olímpicas, precisaremos remontar outras territorialidades e temporalidades. As raízes dos Jogos Olímpicos estão na Antiguidade Clássica grega em uma temporalidade que, por mais discussões que se empreendam, ainda continuam bastante imprecisas (COLLI, 2004) (SESI, 2012).

De forma a não cometer anacronismo, não podemos estabelecer uma relação direta de semelhança entre o que concebemos hoje como Jogos Olímpicos e as disputas empreendidas na Grécia Antiga. Apesar da conservação de alguns valores, princípios, símbolos e rituais, as

construções discursivas dos conceitos de Jogos Olímpicos se modificaram com a sua reconfiguração, em 1892.

É preciso dizer que os Jogos Olímpicos da Antiguidade são produtos de seu tempo. Muitas são as narrativas simbólicas-mitológicas que procuram dar sentido à ocorrência deste evento que, primeiramente, era uma exclusividade grega. O homem, enquanto ser simbólico e cultural, encontrou nas narrativas mitológicas a base para a explicação dos mais variados eventos do cotidiano, desde o regime de chuvas a conflitos desenrolados no meio social.

Muito antes do cientificismo nos ajudar a explicar o mundo, eram os mitos que cumpriam essa função. Enquanto produto simbólico de uma sociedade, eles contribuíram para a sedimentação de princípios e valores que nortearam durante muitos séculos as sociedades. Figurando ainda como produto social possibilitado pela articulação da linguagem, o mito se afirma como um sistema de comunicação, não importando a sua constituição, mas os sentidos que constituem o seu plano de fundo, o interdiscurso (MAINGUENEAU, 1997).

Já para Ernst Cassirer (2013), a importância do mito está amparada na capacidade de articulação da linguagem transformada em discurso narrativo, já que ela procura denotar os sentidos do mundo, mas têm suas bases no lado poético. Produzida em um determinado contexto por indivíduos em situação privilegiada de emissão de discursos, o mito, para Claude Lévi-Strauss (1989) deve ser entendido em sua totalidade, a fim de evitar anacronismos e invalidar as explicações ali oferecidas. Para o autor, é preciso estabelecer o exercício de

(...) o apreender como uma totalidade e descobrir que o significado básico do mito não está ligado à sequência de acontecimentos, mas antes, se assim se pode dizer, a grupos de acontecimentos, ainda que tais (...) ocorram em momentos diferentes da História. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.42)

Desta forma, isto explicaria a constituição de narrativas mitológicas que deram origem aos Jogos Olímpicos, já que, enquanto produto social humano, esta prática necessitaria de uma “marca designativa” (CASSIRER, 2013, p. 57) para que permanecesse na mentalidade coletiva e pudesse se perpetuar durante séculos. Para Barthes, o que designa o mito é justamente essa capacidade deste constituir um “(...) valor próprio, faz parte de uma história (...) no sentido, já está constituída uma significação (...) O sentido já está completo, postula um saber, um passado, uma memória, uma ordem comparativa de fatos, de ideias, de decisões.” (BARTHES, 2001, p.139).

Assim como as narrativas de explicação dos eventos do cotidiano, as explicações para a origem das Olimpíadas são múltiplas: como resultado do destronamento de Urano por

Cronos, ou como resultado de uma disputa de coroa pelo pretendente da filha, no caso que envolveu o rei de Pisa e soberano de Olímpia. Porém, talvez a mais convincente delas seja a narrativa que tem como protagonista Hércules, de autoria do poeta Píndaro. Nesta, que ficou conhecida como “Os doze trabalhos de Hércules” narra-se que ao realizar o de número cinco, Hércules teria limpado o estábulo do rei Áugias, que, em troca, lhe daria a décima parte do gado de sua posse pela realização do trabalho. Após cumpri-lo e, com a negativa do cumprimento da promessa, Hércules teria matado o rei, seguido para Olímpia e criado os Jogos como forma de auto-homenagem e em ode à Zeus (COLI, 2004) (SESI, 2012).

Sabe-se que, para comprovação histórica de um fato são necessárias evidências documentais, arqueológicas ou quaisquer vestígios deixados como prova de ocorrência. Para reconstituir o cenário do primeiro Jogo Olímpico da Antiguidade, precisamos remontar o século VII a.C. Conta-se que, neste período, os territórios de Pisa, Elis e Esparta, cidades-estado gregas, estabeleciam constantes embates entre si. É somente em 884 a.C. que há o estabelecimento de um território neutro no vale de Olímpia, como marcação de trégua entre as três administrações. Olímpia, neste caso, fora escolhida com a justificativa de ser um lugar sagrado. A versão mitológica coloca Ífito, o rei de Elis, como o responsável por consultar o Oráculo de Delfos em busca de respostas para os conflitos travados à época. Ao consultar os deuses, o governante ficara sabendo da intenção das divindades em restabelecer os Jogos instituídos por Hércules (COLLI, 2004).

O que vemos é uma variedade de interpretações a respeito da origem das Olimpíadas da Antiguidade, cujas interpretações, assim como as narrativas construídas, são múltiplas. A primeira versão oficial dos Jogos Olímpicos, segundo fontes, fora realizada apenas em 776 a.C. como uma proposta de competição “saudável” entre as cidades-estados gregas em um intervalo de quatro anos, no período após as colheitas. Além de envolver competições de algumas poucas modalidades em estruturas construídas para estes fins, também faziam parte do evento celebrações “(...) rituais, sacrifícios e banquetes.” (SESI, 2012, p.23). Mas se engana quem pensa que este evento nasce desordenado. Além de instituir critérios para participação, cujo principal destes era ser homem, cidadão livre, nem escravo nem estrangeiro, a instituição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade ainda previa punições que podiam ser econômicas, políticas, esportivas ou corporais (COLI, 2004).

Após este, uma infinidade de celebrações análogas aos Jogos Olímpicos ocorreram tanto na Grécia, tais como os Jogos Pan-Helênicos, os Píticos ou os Ístimos, que celebravam a influência de deuses variados no cotidiano de diferentes porções do território grego no mundo antigo, quanto em períodos da Idade Média. O que se sabe, com toda certeza, é que a

extinção do evento se deu gradativamente após a dominação romana de territórios gregos ainda em 146 a.C. Transformada primeiramente em um mero evento de satisfação pessoal para marcação de hierarquias sociais, é em 393 d.C. que o imperador Teodósio I, após converter-se ao cristianismo, aboliu as práticas pagãs, entre elas os Jogos Olímpicos, após doze séculos de celebrações.

2.3.2. Os Jogos Olímpicos Modernos

Após um longo hiato temporal, é somente em 1896 que os Jogos Olímpicos voltam a ser realizados, tendo como sede a cidade grega de Atenas, em forte referência rememorativa às celebrações da Antiguidade. Apesar de conservar importantes elementos simbólicos e rituais das práticas de outrora, o evento, tal como o concebemos hoje, representa um forte indício do que Eric Hobsbawm (2020) convencionou chamar “Invenção de tradição”, tal como trataremos de discutir mais adiante.

O fato é que esta reconfiguração é fruto da intencionalidade de uma importante figura: Pierre de Freudi, ou Barão de Coubertin, uma importante personalidade francesa que ficou conhecido como o pai das Olimpíadas da Era Moderna. Este título deve-se à iniciativa do mesmo que, como uma forma de competir com o modelo de inserção do esporte no currículo escolar inglês, propôs uma espécie de “educação esportiva” francesa (COLLI, 2004, p.11), tal como uma forma de preparar o terreno para a consolidação das Olimpíadas Modernas, ocorrida somente em 1896.

Como uma forma de regulamentar e institucionalizar a realização do evento, foram tomadas algumas iniciativas. A principal delas talvez tenha sido a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), ainda em 1894, que, dentre as inúmeras atribuições, ficaria responsável por “(...) coordenar, organizar e desenvolver os esportes e promover as competições (...) nas Olimpíadas (...) para fortalecer a unidade do Movimento Olímpico.” (COLLI, 2004, p.14).

Toda essa estrutura está amparada, essencialmente, no princípio que se convencionou chamar Olimpismo. Essencialmente filosófico, este conceito se baseia na relação pacífica estabelecida entre o corpo, a vontade através da prática esportiva, a educação e a cultura. É a partir da articulação destes elementos que o Olimpismo Moderno traz a tona a necessidade de constituir uma sociedade pacífica utilizando-se do esporte “(...) como um meio de desenvolvimento harmônico das pessoas e da dignidade humana.” (TUBINO, 2007, p.7).

Diversos foram os elementos semióticos usados para a consolidação dos Jogos Olímpicos como um evento de tamanha importância na mentalidade coletiva, fazendo com

que o mesmo permanecesse intacto no inconsciente coletivo, mesmo após transcorridos diversos séculos. Seja por meio de símbolos, tais como a bandeira olímpica, os anéis, o lema, o hino, ou as cerimônias de abertura e encerramento, dentre outros, seja pela espetacularização e midiaticização que, indubitavelmente, perpassam a realização do evento, é inegável que os Jogos Olímpicos foram, e continuam sendo, um forte elemento de identificação nacional. Esta talvez seja uma das premissas mais facilmente identificadas: a capacidade de promoção de um evento de disputa saudável, tal como em qualquer acontecimento esportivo, capaz de voltar as atenções para a celebração da paz e da união entre os povos⁶, ou, simplesmente, nacionalismo brando.

Se de um lado, vemos uma mudança no propósito de realização das Olimpíadas e seu caráter cada vez mais midiaticizado e mercantil, o que vemos é que os princípios que os norteiam e os símbolos e ritos instituídos continuam a fazer sentido no imaginário social. Pierre de Coubertin, ao reconstituir os Jogos Olímpicos, inventou uma nova tradição: trouxe novos valores, novos princípios e outras formas de sedimentar o evento no imaginário social, mas o fez através do resgate da força das narrativas simbólicas-mitológicas do passado. Caracterizada pela invariabilidade, pela imposição de práticas fixas e pela repetição, a tradição inventada se configura como um importante processo de articulação discursiva que busca a manutenção de uma ordem social estabelecida, se referindo a um passado que tanto pode ser real ou construído conforme interesses partilhados por classes. Este termo pode ser definido, segundo Eric Hobsbawm (2020), como um

(...) conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 2020, p.8).

Assim se constituíram as Olimpíadas Modernas, repletas de significados que ora remetiam à sua raiz primitiva grega, ora esta era mesclada a elementos da realidade cercada de novas concepções, princípios e diretrizes, que transformou o evento em um produto, de

⁶ Apesar de ser um princípio conservado das ainda primitivas celebrações dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, “paz entre os povos” é uma premissa que, no caso das Olimpíadas Modernas, é passível de questionamento. Se por um lado, temos a premissa do estabelecimento de disputas saudáveis travadas entre representantes de diferentes povos, de outro, não podemos tomar os Jogos Olímpicos como um evento destacado da realidade em que ele tem lugar, sempre posto em uma territorialidade e temporalidade específicas e, mais do que isso, influenciado diretamente pelos desdobramentos dos eventos desenrolados no cotidiano da época. Desde 1896, data da primeira Olimpíada Moderna, foram canceladas três edições em decorrência das duas Grandes Guerras Mundiais: em 1916, que ocorreria em Berlim, na Alemanha, e em 1940 e 1944, com sede em Tóquio e Londres, respectivamente. Curiosamente, tal como discutido em tópico próprio, a edição de 2020, que teria como sede igualmente a capital japonesa, teve de ser ineditamente adiada pela pandemia global de coronavírus.

certa forma multicultural, globalizado e passível de ser comercializado. Uma série de regularidades foi instituída pelo COI, em uma tentativa de institucionalizar o evento. Marcada pela regularidade de sua ocorrência, em um intervalo de quatro anos, as Olimpíadas se tornaram um importante produto cultural, social e econômico das sociedades contemporâneas. Muitos são os elementos que demarcam a institucionalização das Olimpíadas: a criação do COI, a eleição da cidade-sede, o estabelecimento de um Comitê Nacional de organização, a definição dos esportes a serem disputados e as cerimônias de abertura, de celebração de vitórias e de encerramento além do juramento dos atletas são alguns dos exemplos clássicos.

2.3.3. A ritualidade

Quando falamos de Jogos Olímpicos, talvez a lembrança mais frequente seja a rememoração dos símbolos envoltos na celebração do evento. Sejam os anéis, a bandeira ou as cerimônias de abertura, premiação e encerramento. Utilizados como referências para matérias televisivas ou frequentemente rememorados quando se perguntado a respeito dos Jogos Olímpicos, estes símbolos têm suas significações envoltas em rituais que ajudam a construir e consolidar um imaginário próprio, um universo de sentidos singular desta celebração, tal como pretendeu Pierre de Freudi.

Muito mais do que os valores simbólicos-mitológicos resgatados dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, essa nova proposta de evento sugerida pelo Barão de Coubertin, trouxe à tona a importância da articulação discursiva como ferramenta de molde de uma realidade simbólica inventada. Ainda para Eric Hobsbawm, as transformações nas realidades vivenciadas ocorridas em meados do século XIX foram terrenos férteis para que se consolidassem eventos desta natureza. Para o autor, neste processo de tradição inventada

(...) sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. Às vezes, as novas tradições podem ser (...) enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais. (HOBSBAWM, 2020, p.13)

É nesta proposta de discussão que iremos imergir agora. Falar de Jogos Olímpicos da Modernidade é trazer à tona os símbolos, rituais e princípios que os norteiam, ou, tal como convencionou o COI, as propriedades olímpicas. Tal qual em uma narrativa semiótica, a instituição de símbolos representativos do evento trouxe consigo características importantes. Para Joseph Campbell (2007, p.230) “Os símbolos são meros *veículos* de comunicação (...) permanecem como meros meios convenientes, adaptados à necessidades de compreensão.”

Todos estes, é claro, estão intimamente relacionados ao princípio central que rege a lógica do evento: o Olimpismo. Para Manoel Tubino (2007, p.7), este se constitui como a base filosófica do movimento olímpico, cujo objetivo principal é a “(...) formação de uma sociedade pacífica e terá sempre o esporte como um meio de desenvolvimento harmônico das pessoas e da dignidade humana”.

Com o intuito de “(...) melhorar e complementar sua obra” (COLLI, 2004, p.49), por meio do Comitê Olímpico Internacional, o Barão de Coubertin institui o primeiro, e talvez o mais icônico, dos símbolos olímpicos: a Bandeira Olímpica, em 1920, na edição sediada na Antuérpia, Bélgica. Sob um plano de fundo branco, figuram cinco anéis coloridos que, muito mais do que simplesmente encostarem, se entrelaçam. Estes são representados em cinco cores distintas: na parte superior: azul, preta e vermelha e, figurando na parte inferior: amarelo e verde. Apesar de haver teorias de que há uma correspondência entre as cores e os continentes⁷, a representação com utilização de cores está amparada no fato de que esta combinação de cores, somada ao branco que compõe o fundo da bandeira, de alguma forma está contida na bandeira de todas as nações que enviam seus representantes para o evento.

Ainda para celebrar o momento de “paz entre os povos” e marcar a relação entre as Olimpíadas Modernas e as edições da Antiguidade, conserva-se a presença do Fogo ou Chama Olímpica. Nas edições celebradas em Olímpia tinha-se o fogo permanentemente aceso no Templo de Era e eram sinônimos de “(...) razão, esclarecimento, (...) liberdade e (...) criatividade humana.” (COLLI, 2004, p.59). Celebrado como um dos elementos básicos para manutenção da sobrevivência humana e tida como elemento sobrenatural, na Antiguidade a chama olímpica era usada como símbolo físico para cumprimento de rituais e depósitos de oferendas. Na contemporaneidade, o fogo olímpico continua ocupando lugar de destaque, com cerimônia própria para fazê-lo brilhar ou apagá-lo e um lugar central e altivo no estádio principal de disputa do evento, sendo carregado, assim como na Antiguidade, por personalidades relevantes da área de disputa esportiva e passando por um revezamento que representava “(...) o conagraçamento dos povos de todos os continentes do planeta” (TUBINO, 2007, p.45).

A principal prova da mudança do viés da celebração do evento aqui analisado está no propósito contido na crença e no lema olímpicos. Reforçando o caráter de disputa pareada e igualitária entre as partes envolvidas, a crença olímpica de certa forma entra em condição de

⁷ Eduardo Colli (2004), nos apresenta uma segunda versão para as explicações a respeito do significado do símbolo olímpico. Para o autor, há uma associação entre as cores utilizadas e os continentes representados: a cor azul para Europa, preto para África, vermelho para América, Ásia em amarelo e Oceania representada pela cor verde.

oposição ao lema. Se por um lado, demanda-se que o elemento principal dos Jogos Olímpicos não é a vitória, mas a participação, por outro, sob o lema “*Citius, Altius et Fortius*”⁸, demanda-se que o atleta seja “mais rápido, mais alto e mais forte”, como uma forma de representar a “(...) a ânsia do ser humano pela superação de limites através da prática desportiva.” (COLLI, 2004, p.50). Este princípio também está contido no juramento, feito por atletas e juízes, a fim de garantir a equidade da disputa através do cumprimento de regras em nome da “(...) honra de nossos países e da glória do esporte”, no caso dos atletas e do cumprimento dos princípios que “(...) regem o verdadeiro espírito olímpico”, no caso dos juízes (COLLI, 2004, p. 51).

Porém, muito mais do que todos os símbolos que orientam o universo dos Jogos Olímpicos, a representação da ritualidade seja melhor percebida através das cerimônias: de abertura, premiação e encerramento. A primeira vez que se celebrou a abertura do evento foi em 1908, na primeira edição londrina dos Jogos. Além de representar a “apresentação” dos atletas à edição do evento, esta cerimônia também tem uma ritualidade peculiar, a apresentação destes em ordens pré-determinadas: primeiro, a delegação da Grécia, rememorando a origem antiga do evento, sendo seguida pela apresentação dos Estados participantes em ordem alfabética e com a bandeira de cada um deles carregada por um destacado atleta nacional, sendo a única exceção à regra o país sede do evento, que desfila encerrando a cerimônia.

Apesar de parecer uma simples celebração, este ritual olímpico consiste em um “(...) verdadeiro show em celebração à união de todos os povos do planeta, oportunidade ímpar do país-sede apresentar sua história e promover sua cultura e seu folclore.” (COLLI, 2004, p.53). Midiatizado, este ritual passou a ser um recorte, sendo produzido tal qual um espetáculo que atraia a atenção de uma coletividade multicultural. O que vale dizer é que, diferente da Antiguidade, cujo objetivo era celebrativo e ritualístico, o intuito de fazê-lo na atualidade se aproxima com o caráter midiático que envolve os Jogos Olímpicos: esta cerimônia é “recortada” para fazer caber na programação e deve ser suficientemente atrativa para uma coletividade multicultural, contando com os ingressos mais caros e um espaço privilegiado na grade das emissoras oficiais. (COLLI, 2004) (BOURDIEU, 2001).

Já a cerimônia de encerramento, celebrada pela primeira vez em 1952, tem como propósito único a celebração da união entre os povos. Com um cerimonial menos ritualístico, mas igualmente importante, além de um momento de confraternização entre os atletas,

⁸ Mais informações a respeito do tema podem ser encontradas no endereço: <https://www.olympic.org/news/in-1913-pierre-de-coubertin-designed-one-of-the-world-s-most-famous-symbols> acessado em 24/11/2020

também conta com diversos outros simbolismos que envolvem o arredamento da bandeira, o apagamento da pira olímpica e a cerimônia de entrega da bandeira ao representante da próxima sede do evento.

No que tange à cerimônia de premiação, o que vemos é uma rememoração das práticas da Antiguidade. Na Antiguidade, a instituição desta prática estava ligado a um ato simbólico de celebração da conquista por parte de um atleta. A cerimônia envolvia a entrega de uma coroa de louros de ramos de oliveira, árvore considerada sagrada pelos gregos. Este elemento se constituía no mais alto reconhecimento que um atleta poderia ter e, como forma de celebrar e perpetuar a conquista eram oferecidos um banquete no salão de festas de Olímpia e esculpida uma estátua do atleta em tamanho natural para que ele ganhasse vários presentes.

Nas Olimpíadas modernas, a coroa de louros foi transformada em medalhas, oferecidas como prêmio simbólico aos três primeiros atletas. Com o passar do tempo, o modo de celebrar as vitórias foi se transformando: medalhas, diplomas e a própria coroa de louros de oliveira foram, por muito tempo, usados como elementos para simbolizar as vitórias. A comemoração, tal como concebemos hoje, ocorreu pela primeira vez em 1932, em Los Angeles. Nesta edição, os três primeiros colocados em cada modalidade foram postos em gradações de degraus no pódio e foram usadas as medalhas de ouro, prata e bronze como elemento celebrativo da vitória. Além disso, a cerimônia envolveu a execução dos hinos nacionais e o hasteamento das bandeiras das nações representadas pelos atletas (COLLI, 2004).

Para além de todos os símbolos utilizados para representar o ideal olímpico, o que talvez melhor representa a ritualidade contida no imaginário de realização do evento seja o que Joseph Campbell teorizou enquanto “Jornada do Herói”. A narrativa desenvolvida pelo autor tem muitos pontos de inflexão com àquela correspondente à da História da Olimpíada e que, ainda hoje, se faz bastante presente na edição moderna reconstruída por Pierre de Coubertin. Tal como nas narrativas mitológicas em que protagonizam heróis, as narrativas olímpicas são, de certa forma, marcadas pelo mesmo aspecto ritual: “(...)um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida” (CAMPBELL, 2007, p.40).

Em todo caso, é construída a ideia de que o atleta olímpico tem, em sua essência, um elemento que o diferencia dos demais, fazendo com que haja a legitimação, pelo reconhecimento em outras competições (chamadas classificatórias ou pré-olímpicas), conferindo-lhe o direito de representar uma coletividade que é maior a ele, sendo ele,

portanto, um símbolo representativo da identidade nacional frente a um campeonato em que a maior disputa está centrada em um quadro de medalhas que, mais do que representar “o atleta”, celebra “a nação”.

Quem, então, é o atleta olímpico? Em um universo de sentidos a que se propõe ser os Jogos Olímpicos, qual o espaço ocupado por esse sujeito sobre o qual são projetadas expectativas múltiplas e cuja glória, ao menos se inédita ou icônica, pode ser fadada a cair no esquecimento da maioria dos indivíduos? Para Campbell (2007, p. 256), o sujeito que representa um país “(...) é aquele que, embora ainda se encontre vivo, conhece e representa os apelos da supraconsciência.” ou, ainda, tal qual em uma generalização simplista, “o poderoso herói, dotado de poderes extraordinários (...) é cada um de nós: não o eu físico, que podemos ver no espelho, mas o rei que se encontra em nosso íntimo (CAMPBELL, 2007, p..352). Sobre ele são construídos estereótipos e projetados arquétipos: ele é o ser que “desbrava” outras territorialidades distantes e que, dotado de preparação e espírito diferenciado dos “seres mortais” (transformados em espectadores dos Jogos Olímpicos) travam disputas em busca do reconhecimento que perpassa o âmbito individual.

Todas essas narrativas, mitológicas e entrelaçadas, parecem ter dado o elemento essencial para a perpetuação dos Jogos Olímpicos no cotidiano hodierno. Ou, ainda mais do que isso, permitiram com o evento se transformasse em espetáculo, tal como nos propunha Guy Debord, e fosse convertido em mercadoria de consumo. Mesmo frente a inúmeras transformações desenroladas no meio social durante séculos, os Jogos Olímpicos permaneceram necessitando de adaptações, mas ainda hoje, carrega consigo uma carga simbólica ímpar: o evento, que ocorre em um intervalo de quatro anos, continua sendo consagrado como um “espetáculo esportivo” (BOURDIEU, 2001), assim como também o é a Copa do Mundo.

2.3.4. Os megaeventos: quando o esporte se midiaticiza e ganha novas dimensões

Quando pretendemos discutir um evento como os Jogos Olímpicos, com tamanha magnitude, importância e simbolismo, devemos olhá-lo com mais atenção para não cometer equívocos ou, tampouco, sugerir associações indevidas. O que aqui objetivamos discutir é, sobretudo, como este evento, de tamanha relevância na contemporaneidade, foi capaz de se adaptar às novas circunstâncias exigidas pelos momentos históricos singulares e, sobretudo, ganhar novos arranjos que permitissem a manutenção de sua importância nos contextos em que as edições foram possíveis de serem realizadas.

Neste sentido, vemos que os Jogos Olímpicos, sejam aqueles desenrolados na Antiguidade Grega, os concebidos pelo Barão de Coubertin ainda em 1896 ou sua versão mais contemporânea, são frutos de seu tempo. Carregam consigo uma carga histórico-social e cultural que, antes de mais nada, representam a mentalidade partilhada de uma dada época em uma dada territorialidade em que estes “eventos” têm lugar. A simples tentativa de fazer aproximações entre estas “versões” do mesmo evento acarretaria em relevantes, e graves, anacronismos.

Neste meio tempo de existência de sua edição moderna, o mundo assistiu a um processo de desenvolvimento de tecnologias da informação e comunicação que, muito mais do que possibilitar a queda de fronteiras, inaugurou um novo modo de se relacionar, consigo, com os outros e com as situações do mundo vivido. E é claro que todas essas transformações não deixariam de impactar o universo esportivo. A chegada, e a consequente popularização, dos meios de comunicação ditos tradicionais, somado ao processo de globalização, representou uma nova forma de experienciar os acontecimentos, que agora não mais estavam restritos à territorialidade, e, de certa maneira temporalidade, em que os indivíduos se encontravam.

Para além de instrumentos alienadores, estes meios de comunicação ditos tradicionais assumiram papel de destaque na vida social das coletividades humanas, na medida em que permitiram aos indivíduos uma espécie de “testemunho mediado” dos acontecimentos que, direta ou indiretamente, eram de relevância para determinadas coletividades. Esta experiência teve suas dimensões potencializadas com a chegada da televisão. Frente a todas as transformações que os meios de comunicação trouxeram, a chegada da televisão inaugurou uma nova forma de percepção: a partir dela, mais do que obter a informação a respeito de um dado acontecimento, seja por meio da voz ou da leitura, podia-se “ver” o fato, como se o sujeito que o narrasse fosse a testemunha ocular de sua ocorrência. Esta nova forma de se comunicar inaugurou uma força discursiva ímpar que fez da televisão, durante muito tempo, a principal fonte informativa e, conseqüentemente, um meio de comunicação passível de credibilidade.

Desta forma, tal como avalia Pierre Bourdieu (2001, p.15) “(...) a televisão, que pretende ser um instrumento de registro, torna-se instrumento de criação de realidade”. Não esquecendo de sua estrutura organizacional, cujos princípios são norteados por interesses de grupos específicos, devemos nos atentar aos “óculos” segundo os quais os jornalistas “vêm” uma dada realidade. A partir deles e norteados pelas articulações discursivas e pelas

mediações, é criada uma realidade que, em tese, tem elementos reais, mas que é modulada para ser percebida de uma maneira e não de outra qualquer.

Passamos, então, a compreender o papel desempenhado pelos meios de comunicação, utilizados como ferramentas potencializadoras dos acontecimentos desenrolados na vida vivida. Entendidos não mais como “ferramenta de”, relacionada a aspectos alienantes, os meios de comunicação passaram a ser concebidos como “elementos pertencentes” à vida social, como elemento estruturante da mesma.

Apesar de não podermos desqualificar totalmente as teorias desenvolvidas anteriormente, consideradas bases estruturantes do campo, o processo comunicativo da contemporaneidade traz como elemento fundamental a presença de sujeitos ativos no processo comunicativo, não mais presos aos conceitos engessados de “produtor” ou “consumidor” de informação. Neste processo, o sujeito é tomado como “(...) um ente em situação” (OROZCO GÓMEZ, 2005, p.28), que, enquanto participantes de uma dada situação comunicativa, desenvolvem um processo cognitivo sequencial: primeiro, é dada devida atenção àquilo que se “consome”. Após isso, o sujeito compreende, seleciona e valora o que foi percebido. Através destes processos, é ele quem armazena e integra o conteúdo, contrastando-o com outros elementos advindos das múltiplas mediações que o indivíduo está sujeito para que, simultânea ou posteriormente, ocorra a apropriação e a produção do sentido (OROZCO GÓMEZ, 2005).

Nesta perspectiva, mídia e sociedade estabelecem entre si uma relação de interdependência, mas não é somente esta relação que fundamenta a midiaticização, já que ela também sofre influências “(...) de uma variedade de outras instituições nas quais os agentes sociais tentam fazer uso dos recursos da mídia para seus próprios propósitos” (HJARVARD, 2014, p.41). É através desta nova configuração que são estabelecidos novos vínculos comunicacionais, que se ligam muito mais ao âmbito do social do que ao âmbito técnico (BRAGA, 2006).

Entendida como não linear e resultado de uma sequência de fenômenos midiáticos institucionalizados, a midiaticização traz importantes características que a fazem um evento ímpar do contexto social contemporâneo. Mas, talvez, a que mais nos interesse aqui é a capacidade de entender que a mídia, no cenário contemporâneo, muda de posição e passa a, muito mais do que somente refletir uma realidade, construí-la a partir de mecanismos que permitam “recortar” os acontecimentos tal como se deseja que estas realidades sejam retratadas (FAUSTO NETO; MATTOS; VILLAÇA, 2011).

Assim como o é em todos os outros campos da vida social, o universo esportivo não ficou de fora desse processo de construção da realidade permeada pela utilização das novas tecnologias da informação e comunicação. Muito mais do que um universo simbólico singular de disputa, as competições esportivas, e, conseqüentemente, e os personagens envolvidos nela, se mercantilizaram.

Claramente, os meios de comunicação exerceram uma importante influência no processo de consolidação dos Jogos Olímpicos nos moldes modernos. A possibilidade de transpor fronteiras geográficas através de transmissões que chegavam aos quatro cantos do mundo sem dúvida permitiram com que o evento se perpetuasse no imaginário social contemporâneo. Mas é a partir do processo de espetacularização do evento, e da necessidade de transformá-lo em produto midiático que temos a mais significativa transformação daquele que, outrora, carregava um significado simbólico.

Devemos entender a midiaticização dos Jogos Olímpicos como um “(...) conjunto das relações objetivas entre os agentes e as instituições comprometidos na concorrência pela produção e comercialização das imagens e dos discursos (...)” (BOURDIEU, 2001, p.125). Feito para ser comercializado, os Jogos Olímpicos modernos são resultado de uma série de articulações que envolvem empresas, instituições e uma infinidade de sujeitos que atuam de forma a realizá-lo da melhor forma possível, sempre envolvendo um montante considerável de dinheiro usado para custear a sua realização. Da mesma forma, cerimônias e a própria programação de disputas são pensadas estrategicamente para “caber na programação” e ser suficientemente atrativa a uma coletividade cujas dimensões não podem ser previstas. Além disso, a opção por transmitir determinada modalidade em detrimento de outra também perpassa pelo aspecto cultural de cada sociedade, que pode ter uma maior “familiaridade” com um determinado tipo de competição, o que se converterá em audiência, e conseqüentemente retorno financeiro, para a emissora responsável pela transmissão do evento em cada país.

Mais do que atuar para a realização de um evento promotor de um cenário de paz e harmonia entre os povos, os Comitês Organizadores se converteram em verdadeiras empresas, fazendo uma “leitura econômica do esporte” e provocando uma certa crise do Olimpismo (PRONI, 2008): com um orçamento considerável de milhões de dólares anuais, são eles os responsáveis por controlar o direito de transmissão e retransmissão, patrocínio, organização de uma marca própria licenciada e uma equipe destinada produção de imagens e comentários. Soma-se a isso uma série de decisões que envolvem, acima de tudo, a realização

de uma experiência vendável a um público amplo, diverso e, acima de tudo, disposto a desfrutar de uma “experiência olímpica” (BOURDIEU, 2001).

A “presença” distante de milhares de pessoas em um evento de abrangência global teve dois marcos que aqui valem ser destacados. Na edição de 1960, sediada em Roma (Itália), a transmissão televisionada aconteceu pela primeira vez na história e, para os países da Europa a sensação de vivenciar os Jogos Olímpicos foi uma realidade, sendo também retransmitida para os Estados Unidos através do envio de fitas da Itália pela rede ABC. (SESI, 2012). Já a primeira transmissão ao vivo via satélite para o mundo todo contou com um alto investimento. Assim como já dissemos, os Jogos Olímpicos nunca tiveram uma história à parte, desvinculada de um contexto socioeconômico. Com um orçamento que beirou os três bilhões de dólares, o governo japonês decidiu marcar a primeira edição asiática, realizada em 1964, celebrando o momento de prosperidade econômica do continente, em uma tentativa de demonstração de superação dos trágicos eventos históricos das bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki (SESI, 2012) (COLLI, 2004).

Já dentre os inúmeros elementos comerciais que envolvem os Jogos Olímpicos modernos, cabe aqui ressaltar os impactos concretos na vida social dos indivíduos. A escolha da cidade-sede, feita sete anos antes do evento, também envolve processos que vão além do “status” de sediar uma Olimpíada. É preciso que cada proponente envie ao COI o chamado “plano de intenções”, que serve como documento primário que demonstra as possíveis adaptações e transformações da cidade e, sobretudo, um plano de custeio do evento.

A partir disso é que as cidades se consolidam enquanto proponentes à cidade-sede. Muito mais do que uma gestão financeira, a chegada de um evento de tamanha magnitude demanda adaptações espaciais: são construídas e/ou adaptadas estruturas de competições, alojamentos e, sobretudo, no que se refere ao sistema de transportes da cidade, que servirá de elemento condutor do público local e internacional. Isto envolve uma logística que, muito mais do que “ganhar dinheiro” ao movimentar a economia, deixa seus frutos para os momentos pós-edição. É preciso todo um plano estratégico de gestão que permita dizer “o que acontece com as “casas” das disputas após os Jogos?” ou ainda “O que o fato de sediar uma edição dos Jogos Olímpicos representa, em um cenário pós edição?”. O que se vê, neste caso, é que, para além do espetáculo apresentado ao público em um intervalo de quatro anos,

Todas estas questões, para além do “espírito olímpico”, demonstram as dimensões assumidas para que os Jogos Olímpicos sejam considerados megaeventos. Mas, afinal de contas, o que estes vêm a ser? E qual o papel desempenhado pelas mídias, e as instituições a ela relacionadas, neste processo de projeção midiática? Se a linguística nos ajuda a

potencializar os sentidos a partir do acréscimo do sufixo “mega”, esta não é à toa. Para a realização de um evento de dimensões amplificadas, como são os megaeventos, é preciso dois aspectos fundamentais: vontade de realizar e organização. Isto porque a característica central desta categoria de eventos esportivos está fundada na capacidade de mobilização de estruturas sociais, sejam elas nas mais variadas áreas da vida social, política, econômica ou cultural (BENDRATH; BASEI, 2017).

E estas características se tornam fundamentais se voltarmos o olhar para o caso dos Jogos Olímpicos. Muito além do que a regularidade de ocorrência, a cada quadriênio, e do simbolismo envolvido no universo simbólico deste evento, o que vemos é uma verdadeira “força-tarefa”. Este processo, que envolve uma série de indivíduos, instituições e poderes públicos e privados, se inicia muito tempo antes da cerimônia de abertura, com o processo de candidatura à cidade-sede, e não se esgota ao final da cerimônia de encerramento, já que, muito antes de apresentar ao público a próxima sede, este processo já se reiniciou. Além disso, tal como nos apresentam Eduard Bendrath e Andréia Basei (2017), sustentados nas reflexões de Essex e Chalkley (1998), as Olimpíadas carregam ainda importantes traços que fazem deste um megaevento: 1) é considerado um evento de confluência cultural, já que seus competidores advém das mais longínquas localidades do planeta 2) é de caráter transitório, com tempo determinado, e curto 3) Pode ter suas consequências, benéficas ou maléficas, à longo prazo e; 4) Se apresenta enquanto um evento de grande exposição.

Este último aspecto, sobretudo, deve-se à presença, e popularização, dos meios de comunicação. De um lado, a cobertura midiática do evento auxiliava no processo de manutenção da importância do evento, servia de elemento retentor da audiência e, conseqüentemente, se convertia em retorno financeiro aos veículos responsáveis pela retransmissão. De outro, é inegável considerar que os Jogos Olímpicos tiveram suas dimensões potencializadas no que tange à mercantilização do evento. Tudo isso se torna mais “visível” ao tomarmos como exemplos as cerimônias: para além de tentar resgatar a ritualidade do evento, é feita “para ser vista”, seja pensando no tempo de ocorrência ou se atentando aos mínimos detalhes para ser atrativo a um potencial público para além dos “muros” de onde estas têm lugar (AMARO; MOSTARO; HELAL, 2014).

É nesta perspectiva que talvez tenhamos que pensar em uma nova fase deste evento esportivo, em uma espécie de Jogos Olímpicos contemporâneos, marcados, principalmente, pela intrínseca relação entre o esporte, a mídia e a mercantilização dos produtos culturais. Pouco a pouco, os ideais do Pai dos Jogos Olímpicos vão sendo substituídos por elementos que atraíam a atenção de um público cada vez mais amplo, de territorialidades distintas,

interessados no poder do espetáculo esportivo e nas performances apresentadas pelos representantes de cada uma das nações, que buscam converterem-se em heróis nacionais cuja glória se estende a toda uma coletividade (AMARO; MOSTARO, HELAL, 2014).

Sabe-se que nada substitui a experiência de vivenciar este evento de tamanha magnitude *in loco*: comprar um ingresso, viajar até a cidade-sede e desfrutar de uma experiência de competição em seu local de ocorrência não é, sem dúvida alguma, comparável com aquela que se pode ter assistindo ao evento pelos meios de comunicação. Porém, esta mediação da experiência de “vivenciar” uma edição olímpica, trazendo uma “sensação de presença” (COAKLEY; HALLINAN; MCDONALD, 2011) traz à tona importantes reflexões a respeito do que significa “vivenciar” esta experiência através dos meios de comunicação, uma vez que, ao se propor retransmitir o evento aos países, as emissoras oficiais constroem a narrativa do evento segundo alguns critérios. Dessa forma, “ver” pelos meios de comunicação representa ver uma parte, um recorte, daquilo que ocorre em terras distantes, e essas “escolhas” discursivas e imagéticas impactam na experiência que este determinado público vai ter, principalmente se levarmos em conta de que, por trás do propósito fundamental, o de informar, versam também outras forças que operam ativamente para a construção social de uma dada realidade apresentada a um público potencial/previsto, determinando um “o que” e “como” se dará o noticiar deste evento.

Esporte e mídia se encontram entrelaçados, talvez mais do que nunca. Neste universo de narrativas construídas, discursos e recursos imagéticos caminham juntos. Assim, o que vale pensar, e sobretudo tecer questionamentos, é a respeito de “como” estas narrativas se fazem presentes no universo das transmissões e abordagens jornalísticas esportivas, principalmente se considerarmos que este “noticiamento” ou “cobertura” também perpassam pelos interesses mercadológicos e institucionais desta emissora que detém o direito de retransmissão. Principalmente em se tratando de um evento de tamanha magnitude, do curto período de realização e da variedade de modalidades disputadas, vale questionar a respeito de “quais” modalidades ocuparão espaço midiático maior e, sobretudo, “como” se construirá, narrativamente, as competições destas e das demais modalidades, principalmente se levarmos em conta o espaço ocupado pelo esporte na grade televisiva e no que tange ao jornalismo, constantemente associado ao entretenimento (COAKLEY; HALLINAN; MCDONALD, 2011).

O que vale dizer é que a narrativa midiática viu no esporte um terreno fértil de possibilidades de exploração. Aproveitando-se de um dos princípios fundamentais dos jogos, transpostos também para o universo esportivo, o *Agôn*, ou o cenário de disputa entre

oponentes, exploram-se os elementos componentes da narrativa. Atores são postos, maniqueisticamente, em situação de “heróis” ou “vilões”; as circunstâncias de disputa são exploradas pelo recurso narrativo do conflito, colocando em segundo plano as inúmeras outras possibilidades de consumo esportivo. Tudo isso potencializado por estratégias narrativas estrategicamente postas para despertar sensações em um potencial público espectador, a quem esta narrativa deve se dirigir, e cumprir com os interesses de uma série de sujeitos envolvidos na realização do evento, que veem na audiência uma possibilidade de retorno em forma de consumo (COAKLEY; HALLINAN; MCDONALD, 2011).

Muito mais do que simplesmente documentar historicamente um evento de tamanha importância como os Jogos Olímpicos, a mídia atua de forma a construir uma realidade que, de certa forma, seja duplamente satisfatória: 1) atenda aos interesses dos sujeitos, instituições, organizações e empresas envolvidas no “financiamento” desta cobertura e 2) esteja inserido no universo simbólico de expectativa dos potenciais públicos das modalidades olímpicas, já que o interesse pelo evento em si ou por determinadas modalidades em detrimento de outras, depende de: a) da “familiaridade” do público com aquela competição específica ; b) da “representatividade” ou “notoriedade” dos competidores representantes no cenário competitivo internacional; c) da regionalidade em que este público em potencial se encontra.

2.4. Tornando-se olímpicos: entre os desafios e o reconhecimento

Assim como a decisão da cidade-sede dos Jogos Olímpicos, a escolha da inclusão de esportes no rol de modalidades olímpicas é fruto de um processo decisório do Comitê Olímpico Internacional, o COI. É com base em uma série de critérios, tais como a organização do esporte em federações esportivas internacionais, o cumprimento do código antidoping e dos princípios da carta olímpica, a popularidade da prática dentre os indivíduos e o despertar do interesse por novas gerações que membros executivos do Comitê decidem, ou não, pela inclusão de determinada modalidade esportiva no rol de disputa de uma edição de Jogos Olímpicos. Além disso, é preciso ressaltar que esta lista é perene, sendo periodicamente atualizada pelos membros do COI a fim de garantir que o evento seja atrativo a uma coletividade ampla, de territorialidades, e faixas etárias, distintas.

Para muitos destes esportes, estarem relacionados entre as modalidades olímpicas é um tanto significativo. Além de representar o reconhecimento do processo de “esportivização” das práticas corporais, tal como propunha Pierre Bourdieu, ganhar o “status” de modalidade olímpica traz ainda importantes consequências para os membros envolvidos em sua realização e, sobretudo, seus praticantes. Para estes últimos, o reconhecimento vai

além do que simplesmente “vestir a camisa” de uma nação: representa estar relacionado entre os melhores competidores de sua modalidade e ter a oportunidade de representar seu país de origem, ou aquele com o qual se identifica, tendo as possíveis glórias alcançadas divididas com uma coletividade estão dentre os privilégios daqueles que conquistaram o direito de serem os representantes do país em uma competição de tamanha importância.

Para outros, elevar o patamar da competição esportiva transformando-a em modalidade olímpica pouco significa aos organizadores ou aos praticantes. Consolidados enquanto esportes, com organização própria e campeonatos reconhecidos internacionalmente, estes agentes veem com resistência o fato de tornarem-se olímpicos, já que, para tal, é necessário cumprir uma série de critérios para “se encaixar” aos padrões estabelecidos pelo COI, o que contraria com os princípios que guiam estas modalidades desde sua gênese.

No caso do surfe e do skate, aqui tomados como objeto desta pesquisa, esta é uma realidade muito aparente e que divide opiniões até mesmo dentre os seus praticantes. De um lado, têm-se os defensores da “olimpização” das modalidades, sob duas justificativas básicas: 1) a possibilidade de projeção das modalidades em um evento como os Jogos Olímpicos acarretaria em um grande retorno, financeiro (visando patrocinadores) e de um público em potencial, que passaria a se familiarizar com as práticas e acompanhá-las via meios de comunicação 2) Ao se tornarem olímpicas, ambas alcançariam um reconhecimento frente ao processo de esportivização, tão almejado por outros esportes. De outro estão aqueles que defendem os princípios de uma prática “raiz”, fiel aos princípios contraculturais que impulsionaram a popularidade das práticas entre as décadas de 1960-80 e que veem as duas modalidades como já consolidadas no que diz respeito a público e a cenário competitivo⁹.

Acreditam, sobretudo, que tornar o surfe e o skate modalidades olímpicas representa um processo de generalização das práticas, em que muitas das peculiaridades que identificam seus praticantes estariam sendo “diluídas” ao seguirem um padrão olímpico de competição, deixando de lado o “espírito for fun” detido por ambas as práticas, interessados nas relações estabelecidas entre os sujeitos e o ambiente e, sobretudo, com a plasticidade e esteticidade dos movimentos dos corpos. Soma-se a isso o temor de que as modalidades, ao se tornarem olímpicas, fossem organizadas por alguém “de fora”, que desconhecesse os princípios

⁹ No surfe, a competição mais significativa é o Circuito Mundial de Surfe, organizado pela WSL. No total, são 11 etapas, no caso masculino, e 10, para as mulheres em diversas localidades do mundo e que ajudaram a consagrar importantes nomes brasileiros como Italo Ferreira, Gabriel Medina, Silvana Silva e Taniana Weston-Webb, representantes do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Já para o skate, as principais competições variam a depender da modalidade disputada (vertical, park, street...), Destacam-se, entre as televisionadas, os X-Games, evento esportivo comercial transmitido anualmente pela rede de TV ESPN, que são considerados os Jogos Olímpicos dos Esportes Radicais.

norteadores das modalidades e as descaracterizassem (NEVES;SANTOS, 2020) (OLIC, 2014).

Ao nos atentarmos para as especificidades das modalidades sobre pranchas, é latente a percepção de que a transformação de ambas em modalidades olímpicas é, sobretudo, uma necessidade advinda dos membros do COI, que viram na inclusão de “modalidades radicais” como o surfe, o skate e a escalada uma estratégia de renovação do público espectador e manutenção da importância do evento. No caso das práticas sobre pranchas, é claramente perceptível que os Jogos Olímpicos precisam mais do skate e do surfe do que estes necessitam das Olimpíadas.

A existência de patrocinadores próprios, federações organizacionais e um cenário competitivo consolidado confirmam esta assertiva: No caso do surfe, são duas as principais entidades organizativas, a World Surf League (WSL), que até 2016 respondia por Associação dos Surfistas Profissionais (ASP), representante de uma entidade privada; e a International Surfing Association (ISA), de 1964, escolhida pelo COI para gerir e regulamentar a disputa da modalidade nos Jogos Olímpicos, de forma a garantir a representatividade da prática e dos indivíduos envolvidos na mesma¹⁰.

Já no caso do skate, a vontade de fazer a modalidade se transformar em olímpica vem desde a edição de 1996, nos Jogos de Atlanta-EUA. Porém, um importante pré-requisito não foi cumprido, o que gerou um impasse quanto à sua inclusão nas Olimpíadas. O skate possui um universo próprio de gestão e regulamentação: à despeito de uma federação ou uma entidade organizacional de convergência, o universo das pranchas sobre rodinhas sofre influência de iniciativas privadas, responsáveis por ditar as regras e financiar os campeonatos mais importantes da modalidade e, conseqüentemente, os atletas envolvidos na disputa, o que era visto com desaprovação por parte de membros do COI (OLIC, 2014).

Muitas foram as alternativas oferecidas às principais organizações da modalidade para que a mesma se tornasse olímpica, mas sendo sempre vistas com receio por aqueles que defendiam que a organização deste esporte deveria ser feita *por e para* skatistas, como uma estratégia de manterem-se vivas as tradições e identidades desta prática. Desta forma, mesmo

¹⁰ Atuando de forma a garantir a manutenção dos princípios e valores da modalidade esportiva, a ISA é reconhecida pelo COI como a entidade oficial de representação do surfe neste megaevento. Além de estabelecer e manter uma associação internacional para promover os interesses do surf em todas as suas formas em todos os países do mundo, a ISA reúne membros de Federações Nacionais de 109 países nos cinco continentes, o que cumpre como requisito para que o surfe figure dentre as modalidades olímpicas. No Brasil, o órgão responsável por desenvolver, padronizar os critérios e coordenar o surf amador no país é a Confederação Brasileira de Surf (CBS), antiga Associação Brasileira de Surf Amador (Abrasa), criada em 1987. Esta entidade é reconhecida desde 1988 pelo ISA. Informações adicionais disponíveis em: <https://isasurf.org/about-isa/> e <https://www.cob.org.br/pt/cob/confederacoes/cbs/>

após a criação da International Skateboarding Federation (ISF), ainda em 2005, a ideia de “olimpicizar” a modalidade encontrou resistência frente àqueles que defendiam a preservação da “essência skatista”, ou o “estilo for fun”. Em um primeiro momento, esta entidade não foi reconhecida por membros do COI, que viram na articulação da ISF com a *Union Cycliste Internationale (UCI)* uma saída para tornar o skate um esporte olímpico (OLIC, 2014) (NEVES;SANTOS, 2020). Esta decisão não agradou aos dirigentes da modalidade, que viam nesta saída uma descaracterização da prática.

A necessidade de buscar a renovação do público espectador de um evento como os Jogos Olímpicos fez com que os membros dirigentes do Comitê propusessem novas alternativas que seriam mais atrativas àqueles envolvidos na modalidade da prancha sobre rodinhas. Foi assim que fundiram-se, então a ISF e a Federação Internacional de Roller Sports (FIRS), criado em 1924, criando, então a World Skate¹¹, que ficaria responsável por “(...) dar autonomia para a governança, desenvolvimento e gerenciamento do skate através da comissão olímpica desse esporte” (FRICKE, 2017). A decisão foi inclusive motivo de comemoração por parte do Confederação Brasileira de Skate (CBSK), tida como principal representante nacional na modalidade.

Porém, nossa discussão toma novas proporções quando colocamos em cena os princípios do Olimpismo e, sobretudo, a mercantilização dos Jogos Olímpicos Modernos. Todas estas discussões, de certa maneira, perpassam o *dopping*. O uso de substâncias que aprimorem a performance dos atletas olímpicos não é uma prática recente, sendo encontrado até mesmo nas disputas da Antiguidade. O fato é que, cada vez mais, o rendimento está em primeiro plano, uma vez que, como já apresentamos, os atletas se tornaram vitrines das grandes empresas interessadas na projeção midiática que os Jogos Olímpicos oferecem.

Apesar de criada, em 1999, a Agência Mundial Antidopping (WADA) e liderada pelo COI, o que vemos é, cada vez mais, um cenário em que o dopping atravessa questões ligadas aos esportes. E estes “benefícios” podem vir de diferentes substâncias: estimulantes, narcóticos, esteroides, diuréticos e hormônios do crescimento. (COLLI, 2004) A questão é que o *dopping*, considerada uma conduta duvidosa entre os atletas de alto rendimento, principalmente se considerarmos aqueles olímpicos, perpassa por uma questão cultural. Se por um lado, o uso destas substâncias é vista com maus olhos pela maioria dos esportes, de outro, encontramos situações culturais e esportivas em que a utilização destas substâncias está incluso na cotidianidade das práticas.

¹¹ Mais informações podem ser encontradas no endereço: <http://www.worldskate.org/about/about-world-skate.html> acessado em 13 de junho de 2021

Esta é a realidade das duas modalidades que aqui pretendemos estudar, cujas drogas ilícitas perpassam as histórias e as identidades construídas nelas. Apesar de amplamente esportivizadas e midiaticizadas, ambas as modalidades esportivas trazem em sua gênese a relação com o uso de drogas, sendo a mesma conservada, de maneira distinta, até a atualidade. No caso do skate, o que vemos é uma maior permissividade quanto ao uso, não havendo testagem ou agências de regulamentação. Já no caso do surfe, os atletas são testados apenas nas etapas do circuito mundial, sendo permitido o uso de maconha e cocaína. Para se tornarem olímpicas, ambas deverão se adaptar às regulamentações do Comitê Olímpico Internacional, o que, de certa forma, gera tensões quanto à identidade “subversiva” que ambas as práticas sobre pranchas carregam até hoje.

Parece que a estratégia comercial em renovar os esportes considerados olímpicos, desta vez, se voltou para aqueles de interesse da juventude. A novidade e a exploração da radicalidade talvez nos ajude a tornar mais clara esta decisão de incluir cinco modalidades, dentre as quais figuram além de beisebol/softbol e karatê, três esportes considerados “de aventura”: skate, surfe e escalada. Parece, portanto, que em um cenário consolidado de disputas e de mercantilização, o interesse do COI em trazê-las para a competição olímpica talvez seja mais relevante que a vontade de “se fazerem olímpicos” por parte das organizações destes esportes.

Em um contexto em que os Jogos Olímpicos se converteram em um modelo de negócios bem-sucedido, importa aos dirigentes fazê-los perpetuar, não somente através da ritualidade e simbologia intrínsecos a eles, mas através de esportes que gerem a identificação da parcela mais jovem da população. Mais do que buscar reconhecimento e potencialização do mercado, a inclusão destas modalidades tem um viés utilitarista que, em vias, beneficia a organização dos Jogos Olímpicos Modernos e ajuda a perpetuá-los enquanto “maior espetáculo da Terra”.

CAPÍTULO 3 - O SURFE E O SKATE NOS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO 2020/2021

3.1. O surfe e o skate nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020/2021

Quando, ao fim da cerimônia de encerramento de uma Olimpíada abre-se espaço para a apresentação da próxima cidade-sede, que quatro anos depois sediará o evento, todos os olhares dos espectadores se mostram atentos a esse momento singular. É em um curto intervalo de tempo que, de uma forma sucinta, o país sede tem a oportunidade de “se apresentar” aos atletas e às populações das mais diversas localidades do mundo. Além da apresentação dos principais elementos característicos identitários da próxima sede, este “espaço” destinado a esta finalidade pode ser considerado um rito de passagem, a finalização de um ciclo quadrienal e o reinício de outro. Este elemento ritualístico é comprovado pela cerimônia de transmissão da bandeira olímpica entre os chefes de estado das duas nações, sediante e futura sede, como uma espécie de transmissão de um legado.

Mas, apesar de parecer simples, o processo de escolha de uma sede olímpica envolve uma série de fatores que nada têm de midiáticos, envolvendo um processo burocrático que perdura por dois anos. Tal qual em um processo eleitoral, membros de uma comissão instituída enviam ao Comitê Olímpico Internacional (COI) um documento intitulado “Plano de Intenções”, que tem como objetivo apresentar um plano de ações para planejar a execução e entrega de obras, bem como os serviços fundamentais para a realização do evento. É utilizando este documento como norte que o processo de eleição de uma nova cidade-sede do evento se inicia.

Foi ainda no final de 2012 que o COI deu início ao processo de seleção da cidade-sede das XXXII edição moderna dos Jogos Olímpicos. À época, postulavam na disputa cinco cidades: Istambul (Turquia), Madri (Espanha), Baku (Arzebaijão) e Tóquio (Japão). Foi somente em 7 setembro do ano seguinte que a decisão viria em uma sessão do Comitê Olímpico Internacional, em Buenos Aires. Em uma disputa acirrada entre as capitais espanhola, turca e japonesa, Tóquio sagrara-se a cidade-sede da edição que, à época, acreditava-se ocorrer no verão de 2020 do hemisfério norte.

Apesar deste processo, o anúncio oficial viria somente após a cerimônia de encerramento da edição de 2016, com sede na cidade do Rio de Janeiro.¹² Esta apresentação de Tóquio como a próxima sede olímpica da edição de 2020 foi composta por elementos culturais e muita tecnologia, envolvendo até mesmo o ex-primeiro-ministro japonês, Shinzō

¹²Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2013/09/toquio-supera-ameaca-nuclear-e-sera-sede-dos-jogos-olimpicos-de-2020.html> acessado em 05 de julho de 2020

Abe, vestido do icônico personagem de video-games Mario, protagonista da franquia Super Mario.

Imagem 1: Trecho da cerimônia de encerramento Rio 2016



Fonte: <https://www.olympicchannel.com/pt/video/detail/japan-pm-abe-shinzo-steals-the-show-in-rio/>
acessado em: 15 de setembro de 2020

Junto à apresentação da sede olímpica da edição de 2020, o COI resolveu ainda anunciar a inclusão de cinco esportes no rol de modalidades olímpicas: Basebol/Softbol, Karatê, Escalada, Surfe e Skate.¹³ Seja por atrair novos patrocinadores para o evento ou promover a renovação do público espectador, trazendo modalidades consideradas “jovens”, a inclusão destes esportes exigiu um planejamento estratégico. Ao todo, representantes de 204 países disputam 339 medalhas, sendo 18 entre as modalidades estreantes. O maior número de atletas envolvidos nas disputas também exigiu adaptações técnicas infraestruturais, além de um planejamento de disputa das modalidades, que tiveram os dias de competições reduzidos ou ajustados para “fazer caber” na programação.

3.2. A pandemia que paralisou as pranchas: o Coronavírus

3.2.1. O histórico olímpico conturbado

A escolha da capital japonesa como cidade-sede olímpica não é inédita. Apesar de ter sido escolhida outras vezes, Tóquio apenas sediou a XVIII edição dos Jogos Olímpicos de

¹³ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1798748-com-inclusao-de-novas-modalidades-coi-quer-atrair-um-publico-jovem-aos-jogos.shtml>
acessado em 9/11/2020

Verão, ocorrida em 1964. Escolhida em 1940 como sede, Tóquio viu a edição escapar pelos dedos quando, um ano antes, deflagrou-se a Segunda Guerra Mundial, que duraria até 1945. A disputa, que colocou frente a frente os países do Eixo, representados por Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos, e os Aliados, reunidos em Alemanha, Itália e Japão, teve consequências significativas para as terras japonesas que, além de perder a Guerra ainda viu seu território ser atingido por duas bombas nucleares, em Fukushima e Nagasaki (HOBSBAWM, 2015).

Se olharmos para as Olimpíadas de uma forma macroscópica, veremos que tamanha é a influência da situação geopolítica para a realização do evento. Em 1916, em meados da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a edição com sede em Berlim teve de ser cancelada. O mesmo ocorrera na edição de 1944, que teria como sede a cidade de Londres (Inglaterra). Além dos cancelamentos, os Jogos Olímpicos também já foram alvo de inúmeros boicotes e incorrências: as edições de 1980, com sede em Moscou (Rússia), e 1984, com sede em Los Angeles (Estados Unidos) foram boicotadas por inúmeras nações em decorrência da Guerra Fria, que dividiu ideologicamente dois grupos de nações: Capitalistas e Socialistas (COLLI, 2004). Outro evento icônico ficou conhecido como o “Massacre de Munique”, um atentado terrorista ocorrido na edição de 1972. Na ocasião, onze atletas da delegação de Israel foram tomados reféns pelo grupo terrorista palestino “Setembro Negro” o que resultou no encerramento prematuro da edição. O acontecimento ficou marcado como o maior atentado terrorista já ocorrido em um evento esportivo.

Após três cancelamentos devido a contextos geopolíticos mundiais, temos, pela primeira vez, uma decisão pelo adiamento de uma Olimpíada. Além da decisão pelo adiamento, é inédito também o motivo da mesma: uma pandemia de potencial mortalidade motivada pela mutação do vírus da Sars, antiga conhecida. Os desdobramentos ocasionados pelo adiamento é o foco central desta parte da análise, voltando nosso olhar para o material informativo produzido pela Rede Globo de Televisão, considerada emissora oficial de transmissão do evento.

3.2.2. A paralisação das pranchas: A pandemia de Coronavírus

Ainda era o último dia do ano de 2019 quando o primeiro caso de “pneumonia de causa desconhecida” era registrado no Mercado de Frutos do Mar, na província chinesa de

Wuhan, e notificado à Organização Mundial da Saúde (OMS).¹⁴ Pouco tempo mais tarde, após sequenciado o genoma, percebeu-se que se tratava de uma mutação genética de um antigo conhecido: o coronavírus, conhecido desde a década de 1960 e responsável por outras duas pandemias: a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), descoberta em 2002 mas que desde 2004 não se notifica nenhum caso, e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), com o primeiro caso registrado em 2012.¹⁵

Com potencial significativo de infecção e mortalidade, a Sars-Cov-2, que ficou popularmente conhecida como Covid-19 (Corona Virus Disease), se tornou uma ameaça a nível mundial. Apesar da rápida disseminação, foi somente em 11 de março de 2020 que o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou estado de pandemia em uma coletiva em Genebra, na Suíça. À época, a doença já havia infectado 118 mil pessoas em 114 países, com cerca de 4,2 mil óbitos.¹⁶ Foi somente 13 dias depois, em 24 de março que o Comitê Olímpico Internacional (COI) optou por uma decisão ainda inédita na história dos Jogos Olímpicos, o adiamento da edição de 2020.

A exatamente quatro meses de seu início, anunciou-se o adiamento e o relógio que fazia a contagem regressiva foi alterado. A decisão, tomada conjuntamente pelo COI e o Comitê Organizador nacional, representado pela figura do então primeiro-ministro Shinzō Abe, foi tomada em uma teleconferência de imprensa, ocupando espaço central nos noticiários durante dias.¹⁷ Muitos foram os desdobramentos e decisões tomadas para que o adiamento do evento fosse possível, mas somente em 30 de março, em uma coletiva de imprensa, é que o presidente do COI, Thomas Bach, anunciou a nova data: mantida como Tokyo 2020, os Jogos Olímpicos ocorrerão entre 24 de julho e 7 de agosto de 2021.

3.2.3. O adiamento transformado em notícia

Diante dos acontecimentos inéditos que permeavam os noticiários mundiais a respeito da disseminação do coronavírus, não podemos dizer que o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio era uma notícia inesperada. À época, diversas competições classificatórias, ou pré-olímpicas, já haviam sido suspensas e a rotina de treinos se tornou cada vez mais rara. Até

¹⁴ Dados disponibilizados em: <https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/#dez2019> acessado em 11/11/2020

¹⁵ Disponível em: <https://vidasaudavel.einstein.br/coronavirus/o-que-foram-a-mers-e-a-sars-epidemias-de-coronavirus-que-antecederam-a-covid-19/> acessado em 11/12/2020

¹⁶ Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812 acessado em 11/11/2020

¹⁷ Nota disponível em: <https://www.olympic.org/news/ioc-president-the-olympic-flame-can-become-the-light-at-the-end-of-this-dark-tunnel> acessado em 11/11/2020

mesmo a decisão, que há semanas parecia inevitável, foi fruto da pressão de comitês olímpicos nacionais e dos próprios atletas, que exigiam a garantia do bem-estar coletivo.

A transformação deste acontecimento em notícia era algo quase inevitável, dadas as proporções assumidas. Diversos foram os fatores que transformaram o adiamento em notícia: A quebra da ritualidade do ciclo olímpico, com temporalidade de quatro anos; o fato de ser ocasionada por uma mutação viral potencialmente mortal e, conseqüentemente, os impactos nas mais variadas áreas da sociedade. Virar notícia, neste caso, se liga a dois principais critérios jornalísticos: o fato de a narrativa jornalística deter o poder de contar aquilo a que não presenciamos fisicamente e, sobretudo, às dimensões dos impactos desta decisão inédita (MOLOTCH & LESTER, 1999) (KATZ, 1999).

Neste caso específico, a fuga da normalidade cotidiana não foi o único aspecto levado em conta para a transformação do evento em notícia. Diante de tantos impactos que, à época, o vírus estava causando na vida compartilhada dos indivíduos, o adiamento olímpico representou um marco importante. Parecia, à época, que, ao noticiar este acontecimento, estávamos reconhecendo a importância da pandemia e seu poder de alterar o cotidiano e, sobretudo, este megaevento que fora programado e esperado durante sete anos. Era a ruptura de um universo simbólico por um inimigo invisível.

É preciso entender as notícias enquanto “(...) forma cultural, um produto da cultura, um artefato que (...) involuntariamente se apoia ou faz uso de padrões pré-existentes para produzir sentidos.” Schudson (1980, p.24 apud TRAQUINA, 1999, p.251). Longe de entender as notícias como produtos culturais isentos de subjetividade, tal como propunham algumas das teorias de comunicação, nos interessa aqui entender como as subjetividades dos diversos atores sociais envolvidos em sua construção se fazem refletidos nas notícias. Seja na escolha de palavras e imagens, seja na expressão facial e corporal de quem a noticia (no caso do telejornalismo), a análise é, sobretudo, orientada pelo viés discursivo, que revela, sobretudo, as intencionalidades na produção noticiosa através da abordagem feita sobre determinado acontecimento jornalístico.

3.3. O retrato do adiamento dos Jogos Olímpicos pelas lentes da Rede Globo

Sustentados pelo ineditismo da decisão conjunta do COI e o Comitê Organizador local, decidimos nos debruçar sobre o material jornalístico produzido pela Rede Globo, emissora oficial de transmissão do evento no Brasil, sobre este acontecimento. Com isso, pretendemos compreender os sentidos, explícitos e implícitos, nos discursos veiculados pela emissora.

O corpus desta etapa da pesquisa é composto pelo material jornalístico veiculado pelos telejornais da emissora: Bom dia Brasil (BDB), cuja âncora é Ana Paula Araújo; Combate ao Coronavírus (CACV), programa que compunha a grade da central de jornalismo à época, responsável por construir um panorama informativo acerca da pandemia, comandado por Márcio Gomes; Jornal Hoje (JH), apresentado por Maria Júlia Coutinho; Jornal Nacional (JN), que tem como âncoras Renata Vasconcellos e William Bonner e o Jornal da Globo (JG), apresentado por Renata LoPrette. O material analisado compreende o período contido entre o dia 24 de março de 2020, data do anúncio do adiamento, e 30 de março do mesmo ano, momento em que o COI decidiu a data para a ocorrência da edição em 2021.

Gráfico 1: Percentual ocupado por cada abordagem do tema “Adiamento Tokyo 2020”



Fonte: Autoria própria

A importância da notícia do adiamento e remarcação dos Jogos Olímpicos também pode ser expressa quantitativamente. Além dos inúmeros critérios de noticiabilidade que tal acontecimento traz intrínseco a ele, foi possível constatar a ocupação de um espaço significativo na grade noticiosa dos jornais da Rede Globo: No período de quatro dias em que o evento esteve em evidência (dias 24, 25, 26 e 30), o tema ocupou 44 minutos e 5 segundos, sendo desigualmente distribuídos nos dias analisados, com maior ênfase para o adiamento, dado o impacto da notícia. Para melhor conduzir esta análise, dividimos o material analisado em três momentos: o adiamento, que teve maior espaço de retrato, com 31 minutos; a

repercussão, com 4 minutos e 43 segundos e, finalmente, a remarcação, com 8 minutos e 22 segundos.

3.3.1. O adiamento (24/03/2020)

Tabela 1: Informações sobre o material jornalístico veiculado pela Rede Globo relativas ao adiamento dos Jogos Olímpicos de 2020

| Telejornal | Âncora | Tempo destinado ao tratamento do tema |
|-------------------------------|--------------------------------------|--|
| Bom dia Brasil (BDB) | Ana Paula Araújo | 3min22seg |
| Combate ao Coronavírus (CACV) | Márcio Gomes | 11min20seg |
| Jornal Hoje (JH) | Maria Júlia (Maju) Coutinho | 8min18seg |
| Jornal Nacional (JN) | William Bonner e Renata Vasconcellos | 4min51seg |
| Jornal da Globo (JG) | Renata LoPrette | 3min7seg |

Fonte: Autoria própria

Ainda era cedo quando a notícia da decisão pelo adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio foi anunciada em 24 de março de 2020. As doze horas que separam Brasil e Japão permitiram com que a notícia fosse dada ainda nos primeiros momentos do dia, no Bom dia Brasil, comandado por Ana Paula Araújo. É a âncora que anuncia, ainda como nota, que COI e Comitê Organizador local decidiram, conjuntamente, por adiar o evento, marcado para exatos quatro meses depois, em julho.

Apesar do pouco espaço ocupado pela nota, um total de 27 segundos, muitos são os indícios, verbais e não verbais, que evidenciam a importância da notícia que seria transmitida, ainda de forma preliminar. Ana Paula, que se porta em pé, tem o semblante sério e, com plano médio, enuncia que a decisão pelo adiamento olímpico era recente e ainda necessitava de mais informações. Para chamar a atenção do público, a jornalista utiliza o recurso vocativo “Gente” que, apesar de um tanto informal, nos remete à uma relação de proximidade necessária para que, àquelas horas da manhã, o público se atentasse ao que iria ser dito.

Além, claro, de ressaltar a importância da decisão pelo adiamento, a âncora opta por validar a importância do acontecimento, transformado em jornalístico, utilizando personalidades de destaque, tal como em uma tentativa de dar força enunciativa àquela informação: à figura de Shinzo Abe (Imagem 2), à época ainda primeiro-ministro japonês, é

atribuída a função de enunciador do discurso. É ele que, segundo Ana Paula, foi o responsável por anunciar aos membros da imprensa a decisão pelo adiamento. Já Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI) é citado como personalidade envolvida na decisão. A presença de ambos na emissão do discurso de Ana Paula é de fundamental importância para validar a nota por ela emitida: não se trata, portanto, de um “furo de reportagem”, mas de uma notícia que impacta diversos setores da vida social de uma coletividade multinacional.

Imagem 2: Suporte imagético utilizado para as declarações de Carlos Gil a respeito do adiamento dos Jogos Olímpicos



Fonte: Reprodução Globoplay

Para encerrar a nota, Ana Paula destaca: "Ainda nesta edição a gente volta, claro, com outras informações sobre esse anúncio do adiamento dos Jogos Olímpicos". Nesta enunciação, faz-se presente um importante papel do jornalismo: o de informar e permitir com que esta informação chegue ao conhecimento de uma coletividade mais ampla. É através do trecho “é claro” que esta afirmação anteriormente destacada parece fazer sentido. Apesar de parecer óbvia, a utilização destes termos nos remete a elementos importantes no ato discursivo: colocada enquanto figura responsável pela emissão do discurso, Ana Paula parece reafirmar um vínculo com o público ao prometer-lhes trazer os desdobramentos da decisão pelo adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio. Neste momento, parece que Araújo anuncia uma espécie de resposta aos questionamentos que emergiram nos espectadores, tal como pedisse calma para apurar as informações e levar, pouco tempo depois, um panorama mais completo da situação que se desenrolara em terras japonesas.

Pouco tempo depois, Ana Paula Araújo retoma o tratamento do tema “adiamento olímpico”, agora de forma mais completa, ocupando 3 minutos e 22 segundos do noticiário. Desta vez, a âncora divide espaço com o correspondente em Tóquio, Carlos Gil, que relata o acontecimento ainda no local da coletiva de imprensa por telefone. A força enunciativa desta notícia é dada, sobretudo, pelo relato explícito de Carlos Gil, que se torna, acima de tudo, uma espécie de testemunha ocular de uma história até então inédita no universo esportivo.

Em uma espécie de “gancho” discursivo, Ana Paula opta por realizar a pergunta retórica “os Jogos, então, vão acontecer em 2021, é isso?” para que Gil apresente aos espectadores informações complementares sobre o acontecimento. O recurso imagético da notícia é a imagem de Yoshiro Mori, presidente do comitê organizador local, que foi o responsável por anunciar a decisão conjunta à imprensa. Em seu discurso, Carlos Gil reforça ao público o seu papel de “testemunha ocular”, situando-se em tempo e espaço ao afirmar ainda estar presente na então em curso coletiva de imprensa.

Apesar de oferecer ao público algumas informações complementares, o correspondente monta, em seu discurso, um cenário ainda imerso por questionamentos não respondidos e incertezas que, àquele momento, ainda eram objeto de preocupação dos gestores e organizadores do evento. O correspondente opta por apresentar este cenário quase como uma narração dos acontecimentos desenrolados na coletiva. Este recurso narrativo traz à tona uma importante constatação, que, de certa forma, reforça o laço entre correspondente e espectador: de forma implícita, Carlos Gil destaca que surgiram inúmeros questionamentos a respeito da decisão e que, na medida do possível, irá oferecer um cenário do que se desenrolava ainda na coletiva.

Rememorando a conversa por telefone entre Shinzo Abe e Thomas Bach, Carlos Gil apresenta o fato de que “Eles discutiram alguns cenários. Chegaram a discutir o cancelamento, mas chegaram à conclusão de que era possível realizar os Jogos.”. Talvez em uma tentativa de sanar questionamentos a respeito de outra questão relevante que possivelmente foi feita pela audiência, Gil apresenta que “A segunda pergunta do presidente do COI foi: é possível realizá-los ainda em 2020? O Japão disse que não, que não era possível.”. Nestas duas assertivas, o correspondente parece dizer à audiência que a decisão é definitiva e que, sobretudo, ainda estaria atrelada a inúmeros outros aspectos que nem mesmo os personagens responsáveis pela decisão ainda sabiam como resolver.

Para reforçar este cenário, há a utilização do recurso linguístico da comparação. Ao relatar a ainda indefinição de datas para a ocorrência do evento, que segundo ele “(...) não necessariamente acontecerão entre julho e agosto, como aconteceriam em 2020. Pode ser uma

data antes, perto de julho e de agosto.”, Gil compara a situação a “(...) uma das muitas peças do quebra cabeças”, talvez para tentar dar dinamicidade e didática à sua explicação.

O ineditismo da decisão pelo adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 também está presente explicitamente no discurso do correspondente. A enunciação de “Pela primeira vez na história, os jogos olímpicos são adiados. (...)” seguido pelo rememoração de cancelamentos históricos das edições durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais parecem comprovar a importância da informação que ocupou a grade do telejornal, somando-se à imposição de um tom de voz mais grave. Tal como uma forma ainda de justificar a inserção do acontecimento no telejornal, há o destaque para “(...) pela primeira vez na história, os jogos olímpicos não acontecerão no período olímpico clássico, que é a distância de quatro anos entre uma edição e outra (...)”. Este posicionamento explícito, tal como uma resposta ao “porquê” do lead informativo, parece dizer ao espectador o principal critério de noticiabilidade que tornou o adiamento um acontecimento jornalístico.

Além dos destaques discursivos, é importante salientar o recurso imagético utilizado pela emissora. Primeiramente, a imagem da fala do presidente do comitê organizador local parece reforçar a ideia de ocorrência do fato e, sobretudo, da presença do correspondente enquanto testemunha ocular do evento histórico. Somam-se a ela outras importantes imagens: a fachada do prédio em que ocorrera o anúncio do adiamento, o estádio olímpico nacional e a sede do COI, todos vazios, parecia querer transmitir o também “vazio” deixado pelo adiamento de um evento de tamanha magnitude. Os elementos olímpicos, tais como o símbolo e a bandeira, servem de elementos norteadores da informação, tal como uma forma de ambientar o acontecimento àqueles que, porventura, tenham chegado no curso noticioso.

A âncora do telejornal, Ana Paula Araújo, parece dizer ao espectador que esta já era uma decisão esperada, fruto de acontecimentos que o precederam. Ao perguntar “Inclusive, Gil, porque vários eventos preparatórios também foram adiados né?”, a apresentadora dá espaço para que o correspondente, Carlos Gil, “desenhe” um cenário de forma a tornar a informação mais clara ao público. Ele afirma “A opinião dos atletas foi fundamental. Nos últimos dias, atletas de vários países se manifestaram, pediram a seus comitês olímpicos nacionais (...)”, exemplificando com o caso dos Estados Unidos e Canadá.

A matéria se encerra com o destaque para a indefinição de datas, já que, segundo palavras do próprio correspondente, “o mundo continua em guerra contra a pandemia. Ou seja, todas as definições, até de data, vão depender, obviamente, na melhora do quadro da saúde pública mundial.”. Ao encerrar, talvez em um recurso rememorativo implícito do lema olímpico de uma competição justa e igualitária para os oponentes, Gil afirma que “A intenção

é fazer os Jogos Olímpicos no ano que vem, numa data em que seja saudável, conveniente e possível para todo mundo.”.

À época, a grade matutina da Rede Globo contava com um programa especial, o “Combate ao Coronavírus”. Comandado pelo jornalista Márcio Gomes, a atração tinha como principal objetivo informar ao telespectador os números da pandemia, até então recente no país e apresentar informações relativos à área da saúde, contando com a presença de profissionais que, à época, ainda tentavam “desenhar” os contornos da pandemia.

Para a abordagem dos, ainda recentes, impactos da decisão pelo adiamento dos Jogos Olímpicos, optou-se pelo correspondente em Londres, Rodrigo Carvalho. Diversos são os aspectos levantados neste link ao vivo de 4 minutos e 44 segundos: a, ainda, indefinição de datas, o ineditismo da decisão e a nota à imprensa contendo informações sobre a pandemia podem ser definidos como os principais tópicos.

Há uma constante rememoração de que a decisão, tomada conjuntamente entre COI e Comitê Organizador local, representou uma vitória da articulação pelo adiamento partindo de atletas e membros dos comitês nacionais. A possibilidade de um “boicote” à edição é levantada no discurso do correspondente, que afirma que “. A gente viu, nos últimos dias, por exemplo, países dizendo que mesmo que a Olimpíada fosse mantida, não mandariam atletas”, citando como exemplo o caso canadense. Além disso, a igualdade de disputa, aspecto tão prezado na filosofia dos Jogos Olímpicos foi tomada de justificativa para o início deste movimento, observando que, no cenário que já estava em curso no exterior, já não era possível determinar igualdade de condições de treinamento nem tampouco garantir a segurança sanitária para a ocorrência de eventos classificatórios, o que diminuiria a performance dos potenciais atletas olímpicos.

A ênfase discursiva do correspondente está em apresentar aos espectadores “o que significa” esta decisão pelo adiamento. Diversos aspectos podem ser ressaltados no discurso emitido, que tem como fundamento a nota conjunta emitida à imprensa, que em um determinado momento é lida por Rodrigo Carvalho. A apresentação dos Jogos Olímpicos como um “megaevento” se faz presente no discurso, na medida em que se tentam dimensionar os impactos desta decisão sobretudo no âmbito econômico. Ao afirmar que “Uma Olimpíada envolve mais de 200 comitês Olímpicos, acordos comerciais, milhares de atletas, mais de 11 mil atletas.”, Rodrigo parece ainda deixar no ar possíveis, e previsíveis, perguntas que certamente estavam sendo feitas pela audiência, tais como “e agora, o que vai acontecer?”. Este questionamento não é de pronto respondido, haja visto que naquele momento ainda pouco se sabia sobre os desdobramentos dessa decisão de impacto mundial.

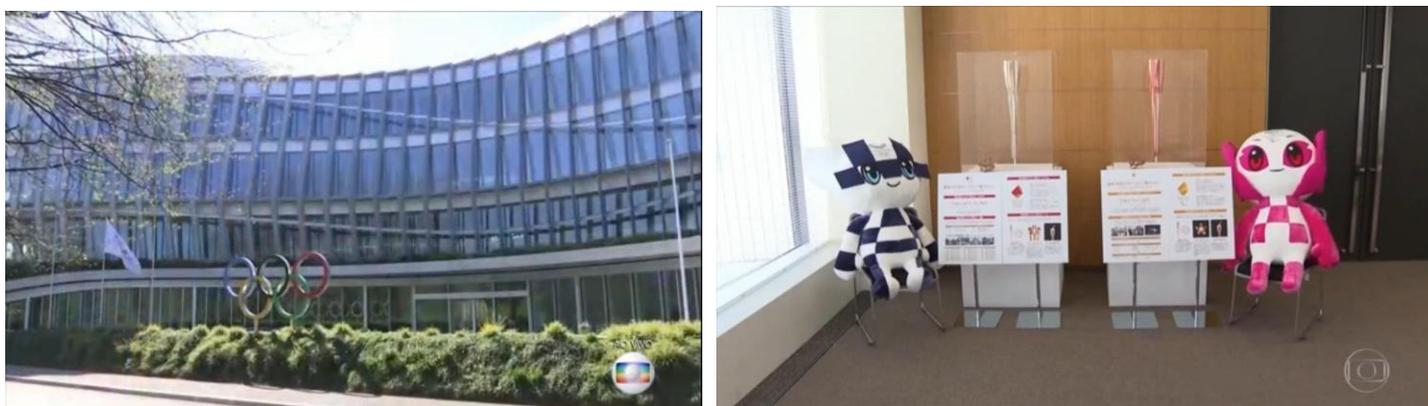
O ineditismo do adiamento é rememorado mais uma vez, como ainda se faria presente nos discursos subsequentes dos telejornais. O que temos é um interessante aspecto discursivo: o uso de expressões repetidas, adjetivos e jargões. Estes recursos discursivos servem de duas maneiras: expressar as dimensões da decisão e, sobretudo, construir uma narrativa que, de certa maneira, resgatasse elementos míticos da história dos Jogos Olímpicos. Como exemplo do uso de adjetivos e repetição de termos, podemos ressaltar dois trechos relevantes, respectivamente. A utilização do termo “notícia imensa”, ao se referir ao ineditismo do adiamento, parece complementar a notícia que viria logo mais adiante, “Para o mais tardar, no verão do ano que vem. Então, neste mesmo período, no meio do ano, em 2021, mais tardar. É isso que o COI diz agora.”, que ressalta, ainda que em segundo plano, a ideia de mercantilização dos Jogos Olímpicos, já que, deixar de realizá-lo acarretaria consequências financeiras relevantes para todos os envolvidos em sua execução.

Outro ponto importante do ponto de vista discursivo está na nota oficial emitida à imprensa. Nota-se, em diversos momentos, que a tradução para a língua portuguesa permitiu com que fossem introduzidos importantes jargões que, mais do que informar, deram o tom da notícia. Há, na nota, uma constante rememoração de aspectos identitários do evento, de forma a ressaltar, de certa forma, a relevância do mesmo no imaginário social mundial. Além de apresentar um breve panorama da pandemia de Covid-19 no mundo baseado em dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), ressaltando, nas palavras de Rodrigo a “(...) preocupação com a propagação sem precedentes e imprevisível desse surto (...)”, é destacar a utilização do recurso linguístico de comparação e metáfora ao oferecer ao evento o papel de “farol de esperança para o mundo” e “uma luz no fim do túnel”.

Nesta notícia, diversos recursos visuais são utilizados durante as declarações oferecidas por Rodrigo Carvalho. A “veracidade” da informação é conferida pela entrada do correspondente ao vivo, direto do que parece ser um escritório em sua residência. Para evitar um certo “tédio” por parte do público, que teria ainda pela frente vários minutos de declaração de Rodrigo, a edição opta pela inserção de imagens-índice, que rememoram, visualmente, o assunto ao qual a matéria se refere, os Jogos Olímpicos. A estratégia de suas utilizações, ainda que nos pareça quase óbvia, é um importante recurso informativo, já que, em se tratando de televisão, não se tem uma exata certeza do momento em que a mediação terá início ou fim, ou, sobretudo, em que situação este se encontra no momento do contato com a notícia (PRIMO, 2000). Assim, a estratégia de utilização dos símbolos olímpicos em diversos locais da capital japonesa e da sede do COI auxilia no processo de orientação deste

telespectador, que pode não entender, a princípio, a temática da notícia ou estar em uma situação em que sua mediação esteja comprometida, o som baixo ou falho.

Imagem 3: Imagens-índice utilizadas como ilustração para o tratamento do adiamento



Fonte: Reprodução Globoplay

Estes recursos linguísticos presentes na nota à imprensa fez com que o âncora, Márcio Gomes, os utilizassem como elementos-chave para encerrar a notícia. O jornalista afirma que “A Olimpíada resistia, até como você bem disse, como um sinal de esperança, de força, de resistência. Desistir, adiar a Olimpíada, não é uma derrota, é apenas um adiamento realmente. A Olimpíada vai continuar existindo e vai continuar trazendo todo o símbolo.” O recurso parece ter duas funções principais: alimentar o “espírito olímpico” e construir uma narrativa maniqueísta em que os seres humanos são postos como heróis, o vírus como vilão a ser vencido e a realização das Olimpíadas como uma festa celebrativa de vitória, tal qual é exposto em algumas versões explicativas de sua origem, ainda na Antiguidade grega.

Respostas preliminares a alguns questionamentos iniciais não tardaram a chegar. Momentos mais tarde, ainda no mesmo programa informativo, Carlos Gil, correspondente em terras japonesas, é chamado para atualizar os espectadores sobre a decisão. Pouco a pouco, o que pareceu uma “bomba” noticiosa, ganharia delineados importantes, o que reforçou a proposta de que a decisão pelo adiamento era apenas um resultado da articulação que se iniciara algum tempo antes do dia 24 de março.

Quanto aos aspectos econômicos envolvidos, ficam implícitos no discurso a importância da decisão pela manutenção da marca. Ao afirmar que “Essa marca já está registrada, e os jogos continuarão como Tokyo 2020, inclusive nas medalhas, na tocha (...)” o jornalista deixa transparecer que, além dos inúmeros outros impactos, alterar a marca do evento geraria um prejuízo sem precedentes aos organizadores, reforçando mais uma vez o

caráter mercadológico assumido pelos Jogos Olímpicos Modernos. O que fica evidente no discurso é que estas decisões, ainda preliminares àquele momento, estariam condicionadas a uma infinidade de outras decisões não tão simples: o contrato dos voluntários, os ingressos previamente vendidos, a gestão administrativa, o novo cronograma e a situação dos próprios atletas ainda seriam pontos a serem discutidos pelos representantes do evento.

Outro ponto relevante, que também tem relação com o resgate de uma narrativa heroica, está na decisão por manter a chama olímpica, importante símbolo do evento, em Fukushima, descrita como “um símbolo” pelo correspondente. A localidade, arrasada por um tsunami e um acidente nuclear em 2011, representa um símbolo de resistência e resiliência do povo japonês, que, como já exposto, já havia enfrentado outros percalços em sua história.

Imagem 4: Correspondentes internacionais presentes para abordagem da temática Adiamento Olímpico no CACV



Fonte: Reprodução Globoplay

O cenário de “perguntas sem respostas” ainda é complementado pela impossibilidade de prever um cenário mais concreto. O questionamento sobre “E se a pandemia não acabar?”, referente ao aspecto de o evento ocorrer, no mais tardar, no próximo verão europeu, não pôde ser respondido. Nas palavras dos próprios executivos do evento, difundidas por Gil “Isso está **fora do nosso controle**. O que a gente tá tentando organizar aqui são Jogos Olímpicos saudáveis para todos os atletas, para todos os espectadores em 2021, mas há algumas respostas que só o tempo dirá”.

O correspondente de Nova Iorque, Guilherme Roseguini, também é chamado para discutir a decisão. Neste trecho da notícia, o destaque vai para os adjetivos de intensidade utilizados por Márcio Gomes ao dimensionar os desdobramentos da decisão. A escolha por “(...) decisão **importantíssima**, que tem um impacto **fortíssimo**” revela ao público que a

notícia se tornou manchete principal dos acontecimentos jornalísticos daquele dia. Ao declarar que “Eles foram ouvidos, os atletas saíram desse episódio como grandes vitoriosos, Marcio Gomes, eles conseguiram adiar os jogos olímpicos.”, o correspondente novaiorquino retoma mais uma vez a proposta de um acontecimento já esperado, mas significativo. Além disso, a opção pelo uso do termo “grande alívio” para descrever a forma com que membros dos comitês nacionais e atletas receberam a notícia nos mostra a importância da pandemia no cenário mundial, vista como uma ameaça mortal, cuja prioridade, àquele momento, deveria estar voltada para o seu combate.

Muito mais do que apresentar ao público um desdobramento do acontecimento, a decisão de envolver correspondentes internacionais para além daquele situado na capital japonesa, onde aconteceria o evento, é um recurso utilizado para validar a presença da temática em âmbito mundial sobre o tema “Coronavírus”. Além de não haver repetição de informações por parte dos correspondentes, o que se vê é uma tentativa de reforçar a importância da decisão para além do universo esportivo, tal como afirma o âncora do CACV. A presença dos correspondentes, de maneira síncrona, auxilia na importância do teor informativo no tratamento do tema, bem como, nas entrelinhas, ajuda a reforçar a cautela que se deve ter no tratamento desta doença, que à época, ainda era incipiente em solo nacional.

Para evidenciar a importância da decisão tomada sob o ponto de vista da segurança sanitária, o programa contou com a declaração de um médico infectologista que, ao longo da atração era questionado sobre outros temas envolvendo a pandemia. Descrita pelo médico como uma “decisão acertada e corajosa”, há, já à época o levantamento de uma possibilidade de segunda onda (que se concretizara meses mais tarde em alguns países do mundo), que, nas palavras do infectologista, “poderia aumentar a chance de transmissão do vírus, porque tem que lembrar que junho, julho, é verão no hemisfério norte e inverno no hemisfério sul. Então isso poderia levar a uma questão de não segurança.”.

O tratamento do tema no Jornal Hoje, apresentado por Maju Coutinho, apresenta uma retomada dos aspectos aqui ressaltados por este trabalho, ainda que de maneira sucinta: o ineditismo do adiamento, a indefinição de datas e a ausência de respostas ainda concretas a questionamentos são elementos presentes no discurso da jornalista. Porém, elementos relevantes merecem estar apresentados no desenvolvimento da empiria desta pesquisa: o valor-notícia dado ao adiamento olímpico é expresso pela própria âncora, ao revelar ao público que além do ineditismo da decisão, critério de noticiabilidade mais relevante, a notícia seria a primeira na grade de notícias apresentadas no telejornal.

Carlos Gil é, mais uma vez, responsável por atualizar as informações sobre o tema. Àquele momento, o Japão já estava vivendo os primeiros momentos do dia seguinte com relação ao horário de Brasília. O correspondente descreve um cenário que nos parece ainda um tanto indefinido e um tanto inconstante: o uso da expressão “tomar as rédeas da situação” para definir a gerência da situação que estava em curso no momento, haja visto uma pressão que vinha tanto internacionalmente quanto do próprio comitê organizador. O uso desta expressão, de cunho coloquial no linguajar brasileiro, revela, sobretudo, que as escolhas discursivas de quem é posto na situação de enunciação não são puramente escolhas organizacionais, mas, sobretudo, revelam alguns aspectos subjetivos, seja para simplificar aquilo que foi dito para o próprio “emissor” da mensagem, seja para tentar uma aproximação com o público daquele determinado veículo midiático ou telejornal específico.

A questão de inconsistência nas informações apresentadas à imprensa é revelada na declaração de Gil, “Ontem os organizadores chegaram a dizer que a decisão sairia em um mês, e acabou saindo em 24 horas.”. A decisão do anúncio das medidas subsequentes ao adiamento é, segundo o correspondente, fruto da **“última cartada”** do então primeiro ministro japonês. O uso deste termo no discurso reflete o papel central e decisivo deste representante e, nas entrelinhas, ressalta a importância de fazê-lo porta-voz da decisão pelo adiamento. Há ainda uma necessidade de delinear o cenário do palco do evento, Tóquio, que àquele momento, via o número de casos crescer frente à resistência da tomada de uma medida de isolamento social obrigatório. O desenho de um panorama futuro é expresso no discurso de Gil e complementado por Maju Coutinho, na medida em que avalia, remetendo a uma questão temporal e um tanto quanto heroica, expressos em “Antes de viver o sonho olímpico, que ficou mais distante, a população vai precisar se unir e se engajar ainda mais na luta contra o coronavírus.” e “sonho fica para o ano que vem”, respectivamente.

Além de Gil, os correspondentes de Nova Iorque e Londres são chamados a complementar o tratamento do tema, tal como uma forma de, implicitamente, demonstrar a importância da decisão tomada em conjunto pelo COI e comitê organizador local. Roseguini, correspondente nos Estados Unidos, é responsável por atribuir o protagonismo da decisão do adiamento à pressão exercida principalmente pelos atletas, colocando a olimpíada, segundo suas próprias palavras, como “o grande palco da carreira deles”, reafirmando a importância do evento para muitas das modalidades disputadas e todo o simbolismo, já exposto em outros materiais jornalísticos da emissora na mesma data, de representar o país de origem. Descrita como “uma decisão acertada”, a relação do adiamento é ainda classificada como “No momento todos estão na mesma página, o adiamento funcionou para todo mundo.”. É de

Marcelo Courrege, diretamente de Londres, a tarefa de ressaltar a importância da decisão como garantia do princípio olímpico da igualdade de condições na disputa além de retomar o protagonismo da decisão para uma situação complicada que se desenrolava: a rápida disseminação do coronavírus, ressaltando ainda a necessidade de os atletas ficarem “(...) em casa, seguros, com suas famílias e parar de pensar em olimpíadas nesse momento.”

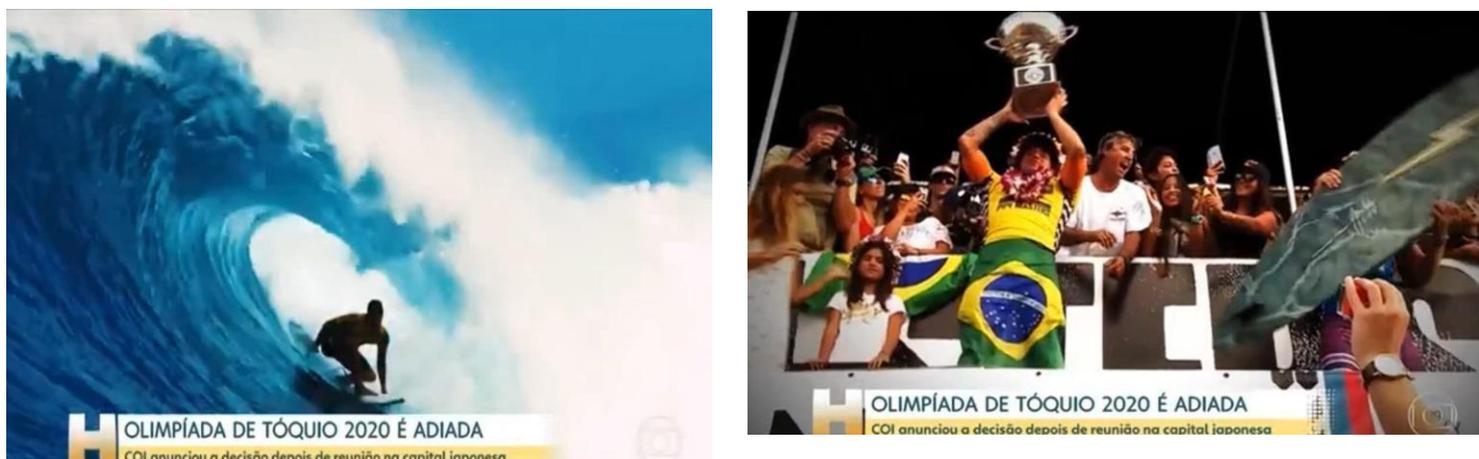
Além dos correspondentes, outras figuras relevantes são chamadas à cena, ainda que indiretamente, para “validar” a informação apresentada por Carlos Gil. Figuras já recorrentes como Thomas Bach, presidente do COI e o então primeiro ministro japonês, Shinzō Abe, são postos como os protagonistas desta decisão. Para relatar que esta decisão foi fruto de uma “pressão interna e externa”, conforme relata o correspondente em Tóquio, são utilizados dois principais recursos.

O primeiro deles é uma espécie de metonímia, figura de linguagem caracterizada por apresentar “a parte pelo todo”. Os comitês olímpicos, em um primeiro momento, foram suprimidos a apenas menções aos países que se organizaram na petição pelo adiamento: Brasil, Eslovênia, Alemanha e Canadá além da menção da possibilidade de boicote por parte do Canadá, Austrália, Noruega e Grã-Bretanha, caso os Comitês mantivessem a data de realização. Após isso, como uma forma de uma certa “personificação”, são chamados à cena, para emitir declarações, os presidentes de alguns Comitês Olímpicos nacionais: Alejandro Blanco, da Espanha; Denis Masegla, da França e, Paulo Wanderley, do Brasil. Há, ainda, um breve destaque ao posicionamento das Federações americanas, que, nas palavras de Carlos Gil, “(...) representam grandes astros globais das Olimpíadas”, citando como exemplo a ginasta Simone Biles, a nadadora Katie Ledecky e o então “o homem mais rápido do mundo”, Christian Coleman.

Além disso, a matéria apresenta “o outro lado” desta história, a dos atletas que, há época, ainda disputavam competições classificatórias pré-olímpicas. O tenista Bruno Soares, a jogadora de vôlei Sheila, o nadador paralímpico Daniel Dias, que é apresentado apenas como “atleta paralímpico” e o surfista Gabriel Medina são utilizados como fonte para registro. É possível perceber que, mais do que tentar apresentar uma “novidade” ao espectador, talvez explorando uma outra perspectiva, as declarações apresentam uma espécie de reforço das questões já apresentadas nas declarações indiretas dos presidentes dos comitês nacionais. “Saúde”, “bem estar” e o reforço de medidas de prevenção de contágio, como “ficar em casa” estão a todo tempo presentes nas falas dos entrevistados. Além desta questão, o destaque também está no “alívio” sentido pelos mesmos com o adiamento, que, na opinião

deles, oferecerá mais tempo para treinar e conseguir um bom desempenho na competição internacional de tamanha importância.

Imagem 5: Cenas complementares de apresentação do surfista Gabriel Medina



Fonte: Reprodução Globoplay

O destaque aqui está na presença da declaração de Gabriel Medina, bi campeão mundial na modalidade surfe. Apesar de uma fala genérica, ressaltando as medidas de prevenção recomendadas pela OMS, Gabriel aparece em dois momentos na matéria. O destaque que devemos fazer aqui, mais do que à declaração, está nas imagens utilizadas para acompanhamento da mesma. Além da figura do atleta, os segundos iniciais da declaração parecem ser uma tentativa de apresentação, ou uma justificativa para que Medina fosse ouvido pela reportagem, apresentando o atleta em seu ofício: a primeira, “em campo”, em plena execução de uma manobra e, a segunda delas, da comemoração pela vitória mais recente, no campeonato mundial ocorrido em 2018.

A abordagem do tema “Adiamento” apresentado no Jornal Nacional parece apresentar aos espectadores um panorama geral da decisão. A primeira matéria contida na grade noticiosa parece ressaltar os aspectos mais gerais, já apresentados em telejornais anteriores da emissora: o ineditismo da decisão é tratado como “decisão que não tem precedentes na História” sendo complementado com a informação de que o adiamento “não foi surpreendente, não foi polêmico, foi histórico”. Aspectos relevantes como a indefinição de datas para a edição em 2021 e questões ligadas ao gerenciamento econômico e logístico do evento foram apresentados como “indefinidos”, condicionados, inclusive, com a situação da pandemia que, naquele momento, tomava proporções significativas.

Mais uma vez, a ligação entre os Jogos Olímpicos e uma narrativa heróica de derrota da pandemia é apresentada no discurso. Desta vez, utilizando a sonora do presidente do COI, do coronavírus Thomas Bach, que afirma a expectativa de que as Olimpíadas sejam a “celebração da humanidade depois de superar essa grande crise”. Esta estratégia se revela essencial na medida em que avaliamos as circunstâncias de enunciação deste acontecimento histórico. Mais do que um reforço da informação, Thomas Bach enuncia de acordo com o papel desempenhado e a posição ocupada, a de presidente da maior entidade organizativa do evento. Neste sentido, mais do que validar o noticiado, a declaração, feita na forma de sonora, serve de “fonte historiográfica” de validação da importância de decidir pelo adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Imagem 6: Atletas utilizados como fonte declaratória pelo JH para tratamento da temática



Fonte: Reprodução Globoplay

A matéria subsequente apresenta ao público o impacto da decisão vista sob o olhar dos atletas. O discurso produzido nesta abordagem se volta para a utilização de termos que procurassem descrever o estado emocional dos atletas com esta decisão conjunta. Termos como “aliviados” e “satisfeitos” foram usados pelo jornalista Eric Faria para descrever o impacto da decisão para os atletas. Na matéria, foram ouvidos atletas das mais variadas modalidades olímpicas a fim de comprovar o dito por Eric. Daniel Dias, atleta paralímpico da natação, é responsável por caracterizar a decisão acerca do adiamento como “sensata e sábia”, o que se vê refletido também nos discursos de Bruninho (vôlei), Mayra Aguiar (judô) e

Gabriel Medina (surfe) (Imagem 6). Todos estes destacam como elemento central a necessidade de conter o avanço do vírus por medidas sanitárias simples como lavar as mãos e se manter em casa, além de destacar a importância da realização da edição de Tóquio em um ambiente que condiga com os princípios olímpicos: um ambiente saudável com igualdade de condições para os envolvidos. Se veem refletidas, também neste caso, escolhas discursivas por parte dos responsáveis pela edição do material, que optaram por declarações breves e repetitivas que parecem querer validar o discurso construído pelo jornalista responsável pela apresentação destes acontecimentos, mais do que apresentar, ao telespectador, fatos “novos”.

Esta, inclusive, é a única aparição, na forma de declaração, de um atleta dentre as modalidades estreantes na edição olímpica de Tóquio. A outra modalidade aqui estudada, o skate, aparece somente como uma imagem complementar de um “off” de Eric Faria. O Bicampeão mundial de surfe, Gabriel Medina apenas dá uma breve impressão sobre o acontecimento histórico destacado pela matéria. Optar por ouvi-lo, e não qualquer outro atleta já classificado, revela uma importante escolha editorial jornalística. Porém, não há, inclusive, uma justificativa, implícita ou explícita, da escolha por tal personalidade em detrimento de outras, já à época classificadas para a competição olímpica, sendo Medina apenas caracterizado pela modalidade que representa. Apesar de não ser o objetivo da matéria, nota-se também uma ausência de menção do surfe enquanto modalidade estreante na edição de 2020, fato que poderia ter sido explorado, ainda que sucintamente, através da declaração do atleta, seja a partir de uma simples menção desta especificidade ou através de uma exploração dos impactos do adiamento para atletas estreantes em Olimpíadas.

Imagem 7: Aparição do surfe e do skate no tratamento do tema Adiamento Olímpico no JN



Fonte: Reprodução Globoplay

Os impactos desta decisão também são apresentados sob um viés preocupante que extrapola as condições saudáveis de disputa. Segundo Eric Faria, a situação de algumas personalidades esportivas nacionais é deve ser olhada com cuidado, sobretudo se atentarmos

aos fatores “idade” e “planos futuros na vida pessoal”. Os atletas Robert Scheid e Formiga, que já disputaram seis edições olímpicas, são citados como casos em que a idade significaria um percalço para a disputa no ano de 2021. Além do caso do futebol masculino, que segundo regras da FIFA, só poderia conter três atletas acima dos 23 anos, o que geraria alteração na convocação. Bruninho, jogador da seleção de vôlei, retoma, de alguma forma, a narrativa do herói proposta por Campbell (2007), que se coloca como representante escolhido responsável por cumprir um objetivo maior que a sua própria glória. Segundo o atleta, “É um sonho para todos vestirem a camisa da seleção, estarem na olimpíada.”.

Já no que tange aos planos pessoais, a atleta da seleção de vôlei Fabi é citada como exemplo, que, de uma certa maneira, também é exemplo de uma espécie de narrativa do herói, na medida em que representa uma abnegação de si para benefício coletivo. (CAMPBELL, 2007). Segundo a matéria jornalística, nas palavras da atleta, “estava pensando este ano que seria meu último ano olímpico, meu último ano na fase do voleibol, até porque eu tenho o grande sonho de ser mãe. Então, agora querendo eu não a gente precisa sentar, se organizar (...)”.

A narrativa construída por Eric Faria parece retomar mais uma vez este caráter “ritualístico” e “mitológico” envolto na realização dos Jogos Olímpicos. A construção narrativa referente ao aspecto temporal é complementada com as imagens apresentadas na matéria. São usadas sequências de imagens que rememoram uma disputa contra o tempo e a utilização de um cronômetro, que complementa as palavras contidas no discurso de que “Para quem a vida toda lutou contra os minutos, contra os segundos, não é fácil parar, esperar. Mas dessa vez, o esporte precisou dar um tempo.”, proferida por Eric Faria.

Tal qual uma espécie de resumo das informações já apresentada nos demais noticiários, a matéria sobre o tema no Jornal da Globo, ancorado por Renata LoPrette, é mais sucinta. Destacando mais uma vez elementos como o ineditismo da decisão e a pressão de atletas e comitês olímpicos, o adiamento é tratado como “uma mistura de tristeza com alívio.”, nas palavras do correspondente em Tóquio. Esta fala é sustentada por importantes dados que ajudam o espectador a ter as dimensões dos impactos desta decisão: foram, ao todo, sete anos de espera para ocorrer o evento olímpico e uma decisão de um adiamento, à época sem data definida para que o mesmo ocorra, de um evento que aconteceria daqui a 122 dias. Porém, os motivos do alívio estão implícitos no discurso, o que o torna completo e informativo. O link, ao vivo, é complementado por cenas genéricas, ora dos prédios e avenidas de Tóquio, ora da bandeira olímpica e da marca registrada do evento.

Imagem 8: Imagens que ilustram as declarações do correspondente Carlos Gil



Fonte: Reprodução Globoplay

3.3.2. Repercussão (25 e 26/03/2020)

Tabela 2: Informações sobre o material jornalístico veiculado pela Rede Globo relativas às repercussões do adiamento dos Jogos Olímpicos de 2020

| Telejornal | Âncora | Tempo destinado ao tratamento do tema |
|----------------------|--------------------------------------|---------------------------------------|
| Bom dia Brasil (BDB) | Ana Paula Araújo | 2min11seg |
| Jornal Nacional (JN) | William Bonner e Renata Vasconcellos | 2min6seg |

Fonte: Autoria própria

Esta categoria de análise do trabalho compreende o material informativo em que o tema “adiamento” compôs o noticiário nos dias subsequentes à decisão conjunta do COI e Comitê local, nos dias 25 e 26 de março de 2020. Ao todo, compreendem esta categoria cerca de 4 minutos e 17 segundos, um espaço relativamente mínimo se comparado àquele destinado ao tratamento do tema no dia da coletiva, 24 de março. No que tange ao tema “Repercussão”, apenas encontramos material jornalístico nos telejornais Bom dia Brasil e Jornal Nacional.

O recurso narrativo da retomada do tema “adiamento” nos noticiários da Rede Globo serve de suporte para que o espectador, frente a este novo cenário que se delineava, tenha novas informações a respeito das decisões tomadas. Se no dia 24 poucos questionamentos puderam ser respondidos, estas soluções foram sendo publicizadas nos dois dias posteriores, fatos que também sustentam a noticiabilidade do tema na grade noticiosa dos telejornais.

Imagem 9: Jornalistas envolvidos na abordagem da temática Adiamento Olímpico no BDB



Fonte: Reprodução Globoplay

Para o retrato do que convencionamos chamar aqui “Repercussão” temos o maior espaço ocupado pelo tratamento do tema no telejornal matutino Bom dia Brasil. A primeira abordagem, feita no dia 24 de março, apresenta ao espectador algumas respostas breves aos questionamentos que ainda não tinham sido respondidos no tratamento do tema no dia anterior. Ao se referir ao adiamento, Ana Paula ressalta que, jornalisticamente, tudo se encaminhava para tal, o que não gerou uma surpresa. Isto pode ser justificado pelo uso de termos como “finalmente saiu”, termo coloquial bastante utilizado no cotidiano e que demonstra, no intertexto, que esta informação já circulava entre os jornalistas envolvidos na cobertura e que, de certa maneira, só faltava ser confirmada para que fosse considerada “oficial”.

Apesar de não apresentar ainda uma nova data, o espaço na grade noticiosa é justificado por apresentar que a redefinição da mesma já está em curso. Para tanto, Carlos Gil, correspondente em Tóquio, relata a ocorrência de uma nova coletiva, em forma de teleconferência, que serve como uma espécie de esclarecimento de algumas questões. Utilizando como figura de referência para emissão do discurso o presidente do COI, Thomas Bach, o relato feito pelo correspondente atribui a esta personalidade as palavras “sacrifícios” e “comprometimentos” para definir as situações envolvidas na decisão. Esta assertiva é feita, tendo como suporte, a imagem da declaração do presidente do COI, como uma forma de referenciar que o dito pelo correspondente é de responsabilidade de outro sujeito, com maior representatividade discursiva (Imagem 10). A complexidade da questão é ainda apresentada quando colocado em xeque que esta redefinição de datas precisa ser fruto de um “consenso”, palavras retiradas do discurso de Gil, entre as partes envolvidas, já que, além da própria

ocorrência dos Jogos Olímpicos, outras competições pré-olímpicas precisariam estar ajustadas no cronograma.

Imagem 10: Recurso imagético utilizado de suporte imagético para noticiar a declaração do presidente do COI, Thomas Bach



Fonte: Reprodução Globoplay

Ao invés de apresentar uma data, o que há no discurso é apenas uma declaração de impossibilidade de realização do evento, o que, apesar de pouco informativo, reafirma o princípio do compromisso do COI e entidades administrativas em procurar um cenário favorável para tal. Ao afirmar que o evento pode não acontecer no período referente ao verão no hemisfério norte, há a retomada do recurso da metáfora: o processo decisivo é, mais uma vez, comparado a um “quebra cabeças” que exige raciocínio e habilidade para ser montado, o que, implicitamente, destaca a importância dos gestores no processo de articulação.

A defesa de um ambiente saudável de realização do evento, tal como previsto nos princípios olímpicos, é retomada quando, no discurso de Bach, há a defesa de Tóquio como sede do evento na edição a ser realizada em 2021. A força discursiva da defesa da capital japonesa como sede está no trecho “mais bem preparada de todos os tempos”, que soma-se à figura de importância responsável por proferí-lo: o presidente do COI.

A relação com a pandemia de Covid-19 no mundo também é objeto de destaque nesta matéria. Para a abordagem, é utilizado como fonte o discurso da governadora de Tóquio, Yuriko Koike, mas o mesmo não é exibido de maneira direta, com apoio de uma tradução, apenas é utilizado como suporte pelo correspondente. Ao rememorar que “a batalha contra a COVID está em pleno curso”, utilizando-nos das palavras do correspondente Carlos Gil, o discurso da governante é feito em tom de apelo, sendo feito uso do recurso discursivo de verbos imperativos, tais como “**trabalhem** de casa” e “**evitem** sair à noite”, para orientar a

população japonesa quanto aos riscos da pandemia. Isto talvez nos remeta ao dia anterior, quando em uma das matérias também protagonizadas por Gil, temos o fato jornalístico que, ainda àquela época, Tóquio via os casos da doença crescerem e ainda não tinha adotado medidas de restrição, tal como é reforçado no discurso “Isso porque Tóquio confirmou 41 casos da Covid hoje, o maior número já registrado em um só dia” que finaliza a entrada de Gil.

No caso do Jornal Nacional, para tratar das repercussões do adiamento, opta-se por uma estratégia um tanto quanto interessante, principalmente se voltarmos nosso olhar para as escolhas discursivas presentes tanto no caso dos âncoras quanto do repórter da matéria. O uso de metáforas continua frequente como forma de ilustrar o acontecimento jornalístico das decisões tomadas em um momento pós-adiamento. Duas importantes são usadas no discurso de Eric Faria: há, mais uma vez, a retomada de “quebra-cabeças” para se referir ao processo de decisões referentes às redefinições necessárias para a ocorrência de Tokyo 2020 e, além disso, o jornalista opta pelo termo “força-tarefa” para se referir aos sujeitos responsáveis pela tomada de decisões envolvendo o processo de redefinição de datas de ocorrência e ações para efetivar a ocorrência no ano de 2021. Ambas se fazem extremamente essenciais enquanto força discursiva didática para que o público entenda que, ainda que parecesse uma decisão inevitável e ser fruto de um processo desencadeado algum tempo antes, os processos que envolvem tal decisão estão sendo avaliadas com o cuidado necessário devido à sua complexidade.

A demorada redefinição de datas é mais uma vez rememorado na matéria do Jornal Nacional, estando sempre atrelada ao princípio olímpico do “ambiente saudável”. Além de associá-la ao número crescente de casos na capital japonesa, que também é feito em outros telejornais, mais uma vez há a utilização do recurso da metáfora no discurso. Para articular a relação entre o adiamento olímpico e a situação da pandemia de Covid-19 há a atribuição do substantivo “batalha”, que, nas entrelinhas, revela que, ainda que incipiente em território brasileiro, a situação já estava sendo vista com receio pelas autoridades à nível internacional.

Já a abordagem do dia posterior, 26/03, feita no Bom dia Brasil por Ana Paula Araújo, é sucinta. Através de uma nota, a jornalista informa que o revezamento da tocha, importante símbolo olímpico, que marca o processo de iniciação do ritual de ocorrência de uma edição olímpica, estava suspenso. Há somente a rememoração de que a mesma ficará acesa em Fukushima, reforçando o simbolismo da cidade como critério para que a mesma fosse escolhida para tal descrita por Ana Paula como “região que foi devastada por aquele acidente nuclear em 2011”, usada também como recurso de localização.

Imagem 11: Acendimento da Pira Olímpica em Fukushima



Fonte: Reprodução Globoplay

3.3.3. A remarcação (30/03/2020)

Tabela 3: Informações sobre o material jornalístico veiculado pela Rede Globo relativas à remarcação dos Jogos Olímpicos de 2020

| Telejornal | Âncora | Tempo destinado ao tratamento do tema |
|----------------------|--------------------------------------|---------------------------------------|
| Bom dia Brasil (BDB) | Ana Paula Araújo | 2min19seg |
| Jornal Hoje (JH) | Maria Júlia (Maju) Coutinho | 1min41seg |
| Jornal Nacional (JN) | William Bonner e Renata Vasconcellos | 2min15seg |
| Jornal da Globo (JG) | Renata LoPrette | 2min7seg |

Fonte: Autoria própria

É apenas sete dias após o anúncio do adiamento que temos a definição de uma data para ocorrência dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021: entre 23 de julho e 8 de agosto de 2021. O tratamento do tema é feito por todos os telejornais da Rede Globo, apesar de, comparativamente, ocuparem um espaço menor: 8 minutos e 22 segundos, o que, em comparação, seria cerca de 31,2% do tempo ocupado pelo retrato do adiamento. Em um panorama mais geral das matérias veiculadas naquele dia, podemos destacar três elementos centrais que as compõem: aspectos logísticos referentes à remarcação, o retrato da pandemia naquela porção do mundo e, sobretudo, o fato de que, assim como o adiamento, a remarcação

também já não se tratava de algo “não esperado”. Outro ponto de convergência das matérias está no fato de que são feitas pelo correspondente das terras japonesas, Carlos Gil.

Assim como no caso do adiamento, o tema da remarcação foi primeiramente objeto noticioso do Bom dia Brasil. A situação da redefinição de datas é definida como “certa confusão” pela âncora do telejornal. Logo em seguida, Carlos Gil utiliza de uma gíria muito corriqueira no cotidiano: “bater cabeça” para se referir ao processo de remarcação do evento. Ao presumir o conhecimento de todos e, sobretudo, a regularidade de sua significação nas mais variadas regiões do país, Gil atribui sua utilização ao processo que ainda estava em curso desde a notícia do adiamento, de indecisões e inconsistências noticiosas. Segundo o correspondente,

Semana passada já foi confuso aquele anúncio do adiamento e hoje, poucas horas depois de convocar uma entrevista para negar a informação que já circulava aqui na imprensa local de que os jogos seriam realizados em julho do ano que vem, o Comitê organizador chamou os jornalistas às pressas para anunciar justamente que os jogos olímpicos serão realizados em julho de 2021 (BDB, 30/03)

Através do recurso discursivo “Semana passada”, o jornalista opta por descrever o cenário do “anúncio do adiamento” como “confuso” e comparar a situação para o momento do dia 30 de março, a remarcação da edição de Tóquio. Neste trecho, Carlos Gil parece apresentar uma espécie de linha do tempo para situar o telespectador a respeito do desenrolar dos acontecimentos. A cada assertiva, há uma referência temporal: “semana passada”, “hoje” e “poucas horas depois de convocar uma entrevista” são usados para apresentar o desencadear das ações vivenciadas naquele dia. Além de todos estes, há a opção por usar o termo “às pressas” e “justamente” para definir a situação do momento do anúncio do adiamento, se referindo sempre ao fato de que a informação já havia, no jargão jornalístico “furado”, momentos antes do mesmo dia. Tanto a âncora do BDB quanto o correspondente em Tóquio tratam desta notícia com um tom de certo sarcasmo, chegando até mesmo a rir da situação apresentada. O tom, carregado de certa informalidade, ajudam o telespectador a ter uma dimensão da situação apresentada no telejornal.

Logo após anunciar as datas de realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, de 23 de julho a 8 de agosto e 24 de agosto a 5 de setembro, respectivamente, há uma breve descrição da situação da pandemia em terras japonesas, que também influenciou no processo de decisão por novas datas. Há uma mudança de estratégia por parte do governo japonês. O que antes parecia apenas sugerir a adoção de medidas de distanciamento e restrição, se transforma em algumas importantes decisões: ao avaliar as condições de propagação da

pandemia em diversas localidades do mundo, como pode ser visto no trecho do discurso de Gil ao tratar sobre o tema: “o país está para confirmar, em breve, o fechamento das fronteiras para cidadãos de diversos países (...) para evitar o estado de emergência e um consequente isolamento obrigatório em grandes cidades do país”. Além do detalhamento do número de casos e mortes no Japão, o correspondente ainda faz a atualização no país em que a pandemia teve origem, a China, apresentando a até então situação corrente, apresentando imagens da capital chinesa.

Já a matéria apresentada no Jornal Hoje parece apresentar ao espectador um panorama mais completo acerca da remarcação dos Jogos Olímpicos. Para definir o cenário desenhado e publicizar esta informação, Gil opta pela utilização de importantes termos, corriqueiros na linguagem coloquial: “idas e vindas” para descrever o processo vivenciado e “bater o martelo”, para representar o processo de decisão por parte das entidades organizadoras (COI e comitê local). Além da apresentação das novas datas, são expostas as justificativas utilizadas para tomar o intervalo de um ano para a ocorrência do evento. Segundo relata Carlos Gil, apesar da opção de realizar o evento ainda em setembro de 2020, considerada uma época de temperaturas amenas, e importante para conter os gastos adicionais com a remarcação do evento, a decisão estava baseada no “tempo”, parecendo até mesmo remeter à narrativa construída na matéria veiculada no Jornal Nacional no dia 24 de março.

Algumas importantes informações chegam ao conhecimento do espectador. Se em 24 de março inúmeras perguntas ficaram sem respostas, algumas delas puderam ser sanadas. Na segunda parte desta matéria, o correspondente altera o foco de abordagem e passa a apresentar aos espectadores uma perspectiva mais enviesada para o âmbito econômico da remarcação. De um lado, informa-se que “Quem comprou ingresso, poderá usar. Quem preferir, pode pedir reembolso. Ainda haverá venda de ingressos, mas em data a ser confirmada.”, de outro, o jornalista opta por já apresentar decisões efetivas por parte dos organizadores: algumas licitações já tinham sido canceladas. Há a clara exposição dos impactos da decisão tomada dias antes e que, inevitavelmente, impactaram negativamente os custos.

Apesar de não apresentar explicitamente no discurso a quantia envolvida, o destaque o é implícito. A declaração apenas sustenta que “Tudo será revisto, mas os custos adicionais são inevitáveis.”. O que deixa mais claro ao espectador a respeito do montante cambial envolvido é a menção a um fundo de emergência, que, segundo apresentado no discurso, envolve uma quantia de cerca de dois bilhões de dólares. O destaque explícito no discurso

revela a intencionalidade discursiva de quem o produz, feita como uma estratégia de reafirmar a seriedade da decisão e as dimensões dos impactos causados pela mesma.

Quando tratamos de material audiovisual, cabe também um destaque fundamental à questão da imagem. Neste caso, foi possível observar dois importantes recursos que ajudaram a construir uma ilustração ao discurso informativo. A não opção por sonoras, com fontes para relatar a prova de ocorrência do acontecimento noticiado, a edição opta por apresentar algumas cenas da coletiva de imprensa realizada para noticiar a remarcação do evento e, sobretudo, uma série de imagens-ícone que apresentam, sobretudo, os anéis olímpicos dispostos em variadas localidades da capital japonesa e alguns locais de competição, como o Estádio Nacional.

Imagem 12: Cenas usadas como suporte para as declarações de Carlos Gil para o JH



Fonte: Reprodução Globoplay

A rememoração de eventos é também recorrente no caso do Jornal Nacional. Ao que parece refletir não só a informação, essencial, mas também o aspecto subjetivo do descontentamento do próprio jornalista envolvido na notícia, o correspondente Carlos Gil, algumas frases por ele ditas merecem destaque. Para se referir à situação confusa que envolveu o anúncio de datas para realização dos Jogos Olímpicos em 2021, cuja informação já era de conhecimento dos jornalistas envolvidos na cobertura, Gil opta por assim representá-la “Surpreendente é a capacidade que os dirigentes estão demonstrando de voltar atrás nas declarações com tanta rapidez.”. Esta escolha discursiva é importante, sobretudo, se considerarmos o tom de voz do discurso, importante elemento intrínseco à produção discursiva: em uma voz séria, mas de certa forma irônica, que revela a postura do jornalista frente à situação que é responsável por emitir. Neste sentido, mais do que em qualquer outro momento, a linguagem, que estrutura a formação do discurso, “não é neutra, inocente (...) e nem natural (...)” (BRANDÃO, 2012, p.12) e depende de outros elementos que compõem o “intertexto” narrativo.

Para justificar a demora na definição da data do evento, é apresentada a ocorrência de um contato entre Thomas Bach, presidente do COI e membros das principais federações esportivas do mundo. Mais uma vez, o correspondente opta por utilizar aspectos discursivos que o aproximam do público e deixam o discurso mais compreensível. O uso de “*sinál verde*” como sinônimo para “liberar / dar liberação” é um forte indicativo de escolhas discursivas feitas pelos agentes responsáveis pela construção noticiosa.

Logo após, a notícia é complementada pela data de ocorrência dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Para dar destaque à mesma, há uma espécie de retomada de informações anteriores: a possível antecipação para abril, época favorável devido às condições climáticas amenas. Para tanto, opta-se por recuperar um outro recurso discursivo já empregado em matérias de dias anteriores que já foram analisadas: a metáfora do tempo, definido por Carlos Gil como “vantagem imbatível”. Este recurso, para além de rememorar processos, parece também estabelecer a ligação com os aspectos econômicos que envolvem o evento, dando ao público um panorama da situação que os dirigentes e organizadores estão procurando organizar da melhor maneira:

(...) mas o fim de julho tem como vantagem imbatível o tempo. Tempo para renegociar contratos (...) para buscar solução sobre as instalações como centro de mídia e apartamentos (...), Tempo para que os atletas possam se preparar e para realizar eventos teste, algo defendido pelos comitês olímpicos nacionais, por quem a decisão foi saudada. (JN, 30/03)

Imagem 13: Apresentação das novas datas de realização das Olimpíadas de Tóquio



Fonte: Reprodução Globoplay

Neste trecho da notícia, é interessante destacar os recursos imagéticos utilizados para a composição do material informativo (Imagem 13). Se, ao longo de toda a matéria, foram apresentadas imagens da coletiva de imprensa, de algumas instalações olímpicas e da capital

sede das Olimpíadas, para demarcar a remarcação do evento, opta-se por imagens de arquivo de algumas competições olímpicas da edição anterior, com sede na cidade do Rio de Janeiro: canoagem, salto com vara e esgrima são algumas delas. Um aspecto a ser ressaltado é que, dentre elas, há um breve trecho em que o surfe aparece representado, ainda que sem menção ao ineditismo da modalidade ou quaisquer outro destaque à presença das outras quatro estreantes na edição de 2020.

Além de se preocupar em dar a notícia, o jornalista também faz a escolha por abordar os impactos da mesma. Para isso, são chamados às sonoras personalidades relevantes: Paulo Wanderley, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB); Vinícius Figueira (Carateca) e o tenista Bruno Figueira. É unanimidade entre os ouvidos o tom de contentamento com a decisão. O termo “tranquilidade”, inclusive, é utilizado tanto por Wanderley quanto Figueira para definir o momento de anúncio de uma nova data para os Jogos Olímpicos. Essa convergência de discursos acarretada pela utilização do mesmo termo sugere uma possibilidade de olhar mais macroscopicamente para o sentimento vivenciado pelos envolvidos naquela situação, tal como uma tentativa de afirmação de um discurso coletivo, generalizado, que é materializado através da “voz” de personalidades importantes no universo esportivo.

Há, sobretudo, o destaque ao fato de que, com a definição de datas, novos planos podem ser traçados, ou, nas palavras do presidente do COB, “(...) temos um objetivo, temos uma data e agora os atletas poderão melhor se preparar”. Esta afirmação vai em encontro das declarações dos dois atletas ouvidos, que ressaltam o aspecto tempo como fundamental nesta retomada. Enquanto Vinícius Ferreira afirma que “Agora a gente tem pouco mais de um ano para se preparar e se planejar.”, o discurso do tenista Bruno Soares parece o complementar: “(...) todo mundo já tem mais ou menos ideia do que fazer”. Apesar disso, a afirmação do último atleta parece ainda rememorar a impresibilidade de uma situação em futuro próximo relativo à pandemia, o que fica evidente na utilização discursiva de “mais ou menos”.

Esta afirmação parece sugerir um gancho para o jornalista Carlos Gil. O correspondente sugere uma certa comparação com o tempo de jogo e a impossibilidade de previsão da situação da pandemia de coronavírus: em ambos os casos, os cenários não estão prontos ou são imutáveis até que se chegue ao final. A afirmação de que “(...) o tempo é o melhor aliado para derrotar um inimigo comum, a pandemia do coronavírus.” é um forte comprovativo para as afirmações acima feitas. A finalização da matéria parece rememorar os sentidos que a iniciam: o cenário de inconsistência de informações que culminaram no anúncio de novas datas de ocorrência do evento no dia 30 de março. No discurso

apresentado,este cenário de confusão é colocado explícito no discurso quando se utiliza a expressão coloquial “colocar os pés pelas mãos” para defini-lo. A associação com a situação da pandemia e a preocupação da realização dos Jogos Olímpicos em um ambiente saudável é rememorado ainda no trecho “(...) o tempo é o melhor aliado para derrotar um inimigo comum, a pandemia do coronavírus.” em que reafirma a gravidade da doença e a necessidade de medidas para contê-la nos mais variados contextos globais.

Já a última matéria analisada referente ao tema “remarcação” em 30 de março de 2020 é do programa noticioso noturno “Jornal da Globo”, que é apresentado pela jornalista Renata LoPrette. A abordagem do tema, diferente dos demais tratamentos dados nos telejornais anteriores, parece mais generalista, mas igualmente essencial e relevante. Há, neste caso, apresentação de informações já consideradas “novas”, dada a distância temporal com as terras japonesas, que já vivenciava o dia seguinte ao anúncio das novas datas de realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021.

Como testemunha ocular do evento histórico, Carlos Gil é mais uma vez chamado como enunciador do discurso. A situação da pandemia em terras japonesas é apresentada de forma a que o espectador entenda a importância da tomada de decisão pelo adiamento feita apenas seis dias antes, em 24 de março de 2020. Há o relato de que, com o aumento de casos diagnosticados, o primeiro-ministro japonês decidira pela proibição de entrada de estrangeiros vindos, principalmente dos Estados Unidos, China, Coreia do Sul e a maioria dos países da Europa.

Há, portanto, um foco central em apresentar a situação das principais cidades japonesas. O anúncio de apelos pela adoção de distanciamento social como medida preventiva de contágio é rememorado na matéria, reforçando a preocupação com o aumento exponencial de casos nas duas maiores metrópoles do país. A preocupação é perceptível no tom de voz empregado por Carlos Gil na afirmação de que “O Japão tem pouco mais de dois mil casos da Covid com 56 mortes até o momento”, número expressivos para a situação pandêmica enfrentada naquele momento. Para encerramento da matéria, Gil opta por apresentar um fato novo na realidade pandêmica em terras japonesas mas, sobretudo, bem conhecido na atualidade: a emergência e a disseminação de fake news. Classificadas, nas palavras de Carlos Gil, como “(...) um dos maiores aliados do vírus”, é considerada propulsora de “medo e desinformação.”.

CAPÍTULO 4: A COBERTURA TELEVISIVA DAS PRANCHAS: O SURFE E O SKATE NOS TELEJORNALIS E PROGRAMAS ESPORTIVOS DA TV GLOBO

4.1. Questões teóricas e metodológicas para análise do corpus

Quando falamos de comunicação, estamos colocando em evidência a produção discursiva. É através deste fundamental produto cultural humano que os sujeitos podem estabelecer os princípios de uma vida em coletividade e, mais do que isso, fazerem-se compreensíveis, expressando suas subjetividades.

Múltiplos olhares foram lançados para a língua, convertendo-a em objeto de estudo: Em um primeiro momento, a Linguística, cujo principal expoente é Fernand Saussure, olhou para a língua, e seu processo de apropriação, como algo puramente estrutural, cujos sentidos, essencialmente, podiam ser compreendidos através de uma leitura analítica “textualizada”, através de uma análise restrita aos elementos que a compõem.

Os desdobramentos destes estudos deram origem a outro campo de estudos, inovador em seus procedimentos de análise: a Análise de Discurso. Longe de representar uma ruptura com os estudos anteriormente desenvolvidos no campo da Linguística, a Análise de Discurso nasce como um desdobramento da mesma, oferecendo um olhar macroscópico para as questões que envolviam este objeto de estudo. Sua vertente francesa, cujo principal representante está em Michel Pêcheux, emerge em 1960 como um campo interdisciplinar resultante da confluência entre linguística, marxismo e psicanálise (BRANDÃO, 2012), e pretende olhar para a língua como uma ferramenta de expressão, enquanto um instrumento para compreender a sociedade, seus participantes e as ações empreendidas no interior dos meios sociais partilhados (MAINGUENEAU, 2015) (ORLANDI, 2020).

4.2. O discurso: conceitos fundamentais

Articulando língua, sujeitos e ideologia, a A.D. de linha francesa amplia os horizontes de análise de forma a compreender os sentidos construídos no interior das situações sociais, elemento fundante, especialmente quando nos propomos a analisar eventos a partir da perspectiva comunicacional (ORLANDI, 2017). O importante aqui é dizer que a A.D. não caminha sozinha: ela é articulada, sobretudo, a partir do acionamento de uma série de conceitos que nos ajudam a olhar “através” dos fatos ali postos: sujeito, enunciação, interdiscurso, ideologia, entre tantos outros. Desta forma, o que importa, para os teóricos desta escola de pensamento, é compreender o aspecto relacional do sujeito com a linguagem,

de forma a compreender “(...) como se produz, como se significa e que ideologia está presente na produção da análise de discurso.” (ORLANDI, 2017, p.26).

Para podermos apresentar melhor os conceitos que envolvem esta escola teórica, é preciso antes definir o que é discurso. Se, em um primeiro momento, tomamos discurso como “(...) efeito de sentido construído no processo de interlocução” (BRANDÃO, 2012, p.106), é preciso olhá-lo com mais atenção para perceber que esta articulação linguística é essencialmente situacional e subjetiva. Muito mais do que um simples amontoado de signos e significantes, o discurso se apresenta como

(...) o instrumento e o lugar de relações de opinião; é aquilo por meio do que os atores constroem o consenso e a conflitualidade (...). Pelas palavras que empregam e as questões de valores nas quais investem, pelos comentários que produzem sobre esses usos, os locutores desenham o contorno das posições que ocupam ou que rejeitam. (KRIEG-PLANQUE, 2012, p.111 apud MAINGUENEAU, 2015, p.96).

Falar de discurso é, portanto, falar de algo essencialmente cultural, subjetivo e situacional. Inúmeras e heterogêneas foram as significações construídas a respeito deste termo durante várias décadas, mas, sobretudo, é possível identificar uma série de elementos que ajudam a construir a especificidade deste conceito. Para Dominique Maingueneau (2015, p.25-28), o discurso pode ser caracterizado por oito principais características: 1) “(...) uma organização além da frase”; 2) “uma forma de ação sobre o outro”; 3) como algo “interativo”; 4) contextualizado; 5) “assumido por um sujeito”; 6) “regido por normas”; 7) “(...) assumido no bojo do interdiscurso” e, 8) como algo que “(...) constrói socialmente o sentido”.

Desta maneira, muito mais do que voltar o olhar para o discurso enquanto produto cultural, é preciso distanciamento para perceber as peculiaridades da cena enunciativa de que este discurso fez parte, na medida em que esta revela, sobretudo, formações discursivas, ou seja, “(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada (...)” (MAINGUENEAU, 1997, p.14)

Neste sentido, voltemos a olhar para o discurso enquanto um “curso” ou “processo”, que depende de circunstâncias específicas e, sobretudo, da apropriação que os sujeitos, ativos, fazem da língua ao transformá-la em linguagem e, conseqüentemente, em discurso. Muito mais do que a palavra “posta em movimento”, o discurso se configura como um processo de efeito de sentido entre interlocutores (ORLANDI, 2012) que, em suas construções discursivas, refletem suas subjetividades e sedimentações (BERGER & LUCKMANN, 2014) em um processo de construção de representações (ORLANDI, 2012).

Diante de um processo um tanto mais complexo, é preciso recuperar algumas definições conceituais que nos ajudam a compreender a importância da aplicação da A.D. em nossas análises. Indissociável ao conceito de Discurso está o de Linguagem. Esta pode ser considerada enquanto um “(...) sistema de signos verbais que serve para formular pensamentos no processo de reflexão da realidade objetiva pela cognição subjetiva e para comunicar socialmente esses pensamentos sobre a realidade, bem como as experiências emocionais, estéticas, volitivas. etc., a esta relacionadas” ou, ainda, vale dizer que esta é “(...) um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, (...) elemento de mediação entre o homem e sua realidade (...) é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade (...)” (BRANDÃO, 2012, p.11).

Ao falar de discurso, falamos, sobretudo, de sujeitos. É a partir dele, e olhando para as especificidades de suas constituição, que entenderemos a importância de se atentar aos discursos. Como já dito, a A.D. articula três importantes pilares: o sujeito, a ideologia e a linguagem de forma a compreender como os discursos refletem aspectos para além daqueles “captáveis” na situação comunicativa. É impossível pensar discursos sem sujeitos. São estes que, atravessados por uma infinidade de mediações culturais (MARTIN-BARBERO, 1997), colocam-se ativamente na cena enunciativa (RANCIÈRE, 2012).

Para compreender de que forma esses sentidos, implícitos, são formados, é preciso rememorar o pilar marxista que sustenta a A.D. de linha francesa, que entende a essencialidade de compreender a influência da ideologia como elemento constituidor dos discursos. Neste sentido, é preciso entender que ela se encontra no plano de fundo de qualquer produção discursiva, na medida em que os discursos não são formados sem sujeitos e estes, indubitavelmente, são atravessados por vieses ideológicos que, por muitas vezes, são esquecidos ou ocultados no ato enunciativo. Assim, ela se constitui enquanto “(...) sistema lógico e coerente de representações (...) e de normas ou regras (...) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.” (CHAUI, 1980, p.113 apud BRANDÃO, 2012, p.22).

Nenhum sujeito se forma sozinho: ele é fruto de seu tempo e do espaço que ocupa. É através dos discursos anteriores a eles que este indivíduo se forma e, de certa maneira, pode se reconhecer enquanto membro de um meio social (ORLANDI, 2012) Além disso, este discurso, que não se esgotou no momento de sua emissão e perpassou as fronteiras espaciais e temporais (OROZCO GÓMEZ, 2005), serve de suporte para entendermos as ações empreendidas no presente e, de certa forma, são orientadores de ações futuras e passíveis de

serem transformados por uma nova mentalidade vindoura (BERGER & LUCKMANN, 2014) (BRANDÃO, 2012).

Assim também o é a situação comunicativa. Para além de sujeitos interagindo discursivamente em determinada situação ancorada em determinado tempo e espaço, é preciso olhar com mais atenção para os processos que a envolvem, mas nem sempre são perceptíveis à primeira vista. Através da análise das Condições de Produção (C.P.), ampliamos a visada para compreender a relação estabelecida entre três principais elementos: 1) os sujeitos 2) a memória e, 3) a situação, de modo a entender os lugares que ocupam os sujeitos e os sentidos e, sobretudo, à imagem construída sobre estes indivíduos e sobre a situação em curso. Atravessados por outros discursos anteriormente emitidos, e “esquecidos”,

Os dizeres não são (...) apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz (...). Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. (...) As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito, em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2001, p.30-32)

Ao desdobrarmos este conceito, encontramos dois outros, igualmente importantes para compreender os sentidos contidos nos discursos: Formação Ideológica (F.I.) e Formação Discursiva (F.D.). Elemento constitutivo da F.D., a F.I., como o próprio nome já rememora, está ligado aos aspectos ideológicos que determinam um “(...) conjunto de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras.” (HAROUCHE et al., 1971, p.102 apud BRANDÃO, 2012, p.47). Já as Formações Discursivas (F.D.s) refletem o fato de que o sentido do discurso não é um dado em si mesmo, mas produto de um conjunto de variáveis que vão desde a posição ocupada pelo sujeito até os posicionamentos postos em jogo no momento da situação comunicativa. Para Eni Orlandi, é esta posição detida, e assumida, pelos sujeitos que

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/ dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2012, p.53).

A F.D., portanto, estabelece “o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2001, p.43), entendendo que os sentidos postos na articulação das palavras é fortemente atravessado por todos os elementos que ajudaram a constituir o homem enquanto sujeito pertencente a um meio social. Extremamente situacional, a F.D. é interdependente da relação estabelecida entre os sujeitos que se colocam em uma dada situação, com posições estabelecidas, em determinado lugar e tempo histórico. Enquanto sujeitos ativos no processo comunicativo e essencialmente significantes e significativos, estes mesmos sujeitos assumem determinadas posições que determinam a “força” daquilo que dizem. Desta forma, a F.D. nos propõe olhar para a perspectiva de que “(...) o sentido se constrói no interior de fronteiras, mas mobilizando elementos que estão fora delas.” (MAINGUENEAU, 2015, p.81).

Como já dizemos, os discursos são constituídos por aquilo que se diz, mas, sobretudo, por aquilo que está ancorado no plano de fundo, e que muitas vezes não é perceptível sem um olhar mais atento. Dois conceitos conduzem esta discussão: interdiscurso e esquecimento. Teorizado por Michel Pêcheux (1983), o interdiscurso se relaciona à capacidade de convergência de diversas Formações Discursivas (F.D.s), tal como um “(...) conjunto de formulações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” (ORLANDI, 2001, p.33). Duas são as principais visões a respeito do conceito: a mais restrita delas entende que o interdiscurso se configura enquanto “(...) conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros” (POSSENTI, 2003, p.254). Já a mais abrangente, entende o interdiscurso como “(...) conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita” (idem, *ibidem*).

Já os esquecimentos, teorizados também por Pêcheux (1975), representam aquilo que “não é dito” mas compõe aquilo que se diz. É Pêcheux quem nos apresenta os dois tipos de esquecimento que condicionam a produção discursiva: Enquanto o “Esquecimento número 2” trabalha no âmbito da enunciação, estabelecendo “como se diz”, refletindo as escolhas semânticas para a construção do discurso, o “Esquecimento número 1” é da ordem ideológica. É a partir desta classificação do esquecimento que vemos a importância da ideologia na análise discursiva: quando dizemos, não estamos falando somente por nós, mas somos, o tempo todo, atravessados por discursos que nos constituíram e que são anteriores a nós. Neste tipo de esquecimento, apesar de termos a impressão de que os sentidos são “nossos”, eles estão intimamente relacionados à maneira com a qual lidamos com a articulação entre língua e história (ORLANDI, 2001).

Diante de todas essas definições conceituais, partimos para o que é, talvez, a mais relevante delas: a enunciação, entendida como “(...) sistema de coordenadas abstratas,

puramente linguísticas, que torna possível todo e qualquer enunciado fazendo-o refletir sua própria atividade enunciativa.” (MAINGUENEAU, 2010, p.200) ou, ainda

O eu [que] realiza o ato de dizer num determinado tempo e num dado espaço. Aqui é o espaço do *eu*, a partir do qual todos os espaços são ordenados (...); *agora* é o momento em que o *eu* toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada. A enunciação é a instância que povoa o enunciado das pessoas, de tempos e de espaços. (FIORIN, 2018, p.56-57)

Indissociada de todos os outros conceitos anteriormente apresentados, a enunciação se caracteriza como o momento de concretização dos discursos na cena comunicativa. Ao enunciarmos, estamos nos colocando em cena, dizendo ao outro quem somos e a imagem que construímos de nós mesmos, do outro e do mundo que nos cerca.

Quando falamos de ato enunciativo, estamos falando de comunicação. E para analisá-los com clareza, é necessário se atentar para uma série de elementos que, conjugados, garantiram a efetividade da cena discursiva: 1) Os sujeitos envolvidos, e os papéis por eles desempenhados; 2) A finalidade com que a atividade discursiva é realizada; 3) O lugar apropriado; 4) A temporalidade; 5) O suporte através do qual a comunicação acontece; 6) A composição e os modos de encadeamento, ou como se estrutura a cena discursiva 7) O uso específico da língua (MAINGUENEAU, 2015, p.120-121).

Quando falamos de enunciação, estamos, conseqüentemente, acionando todos os demais conceitos aqui explicitados. É a partir do ato enunciativo que o discurso é materializado. Elemento constituinte da linguagem, o discurso também não se faz sozinho, sendo fruto da subjetividade dos indivíduos responsáveis pela sua emissão. Não é possível, portanto, falar de enunciação “neutra”, já que a mesma traz consigo elementos fundantes que, à primeira vista, pode nos parecer imperceptíveis, mas são de extrema importância para o analista discursivo (ORLANDI, 2001) (BRANDÃO, 2012).

Assim como é no ato comunicativo, é preciso pensar o processo de enunciação como a produção de um discurso que “(...) se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias.” (BRANDÃO, 2012, p.65). A partir desta perspectiva, ao analisar determinada situação enunciativa discursivamente, estamos trazendo à tona elementos para além de respostas objetivas às questões propostas por Harold Lasswell (1971) ““Quem?/ Diz o que?/ Em que canal?/ Para quem?/ Com que efeitos?”. É possível, assim, pensar que os sujeitos assumem funções determinadas, a depender da circunstância enunciativa, e que, indubitavelmente, inserem nos discursos “projeções imagéticas” de si, dos demais participantes do ato enunciativo e da situação compartilhada.

Podemos, portanto, pensar na importância de três papéis fundamentais ao analisarmos determinada situação comunicativa em que a enunciação se faz presente: 1) o locutor, ou aquele que fala. Nesta categoria se colocam também as “vozes ocultas” que falam “através dele”, tal como um esquecimento; 2) o alocutário, ou aquele para qual o se fala e; 3) o delocutário, ou referente, que corresponde à pessoa da qual se fala (BENETTI, 2008). Todos esses papéis, de uma certa maneira, são cambiáveis a depender da circunstância enunciativa e se ligam, essencialmente à “(...) determinações culturais, sociais e históricas.” (BENETTI, 2007, p.117).

4.2.1. Amplificando as vozes: o papel do discurso jornalístico

Quando olhamos a instância comunicacional de uma maior distância, vemos que todos os conceitos, aqui apresentados e desdobrados, são elevados à última potência quando tratamos de um tipo particular de discurso, o jornalístico. Se nas bases fundantes das teorias comunicacionais encontramos discussões que concebem instâncias, produtoras e receptoras, para a efetividade da comunicação, considerando (ou não) seus efeitos nos sujeitos, todas estas proposições são levadas em conta quando tratamos de um tipo singular de comunicação, a midiática.

Em um primeiro momento, tratamos da necessidade de olhar a comunicação para além da relação estabelecida entre sujeitos, todas estas questões se multiplicam quando tratamos da instância midiática. Neste caso específico, vemos que todo o poder, que em instâncias particulares é dado ao sujeito emissor da mensagem, ganha um plano de fundo de operações complexas que norteiam as decisões empresariais envolvidas no ato de noticiar. É nesta perspectiva que inúmeros questionamentos vêm à tona, muitos deles ainda inconclusivos ou com respostas simplificantes: O que significa informar na instância midiática? Quais são os sentidos que orientam a ação de informar? Quem são estes sujeitos envolvidos? De que forma a organização se posiciona no ato informativo? Quais as estratégias que “garantem”, entre muitas outras, a premissa de objetividade e imparcialidade pretendidas pelo fazer jornalístico?

Muito se fala a respeito da visão reducionista, e, por vezes, tecnicista que envolve o processo de comunicação midiática. De um lado, uma instância produtora de informação, responsável por transformar o acontecimento cotidiano extra-ordinário em notícia (BOURDIEU, 2001), a fim de fazê-la de conhecimento de uma coletividade cujas fronteiras não são mensuráveis. De outro, a instância receptora, que, ainda nas bases das teorias comunicacionais, era tomada como passiva neste processo, cabendo a esta apenas a tarefa de

“absorver” a informação que lhes era passada, teoria esta que sofreu modificações com o decorrer do tempo. E, no intermediário entre estas, está o produto informativo, resultado de uma série de decisões administrativas responsáveis por modular “o que é importante” e “de que forma este fato, “importante” deverá ser noticiado”.

Construindo um espaço de circulação e produção de sentidos (BENETTI, 2007), o discurso jornalístico extrapola a existência dos sujeitos envolvidos no processo de informar, sendo resultado de um processo que envolve, entre outras coisas, a relação interdiscursiva e a relação intersubjetiva. Como vimos, é a partir dos papéis atribuídos que os discursos proferidos pelos sujeitos ganham sentido e propulsão: postos em posições privilegiadas, e ancorados em uma estrutura complexa de interesses ideológicos e mercadológicos, os sujeitos modulam seus discursos em uma tentativa falha de pretensão de objetividade e imparcialidade.

Assim como qualquer outro, o discurso midiático está ancorado no aspecto relacional. É feito *por e para* sujeitos, que olham o mundo sob um olhar particular, orientado por uma estrutura que é, ao mesmo tempo, exterior e anterior à este. Assim, ao colocarem-se no papel de emitir uma informação, os jornalistas se apropriam da língua, a transformam em linguagem, e têm a função de não somente “(...) recortar, descrever, estruturar o mundo; ele fala, em princípio, para se colocar em relação ao outro, porque disso depende a própria existência (...) todo discurso, antes de representar o mundo, (...) representa o mundo ao representar uma relação” (CHARAUDEAU, 2019, p.42).

É a partir do princípio de alteridade que esta relação "emissão-produto-recepção" passa a fazer sentido. Se, por um lado, entendemos o discurso jornalístico como fruto de uma dupla relação entre os mais variados discursos e, sobretudo, uma infinidade de variados sujeitos, vemos que não há como pensar em um discurso jornalístico “frio”, isento de subjetividades, já que estamos tratando de sujeitos, ativos, interpretantes e questionadores, no processo comunicativo. O discurso jornalístico, então, se coloca enquanto intersubjetivo, histórico e orientado social e culturalmente e é estabelecido mediante um contrato de comunicação, que varia conforme o suporte utilizado para propagação, e envolve 1) sujeitos; 2) circunstâncias enunciativas; 3) os critérios, subjetivos e organizacionais, que convertem um dado acontecimento em notícia e; 4) lógicas econômicas, que determinam “o que” e “como” retratar um determinado acontecimento (CHARAUDEAU, 2019). Ademais, este “contrato fiduciário” estabelece que

Toda comunicação está fundada em uma confiança mínima entre os protagonistas, e cabe a uma retórica narrativa (...) determinar como “a

enunciação contribui para criar, no enunciatário, uma relação de confiança fundada na autoridade que o enunciador deve se conferir caso deseje convencer. (AMOussy, 2016, p.21)

Assim, é impensável conceber um discurso jornalístico isento de intencionalidades, apesar de, em tese, este estar associado à premissa da objetividade e da isenção. Se o discurso é um produto cultural humano, assim também o seria aquele produzido para ser veiculado nos mais variados meios de comunicação. Regidos por uma lógica própria, institucionalizada, os discursos jornalísticos são envoltos em interesses, externos e internos, de quem o produz: ele faz parte de um imaginário socializado de sentidos que orientam o que deve ser convertido em notícia, os critérios utilizados para tal e, sobretudo, o modo com que os sujeitos, envolvidos neste processo, devem orientar as escolhas discursivas para tratamento de determinada temática.

Há três instâncias que norteiam o discurso jornalístico: a produção, o produto e a recepção. Longe de entender este processo como um fluxo unidirecional, é preciso, sobretudo no caso do discurso jornalístico televisivo, entender as especificidades de cada um destes elementos, para, enfim, poder definir o que vem a ser um discurso jornalístico. Sabe-se que, ao narrar determinado acontecimento, transformando-o em “interessante” a uma coletividade, estamos modulando os discursos a fim de retratar o fato segundo um ponto de vista dentre os múltiplos existentes. Além disso, quando falamos de discurso jornalístico, estamos tratando de questões bastante singulares, já que este é um produto híbrido, fruto das subjetividades que os sujeitos “deixam escapar”, intencionalmente ou não, e os interesses que governam a empresa jornalística.

Entrelaçados, produção, produto e recepção são responsáveis por “modular” percepções e sentidos nos sujeitos envolvidos neste processo comunicacional. Mais do que tomar o discurso da instância produtiva como algo relacionado à alienação, é preciso traçar reflexões a respeito dos papéis desempenhados pelos sujeitos que participam desta etapa. Colocados em posições de sujeito de privilégio, o que confere notoriedade e veracidade ao discurso emitido, os sujeitos enunciam partindo de duas perspectivas: 1) Das mediações culturais e sociais que os constituem enquanto seres ativos no processo comunicativo-informativo (MARTÍN-BARBERO, 1997); 2) Dos princípios que orientam os papéis desempenhados na atividade laboriosa, que estão intimamente relacionados à ideologia socializada na empresa jornalística.

Neste sentido, o dizer, sobretudo a partir dos meios de comunicação, ocupa um lugar simbólico que, antes de relatar o acontecido, enuncia um pouco sobre aquele que o diz.

Assim, ao se pretender “isento” e “objetivo”, o discurso jornalístico necessita daquilo que Patrick Charaudeau (2019, p.48) classifica como provas de verdade, que dependem de dois principais aspectos: 1) do imaginário dos grupos sociais componentes de uma dada sociedade; 2) das representações construídas sobre aquilo que é dito, concebendo que o processo de recepção não se esgota no momento em que o sujeito acaba de receber a informação.

Muito mais do que simplesmente “refletir” uma realidade de um coletivo, o discurso jornalístico é, de certa forma, responsável por modulá-la, recortá-la mediante “mapas culturais de significado” (HALL et.al., 1993 apud BENETTI, 2007, p.110). Motivados por um propósito, em prol de uma visibilidade e de uma publicização dos acontecimentos extraordinários, a construção social da realidade a partir da notícia pressupõe: 1) a seleção de fatos a serem relatados e dos atores “ouvidos” para justificar o noticiamento; 2) pelo modo trazer à tona os fatos e torná-los entendíveis e, por fim 3) os modos de tornar os acontecimentos visíveis a uma coletividade, sendo ajustados mediante o suporte utilizado para transmissão.

É preciso, neste caso, se atentar à circunstância da enunciação, tentando compreender de que forma os discursos podem ser enunciados, a depender da territorialidade, da temporalidade e das intencionalidades daqueles envolvidos no processo de informar, e ser informado. No que tange à relação entre produtores e produto noticioso, é preciso, antes de tudo, nos perguntar a respeito dos modos de dizer. Essa circunstância enunciativa envolve dois processos: os dados externos e os internos. O segundo deles talvez seja o mais simples, já que, de certa forma, já discutimos aqui. Diz respeito, sobretudo, às questões relacionais da produção discursiva, compreendendo três aspectos fundamentais: 1) o comportamento dos parceiros de troca; 2) a maneira de falar e; 3) os papéis desempenhados por estes sujeitos (CHARAUDEAU, 2019).

Já quanto aos dados externos, com base nas reflexões de Patrick Charaudeau (2019, p.68), podemos elencá-los mediante as seguintes condições: “de identidade”; “de finalidade”; “de propósito” e; “de dispositivo”. Todas estas atuam em conjunto para ajudar a construir os modos de apresentação dos discursos nas instâncias midiáticas. Sabemos que o ato comunicativo é indissociável da necessidade da presença de sujeitos. Estes, pertencentes à mesma sociedade ou não, falam a partir do seu “lugar no mundo”, a partir das mediações culturais que o formam e, mais do que isso, a partir do modo com que este se identificam, seja nas questões etárias, de gênero, etnia ou àquelas relativas ao status social a que pertencem.

É preciso dizer que todo ato de comunicação não se estabelece à toa. Em suas especificidades são encontrados objetivos pelos quais os indivíduos envolvidos na situação comunicativa agem. Estes objetivos se encontram contidos em quatro conceituações, que podem ser articuladas entre si para moldar os sentidos envolvidos nesse processo de interação entre sujeitos: 1) prescritiva, que revela a intencionalidade de influenciar o outro a concordar com aquilo que eu digo; 2) informativa, que cumpre a função do “fazer saber” (CHARAUDEAU, 2019), determinado acontecimento ou situação; 3) incitativa, que pretende fazer o “outro” levar a crer que aquilo que é dito tem valor de verdade e, finalmente; 4) *pathos*, que pretende despertar um sentido emocional no “outro” a partir daquilo que se diz.

Já o propósito figura entre um dos principais dados externos de constituição de um discurso midiático. É através dele, e orientados pelos princípios de construção social de uma realidade, que nos deparamos com uma “(...) maneira de recortar o mundo em “universos de discurso tematizados” (CHARAUDEAU, 2019, p.69). É a partir desta perspectiva que nos deparamos, frente a frente, com as estratégias de modulações de sentidos na construção dos acontecimentos, sempre orientados pelas orientações de indivíduos ou organismos gestores da informação.

Além de entender as motivações e as especificidades dos sujeitos envolvidos na produção do discurso jornalístico, é de fundamental importância olhar para as especificidades dos *dispositivos*. Mais do que nos questionar “Qual o dispositivo escolhido para amplificação dos discursos jornalísticos?”, devemos olhar com mais atenção para “Quais são os recursos utilizados para tornar esse acontecimento atrativo no meio de comunicação utilizado para transmitir a informação?”. É a partir da escolha do dispositivo que podemos prosseguir com as discussões aqui empreendidas, já que, como sabemos, o “contrato fiduciário” (AMOussy, 2016) convertido em “contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2019) (BENETTI, 2007), é o que determina os modos pelos quais tornam possíveis a comunicação em determinado dispositivo.

Estas discussões se tornam ainda mais fundamentais quando voltamos nosso olhar para o discurso jornalístico produzido para ser veiculado através da televisão. Como sabemos, todo discurso ganha potência ao ser acompanhado pela imagem, já que a mesma funciona como uma determinada “prova de ocorrência” do acontecimento. Ainda que esta assertiva seja questionável, já que todo discurso é modulado e “recortado” segundo premissas e interesses, é a força imagética, trazida ainda da imagem fotográfica, que constrói um “sentido de real” que potencializa o acontecimento apresentado nas mídias.

Para Pierre Bourdieu (1997), a utilização da imagem na comunicação jornalística televisiva tem dois principais poderes: a produção de um efeito de real e um poder de evocação, ligado ao efeito de mobilização. Neste sentido, “(...) a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o *efeito de real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeito de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos.” (BOURDIEU, 1997, p.28). Utilizada primeiramente como complemento textual, este recurso se tornou algo singular, passando, em muitos casos, a ganhar um espaço de destaque frente ao processo de informar-se através das mídias.

Ao se utilizar da estratégia da imagem, sobretudo aquela que é apresentada “em movimento”, a televisão reforça a proposta de uma “prova de verdade” do acontecimento. É a partir deste recurso visual que, juntamente com os discursos apresentados de forma oral, que este meio de comunicação pretende informar o leitor sobre a ocorrência de um dado fato extra-ordinário do mundo vivido. Mas, como se sabe, esta apresentação, longe de “representar o real”, atua como a apresentação de uma das vertentes do acontecimento. É o jornalista, e os demais atores envolvidos no processo de produção, que recortam o acontecimento e escolhem, a partir de estratégias empresariais e/ou subjetivas, como este dado fato deve ser “apreendido” pelo público em questão.

Para tanto, deve-se pensar “Quem é o público a ser “atingido”? “Quem são as fontes que serão ouvidas?” “Quais serão as estratégias discursivas utilizadas para contar o fato ocorrido?”. Todas estas questões estarão apresentadas de forma direta (designação), causando um efeito de presença na cena do fato; como uma reconstituição do já vivido por outrem, ou a figuração; ou, ainda, da forma de visualização, que pretende representar o ocorrido a partir de um código de representação compreensível àquela coletividade para a qual se visa informar. Estes modos de apresentação, sobretudo, dizem muito mais sobre os sujeitos envolvidos no processo de apresentação do ocorrido do que a respeito do fato relatado, divulgado e amplificado através da televisão.

4.3. Os caminhos da pesquisa

Diversos fatos inéditos marcaram a realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio. Primeiramente, a decisão tomada pelo COI pela inclusão de cinco modalidades no programa olímpico, a saber: surfe, skate, caratê, softbol/basebol e escalada, representaram um marco em prol da juvenalização do público espectador deste megaevento e, conseqüentemente, de maior retorno financeiro aos envolvidos em sua realização. Em segundo lugar, estávamos

diante de um adiamento, que pela primeira vez na história adicionaria mais um ano ao tradicional quadriênio olímpico.

Porém, mesmo diante de todos os percalços enfrentados, a decisão pela disputa de novas modalidades abria os horizontes para a possibilidade de uma melhor colocação no quadro de medalhas pelo Brasil. Tudo isso justificado pelo fato de que, com cenários competitivos consolidados e reconhecidos, internacionalmente, as modalidades sobre pranchas ainda traziam consigo um elemento potencializador, no caso brasileiro: os representantes olímpicos brasileiros, tanto no caso do surfe quanto nas disputas de skate street e park, masculinos e femininos, eram figuras premiadas e reconhecidas por seus feitos, o que acarretou certa expectativa por medalhas.

É a partir da exposição destas especificidades, que somam-se às demais temáticas aqui já discutidas, que este trabalho visa compreender de que forma a TV Globo, emissora oficial de transmissão do evento em solo brasileiro e de maior audiência em solo nacional, construiu discursos sobre as duas modalidades, surfe e skate, considerando o ineditismo de suas disputas e a presença de atletas brasileiros com potenciais chances de medalhas. Para nos auxiliar no processo de condução das respostas a este questionamento central, estabelecemos como objetivos específicos as seguintes proposições:

- Verificar se os discursos produzidos acerca das duas modalidades estudadas são potencialmente transformados quando o skate e o surfe se converteram de atividades destinadas ao lazer, ou seja, de ocupação do espaço urbano, para modalidades olímpicas.
- Analisar a forma com que os discursos construídos sobre as duas modalidades, agora olímpicas, serão apresentados para os espectadores pela TV Globo, que representa o maior índice de audiência do país.
- Aferir o critério jornalístico de acessibilidade a uma coletividade através dos discursos produzidos por meio da figura dos comunicadores envolvidos na cobertura deste evento de abrangência mundial, sejam eles apenas mediadores informacionais, como no caso dos âncoras dos telejornais; “pontes” informacionais, como no caso dos jornalistas presentes na forma de links ao vivo em estúdio; testemunhas oculares da história, que abarcam aqueles profissionais enviados às terras japonesas para cobertura do evento ou; especialistas, nomes reconhecidos em ambas as modalidades, convocados para tornar mais atrativa a cobertura e tratamento das disputas.

Conduzidos pelo viés metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, e sustentados pelos inúmeros conceitos a ela relacionados, esta pesquisa volta seu olhar para o material jornalístico produzido e apresentado pela Rede Globo de Televisão a respeito das modalidades tanto nos principais telejornais da emissora quanto nos programas jornalístico-esportivos que compõem a grade de programação.

Compõem o corpus os seguintes programas os telejornais diários: 1) Hora 1 (H1), telejornal matinal diário conduzido por Roberto Kovalick; 2) Bom Dia Brasil (BDB), que o precede na grade de programação, tendo como âncoras os jornalistas Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo; 3) Jornal Hoje (JH), conduzido por Maria Júlia Coutinho; 4) Jornal Nacional (JN), que tem William Bonner e Renata Vasconcellos como âncoras; 5) Jornal da Globo (JG), conduzido por Renata LoPrette. Além deste, optamos também pela inclusão de três outros: Globo Esporte (GE), programa jornalístico-esportivo diário conduzido, na edição paulista, por Felipe Andreoli, mas que devido à cobertura dos J.O. estava sendo conduzido por Thiago Oliveira; Esporte Espetacular (EE), apresentado aos domingos pela manhã por Lucas Gutierrez e Bárbara Coelho, enviada ao Japão para a cobertura deste megaevento, e o Fantástico (FANT), programa também dominical que tem como âncoras Tadeu Schmidt e Poliana Abritta (Imagem 14).

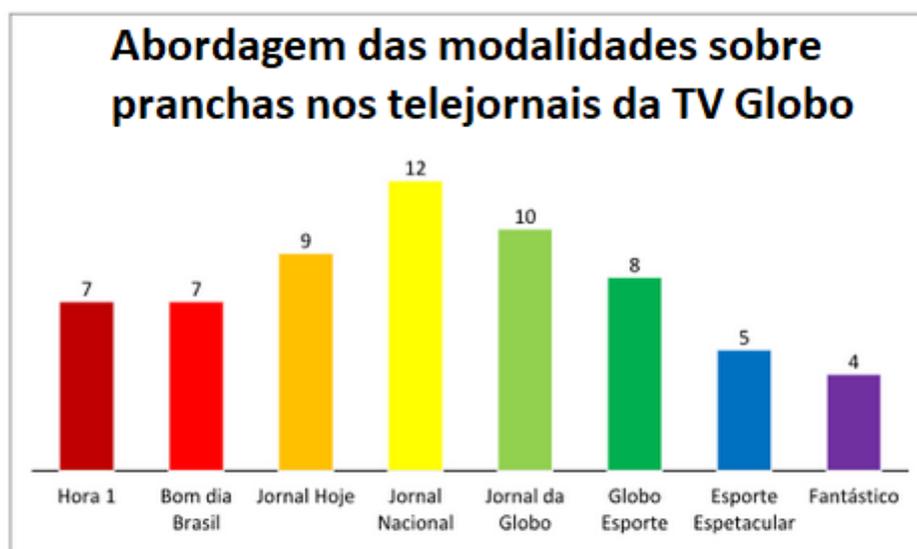
Imagem 14: Telejornais e programas jornalísticos-esportivos que compõem o corpus de pesquisa



Fonte: Reprodução Globoplay

Para cumprir com os objetivos traçados para este trabalho e, conseqüentemente, construir uma análise ampla e consistente a respeito das proposições aqui apresentadas, estabelecemos como recorte temporal o período compreendido entre os dias 05 de julho de 2021 e 08 de agosto de 2021. Estas escolhas demarcam, correspondentemente, a primeira matéria de apresentação do surfe enquanto modalidade olímpica e a derradeira abordagem noticiosa da conquista olímpica brasileira na modalidade skate park masculino, de certa forma marcando uma espécie de criação de expectativa sobre os atletas destas modalidades, e posteriormente, o “cumprimento” das mesmas, representados pelo noticiamento da conquista de medalhas pelos atletas. Ao todo, durante os 33 dias que compõem o recorte temporal de análise, foram verificadas um total de 62 edições que traziam à tona, direta ou indiretamente, algum aspecto relacionado às duas modalidades aqui estudadas.

Gráfico 2: Quantidade de dias em que as modalidades sobre pranchas foram abordadas em cada telejornal/programa esportivo



Fonte: Autoria própria

Apesar do período extenso do corpus desta pesquisa, as disputas olímpicas de surfe e skate ocuparam um curto espaço temporal no período de realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio, ocorridos entre 23 de julho e 8 de agosto de 2021. No caso do surfe, 20 homens e 20 mulheres de diferentes nacionalidades disputaram o primeiro pódio olímpico da história da modalidade entre os dias 25 e 27 de julho. Considerado uma das referências mundiais neste esporte, o Brasil contou com quatro representantes, dois de cada gênero, o limite máximo permitido pelas regras estabelecidas para a competição: Gabriel Medina, Ítalo Ferreira, Silvana Lima e Tatiana Weston-Webb (Imagem 15).

Imagem 15: Representantes do Brasil no surfe olímpico Tóquio 2020



Fonte: Reprodução O Lance

No caso do skate, as disputas ocorreram em duas modalidades, com 12 representantes do Time Brasil: o street, que simula obstáculos do ambiente urbano para execução de manobras, e o park, que se aproxima da origem da modalidade, em que os atletas têm que se apresentar em uma pista semelhante a uma piscina de bordas arredondadas. O street, representado pelos skatistas Felipe Gustavo, Kelvin Hoefler e Giovani Viana, no masculino, e Pâmela Rosa, Rayssa Leal e Letícia Bufoni, no feminino, ocorreram em 25 e 26 de julho. Já no caso do skate park, cujas competições deram-se em 04 e 05 de agosto, o Time Brasil foi representado por seis integrantes: Yndiara Asp, Dora Varela, Isadora Pacheco, Pedro Quintas, Pedro Barros e Luiz Francisco, o Luizinho.

Imagem 16: Atletas representantes do skate do Time Brasil nas Olimpíadas de Tóquio



Fonte: Time Brasil

Inúmeras foram as variantes que influenciaram no processo de organização da análise deste trabalho: Diante da expectativa criada sobre as modalidades sobre pranchas e do excelente retrospecto na forma de medalhas pelos representantes destas modalidades, foi preciso estabelecer um recorte temporal significativo e, sobretudo, considerar as publicações de todos os programas jornalísticos e esportivos da emissora oficial do evento. A cobertura jornalística das modalidades sobre pranchas puderam ser divididas em três momentos: Aquele anterior à realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio, apresentando os históricos das modalidades e de algumas de suas “promessas”; Sob a forma de apresentação do funcionamento das modalidades e criação de expectativas sobre os representantes brasileiros, no decorrer das disputas ou no momento posterior à elas; Já como retrospecto do desempenho dos atletas.

Diante de um vasto tratamento noticioso a respeito destas modalidades, foi possível realizar uma série de desdobramentos temáticos no interior desta organização preliminar, baseada no aspecto temporal. Ao todo, foi possível seccionar o material discursivo presente nas narrativas jornalísticas apresentadas ao público em cinco principais pilares. O primeiro deles, intitulado “O caminho até as Olimpíadas” procurou contemplar como os jornalistas envolvidos na cobertura noticiosa das disputas de skate e surfe trataram o processo de transformação destas práticas em modalidades olímpicas. Para dar complexidade à discussão, ainda iremos apresentá-los em três momentos distintos: 1) A gênese das pranchas, que contempla as abordagens sobre o histórico de ambas as modalidades; 2) O percurso das pranchas, que adentra questões aqui já discutidas a respeito das particularidades destas modalidades, tais como juventude, identidade, dentre outras. 3) Tornando-se olímpicos, que versa sobre o processo de apresentação dos competidores das modalidades sobre pranchas do Time Brasil, uma breve “apresentação” das modalidades, apresentando ao espectador, um público mais amplo, o “funcionamento” das competições bem como uma “apresentação” dos profissionais envolvidos na cobertura jornalística das disputas de skate e surfe e, 4) As pranchas olímpicas, que resgatará os artifícios discursivos utilizados pelos jornalistas para ressaltar aspectos do universo simbólico olímpico bem como acerca da importância da inclusão das modalidades sobre pranchas no rol de disputas neste megaevento.

Já o segundo, procurará compreender as estratégias discursivas utilizadas para tratar a relação intrínseca existente entre as modalidades sobre pranchas e os espaços, urbanos ou da natureza. Esta apresentação analítica se dará na forma de desdobramento de subtópicos relacionados a esta temática, de forma a compreender as estratégias discursivas adotadas para apresentação deste aspecto tão singular da gênese destas modalidades. Para tanto, nos

utilizamos de duas principais vertentes: 1) A influência das condições do meio para a disputa das modalidades, já que se trata de práticas essencialmente condicionadas a fatores externos e, de certa forma, imprevisíveis e; 2) A relação com os espaços, que compreenderá como se deu o tratamento desta relação particular estabelecida entre o homem e o espaço de prática das modalidades sobre pranchas, principalmente no que diz respeito às particularidades do espaço da praia. Este subtópico ainda irá apresentar como, através de estratégias discursivas, optou-se por fazer “aproximações” entre o Brasil e o Japão como uma forma de atrair um potencial público espectador para as modalidades sobre pranchas.

Através do pilar analítico apresentado como “Brinca-se, joga-se ou compete-se?” foi possível retomar a discussão já apresentada anteriormente neste trabalho, que discute o processo de transformação das modalidades sobre pranchas em modalidades olímpicas. Neste tópico, resgatamos as aproximações discursivas das modalidades e, conseqüentemente de seus praticantes, às particularidades da brincadeira, do jogo, retomando os princípios do *Agôn*, *Alea*, *Mimicry* e *Ilinx*, de Roger Caillois (1990), e conseqüentemente do esporte, mais centralizado no processo de transformação do surfe e do skate enquanto modalidades olímpicas.

Já o quarto pilar, “Os louros da vitória”, ocupa-se essencialmente de um período específico da disputa do megaevento, aquele posterior às disputas, já enfatizando os impactos da conquista tanto para o atleta quanto para a modalidade, de forma mais genérica. Através desta perspectiva, procuraremos verificar as construções discursivas de exaltação presentes nas narrativas dos “agentes informativos” quanto nas declarações oferecidas pelos representantes das duas modalidades aqui estudadas. Foi possível, em uma análise preliminar, subdividir as análises em quatro principais momentos: 1) a imortalidade olímpica; 2) O reconhecimento, dos pares e dos comuns

As primeiras impressões, ainda sem adentrar nas particularidades e aproximações encontradas no processo de análise do material jornalístico, foram perceptíveis ainda em uma primeira visada no corpus de nossa pesquisa. A ampla cobertura das modalidades sobre pranchas foram notáveis tanto no que diz respeito à produção de material “frio” para apresentação das mesmas, ainda mais de um mês antes da disputa dos Jogos Olímpicos, seja na abordagem noticiosa ou ainda na transmissão das modalidades, no interior dos telejornais ou no momento destinado à transmissão do evento, logo após o Jornal da Globo. Neste caso, para início de análise, destacamos a construção imagética que fez parte da identidade visual de cada uma das modalidades, sempre trazendo à tona índices que remetessem às práticas (Imagem 17).

Aqui trazemos exemplos de dois casos de identidades visuais utilizadas para tratamento do surfe olímpico. No primeiro caso, do Globo Esporte, nota-se uma simplicidade nesta proposta de retrato. As pranchas, sempre fincadas ao solo, trazem o ideograma olímpico referente à modalidade disputada, o surfe, assim como também se faz presente no telão do estúdio, que na ocasião é comandado por Felipe Andreoli. Ao fundo, como cenário, temos a baía de Tóquio, que traz os anéis olímpicos reluzindo na água e, em primeiro plano, a fotografia de Ítalo Ferreira e a medalha inédita conquistada, que foi tema das matérias que compunham os telejornais em 27/07.

Como segundo exemplo temos as representações imagéticas para apresentação da mesma modalidade pelo Fantástico. Os recursos técnicos utilizados neste caso para abordagem da modalidade possibilitam uma melhor “experiência midiaticizada”. Através do recurso de green-screen, os âncoras Tadeu e Poliana são de certa forma “transportados” para o espaço da praia. Com areia sob os pés, os apresentadores dividem espaço ainda com as pranchas igualmente fincadas ao solo arenoso, mas agora com o símbolo dos Jogos Olímpicos de Tóquio, e um arco típico da arquitetura oriental japonesa, como uma forma de talvez ambientar o espectador sobre o espaço da disputa, que apesar de praia, se dá em terras e culturas bem distantes das nossas.

Imagem 17: Identidade visual para tratamento do surfe olímpico nos telejornais da TV Globo





Fonte: Reprodução Globoplay

Imagem 18: Identidade visual para menções às disputas de skate street e park



Fonte: Reprodução Globoplay

Já no caso do skate, encontramos identidades visuais semelhantes ao primeiro exemplo já discorrido nas pranchas do mar. Em uma estratégia mais simples, opta-se por “apresentar” as modalidades ao público espectador utilizando-se de elementos claramente perceptíveis de ambas as modalidades disputadas no skate, street e park. No primeiro caso,

escadas e corrimãos parecem sair da tela e invadir o estúdio, seja do Globo Esporte ou o utilizado para uma posterior transmissão, que em alguns momentos compuseram também a grade noticiosa dos telejornais da emissora. Assim como no caso do tratamento do surfe no Globo Esporte, além dos índices referenciais, também encontramos fotografias dos representantes brasileiros protagonistas das matérias e a referência das medalhas conquistadas. Já no caso da modalidade park, encontramos menções imagéticas ainda mais simples, com a representação de uma espécie de piscina de bordas arredondadas que “afundavam” o chão do cenário do estúdio, como se os jornalistas estivessem *in loco*, no espaço de disputa.

4.4. O caminho até as Olimpíadas

Como já apresentado anteriormente, diante do extenso material componente do corpus desta pesquisa e, sobretudo, da variedade temática presente nos discursos componentes no material jornalístico dos telejornais e programas esportivos da emissora, foi preciso seccionar a análise discursiva sob a forma de pilares analíticos. O primeiro deles, aqui já intitulado, procurou compreender de que forma os jornalistas envolvidos na cobertura das competições de skate e surfe, bem como os próprios atletas representantes do Time Brasil nas modalidades estudadas resgataram aspectos importantes relacionados, principalmente, a quatro principais aspectos, posteriormente desdobrados conforme o tratamento mais completo ou mais sucinto a depender da construção narrativa presente nos materiais jornalísticos e esportivos analisados: 1) As gêneses das pranchas; 2) Os percursos das pranchas; 3) Tornando-se olímpicos; e 4) As pranchas olímpicas.

Antes de destacar a reconstrução histórica das modalidades, é preciso aqui atentar para aquilo que Orlandi (2001) convencionou chamar de interdiscurso, principalmente em se tratando de tipo particular, o midiático, fruto de um contexto específico e cercado de intencionalidades que ora se fazem notáveis, ora se encontram “apagadas” ou “esquecidas” nos discursos construídos para serem veiculados nas mídias (PÊCHEUX, 2014) (CHARAUDEAU, 2019). Não podemos aqui tomar as modalidades sobre pranchas como uma mera desconhecida do público brasileiro, já que, como já vimos, ambos os esportes detêm de um cenário competitivo consolidado. Porém, enquanto estreantes no rol de modalidades olímpicas, e visando um cenário promissor de conquistas, era preciso “apresentar” estas modalidades e, conseqüentemente, atrair as atenções de um potencial público espectador, que, sem dúvida alguma, não era passivo neste processo informativo.

4.4.1. A gênese das pranchas

Não poderíamos começar nossa análise de outra forma, principalmente quando estamos aqui tratando de modalidades estreantes nos Jogos Olímpicos de Tóquio, senão pela apresentação de um histórico das modalidades. É no programa diário Globo Esporte comandado em São Paulo por Felipe Andreoli, que as pranchas do mar são apresentadas pela primeira vez ao público da emissora. A proximidade da realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio, excepcionalmente ocorridos em 2021, fez com que o programa sofresse algumas adaptações, ganhando pautas “frias” que ambientassem o público para as disputas à época vindouras dos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Reconhecido por abordar pautas jornalísticas “quentes”, ligadas ao cotidiano do universo esportivo, a grade noticiosa do programa passou, algumas semanas antes da realização das Olimpíadas, a receber breves “apresentações” das modalidades esportivas disputadas neste megaevento. E é exatamente isto que podemos perceber neste caso: Coube à Guilherme Pereira, posteriormente enviado especial às terras japonesas para cobertura das disputas do surfe olímpico, a tarefa de resgatar o histórico deste esporte, e, de certa forma, inaugurar a presença do surfe no noticiário da TV Globo semanas antes de sua real estreia nas Olimpíadas de Tóquio.

Não seria possível resgatar o histórico da modalidade sem trazer à tona, e consequentemente exaltar, a figura de Duke Kahanamoku, considerado o “pai” da modalidade. Há um breve “apagamento” da origem dicotômica deste esporte, polinésia ou peruana, nem tampouco são destacadas as relações ritualizadas que envolvem o surgimento desta prática, ainda como atividade ligada ao lazer (LORCH, 1980). O suporte discursivo da narrativa apresentada ao público por Guilherme Pereira pode ser resumido por um simples verbo utilizado, exportar. Ao afirmar que “O Havaiano Duke Kahanamoku foi o primeiro a **exportar** a modalidade, mas não sobre pranchas”, Pereira nos diz muito mais do que apenas o discurso por ele externalizado.

Como já vimos, foi nas entrevistas após as conquistas nas piscinas olímpicas, entre 1912 e 1924, que Kahanamoku fez com o ato de surfar fosse popularizado. O que podemos perceber, no discurso de Pereira, é que a utilização do verbo exportar vai além da simples tarefa de popularizar esta modalidade, mas também, posteriormente, transformá-la em objeto de desejo, e consequentemente de consumo, que fez com que a prática assumisse as dimensões as quais conhecemos na atualidade, o que também é verificado na afirmação seguinte, “Com a fama, aproveitou para fazer propaganda” (GE, 21/07).

Porém, em se tratando de um produto audiovisual informativo, a narrativa imagética construída, para além de servir de suporte, também nos informa de maneira singular. Encontramos, em Patrick Charaudeau (2019) e Pierre Bourdieu (1997) importantes reflexões a respeito da importância da imagem na composição de produtos jornalísticos, sobretudo quando tratamos de discursos midiáticos televisivos. Muito além da “prova de ocorrência”, as imagens utilizadas nas matérias “falam por si” e atuam como elementos potencializadores das estratégias discursivas dos veículos midiáticos, na medida em que “(...) a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito de real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeito de mobilização. Ela pode fazer existir idéias ou representações, mas também grupos.” (BOURDIEU, 1997, p.28).

Foi através de imagens e pequenos trechos audiovisuais retirados do Olympic Channel (Imagem 19), serviço de televisão via Internet operado pelo COI, foi possível tentar reconstruir um universo simbólico singular no qual as pranchas do mar estão inseridas, bem como demonstrar ao público, ainda que de maneira indireta, que esta “chegada” às Olimpíadas não foi algo instantâneo, mas gradativamente construído no decorrer dos séculos. Apesar de essencial no processo de esportivização e popularização da prática, a figura de Duke Kahanamoku não foi o único ponto relevante na construção do histórico da modalidade.

Imagem 19: Fontes imagéticas usadas como suporte para construção narrativa do histórico do surfe no Globo Esporte



Fonte: Reprodução Globoplay

O que pudemos verificar na construção discursiva dos materiais jornalísticos dos programas da emissora é certo “apagamento” do histórico das pranchas do mar, seja enquanto atividades de lazer, nas questões que envolvem a constituição identitária deste grupo ou até

mesmo a introdução da mesma em solo brasileiro, com histórico de subversão à ordem instituída. Esse “apagamento”, ou, nas palavras de Pêcheux (2014), o “Esquecimento número 2”, é da ordem da enunciação, e, mesmo que perpassado por inúmeras ideologias e construções organizacionais da empresa jornalística, revela o estabelecimento de um “o que se diz” e um “como se diz” atravessado por uma série de discursos anteriores à ele, resgatados, nas entrelinhas, por meio do que o autor francês também classifica como “Esquecimento número 1” que tange o aspecto ideológico da construção discursiva.

O que temos, em alguns momentos, é apenas uma menção indireta a esse histórico conturbado e esse processo de ascensão do cenário competitivo da prática, principalmente a partir das conquistas dos representantes brasileiros. Essa jornada longa é destacada ainda com relação à figura de Duke Kahanamoku, que já almejava a possibilidade das pranchas do mar adentrarem o sagrado universo olímpico. Em uma espécie de narrativa publicitária da modalidade, na intenção de angariar um potencial público amplo espectador da modalidade, “omite-se”, talvez propositalmente, um importante marco de seu histórico, principalmente se considerarmos o protagonismo brasileiro nesta modalidade. Por outro lado, a opção por apresentar um panorama mais globalizado da origem desta modalidade pode estar associado à dimensão dos Jogos Olímpicos, um megaevento de proporções mundiais, nas quais seria “de menor importância” o histórico brasileiro frente às intencionalidades detidas pela emissora oficial de transmissão do evento no país.

Ainda que indiretamente, esta trajetória, por vezes conturbada, se fez presente nas declarações tanto do jornalista envolvido na cobertura quanto dos atletas brasileiros que iriam disputar a competição olímpica. Se, de um lado, a longa trajetória até o rol de modalidades olímpicas se fizeram presentes em trechos do discurso de Guilherme Pereira como “Demorou até que esse encontro acontecesse” (FANT, 25/07) e “O surfe brasileiro é destaque em Tóquio e isso é prova de uma **transformação. Coadjuvante** durante décadas, **protagonista** no momento principal.” (JN, 19/07). Se, durante a construção desta pesquisa, nomeamos o processo de consolidação do surfe no cenário esportivo internacional como resultado de um processo conturbado, os discursos apresentados pela reportagem especial do Jornal Nacional o apresentou enquanto fruto de uma “transformação”, que pode indiretamente ser percebida, por um público leigo, como pacífica, devido à falta de familiaridade com essa prática esportiva. Trata-se, sobretudo, de uma intencionalidade narrativa/discursiva em “vender” a modalidade para seus possíveis espectadores, atraindo um público mais amplo, e não somente o jovem, objeto de interesse principal do COI ao incluir as pranchas do mar no rol de modalidades olímpicas.

Por outro lado, a escolha semântica dos adjetivos „coadjuvante“ e „protagonista“ para representação do percurso histórico do surfe nos revela alguns importantes aspectos. Apesar de não desdobrado explicitamente nos discursos produzidos por Guilherme Pereira, o histórico conturbado talvez esteja rememorado neste jogo de palavras: de um lado, o **coadjuvante**, visto com olhares atravessados por uma elite conservadora brasileira, de outro, as recorrentes conquistas e o **protagonismo** dos atletas representantes do país em um cenário já consolidado da competição a níveis internacionais.

Esta constatação talvez fique um pouco mais clara ao retirarmos o trecho seguinte da declaração de Pereira: "E o país que anos atrás era pouco respeitado nesse esporte, chega aqui como favorito para conquistar medalhas." (JN, 29/06). Neste caso, o histórico conturbado desta prática em solo brasileiro é descrito como "pouco respeitado", o que, de certa forma, pode configurar uma estratégia para "suavizar" as resistências impostas pelos agentes estatais no período ditatorial brasileiro. Por outro lado, optou-se por também construir um discurso que demonstrasse o crescimento e consolidação do esporte, o que justificaria a construção de um cenário promissor para medalhas olímpicas por representantes brasileiros. Como uma maneira de re-construir uma realidade, por meio de uma espécie de "diluição" do histórico conturbado para facilitar o processo de recepção da modalidade para com o público, já que, enquanto representação construída pela mídia, podemos entender que (...) aquilo que vemos, ouvimos e lemos faz parte de uma série de narrativas e imagens selecionadas por razões específicas, sustentados por determinados imaginários sociais e atendendo aos interesses daqueles que produzem o evento e controlam sua transmissão (COAKLEY; HALLINAN; MCDONALD, 2011, p.377).

Estas proposições podem ser encontradas principalmente a partir das declarações de um dos nossos representantes nas águas marinhas japonesas, Ítalo Ferreira, campeão do circuito mundial de 2019. Utilizada como certa "prova" do discurso construído por Guilherme Pereira, a declaração de Ítalo Ferreira, ainda que munidas de expressões coloquiais procuram reforçar a ideia de um favoritismo brasileiro na disputa, além de tentar, de certa maneira, destacar o valor de uma conquista de dimensões ampliadas, como no caso de uma medalha olímpica. Nas palavras de Ferreira, "O Brasil realmente **tá no topo e bate de frente** com qualquer um, né? Era a Austrália, Estados Unidos, no passado, e a gente chegou e **tá botando pressão** ali em todo mundo.". Muito mais do que somente apresentar o histórico das pranchas do mar, é possível notar a presença, e a recorrência, de um discurso de exaltação e, principalmente, do destaque dado ao ingresso da modalidade no rol de disputas olímpicas, tal como se a mesma alcançasse um patamar diferenciado, mesmo frente a todo

reconhecimento esportivo já detido pelo surfe, tal como veremos mais adiante em nossa análise.

A apresentação da trajetória histórica do skate para um potencial público espectador das disputas da modalidade nos Jogos Olímpicos também antecedeu consideravelmente o início das competições deste megaevento, tal como também ocorreu com a outra modalidade aqui estudada, indicando, sobretudo, uma estratégia de familiarização com a modalidade estreante, tal como a criação de um “primeiro vínculo” entre as disputas, que mais tarde seriam transmitidas pela emissora. Diferentemente de um consumo mais nichado, em que o público espectador já tem uma espécie de vínculo e conhecem as especificidades dos esportes e das disputas, as disputas em Jogos Olímpicos abriam espaço para um novo consumidor, mais heterogêneo, o que demandou uma construção narrativo-discursiva de apresentação das inúmeras especificidades que envolvem o universo das pranchas sobre rodinhas. Tal como afirma Jay Coakley (2011, p.376), “Em relação aos esportes, aqueles que controlam a mídia decidem não só quais esportes e eventos devem cobrir, mas também as imagens e os comentários apresentados na cobertura.”.

É a partir destas especificidades, e entendendo que cada telejornal e programa esportivo analisado têm seu “espectador imaginado”, em uma adaptação conceitual de Eni Orlandi (2008). Os discursos produzidos com o intuito de resgatar o histórico das pranchas sobre rodinhas foram articulados em torno de três principais aspectos: a marginalização/subversão, da prática, a relação identitária com demais elementos da cultura e a manutenção dos princípios relacionados à atividades de lazer, mesmo com todo processo de esportivização (BOURDIEU, 1983). É a partir destes pilares que nos propusemos a analisar as estratégias discursivas adotadas para apresentação do histórico da modalidade, ainda que essa “apresentação” tenha sido feita em espaços menores no decorrer das matérias que abordavam esta modalidade olímpica estreante, ora com textos em off, ora em comentários dos jornalistas envolvidos na cobertura e noticiamento dos fatos envolvendo as disputas da modalidade.

Para além do intuito de servir de ponte entre a informação e o público espectador da emissora, o que pudemos notar é que, ao tentar reconstituir os elementos desviantes que fazem parte do histórico das pranchas sobre rodinhas, em alguns momentos o “eu” jornalista e os aspectos informacionais se mesclam, principalmente ao voltarmos nossa atenção para a construção semântico discursiva empregada em alguns momentos da cobertura do skate. Muito mais do que a palavra “posta em movimento”, o discurso se configura como um processo de efeito de sentido entre interlocutores que, em suas construções discursivas,

refletem suas subjetividades e sedimentações (BERGER & LUCKMANN, 2014) em um processo de construção de representações (ORLANDI, 2012). É nesse processo de enunciar que entendemos os problemas envolvidos na denominação do discurso como neutro, transparente ou natural (BRANDÃO, 2012), na medida em que ele se torna

(...) o instrumento e o lugar de relações de opinião; é aquilo por meio do que os atores constroem o consenso e a conflitualidade (...). Pelas palavras que empregam e as questões de valores nas quais investem, pelos comentários que produzem sobre esses usos, os locutores desenharam o contorno das posições que ocupam ou que rejeitam. (KRIEG-PLANQUE, 2012, p.111 apud MAINGUENEAU, 2015, p.96).

Tal constatação pôde ser verificada, por exemplo, em cinco momentos e programas distintos da TV Globo. Longe de aqui tentar seguir uma ordem cronológica de apresentação, o que nos chamou a atenção foi o contraste discursivo encontrado nas abordagens noticiosas a respeito do skate, o que nos revela os agentes “eus” envolvidos na apresentação discursiva, diferente em cada um dos casos aqui trazidos à luz.

Como já abordado no decorrer de nosso trabalho, ao remontar o histórico das pranchas sobre rodinhas, principalmente no Brasil, estamos trazendo à tona um período histórico singular de nossa trajetória enquanto nação, o período ditatorial militar, que trouxe consigo uma mentalidade conservadora que vigorou durante um tempo considerável e que em muito impactou na prática do skate em solo nacional. Concomitantemente, o skate era importado de terras estadunidenses, ocupando os espaços públicos principalmente da capital carioca e paulista, o que motivou a construção de estereótipos de cunho negativo ligados à marginalização e subversão (BRANDÃO, 2007) (MACHADO, 2011). Ao nos voltarmos para os discursos construídos pelos profissionais envolvidos na cobertura desta modalidade, encontramos algumas menções, ainda que de certa maneira superficiais, a este momento histórico e que nos revelam muito mais do que somente uma tentativa de familiarizar um potencial público espectador.

O resgate mais completo e direto do surgimento da modalidade é feito pelo jornalista Kiko Menezes, enviado ao Japão para cobertura desta modalidade estreante, no telejornal matutino Bom dia Brasil em 30 de julho de 2021. Entre ditos e omitidos, o discurso construído pelo jornalista destaca a gênese do skate como a utilização das piscinas vazias de bordas arredondadas para o deslizar das pranchas sobre rodinhas, omitindo a informação de que a mesma adveio de um processo adaptativo para a prática do surfe em um momento de secas californianas (BRANDÃO, 2007). Apesar de breve, a retomada dos aspectos históricos da modalidade é feita através de uma particularidade bastante significativa: o uso de “surfe de

calçada”, em referência à primeira denominação da ainda então atividade de lazer, ajuda o jornalista a contextualizar a gênese do skate, adotando a década de 1960 como marco inaugural da prática, não deixando bem claro se em um aspecto mais abrangente ou sua introdução em solo brasileiro. Em se tratando de uma prática importada, e das dimensões tomadas pela modalidade em um megaevento de tamanha representatividade, talvez a definição espacial ficasse à cargo da menção à uma mera particularidade, por exemplo, o que nos ajudaria sob qual dimensão histórica estaríamos olhando para esta modalidade.

No primeiro caso, mais uma vez Kiko Menezes é colocado enquanto “testemunha ocular da história”, enviado especial para a cobertura das competições da modalidade estreante, quem traz à tona o aspecto do desvio relacionado à identidade e ao histórico do skate. O discurso, utilizado com o intuito de retratar o acontecimento da medalha de prata alcançada por Pedro Barros na disputa de Skate Park no Jornal Nacional do dia 05 de agosto, traz a seguinte assertiva: “Chegaram. Velozes. Ousados. Dançando. Derrubando a imagem de esporte marginal.”. A escolha discursiva por “esporte marginal” ressalta alguns importantes aspectos que valem menção: destacando a radicalidade, a irreverência e o “espírito skate” como elementos centrais da narrativa, tal como uma forma de refletir a sensação de *ilinx*, destacada por Roger Caillois (1990) e que se fez presente nas competições da modalidade.

Em diversas ocasiões, no decorrer das análises, encontramos diversos “eus” nos discursos, comentários e coberturas apresentadas no material coletado para análise. Partindo da premissa de que não existe discurso sem sujeito, e não há sujeito que não “carregue outros consigo” (RANCIÈRE, 2012), entendemos aqui nas situações analisadas que não há dizer que não se ampare em três pilares: na língua, no sujeito e na ideologia (), portanto, “Os dizeres não são (...) apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz.(ORLANDI, 2001, p.30-32).

Por outro lado, a estratégia imagético discursiva para fundamentar a mesma frase é um outro ponto chave deste pequeno trecho. Munindo-se da imprevisibilidade, comum à esta modalidade, e aproveitando-se da ocorrência de um pequeno acidente, envolvendo um câmera e o atleta australiano Kieran Wooley, Kiko Menezes se apropriou do verbo “derrubar” para utilizá-lo a seu favor, subvertendo a literalidade significativa ao propor uma desconstrução, ainda que paradigmática, do histórico “desviante” aos quais os praticantes, e a própria modalidade, estiveram associadas durante muito tempo (Imagem 20). Além de uma interessante estratégia narrativa, pudemos perceber também uma certa coloquialidade discursiva, que ajudou a compor o “tom” pretendido por Menezes.

Imagem 20: Cena utilizada como suporte narrativo do incidente ocorrido entre o cinegrafista e o atleta australiano



Fonte: Reprodução Globoplay

Já o discurso emitido por Marcos Uchôa, em matéria para o Esporte Espetacular apresentada em 17 de julho de 2021, que trazia como fio condutor narrativo a apresentação de uma das atletas representantes do skate street do Time Brasil, Pâmela Rosa, também traz uma sutil menção ao histórico “conturbado” da modalidade. Neste caso, opta-se também por uma menção quase imperceptível a esse histórico subversivo da modalidade olímpica estreante, através das imagens utilizadas para compor a matéria, de Pâmela andando pelas ruas do bairro e, posteriormente, em espaços “próprios” para a prática. Aqui, esta opção pode ser justificada por uma simples escolha editorial: o aprofundamento, que talvez merecesse uma abordagem mais complexa, devido aos seus desdobramentos, ocuparia um tempo considerável na grade do programa, o que, jornalisticamente falando, não seria viável até mesmo para um programa de tal configuração. Além disso, abordar o histórico do skate naquele momento fez parte de uma orientação de pauta, já que estabeleceu-se como proposta central a apresentação da atleta, não da modalidade.

Neste caso, diferente de Kiko que optou descrevê-lo como “esporte marginal”, Uchôa optou por uma breve menção ao laço estreito entre as pranchas de rodinhas e a cena musical, fundadora de sua identidade, afirmando que “O skate tem uma certa imagem de rebeldia, muito ligada à música.”. O uso da expressão “certa imagem de (...)” garante a intenção discursiva do jornalista ao apresentar essa informação ao telespectador. Se, por um lado, Kiko Menezes parece afirmar com convicção aquilo que diz, esta expressão apropriada por Uchôa trouxe um tom de “receio” nessa aproximação, revelando a sutileza narrativa no retrato do histórico do skate. Em ambos os casos, o que vemos é uma constante rememoração deste processo de constituição de uma identidade própria desta “tribo urbana” (MAGNANI, 1992),

que acarretou com que a modalidade fosse vista como marginalizada aos olhos de uma elite conservadora da época, tal como já discutimos no decorrer deste trabalho.

Como já sabemos, muito mais do que os aspectos discursivos, em uma análise de material audiovisual, principalmente jornalístico, interessa-nos os elementos para além daquilo que se diz, principalmente quando nos atentamos que, para construção de representações sobre as duas modalidades, em que os dois jornalistas envolvidos, reconstruindo um mesmo acontecimento por meio do discurso, optam por estratégias discursivas diferentes, revelando suas singularidades na prática da enunciação. É em Eni Orlandi que encontramos sustentação para essa reflexão:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/ dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2012, p.53).

Imagem 21: Cena usada como suporte narrativo para a matéria de apresentação de Pâmela Rosa no Esporte Espetacular



Fonte: Reprodução Globoplay

Se, de um lado, o discurso trazia o aspecto da “rebeldia”, é no “não dito”, nos elementos “anexos”, mas significantes, do discurso que encontramos referências ainda mais fundamentais. O suporte narrativo, neste caso, foi a utilização da imagem de Pâmela Rosa andando de skate pelas ruas de seu bairro (Imagem 21), o que, indiretamente, trouxe aspectos históricos do surgimento desta modalidade, que, como já vimos, se apropriou dos elementos dos espaços urbanos, propostos para outros fins, para realização das manobras. Além disso, mais uma vez, a trilha sonora ajudou no processo de construção narrativo-discursiva,

associando as pranchas sobre rodinhas a um universo mais complexo, e fundamental, para a constituição da identidade detida pelos praticantes da modalidade, a influência punk/rock.

Já o derradeiro resgate ao aspecto desviante, marginalizado ou subversivo da modalidade aqui analisada está presente nos comentários de Maria Júlia Coutinho e Thiago Oliveira. Em um breve comentário à matéria anteriormente apresentada, sobre a conquista da medalha de prata por Rayssa Leal na modalidade skate street, os “mediadores informacionais”, colocados na figura de âncoras noticiosas, resgatam na forma de comentários esta particularidade da prática do skate no Brasil.

É de Maju Coutinho a lembrança do veto à prática do skate na cidade de São Paulo: “Olha como o mundo dá voltas nas rodinhas do skate. Porque no final dos anos 1980 o skate foi proibido aqui na cidade de São Paulo, é inacreditável.”. Além do inevitável juízo de valor, presente em “É inacreditável”, revelando o “eu” para além do comentário informativo tentado pela jornalista, é possível destacar uma série de outros elementos importantes neste discurso. Em uma referência ao formato circular do suporte que põe a tábua de madeira em movimento, semelhante ao da Terra, Maju opta por fazer essa fusão de universos, declarando que “o mundo dá voltas nas rodinhas do skate”.

Em uma estratégia coloquial, a jornalista opta por brincar com o uso de uma expressão bastante presente em nosso cotidiano, em conversas informais. Mais do que uma mera casualidade ou “informalidade” discursiva, a linguagem coloquial utilizada, já bastante adotada pelo gênero do jornalismo esportivo em geral, na construção narrativa utilizada por Maju parece “familiarizar” o espectador de um telejornal no qual a seção esportiva não se faz presente, além de lembrar o histórico da modalidade, destacando, nas entrelinhas, o passado “subversivo” relacionado à ocupação imprevista dos espaços partilhados. Essa lembrança logo é re-construída sob um aspecto positivo, no qual a escolha pela utilização de “as voltas das rodinhas do skate” revela que a esportivização da prática permitiu as mudanças nas representações sobre ela, tornando-a atrativa à coletividade, e fruto de interesse de um evento tão consolidado na mentalidade coletiva como o são os Jogos Olímpicos.

Já a contextualização espaço-temporal desta vez se faz clara. A cidade de São Paulo nos anos 1980. Porém, talvez faltam elementos que, por se tratar de um simples comentário, não aprofundado posteriormente, trariam mais destaque ao fato relatado pela jornalista. Apesar da demarcação temporal, não se determina um ano específico, mas uma década o que impossibilita o resgate de que esta proibição está ambientada no governo de Jânio Quadros, nem tampouco há um destaque à “volta à legalidade”, promovido pelo governo municipal de Luiza Erundina (BRANDÃO, 2014b).

Para o resgate deste processo de “desvio” detido no histórico das pranchas sobre rodinhas, Thiago Oliveira, mediador informacional escolhido para apresentar os destaques esportivos dos Jogos Olímpicos de Tóquio, faz algumas afirmações que também revelam as intencionalidades para além daquilo que o mesmo diz. Ao afirmar que “(...) as pessoas eram vistas como vândalos... enfim, uma coisa como se fosse algo ruim, pejorativo, sem contar também essa proibição” (JH, 26/07), Thiago Oliveira se apropria de adjetivos bastante significativos para remeter às representações construídas sobre este grupo identitário no momento de inserção e popularização desta prática no país.

Enquanto estas construções foram descritas como pejorativas, e a atitude de proibir a prática fosse recriminada, ainda que pelo “não dito”, expresso na feição de Thiago, a imagem construída sobre os skatistas foram reflexos aproximados à figura de “vândalos”, que, apesar de um tanto forte, traz à tona um universo de “olhares atravessados” lançados a eles, frutos de uma mentalidade essencialmente conservadora do período ditatorial brasileiro. Estas afirmações, ainda que indiretamente, também estiveram presentes nas declarações de Kelvin Hoefler, medalhista de prata na modalidade skate street masculino e dono da primeira medalha brasileira em Tóquio, no qual o mesmo afirma que “Foi muitos anos, sabe? Tipo, de luta”, que, mesmo que indiretamente, traz à tona aspectos bastante dicotômicos: de um lado, os impasses enfrentados para o exercício da prática no decorrer das décadas e, atualmente, o cenário promissor e consolidado que a modalidade tem no universo esportivo para além dos Jogos Olímpicos.

Já o segundo viés de análise que é destacado relacionando-se com o histórico do skate é a relação identitária com os demais elementos da cultura. Com o surgimento da perspectiva de que as sociedades não constituem uma só cultura, mas são resultado de uma confluência de muitas delas, estes produtos culturais foram incorporados enquanto elementos de forte identificação, fazendo parte da identidade destes grupos (BERGER & LUCKMANN, 2014) (BURKE, 2004). Como já evidenciados em momentos anteriores, é estreita a relação da prática do skate com o universo musical. Este fato foi destacado em dois momentos de forma “indireta” nas matérias apresentadas pelo Jornal Nacional, em 5 de agosto de 2021 e pelo Esporte Espetacular, em 11 de julho.

Nestes casos, o destaque, indireto, à radicalidade, ficou por conta da trilha sonora utilizada com background para as matérias, uma espécie de rock/punk que remeteu, ainda que indiretamente, à estreita relação entre a modalidade e aspectos ligados à cena musical. Além destas menções, há também uma breve menção à influência do rap no cenário de constituição da modalidade. Utilizando-se da declaração de Pâmela Rosa, reconhecida, premiada e

representante brasileira no skate street feminino olímpico, a matéria de 17 de julho do Esporte Espectacular, conduzida por Marcos Uchôa, também traz o destaque à cena musical no universo esportivo das pranchas sobre rodinhas, como elemento constituinte da identidade dos seus praticantes: “(...) sou do mundo rap porque querendo ou não a gente do mundo do skate a gente ama demais isso.”.

Outro resgate histórico igualmente essencial, relacionando aspectos culturais à prática de skate está posto na matéria produzida para o Jornal Nacional (JN), veiculada em 12 de julho de 2021, componente de uma série de reportagens especiais de apresentação das modalidades olímpicas ao público espectador. Neste caso, muito mais do que presente nas declarações de Tino Marcos, jornalista responsável pela condução da matéria, o resgate histórico, feito de forma abrangente, está posto na declaração de Pedro Barros, representante do Time Brasil no skate park masculino, à época ainda não premiado com a medalha de prata.

Imagem 22: Imagens históricas do festival de Woodstock e Jimmy Hendrix utilizados para contextualizar as declarações de Pedro Barros ao JN



Fonte: Reprodução Globoplay

Ao declarar que “O skate vai chegar lá como se fosse o Jimmy entrando pela primeira vez no festival de Woodstock dos anos 1970”, Pedro Barros, proposital ou ocasionalmente, traz à tona uma apresentação importante quando observamos o histórico da modalidade sobre pranchas à nível mundial. Nascidos e popularizados mais ou menos neste período histórico, Woodstock e o skate trazem em sua essência a lembrança da subversão às ordens instituídas, a um contexto marcado pelo autoritarismo e conservadorismo. Além do destaque às questões que aproximam o skate à aspectos contraculturais, mais uma vez a relação com a cena musical se faz presente a partir da menção do importante músico e ativista estadunidense. Todas essas menções encontram suporte em uma série de imagens históricas e

“narrativas sonoras” que auxiliam no processo de ambientação do espectador no discurso apresentado pelo atleta.

O terceiro e último viés que se relaciona com o resgate histórico do skate se encontra na constante lembrança da origem desta modalidade que tornou-se olímpica: o fato de se constituir enquanto atividade de lazer. Mesmo após um importante processo de esportivização, que permitiu com que o skate ganhasse, e consolidasse seu lugar nesse universo particular, é notável a conservação de alguns elementos “nativos” da brincadeira e do jogo, que ainda se fazem presentes no cotidiano desta atividade, bem como a conservação de uma espécie de “espírito for fun”, que integra a identidade deste grupo social. A tentativa de aproximação de um histórico de atividades voltadas ao lazer no tempo livre e o percurso de construção da modalidade estiveram presentes em três das narrativas analisadas, sendo sempre de maneira bastante breve e sucinta.

Na primeira delas, apresentada em 22 de julho de 2021 pelo Jornal Hoje traz o aspecto da brincadeira relacionada ao histórico da modalidade das pranchas sobre rodinhas, tal como se o processo de “entrada” no rol das modalidades olímpicas se desse de forma gradual, mas natural, resultado de um processo de “amadurecimento” da prática e de um ganho de espaço após o processo de transformação em prática esportivo-competitiva. A matéria, que é apresentada ao público primeiramente por Bárbara Coelho, que conversava ao vivo com a âncora do telejornal, Maju Coutinho. É a partir dela que a matéria de Kiko Menezes chega ao telespectador, trazendo um forte elemento relacional entre a história do skate e seu surgimento enquanto prática diversional, ligada às atividades de tempo livre, de lazer (MELLO, 2019). Em seu processo de construção da narrativa sobre a modalidade, Kiko afirma que “(...) geralmente começa na infância, como um brinquedo. As crianças vão crescendo e a paixão pelo carrinho também. A idade aumenta, assim como a dificuldade das manobras, e, quando eles percebem, chegaram voando nas Olimpíadas” (JH, 22/07).

À primeira vista já podemos perceber as estratégias discursivas adotadas para se fazer tal referência: procura-se apresentar que o envolvimento com o skate, além de um processo “naturalizado”, devido à familiaridade com as sensações acarretadas por sua prática, também é algo para além da “ordem” do universo esportivo, o que fica claro em “As crianças vão crescendo e a paixão pelo carrinho também”. A progressividade narrativa está posta logo na assertiva seguinte, que defende, ainda que nas entrelinhas, um processo de “maturação” dos indivíduos no interior deste universo, fazendo com que os mesmos se voltem para o aprimoramento de suas técnicas, o que, neste caso, não está pautado no princípio competitivo

de ser melhor que o outro no âmbito da disputa, como no *Agôn*, mas sua “luta” está travada consigo próprio, mais como uma proposta de aprimoramento para satisfação.

Imagem 23: A narrativa imagético-discursiva de transformação do skate de brincadeira a



esporte olímpico na matéria do JH

Fonte: Reprodução Globoplay

Assim também o é se olharmos para as imagens que fazem parte do discurso apresentado nesta matéria (Imagem 23). O processo gradativo de construção, e consolidação, do skate enquanto modalidade olímpica também é reforçado na forma de recursos imagéticos: são mostradas crianças e jovens praticando skate “por diversão”, mas, logo em sequência, o ato diversional, ou a busca por um hobby transforma-se em disputas olímpicas baseadas em “representação de uma nação”, no princípio de jogo convencionalizado por Caillois (1990) como *agôn*.

A proposta de uma esportivização olímpica, em uma adaptação do pressuposto de Pierre Bourdieu (1983), é também feita através de uma maneira bastante interessante: a utilização do coloquialismo “chegar voando”. Muito mais do que um uso literalizado, temos aqui o uso conotativo de uma expressão bastante coloquial de nosso cotidiano. Aqui podemos levantar uma possível aproximação intencional entre as manobras desempenhadas pelos skatistas, que em muitos casos fazem seus skates “voarem”, em um festival de movimentos plasticizados (BRANDÃO, 2007), utilizando do corpo como força comunicativa (LE BRETON, 2007), e o momento da introdução do skate no rol de modalidades olímpicas, resumindo uma história de décadas de subversão, marginalização e desvio em uma simples “chegada” dos “carrinhos”, como foram popularmente conhecidos em sua gênese, no universo deste megaevento esportivo.

Como já vimos no decorrer das discussões empreendidas neste trabalho, ao tratarmos de skate estamos também trazendo à tona uma série de outros aspectos que envolvem a prática desta modalidade esportiva. Um deles, sobretudo, é destacado na reportagem especial de apresentação do skate como modalidade olímpica feita pelo Jornal Nacional e transmitido em 12 de julho feita também por Kiko Menezes. Como afirma o âncora do telejornal, William Bonner, o objetivo principal era demonstrar a íntima relação entre os esportes olímpicos e o cotidiano dos brasileiros. Sabemos que, em sua origem, o skate esteve intimamente relacionado ao ambiente urbano. E é aproveitando-se desta singularidade que a matéria constrói sua narrativa.

É através de algumas sonoras que Kiko Menezes opta por reforçar “as outras particularidades” deste esporte que, à época, adentrava no rol de modalidades olímpicas. Aqui vale dois destaques: o uso do skate como meio de transporte e os impactos acarretados por esta utilização e o destaque ao aspecto diversional, já que a prática do skate nos ambientes urbanos foi naturalizada. No primeiro aspecto temos a sonora de um skatista não identificado, que no decorrer da matéria afirma utilizar o skate como meio de transporte, uma vez que “(...) já vou me divertindo, chega mais rápido.” (JN 12/07). A consequência da utilização do “carrinho” como meio de transporte é apresentado por Kiko Menezes por meio de uma expressão coloquial que, mais uma vez, faz um jogo interdiscursivo entre o universo do skate e o mundo de expressões coloquiais típicas da cotidianidade: “Pode ser uma mão na roda para a sustentabilidade”, destacando o fato de seu uso ser “limpo” no que tange à emissão de poluentes para a atmosfera.

Muito além do que um simples meio de transporte ou até mesmo uma prática esportiva para lazer ou competição, ressaltando o esporte-performance (TUBINO, 1999), o skate é um elemento agregador de uma série de outros universos, que estão refletidos, e facilmente perceptíveis, em sua prática. Esta proposição encontra suporte na sonora de Leandro, dono da pista de skate que “revelou” Luiz Francisco, o Luizinho, à cena competitiva internacional e, conseqüentemente, à representação do país nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Transmitida pelo Esporte Espetacular em 11 de julho, a matéria tinha dois intuitos principais: apresentar ao público espectador uma das “promessas” de medalhas olímpicas bem como desvendar um universo ainda desconhecido de um público amplo no que tange à prática de skate. Nas palavras de Leandro, “acho que o skate hoje tá intitulado como esporte, mas ele é a junção de tudo, é da música, é da arte, é da rua, é da gastronomia, é tudo que que liga ali a vida do skatista no dia a dia, né?” (EE, 17/07) .

4.4.2. Percurso das pranchas

Muito mais do que uma simples atividade de lazer ou práticas esportivas, as pranchas do mar e do asfalto trazem consigo um sem número de especificidades que perpassam as fronteiras traçadas pelo universo esportivo. Para contemplar com maior clareza e organização as referências utilizadas para criação de um “percurso” das pranchas do mar e do asfalto, foi preciso fazer algumas cisões temáticas para que a apresentação da análise não ficasse um tanto quanto confusa. Para isso, optamos por apresentá-las mediante a divisão por modalidade, surfe e skate, e, no interior desta classificação de cunho mais generalista, desdobrar algumas temáticas recorrentes no que se refere a cada um dos esportes sobre pranchas.

Independentemente do histórico inter-relacionado, tal como já trouxemos no decorrer deste trabalho, muitos são os pontos de divergência encontrados para abordar as especificidades de cada uma das modalidades sobre pranchas. Apesar de a temática da plasticidade dos movimentos estar presente nos discursos construídos sobre as duas práticas, sejam eles mencionados direta ou indiretamente, encontramos alguns aspectos singulares que deveriam ser abordados separadamente para cada um deles. No caso do surfe, pudemos notar duas principais abordagens temáticas: a manutenção do princípio do lazer na atividade esportiva de cunho competitivo e, sobretudo, o que podemos denominar de “espírito surfista”, em uma adaptação autoral ao conceito de “for fun” (OLIC, 2014), elemento nativo da prática do skate, em que “surfa-se por amor” e a questão relacionando o surfe às experiências empíricas, como o ato de surfar em praias que oferecem “status” àquele que tem a oportunidade de surfar nela (FORTES, 2011).

Já no caso do skate, para além da plasticidade dos movimentos, encontramos menções importantes aos seguintes aspectos. 1) a relação do esporte com a juventude, que se tornou uma forte estratégia narrativa na abordagem noticiosa da modalidade; 2) o que denominamos de “espírito skate”, que, de certa forma, subverte a lógica de um esporte baseado no princípio do agôn e do esporte-performance, em que os praticantes, antes de tudo, torcem para o sucesso do outro como estratégia de aumentar o nível competitivo e deixar a competição mais interessante, seja para o espectador, seja no ponto de vista da competição, e, 3) menção à identidade skatista, que traz à tona alguns desdobramentos já iniciados no tópico anterior sobre a construção de um “eu-skatista” enquanto um coletivo singular e 4) A relação com o estilo de vida.

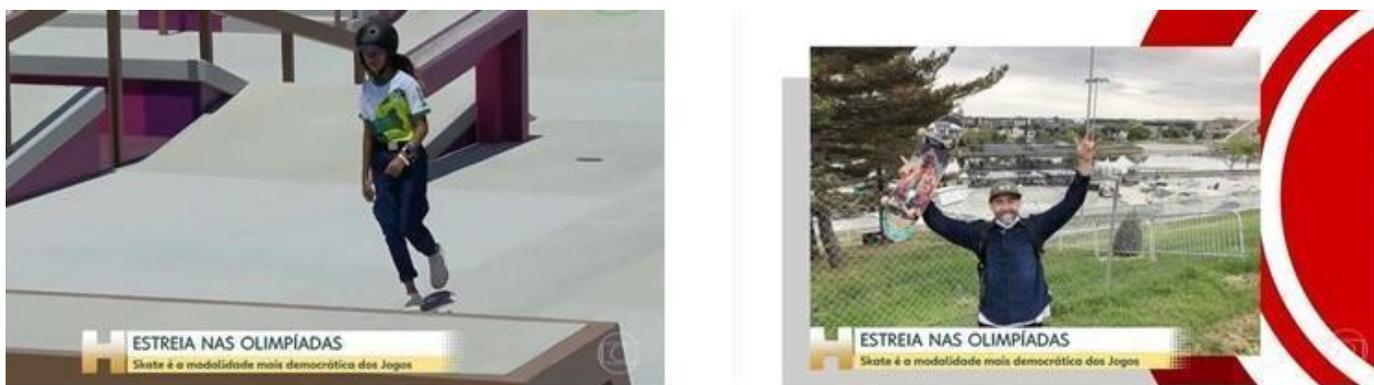
Seja na forma de emissão discursiva direta, ou a enunciação pelos jornalistas envolvidos na cobertura desta modalidade (CHARAUDEAU, 2019), ou indiretamente, através dos discursos não verbais, os imagéticos, a defesa de que o skate era uma modalidade associada à juventude foi, de certa maneira, recorrente nos materiais jornalísticos-esportivos da emissora no período analisado, estando presentes nos discursos de todos os programas que compõem o corpus desta pesquisa. Longe de aqui apenas apresentar cada uma das menções feitas ao juvenilismo do skate (MORIN, 1997) (BRANDÃO, 2012), optamos por destacar algumas construções discursivas significantes. Duas menções semelhantes foram feitas por Kiko Menezes nos programas *Jornal da Globo* (03/08) e *Jornal Nacional* (04/08), variando apenas a denominação dada às atletas.

Enquanto no primeiro (JG, 03/08), há a referência à "(...) dominado por jovens skatistas", no segundo momento (JN, 04/08), a construção discursiva é posta como "A prova foi dominada por atletas muito jovens", utilizados também como justificativa para que o COI incluísse a modalidade no rol de disputas olímpicas, renovando o "espírito" do megaevento. Semelhantes não só nas estratégias de apresentação dos adjetivos postos às atletas, mas também no verbo que acompanha ambas as menções: dominar. Como elemento de justificativa e contextualização das afirmações, Kiko Menezes traz a seguinte assertiva: "(...) o skate pode ser a modalidade a entrar na história das olimpíadas com maior número de medalhistas abaixo dos 18 anos numa mesma edição", legitimando que, além do feito de ser modalidade estreante, voltada para a renovação do público espectador, pode ainda oferecer um outro marco histórico, o de "marcar seu nome" pela juventude das atletas premiadas.

Além de, denotativamente, pressupor um princípio de hegemonia, superioridade, a escolha verbal também nos leva à um segundo ponto de defesa: apesar da emergência de atletas jovens reconhecidos e titulados no cenário competitivo, o skate é apresentado também como "O esporte mais democrático dos Jogos Olímpicos." (JH, 22/07), ou, como Bárbara Coelho apresenta no mesmo dia no *Jornal da Globo*, esta "é uma modalidade estreante e não tem limite de idade". Como "prova de ocorrência" do dito, bem como uma forma de "presentificar mediadamente" alguns representantes da modalidade, são mencionadas as figuras de Rayssa Leal, a atleta mais jovem da delegação brasileira, representante do Skate Street, e "(...) atletas muito experientes, que já rodaram circuitos importantes de suas modalidades e que vão fazer a estreia aqui nos Jogos Olímpicos", como Dallas Oberholzer, denominado discursivamente por Kiko como "veterano" representante da África do Sul nas Olimpíadas de Tóquio. Para além desta representatividade, a utilização discursiva deste

adjetivo à Dallas também traz na entrelinha a existência de precursores da modalidade, revelando um caminho a ser percorrido até a chegada às Olimpíadas (Imagem 24).

Imagem 24: A democracia do skate representada pelas figuras de Rayssa Leal e Dallas Oberholzer (JH)



Fonte: Reprodução Globoplay

Os surgimentos tanto do surfe quanto do skate trouxeram à tona novas formas de se relacionar com as práticas de lazer, e, posteriormente, desportivas. Através do uso do corpo como viés comunicativo (LE BRETON, 2007), da relação de identidade construída entre o praticante e os espaços utilizados para tal feito e, sobretudo, da maneira com que estes sujeitos passaram a lidar com a ideia de um “risco calculado e previsto” (BANDEIRA, 2009), as modalidades sobre pranchas modificaram as formas pelas quais olhamos as atividades de tempo livre, principalmente aquelas que Norbert Elias e Eric Dunning (1992) classificam enquanto “atividades de sociabilidade” e “miméticas ou de jogo”, que refletem intimamente a maneira pela qual os indivíduos praticantes das modalidades sobre pranchas “enxergam” estas relações.

Uma delas está posta no que chamaremos de “espírito skate” e “espírito surfista”, a segunda vista posteriormente. Denominada primeiramente como “surfe de calçada” (BRANDÃO, 2007), o skate durante alguns anos conservou-se enquanto uma mera adaptabilidade da atividade desempenhada no mar, inclusive no que tange aos modos de ser e se portar. Para tanto, com o surgimento de novos adeptos e a popularidade da prática, foi preciso, como já abordamos, criar uma identidade própria que servisse apenas aos adeptos dos “carrinhos” (MACHADO, 2011). Menções a esta “identidade skatista” também se fizeram presentes nos discursos jornalísticos que abordavam os acontecimentos desta modalidade, destacando, principalmente, quatro aspectos centrais que revelam a proposta de

um skate muito além do universo esportivo, olímpico ou não: 1) Resiliência; 2) Camaradagem; 3) Descontração e 4) Estilo de vida.

O primeiro aspecto, a resiliência foi um aspecto bastante destacado durante a cobertura das competições de skate nos Jogos Olímpicos. O ressalte desta característica que faz parte do universo do skate esteve presente tanto em narrativas anteriores às disputas, como forma de apresentação da modalidade, quanto puderam ser verificados nos dias de disputa, indubitavelmente estando presentes na abordagem noticiosa dos dias posteriores às disputas e conquistas. O que aqui denominamos “resiliência” encontra-se sustentado por um principal aspecto: a íntima relação da modalidade com o *Alea* e o *Ilinx*, elementos comuns naqueles que denominamos esportes de risco. Desvinculando a proposta do risco como algo essencialmente negativo, este aspecto em questão é importante, sobretudo, quando destacamos a constante, e recorrente, capacidade de “reconstrução” dos atletas skatistas.

E isso se fez refletido nos destaques discursivos dos telejornais e programas esportivos da emissora. A primeira menção a essa particularidade foi feita ainda em 17 de julho por Marcos Uchôa, em uma matéria veiculada no Esporte Espetacular para apresentação de Pâmela Rosa, número um do ranking mundial, enquanto atleta olímpica. O sentido da “normalidade” das quedas e frustrações no esporte das pranchas sobre rodinhas é bastante claro no discurso apresentado pelo jornalista, que afirma que “(...) mas esqueite é assim, você tem que aprender a conviver com o fracasso. Não tem o vermelho da vergonha, não tem o roxo do machucado. O que fica é a queda como um desafio para acertar na próxima vez.” Interessante aqui é o jogo de expressões utilizadas para construir a narrativa: o jogo “fracasso” x “desafio” reafirma o princípio de uma espécie de espírito esportivo, e, mais do que isso, traz à tona uma importante singularidade desta prática esportiva, no qual, mais do que competir com o adversário, o skatista compete contra si mesmo em busca de um constante aprimoramento das técnicas, o que pressupõe a naturalização das falhas e a canalização das frustrações.

As demais menções ao aspecto que denominamos “resiliência” estão postas nos telejornais veiculados no dia 04 de agosto, dia em que o skate park feminino teve ocorrência e foi transmitida pela TV Globo. Se, no caso do Esporte Espetacular encontramos a descrição da queda, da falha como “fracasso”, no Hora 1, telejornal matinal comandado por Roberto Kovalick, houve a opção de abordagem desta temática através do recurso de uma sonora de Dora Varela, representante do Time Brasil na modalidade. Dora descreve essa naturalidade com as falhas aproximando-a do espírito olímpico, de ciclos constantes de renovação e

aprendizado. Nas declarações da atleta, que tem as falhas e frustrações como algo cotidiano e natural, o “fracasso” se converte em “superação” dos desafios e de seus próprios limites.

A valorização das falhas também encontrou espaço nos discursos componentes do material informativo apresentado no Bom Dia Brasil. Neste caso, é de Kiko Menezes a tarefa de descrever esse processo de ressignificação. Longe de valorar a questão, o jornalista opta por apenas exaltar essa relação singular estabelecida para o bom funcionamento do esporte, motivado, principalmente pela “União e respeito, com aplausos nos erros e acertos.” (BDB, 04/08). A dinâmica da brincadeira “cair e levantar”, ressaltando o processo de superação, é trazida à tona também pela matéria protagonizada pelo mesmo jornalista no Jornal Nacional, agora na sonora de uma outra representante brasileira na modalidade. Yndiara Asp reafirma esse ciclo constante de aprendizados no skate, como ressaltado na declaração: “Eu acho que o que tem muito na Olimpíada é essa coisa de superação, né? Essa energia. E o skate ensina a gente o **tempo todo** a cair e levantar.” (JN, 04/08).

Os dois seguintes vieses de análise, a camaradagem e a descontração, apesar de postos em momentos distintos, podem sim ser analisados enquanto fatos relacionados, igualmente importantes para compreender o percurso destas pranchas do asfalto. A descontração, muito relacionada à conservação dos princípios da brincadeira e do jogo mesmo diante da transformação do skate em modalidade esportiva e, posteriormente olímpica, é elemento de destaque para ressaltar as particularidades desta prática. Inúmeras foram menções nos telejornais e programas esportivos da emissora às danças de Rayssa Leal, medalhista de prata mais jovem da história da delegação brasileira, descritas por ela como uma tentativa de “aliviar” as tensões da disputa e conservar o skate enquanto uma paixão, e não uma obrigação. Para Rayssa, muito mais do que uma competição, o skate tem outras significações, como na sonora reproduzida no Bom dia Brasil em 26/07: “Ah, mas já tava me divertindo, eu tava num momento, assim, mais especial da minha vida, muito importante pra mim e eu quando eu tô feliz eu fico animada, eu fico brincando, eu fico me divertindo, fico dançando como você pode ver.”.

Já o retrato discursivo construído por Kiko ao Globo Esporte São Paulo, apresenta as competidoras do skate park como “cheias de carisma” (GE, 04/08) e destaca um evento “incomum”vivenciado, uma reunião das competidoras para tocar ukelele, instrumento musical de corda, momentos antes da competição.O destaque a esse “fato curioso” das pranchas do asfalto é descrito por Kiko Menezes como “algo muito curioso”. A prova de ocorrência deste fato está posto na forma de imagem, em que as atletas de diferentes nacionalidades aparecem na área de concentração do espaço de competição em uma roda,

rindo e cantando umas com as outras ao som do ukulele (Imagem 25). É considerando este espírito ímpar nas disputas de tamanha relevância como os Jogos Olímpicos que Renata LoPrette avalia “Se a primeira impressão é a que fica, o skate já tá com a missão cumprida em Tóquio.” (JG, 28/07).

Imagem 25: Provas de ocorrência para ilustrar a descontração no ambiente de disputa do skate park (GE, 04/08)



Fonte: Reprodução Globoplay

A menção mais abrangente da identidade das pranchas do asfalto está no aspecto da camaradagem. A abordagem recorrente, ocorrida entre 11 de julho e 05 de agosto, utiliza desta característica identitária da modalidade como uma estratégia de chamar a atenção do espectador à essa “nova forma” de conceber as disputas esportivas. Longe de aqui fazer uma abordagem particularizada, o que levaria tempo, espaço e se tornaria repetitivo, optamos por ressaltar algumas construções discursivas que merecem destaque pelas intencionalidades envolvidas para além do “dito” no discurso.

No decorrer dos dias, a proposta da apresentação do “espírito skate” se deu de diferentes formas, desdobrando uma série de outras questões. Primeiramente, o “carrinho” é descrito como detentor de uma “energia incrível” (JG, 28/07) por Renata LoPrette, seja pela radicalidade ou pelo princípio de comunidade nativo deste esporte, aspecto ressaltado por Dora Varela, atleta competidora do skate park feminino, que avalia que a competição olímpica pôde trazer a “vibe” (JH, 04/08), ou, como afirmado por Yndiara Asp, “a essência do skate” (JH, 04/08), ressaltando que esse processo de auxílio mútuo é natural da modalidade, ou, nas palavras de Carol Barcellos, “(...) isso tem muito da essência que é esse esporte, né? Quando a gente vê o vibrando com a volta do australiano, quando a gente vê todo mundo aqui brincando e se divertindo, o skate vem disso (...)” (H1, 05/08).

Imagem 26: Cenas representativas do espírito skate nos telejornais da emissora



Fonte: Reprodução Globoplay

Muito mais do que o reconhecimento na forma de medalhas olímpicas, o skate trouxe uma nova maneira de pensarmos o esporte. Os discursos veiculados nos mais variados telejornais e programas esportivos da TV Globo utilizaram esta especificidade como fio condutor das narrativas. Ressaltando os princípios de união, camaradagem e amizade, a “cultura do skate” (BDB, 04/08), as competições trouxeram uma nova forma de pensar o *agôn* do jogo, já que, mais importante que vencer o outro, o que vale é a torcida pelo sucesso dos adversários, tanto para que a disputa se torne mais interessante quanto para que o desempenho individual seja aprimorado a cada dia. Se, por um lado “O park chegou com uma nova maneira de enxergar a disputa das Olimpíadas” (JN, 04/08), como afirma Kiko Menezes, é a partir da concepção de que “Skate é uma modalidade individual, mas ainda assim coletiva. Por mais que nas competições os atletas sejam avaliados um a um, esse contato humano faz parte da essência do esporte”, tal como apresenta o jornalista Filipe Cury, que passamos a compreender a importância desse elemento na constituição da identidade dos skatistas e da própria modalidade em si (Imagem 26).

É por essas e outras que, como já afirmamos, o skate perpassa as fronteiras do universo esportivo e se revela enquanto uma identidade, um estilo de vida. Este ponto esteve destacado em dois momentos no corpus de análise, ambas feitas por Kiko Menezes no Jornal Nacional. A primeira delas, de maneira mais breve, em 12 de julho, “Carismáticos. Irreverentes. Como os próprios skatistas gostam de dizer, o skate é estilo de vida”. A assertiva apresentada, para além do destaque que aqui procuramos “encaixar” também perpassa o âmbito do histórico da modalidade. A opção pelo termo “irreverentes”, que tem entre os seus sinônimos o termo “incivis” muito mais do que ressaltar a identidade dos

praticantes de pranchas do asfalto, também parece remeter a seu histórico, marcado pelas subversões às regras estabelecidas e sua relação com movimentos contraculturais. Parece, neste caso, uma maneira sutil de se referenciar a um passado “apagado discursivamente”, só compreendido com mais clareza por aqueles que já adentraram, ainda que brevemente, no universo esportivo das pranchas do asfalto.

Imagem 27: Destaque imagético à plasticidade dos movimentos envolvendo as pranchas do mar e do asfalto nos programas do corpus da pesquisa



Fonte: Reprodução Globoplay

Tanto no retrato do surfe quanto do skate, um aspecto bastante importante fez parte da construção discursiva, verbal e não verbal, das matérias que compunham a cobertura destas modalidades: o destaque à plasticidade dos movimentos, com manobras belas, resultado do processo simbiótico entre o homem, o uso e o controle de seu corpo, e o instrumento que possibilita tal feito (Imagem 27). Recorrentes foram as imagens recuperadas das transmissões de ambas as modalidades, tanto quando o assunto se referia à capacidade de execução de manobras como para servir de suporte imagético para uma passagem em off pelos jornalistas envolvidos na produção de materiais informativos nos programas do corpus desta pesquisa.

Era comum vermos manobras aéreas, atletas sustentados pelo peso de uma das mãos ou as pranchas se separarem momentaneamente dos corpos, formando um balé nos ares. Estas afirmações se comprovam se olharmos com mais atenção para os discursos presentes nas narrativas jornalísticas produzidas sobre o skate e o surfe. A aproximação de um “balé diferenciado” talvez esteja mais clara na afirmação de Alex Barbosa, repórter local responsável por trazer como “a terra natal” de Rayssa assistiu à sua conquista histórica, “Numa coreografia quase perfeita. Sobre quatro rodinhas” ou ainda na expressão “um show de manobras” (BDB, 27/07), feito por Ana Paula Araújo, e que resgata a ideia de que o

esporte, quando “feito para vender” e “ser visto”, se converte em espetáculo capaz de atrair as atenções de espectadores (COAKLEY; HALLINAN; MCDONALD, 2011).

Além destes, merecem destaques os discursos verbais pelos jornalistas que se configuraram enquanto testemunhas oculares deste evento histórico inédito, que, em muitos momentos, trouxeram à tona valorações a respeito das manobras executadas, como é o caso de “Gabriel Medina, que venceu o francês Michel Bouret com uma das manobras mais bonitas do campeonato” (JN, 26/07), emitida por Guilherme Pereira, ou ainda em “Foram as competidoras que mais agradaram aos juízes no espetáculo de manobras e aéreas espetaculares.” (JN, 04/08), proferida por Kiko Menezes ao se referir às competições do skate.

4.4.3. Tornando-se olímpicas

As inclusões do surfe e do skate no programa olímpico de Tóquio 2020, realizado em 2021, trouxe novas necessidades no que tange ao universo do jornalismo esportivo. Diante de um cenário promissor de medalhas olímpicas para o Brasil, foi preciso construir narrativas e discursos que sustentassem o porquê desta expectativa e, ao mesmo tempo, traçar estratégias de familiarização de um público amplo, leigo, que se transformaria em potencial espectador das modalidades sobre pranchas.

Foi preciso, primeiramente, nos voltar para a apresentação das modalidades. Apesar da franca ascensão no cenário mundial, a chegada ao universo olímpico demandava certo esforço em apresentá-las, e torná-las de certa maneira “familiares” a um público espectador leigo e mais abrangente. A partir destas constatações, procuramos compreender tais constatações a partir de três momentos distintos: a familiaridade com o público, a preparação para as competições e a “tradução” envolvida nas disputas, já que, em alguns momentos, houve a transmissão ao vivo de trechos das modalidades nos telejornais da emissora e foi preciso explicar aos telespectadores o funcionamento das competições, as identificações dos atletas e as especificidades envolvendo as manobras.

É a partir desta contextualização que orientamos as reflexões discursivas deste tópico de análise. Em um primeiro momento, voltaremos nossos olhares para as estratégias traçadas para apresentação dos atletas componentes do Time Brasil, responsáveis por representar-nos nas disputas das modalidades. Para isso, muito mais do que introduzi-los superficialmente, tentamos buscar de que forma as enunciações sobre eles produzidas atuaram de forma a criar e por vezes até mesmo justificar, as expectativas postas sobre eles no que tange à conquista

de um dos lugares no pódio. Além disso, nos atemos à outra face desta moeda, quando estas narrativas intencionais de exaltação prévia encontram percalços no caminho que frustram as expectativas.

Para poder criar uma espécie de relação entre a modalidade e um potencial público espectador era preciso, primeiramente, apresentar as particularidades das modalidades sobre pranchas, principalmente no caso dos “carrinhos do asfalto”, que foram disputadas de duas formas diferentes: o street e o park. A primeira, e mais antiga delas, é a modalidade park, que ainda mantém a prática de manobras em uma espécie de piscinas de bordas arredondadas, tal como no processo de adaptação das manobras do surfe no período de estiagem na Califórnia na década de 1960.

Imagem 28: Suportes para os discursos de apresentação das modalidades do skate nos Jogos de Tóquio



Fonte: Reprodução Globoplay

Como apresentado por Kiko Menezes, “A prova do park (...) é disputada numa pista que tem o formato de piscina, só que o fundo dela é arredondado e as bordas são arredondadas com alguns obstáculos (...)” (JG 03/08) e outras construções narrativas semelhantes à esta estiveram presentes nos noticiários que compuseram o corpus desta pesquisa. Para além da explicação necessária, chamou nossa atenção o complemento “o que deixa tudo mais interessante.”, que destaca a identidade pautada no radical e no risco, nativos desta modalidade. Já em outro momento, é também de Kiko o destaque aos feitos realizados nestas pistas, “(...) onde os atletas capricham nas manobras aéreas” (JH, 22/07), o que, de certa maneira, cria uma expectativa para o “esporte-espetáculo” que se desenrolaria dias mais tarde.” (JH, 22/07).

Já no caso do skate street, a apresentação é feita de maneira mais sucinta, apenas destacando as obviedades. Descrita como “aquela que reproduz os elementos do skate de rua na pista”, a modalidade é ainda associada às manobras realizadas em bancos, corrimãos e escadarias, o que fizeram com que este esporte começasse a ser visto como produto subversor da ordem os espaços urbanos, trazendo “usos imprevistos” para estes espaços partilhados (JACOBS, 2014). Nas duas modalidades, as narrativas discursivas não verbais servem somente como um suporte, em muitos casos também acompanhados de um recurso de edição de imagem, que apenas “ilustre” o discurso apresentado em off.

Diferentemente do caso do skate, que ainda recebeu menções breves às especificidades de suas disputas, devido às diferenciações detidas por cada uma delas, street e park, no caso do surfe não foi possível notar nenhuma menção ou tentativa de explicação a respeito destes fatos. Há, no decorrer dos discursos, somente apresentações da praia de Tsurigasaki, palco das disputas, não como uma estratégia de criar familiaridade com o público, mas para explorar outros sentidos específicos relacionados à prática das pranchas do mar, tal como veremos nos desdobramentos analíticos dos pilares posteriores.

Em um segundo momento, os discursos produzidos sobre as modalidades aqui estudadas se apoiaram no que chamamos de “preparação para as competições”. Em mais uma estratégia de fidelizar um público espectador ou cumprir com o princípio jornalístico de fazer a informação entendível a uma coletividade ampla, adotou-se a estratégia de que os jornalistas “testemunhas oculares da história” bem como os comentaristas especializados na cobertura das disputas destas modalidades trouxessem à tona algumas explicações que procuraram responder ao questionamento preliminar: “Como vão funcionar as disputas?”. É também guiados por este questionamento que apresentamos, a seguir, alguns destaques discursivos encontrados nas matérias do corpus deste trabalho.

Ao nos debruçar sobre as abordagens referentes às possíveis respostas a este questionamento, encontramos um dado relevante e curioso. As explicações oferecidas ao público espectador foram, em sua maioria, feitas através de entradas ao vivo das transmissões das duas modalidades, surfe e skate (park e street), que estavam ocorrendo naquele momento específico ou teriam espaço na programação seguinte da grade da TV Globo. Para que esse processo de explicação simplificada, mas técnica, pudesse ser feita, para além dos jornalistas que atuaram como mediadores, como Carol Barcellos, Kiko Menezes e Guilherme Pereira, em alguns momentos também houve a participação de ex-atletas reconhecidos em suas modalidades, que ficaram com a responsabilidade de “decodificar” as especificidades em relação a manobras, avaliações ou a organização e o funcionamento da própria modalidade:

Bob Burnquist e Teco Padaratz, ambos personalidades reconhecidas e premiadas em suas modalidades.

A primeira modalidade a ser apresentada ao público foi o skate street, ainda em 25 de julho no programa dominical Fantástico. Contando com a mediação de Tadeu Schmidt, âncora da edição junto a Poliana Abritta, e Alex Escobar, a abordagem noticiosa da modalidade também contou com o narrador esportivo Everaldo Marques, responsável por levar o *ilinx* até os telespectadores, e Bob Burnquist, skatista reconhecido e premiado em sua modalidade, que ficou responsável pela “tradução” dos acontecimentos que envolvem uma transmissão esportiva das pranchas sobre rodinhas: nomes de manobras, organização da competição, notas, além de uma espécie de “previsão” dos cenários futuros da competição naquele dia.

O “funcionamento” das disputas do skate ficaram à cargo de Bob Burnquist, sendo apenas complementadas, ou por vezes comentadas, pelos jornalistas envolvidos na cobertura da modalidade. Com o intuito de “ambientar” o público com as disputas, que eram realizadas concorrentemente à transmissão do Fantástico, Bob Burnquist construiu um discurso eminentemente explicativo, que procurasse ser acessível ao entendimento de uma coletividade ampla, não familiarizada com o esporte, mas que atraísse espectadores que pudessem ficar acordados para acompanhar a transmissão que aconteceria mais tarde, na sequência do telejornal dominical. Na primeira etapa, de cunho classificatório, “(...) são sete apresentações que as skatistas vão fazer: duas voltas de quarenta e cinco segundos, mais cinco tentativas de uma manobra única. Dessas sete apresentações, você pega as quatro melhores notas para compor a nota da competidora e tentar classificação pra final.” (FANT, 25/07).

Talvez como uma forma de estabelecer o primeiro contato do público com as competições de skate, foi feita a opção pela emissora de transmitir as voltas de Pâmela Rosa, líder do ranking mundial na modalidade e esperança de medalha para o país. No decorrer da sua apresentação, os envolvidos na cobertura seguiram com discursos eminentemente explanatórios sobre o funcionamento das mesmas, agora cabendo à Alex Escobar o destaque aos procedimentos da etapa final das competições: “(...) no momento ela tá em 12º lugar. 8 classificam pra final, ainda tem muita coisa pra rolar. (...) então portanto a Pâmela ainda tem uma vida pra se recuperar.” (FANT, 25/07).

Imagem 29: Aspectos do discurso não verbal que compõem a transmissão do skate street



Fonte: Reprodução Globoplay

Tal como já discurremos nas etapas de cunho mais teórico deste trabalho, os discursos não se restringem somente ao ato de enunciação daquilo que se deseja dizer, englobando também uma série de outros elementos significantes para compreender a situação comunicativa-enunciativa. E no caso de um discurso midiático, estas especificidades se tornam ainda mais relevantes. No caso da transmissão de trechos das baterias competitivas do skate street feminino, foi possível notar uma série de elementos não-verbais que em muito momentos auxiliaram no processo de apresentação da modalidade. Padronizado pelo COI, aparecem nas imagens utilizadas para sustentação narrativas: 1) O nome, e a nacionalidade, da atleta competidora; 2) As notas referentes às voltas e manobras únicas; 3) A soma total de notas obtidas, considerando os descartes; 4) A nota necessária para alcançar a última posição classificatória para a final. Todos esses elementos, presentes também de certa forma nos discursos da transmissão das baterias competitivas, auxiliam no processo de apresentação da modalidade ao público leigo-espectador, facilitando a compreensão das singularidades desta disputa (Imagem 29).

Importante, neste caso, é o também destaque dado a uma das características do jogo, *Alea*. Além de evidenciar o princípio competitivo, o discurso apresentado revela que, neste esporte é comum algumas “surpresas” que independem da preparação dos atletas e até mesmo das condições do local. O que impera, neste caso, é a imprevisibilidade. Em um esporte que depende, inclusive, do julgamento das manobras por um corpo técnico, outras especificidades ainda ajudam a “dar o tom” das disputas. Este é o caso da série de manobras

que, além de estimular o aspecto da radicalidade do esporte, também atua de forma que o atleta possa mostrar suas potencialidades e habilidades, muito além do ambiente da disputa.

É sobre este aspecto que acrescenta Kiko Menezes, também em matéria para o mesmo telejornal: “(...) Até que veio a hora das melhores manobras. Nessa parte os skatistas precisam fazer movimentos de difícil execução pra impressionar o juiz e melhorar a pontuação.”(FANT, 25/07). Neste caso, o destaque ao princípio nativo do jogo, a *alea*, pôde ser notado na construção discursiva de Kiko, principalmente a partir da escolha verbal por “impressionar”, o que revela que, além das claras habilidades, desenvolvidas pelo aprimoramento de manobras, também deve-se conhecer as especificidades dos julgamentos para que se conquiste o lugar mais alto do pódio, revelando as subjetividades envolvidas nas disputas desta modalidade.

O retrato do cenário competitivo que acontecia naquela noite também ficou a cargo de Everaldo Marques, envolvido na narração das competições. É dele a apresentação dos processos organizacionais que envolveram as disputas, como uma estratégia também de situar o espectador a respeito do momento de disputa das outras representantes do Time Brasil, Rayssa Leal e Letícia Bufoni, também esperanças de medalhas na modalidade devido aos excelentes retrospectos. Neste aspecto, Marques utiliza da apresentação de Pâmela e das notas recebidas pela atleta para dizer que “Pâmela tá numa das eliminatórias de cinco skatistas. Elas são um grupo de 20 participantes, dividido em 4 chaves de 5. E as outras brasileiras que competem no skate street (...) a Rayssa Leal e a Letícia Bufoni competem numa outra eliminatória que começa às 11 da noite.”(FANT, 25/07). Além de introduzir a presença das demais representantes, esta fala também ressalta um outro aspecto, a representatividade feminina neste esporte. Ao reunir 20 atletas de diferentes nacionalidades nesta disputa, subentende-se um ganho de espaço feminino nesse esporte predominantemente feminino, revelando um cenário competitivo promissor para além das disputas olímpicas de Tóquio.

No que tange às explicações a respeito das disputas do skate park, pudemos verificar apenas uma menção realizada no Bom dia Brasil do dia 05 de agosto por Carol Barcelos. Longe de uma explicação, tal como ocorreu na outra modalidade olímpica apresentada anteriormente, o que vemos é apenas um contexto breve, baseado em “Vale a melhor volta de três, né? de cada atleta.”. Em nenhum momento são especificados os critérios de julgamento nem ressaltada, por exemplo, a quantidade, ou a nacionalidade, dos competidores.

Já no caso das disputas do surfe, as explicações foram um pouco mais breves, apenas presentes nos discursos construídos na transmissão da modalidade realizada durante o Jornal

Nacional de 26 de julho de 2021. Neste caso, mais uma vez é Everaldo Marques quem, no decorrer da apresentação, transmitida ao vivo, de Ítalo Ferreira, nos oferece uma breve explanação dos processos envolvendo a disputa das pranchas do mar. Diferentemente do caso do skate, composta de classificatórias e finais, a menção às “quartas de final” no discurso de Marques pressupõe todo um caminho a ser percorrido até a final olímpica.

O terceiro e último aspecto que envolve a apresentação das modalidades sobre pranchas está no que denominamos “tradução das disputas”, que, sobretudo, estiveram presentes nas transmissões das modalidades durante os programas jornalísticos que compõem a grade de programação da emissora. A nomenclatura extensa e estrangeira das manobras do skate foi também fruto de discussões, em tom de brincadeira, durante as disputas da modalidade, por aqueles que classificamos como “mediadores informacionais” ou os jornalistas que, não presentes no local de disputa, eram responsáveis por apresentar ou comentar as transmissões.

Imagem 30: Mediadores informacionais do Fantástico responsáveis pela apresentação do



skate

Fonte: Reprodução Globoplay

Em uma conversa mais informal entre Tadeu Schmidt e o cavaleiro especial para apresentação dos acontecimentos olímpicos no noticiário, o Pocotóquio, foi possível notar uma tentativa de jogo humorístico com essa “confusão” criada pelo nome, e a execução, das manobras. Enquanto o fantoche animado afirma que “Eu quero ver se as meninas vão mandar um cavalerial backside nosebluch slide reverso”, é Tadeu Schmidt que, fingindo certa confusão e não entendimento do nome técnico da manobra, perceptível através de algumas gaguejadas. Alex Escobar transmite então a responsabilidade dessa tradução para Bob

Burnquist, que não o „traduz”, mas o comenta “Olha, vai ser difícil pras meninas porque acho que nem os meninos ali era só o Kelvin mesmo que tava naquela, então o Kelvin, né? Fez acontecer o manobrão”. Neste caso, apesar de ser uma visada mais subjetiva da questão, o comentário é bastante importante do ponto de vista técnico, já que ele ocupa lugar de destaque e credibilidade para poder emitir tal “julgamento” ou “impressão” (ORLANDI, 2001) (BRANDÃO, 2012).

Imagem 31: Charge destacada no quadro do Hora 1



Fonte: Reprodução Globoplay

Esse tom igualmente jocoso relacionado ao tratamento dado às manobras realizadas na competição de skate também ficou perceptível em outro momento do material jornalístico analisado: as “Charges Olímpicas” de Renato Peters, quadro especial lançado para cobertura olímpica no telejornal nacional Hora 1. Além dos índices presentes na ilustração que compõe o quadro, o “tom” da matéria ainda é dado pelo comentário do próprio jornalista-quadrinista em que afirma “Tem umas manobras lá que eu acho que o comentarista tá inventando, não é possível.”. Este comentário parece trazer à tona um elemento bastante importante para esta cena enunciativa em particular. Neste caso, esta menção em tom humorístico resgata uma discussão que foi recorrente ainda no dia anterior, no momento da disputa de Rayssa Leal, que inaugurou as competições de skate, em que os telespectadores recorreram às redes sociais, principalmente ao twitter, para tecer comentários sobre os nomes, americanizados, dados às manobras, que fica bastante notável em “Uau! mandou um night flip bugado invertido big spin prateado” (H1, 26/07) (Imagem 31)

A “tradução” ou a “explicação”, no caso da transmissão do skate street feminino durante o Fantástico do dia 25/07, não pode ser desdobrada devido à imprevisibilidade do esporte. Principalmente devido à recuperação de uma lesão recente, que viria a ser divulgado mais tarde no mesmo dia, a transmissão da volta de Pâmela Rosa foi recheada de quedas e falhas, o que impossibilitou o processo de explicação das nomenclaturas das manobras. Neste caso, optou-se por dizer que a mesma utilizaria aquela volta como “treino” para tentar “(...) aproveitar os obstáculos da pista”, tal como afirmam Bob Burnquist e Everaldo Marques, respectivamente.

O caso da outra modalidade aqui estudada também não foi muito diferente. É no momento da transmissão da “bateria” de Ítalo Ferreira em um espaço do Jornal Nacional do dia 26/07 que aconteceu a única tentativa de decodificação das especificidades do esporte a um público leigo. Ocupando lugar central na disposição noticiosa do telejornal, a transmissão da bateria de Ítalo Ferreira é feita logo na abertura do JN, momento em que Renata Vasconcelos aciona Guilherme Pereira, testemunha ocular do acontecimento, para trazer algumas informações preliminares a respeito das disputas na praia de Tsurigasaki. É dele a responsabilidade de “entregar” a transmissão da bateria de Ítalo ao comentarista esportivo Everaldo Marques, que, assim como no caso das competições do skate, trouxe narrações “emocionadas”, descrições a respeito do funcionamento e o panorama da competição, colocando como foco a situação do atleta brasileiro, Ítalo Ferreira, que disputa uma vaga com um “atleta da casa” (JN, 26/07), o japonês Hiroto Ohara.

Assim como também é usual em outras competições esportivas, Marques utiliza do suporte imagético para “ambientar” o telespectador naquilo que está acontecendo no momento. Isso acontece, por exemplo, quando Everaldo afirma que “Ítalo Ferreira que está surfando de camiseta vermelha neste momento lutando por uma vaga na semi-final dos Jogos Olímpicos (...)” (JN, 26/07). A descrição do uniforme do atleta brasileiro, neste caso, é fundamental no processo de construção de uma familiaridade do público com o esporte, principalmente em se tratando de um espaço bastante amplo e por vezes monocromático como o mar.

Além do ressaltar ao princípio do *agôn*, perceptível pela utilização da expressão “lutando por uma vaga”, o que chama a atenção é a ambientação que o comentarista faz no processo de construção discursiva ao vivo. Tal como uma estratégia de ambientar o público sobre o desenrolar das disputas desta modalidade, chamadas de baterias, Everaldo destaca que Ítalo “luta” por uma vaga na semi-final, o que revela que, apesar de ser uma classificação

importante, a competição ainda estava no início, sendo ainda longo, e desafiador, o caminho a ser percorrido até o pódio olímpico.

Imagem 32: Transmissão da bateria de Ítalo Ferreira no Jornal Nacional (26/07)



Fonte: Reprodução Globoplay

A todo momento, cenas do brasileiro são usadas como discurso não-verbal, e apresentam algumas informações complementares que, no decorrer da transmissão, foram utilizados como suporte para “decodificar” informações relevantes ao telespectador. Constam, por exemplo, o tempo restante de bateria e, sobretudo, as notas obtidas pelos atletas concorrentes em cada uma delas, bem como um “P1”, ou o que chamamos de prioridade, que organiza a forma com que cada atleta “entra” para surfar competitivamente, sem invadir “o espaço do outro” na imensidão do mar (Imagem 32).

O desdobramento das explicações a respeito do funcionamento das disputas desta modalidade estreante em Jogos Olímpicos se deu alguns momentos depois, em que é resgatada a imagem de uma manobra aérea de Ítalo Ferreira utilizada como suporte para ilustrar os critérios valorativos que regem esta competição. Além de fazer uma espécie de tele descrição do movimento apresentado na forma de imagem, ressaltando que “Estamos mostrando aqui pra você essa manobra aérea em que ele perde totalmente o contato com a onda gira no ar, volta a aterrissa perfeitamente”, momento em que narrador e torcedor se misturam ao valorar a execução da manobra,

Everaldo Marques utiliza essa informação como “deixa” para destacar os critérios que envolvem o julgamento do desempenho do atleta em cada uma das ondas surfadas “até o fim”: “(...) a nota máxima em uma onda do surfe é 10 e o Ítalo conseguiu 9.73 (...)”. Esta

informação só é compreendida momentos mais tarde, quando o mesmo enunciador da transmissão esportiva resgata o funcionamento da competição. Em um tempo determinado de trinta minutos, os competidores podem surfar quantas ondas quiserem, de acordo com os critérios de prioridade, no qual “as duas melhores notas de cada surfistas são somadas pra construir a pontuação final.” (JN, 26/07).

Aqui, o verbo “construir” nos chama a atenção, já que releva alguns aspectos que perpassam o discurso enunciado pelo narrador da competição. Sabe-se que, por definição, construir é um ato de disposição e organização de elementos para alcançar determinado objetivo. A escolha por esta forma verbal parece acertada, na medida em que, muito mais do que um processo longo que envolve disputas diretas em várias etapas e baterias, ainda é preciso, para vencer, “construir” uma combinação quase perfeita de notas. É baseado no critério subjetivo do julgamento, que estabelece uma “valoração”, entre zero e dez, a cada uma das manobras executadas, que o atleta deve ter atributos que os levem a “saber o que fazer” para conquistar a vitória, já que não basta uma boa nota, e sim uma combinação de pontos. Neste sentido, é preciso “saber jogar” o jogo competitivo, traçando estratégias capazes de fazê-los chegar até o lugar mais alto do pódio.

Já o segundo viés analítico, a apresentação dos atletas, foi um tanto mais complexo, principalmente se levarmos em conta a quantidade de menções realizadas no decorrer do intervalo que estabelecemos para coleta do corpus de análise deste trabalho. Sejam na forma de pequenos comentários, enquanto apostos referentes aos nomes dos representantes do Time Brasil, ou realizados de forma mais complexa, desdobrando as especificidades e atributos de cada um deles, esta “apresentação” esteve condicionada a alguns fatores que são inter-relacionados entre si, e que em muito contribuíram para as construções discursivas das matérias analisadas. Para tanto, estabelecemos três momentos principais, sendo posteriormente divididos a depender da especificidade de cada atleta ou da menção à estes enquanto componentes do Time Brasil: 1) A apresentação dos atletas, com destaque às suas especificidades e atributos; 2) A criação e justificativa de expectativa sobre eles e, 3) A quebra, em alguns casos, desta construção idealizada e esperançosa sobre os atletas.

Primeiramente nos voltamos para a apresentação dos atletas do surfe enquanto parcela coletiva, como componentes do Time Brasil. Estas menções acontecem em momentos e programas diferentes: no Jornal Nacional (19/07); Globo Esporte (21/07) e no Bom dia Brasil (22/07). Em todos, é da responsabilidade de Guilherme Pereira, enviado para a cobertura das disputas da modalidade em terras japonesas, a produção discursiva de apresentação dos competidores das pranchas do mar. Diante de um período de expectativa e de um ciclo

olímpico alongado, a estreia do surfe na praia de Tsurigasaki ficou, durante muito tempo, só na expectativa.

Imagem 33: Destaque da figura de Ítalo Ferreira, à esquerda da vidraça da loja para reforçar uma admiração internacional pelos atletas brasileiros



Fonte: Reprodução Globoplay

E é utilizando-se deste recurso “apagado” no discurso, que Guilherme Pereira apresenta a chegada dos competidores brasileiros às Olimpíadas de Tóquio. Segundo ele, “O surfe do Brasil já não tá apenas em fotos no Japão.” (JN, 19/07). A chegada da delegação brasileira desta modalidade está “Nas palavras, na decoração, e agora também no mar. Os quatro surfistas brasileiros já estão treinando e descobrindo os caminhos dessas ondas pra poder somar nas manobras quando for pra valer” (GE, 21/07). Nestes casos, vê-se também um reconhecimento internacional de nossos atletas, fruto dos excelentes retrospectos em competições a nível mundial, destacada na forma de discurso não-verbal nas duas matérias aqui analisadas (Imagem 33).

Além de abordagens coletivas sobre os representantes, encontramos também ressaltos individuais que muito nos chamaram a atenção neste processo de análise da apresentação destes atletas olímpicos. Evidentemente que, devido à posição de destaque alcançada pelos atletas homens do Time Brasil no cenário competitivo internacional, é deles o maior número de menções nos programas analisados. Mas, ainda sim, encontramos alguns elementos que merecem destaque no que tange às construções introdutórias de Silvana Lima e Tatiana Weston-Webb, que são as atletas responsáveis, segundo Guilherme Pereira, por carregar a expectativa da “(...) chance de conquistar o primeiro título de peso do surfe feminino do Brasil” (JN, 19/07)

Nossa representante cearense na disputa pela medalha inédita no surfe olímpico feminino, Silvana Lima, é descrita, também pelo mesmo jornalista, como uma espécie de boa estrategista e com espírito de disputa, sabendo enfrentar as adversidades. Seja diante de disputas importantes, como contra a tetracampeã mundial, e que viria também a se tornar a primeira campeã olímpica, Carissa Moore, seja no que diz respeito à demonstração de habilidades com relação às condições do mar. Sua capacidade de encontrar “boas ondas no meio da bagunça” (JH, 26/07), que garantiram sua vaga nas semifinais da competição, ou ainda em “Mais cedo, quando o mar tava em condições bem piores, a Silvana Lima teve uma ótima atuação, e, também entre as mulheres, garantiu a classificação.” foram os destaques discursivos para construção da atleta como esperança de obtenção de medalhas para o Brasil nos Jogos Olímpicos.

Enquanto isso, a apresentação de Tatiana Weston-Webb foi um pouco mais sucinta, apenas destacando sua origem para apresentá-la ao público brasileiro. Filha de mãe brasileira e pai estadunidense, Tati foi introduzida ao público como aquela que “(...) o nome confunde, mas a história confirma, nasceu no Rio Grande do Sul, cresceu no Havaí e vai representar o Brasil ao lado da cearense Silvana Lima.”. Apesar da falta de títulos dentre as competições femininas de surfe, Tati detém o quarto lugar no ranking mundial, o que, na época, justificaria as expectativas criadas para a presença dela no primeiro pódio olímpico da história da modalidade.

Já no caso da apresentação dos atletas representantes do país no surfe masculino, os discursos enunciados são sustentados pelo excelente retrospecto competitivo dos brasileiros no campeonato mundial da WSL, quatro títulos nos últimos seis anos¹⁸. Neste caso em específico, é claramente perceptível a narrativa de exaltação construída pelos discursos apresentados nos programas da emissora, que colocam Gabriel Medina e Ítalo Ferreira como protagonistas de uma “conquista inevitável” de medalhas olímpicas.

Essas afirmações estão presentes nas construções discursivas apresentadas em diferentes programas da emissora. Os atletas, postos desta vez na forma de grupo, são construídos discursivamente enquanto “estrelas do surfe” (BDB, 19/07) e denominados pela adaptação do já popularizado codinome dos representantes brasileiros nas etapas do circuito mundial, agora “tempestade olímpica brasileira”. Estas denominações discursivas dos dois representantes brasileiros são ainda reforçadas pelas menções ao fato de ambos serem “surfistas de alto nível” (JG, 26/07) e por isso “grandes favoritos” (JG, 21/07) ao pódio

¹⁸ Disponível em <https://www.worldsurfleague.com/>.

olímpico, principalmente devido ao “talento extraordinário” (JG, 21/07) atribuído a ambos, que parece tentar aproximá-los de figuras sobre humanas, enquanto seres especiais, nascidos com propenso dom para tal atividade.

Além das menções coletivas, diversas foram as construções discursivas individuais que apresentaram os atletas e destacaram os atributos detidos por ambos, um elemento que, segundo as representações construídas sobre eles, levaria-os diretamente ao tão esperado pódio olímpico. Os discursos construídos para apresentação de Gabriel Medina nos programas da emissora parecem, por vezes, tornar naturalizadas as conquistas do atleta, quase como se os dois títulos do campeonato mundial da WSL conquistados em anos anteriores fossem uma extensão da identidade de Medina. Descrito enquanto “atleta muito importante para a seleção brasileira” (EE, 19/07) no que tange à conquista de medalhas inéditas, Medina ainda como “(...) primeiro brasileiro a conquistar um título mundial e atual líder do ranking” (JN, 24/07), destacando por um diferencial que também compartilha com Ítalo Ferreira, as “manobras aéreas que só eles parecem ser capazes de executar.” (EE, 25/07)

As representações construídas sobre Ítalo Ferreira é um tanto quanto diferenciado se comparado ao de Medina, quase como se sua imagem estivesse em franca ascensão no decorrer das coberturas das disputas do surfe olímpico masculino. Sobre ele, os discursos construídos, principalmente por Guilherme Pereira, variaram em dois principais aspectos: o destaque ao espírito competitivo, nativo do jogo, e as questões relativas às questões “invisíveis” mas igualmente essenciais para a conquista do atleta. No primeiro caso, destacamos três importantes menções feitas em telejornais e datas distintos. Descrito como atual campeão mundial de surfe (2019), devido ao cancelamento da etapa do mundial em 2020 pela pandemia de coronavírus, é designado à Ítalo Ferreira o atributo do espírito competitivo, revelado por “(...) tem tudo pra **brigar** pela medalha de ouro” (JH, 20/07) ou em “O Ítalo se impôs desde o começo da bateria” (JN, 24/07), como classificado por Guilherme Pereira.

Já no que diz respeito ao destaque para os atributos “invisíveis” do atleta, foi possível notar uma construção discursiva interessante, mesmo antes da conquista da medalha de ouro pelo surfista potiguar. Descrito como um surfista concentrado, cheio de energia e consciente de sua “missão heroica”, Ítalo Ferreira foi ganhando espaço midiático, que antes era, nas entrelinhas, dado à Gabriel Medina, na medida em que foi ganhando as baterias, realizando manobras técnicas e esteticamente bonitas de serem vistas. Consciente de sua missão, a de buscar uma medalha no primeiro pódio olímpico da modalidade na história, Ítalo Ferreira é

aproximado, ainda que indiretamente, à figura do herói, que sai para cumprir missões especiais em terras distantes (CAMPBELL, 2007).

É de Emily Garcia, repórter do Rio Grande do Norte responsável por trazer “o ambiente de comemoração” na terra natal do medalhista olímpico, a afirmação de que “Ele sabia, ele estava muito confiante, ele nunca duvidou desse ouro.” Ítalo ainda é construído por Carol Barcelos como alguém consciente da “(...) importância de você estar preparado fisicamente, mas também mentalmente.” (JG, 27/07), sendo que para isso, a jornalista envolvida opta por um resgate apenas verbal, de aspectos não verbais expressados pelo atleta, mas igualmente simbólico, resgatado como “A gente lembra muito do olhar dele ontem antes de competir.” pela mesma jornalista.

Além disso, essa preparação do atleta, e a autoconfiança é destacada pelo próprio Ítalo, tal como uma estratégia de dar força discursiva à construção da narrativa jornalística ali apresentada no Jornal da Globo. Nas palavras do então campeão olímpico, “Eu treino todos os dias a parte física, isso me dá mais confiança. E quando eu vejo uma onda grande, eu tento atacar o lugar mais crítico da onda, assim mostrando que o meu treino e aquilo que eu faço fora da água faz valer a pena ali naquele momento que eu preciso.” (JG, 27/07). Muito mais do que o foco e a preparação, esta sonora trouxe à narrativa a confirmação de uma consciência da importância do princípio da disputa, principalmente neste caso de estreia em um megaevento, mas, acima de tudo, revela aspectos do esporte-performance, no qual a preparação e o estabelecimento de rotinas de treinamento são parte de um processo de aprimoramento de técnicas que se reverterão, ocasionalmente, em resultados.

Uma outra abordagem, trazida de forma mais "desdobrada" nos chamou a atenção. O destaque ao processo de preparação do atleta e ao "talento" (JN, 27/07) atribuído a ele soma-se com um combinado de tática e performance, que fez com que Ferreira se destacasse na decisão, segundo palavras de Guilherme Pereira, com “(...) ondas bem escolhidas, manobras executadas com perfeição” e uma sutil capacidade de “(...) encontrar oportunidades”, que o fez “dominar” a decisão. Essa construção discursiva de exaltação deve-se, principalmente a alguns fatores: Se, inicialmente, Ítalo era apresentado apenas como atual campeão mundial, a apresentação e “queda” de Gabriel Medina lançou sobre ele a responsabilidade de representar o país e “fazer valer” a força da “tempestade brasileira”, e assim ele o fez. Por outro lado, a conquista olímpica na modalidade, como desdobraremos mais à frente, marcaria o nome de Ítalo na história deste esporte olímpico estreante, o que, somado à consciência de preparação para as disputas e da habilidade de traçar boas estratégias, serviu de força motriz para a exaltação do princípio da disputa, clássico das atividades de jogo. Em terceiro lugar, a

conquista de Ítalo Ferreira também seria de interesse da TV Globo, que, desde muito tempo antes das disputas, via no surfe uma possibilidade de atrair os olhares dos espectadores, seja para as transmissões ou atualizações sobre as disputas das pranchas do mar feitas no decorrer da programação e nos telejornais da grade.

Imagem 34: Recurso gráfico utilizado como ilustração para o discurso enunciativo de apresentação das atletas do skate street feminino



Fonte: Reprodução Globoplay

Enquanto na cobertura sobre o surfe encontramos um vasto material de análise a respeito da apresentação dos atletas e destaque de seus atributos, nas pranchas sobre rodinhas optou-se por menções bem pontuais de “introdução” informacional dos representantes do Time Brasil tanto no skate park quanto no street. Enquanto no caso do street, o maior espaço midiático para tal finalidade ficou para o time feminino, Pâmela Rosa, Letícia Bufoni e Rayssa Leal. Classificadas como “(...) entre as melhores do mundo.” (BDB, 22/07), as brasileiras figuram no topo do ranking mundial da modalidade, tal como destacado em “Das quatro principais skatistas do mundo hoje três delas são brasileiras. Três ocupam as melhores posições do ranking junto a uma japonesa.”, ressaltando discursivamente o domínio brasileiro na modalidade e, nas entrelinhas, depositando a certeza, ou o “sonho” de um retrospecto positivo para composição do quadro de medalhas olímpicas brasileiras (Imagem 34).

Diante de um protagonismo feminino na modalidade, as apresentações dos representantes masculinos parecem ter ficado em segundo plano. A única menção, feita por Kiko Menezes em uma matéria do Jornal Nacional em 25/07, revela uma estratégia discursiva interessante: o protagonismo feminino é contrastado, e posto em evidência, frente aos representantes masculinos da modalidade, destacando ainda a falta de confiança de que algum deles, Kelvin Hoefler, Giovanni Vianna ou Felipe Gustavo, converta seus

desempenhos em lugares no pódio olímpico, tal como pudemos perceber em “(...) e amanhã é dia das mulheres na pista. Aí sim. Aí sim o Brasil tem grandes chances de medalha.” (JN, 25/07). Não há, como no caso do destaque ao Time feminino, uma apresentação imagética dos competidores, nem tampouco destaque à possibilidade de conquista de medalhas, sendo estes apenas conhecidos através de sonoras que abordaram outras temáticas em dias posteriores às competições.

No caso dos destaques individualizados, repete-se a abordagem superficial. No caso do street, apenas Kelvin Hoefler, Rayssa Leal e Pâmela Rosa aparecem enquanto personagens principais, dignos, jornalisticamente falando, de conquistarem um espaço de apresentação ao público. No caso de Hoefler, que se tornaria detentor da primeira medalha do Brasil, nos Jogos de Tóquio e na modalidade estreante, o destaque é apenas feito após a conquista, uma apresentação tardia que, em linhas gerais, não é justificada discursivamente nas matérias produzidas. Nomeado como detentor de seis títulos mundiais, Kelvin Hoefler tem seus atributos destacados em uma matéria do Fantástico em 25/07. Estas qualidades, que o fizeram chegar até a conquista olímpica da prata versaram em torno de “voltas quase perfeitas” que momentaneamente os levaram à liderança e pela habilidade do atleta em, segundo classifica Bob Burnquist, fazer “(...) acontecer o manobrão”, tal como classificou a execução que deu ao atleta brasileiro nota suficiente para a conquista da prata olímpica na modalidade, que garantiu “(...) uma apresentação que impressionou pelas manobras precisas.”(FANT, 25/07) (Imagem 35).

Imagem 35: Imagem ilustrativa da manobra que deu o segundo lugar no pódio do skate street masculino a Kelvin Hoefler



Fonte: Reprodução Globoplay

A apresentação das representantes femininas da mesma modalidade também recebeu atenção especial nos discursos midiáticos produzidos. No caso de Rayssa Leal, o destaque à pouca idade é algo recorrente, seja representando-a enquanto fada, menina, ou como alguém que ainda dá os primeiros passos na adolescência. Assim, o discurso construído para apresentar a atleta parece ressaltar a sua pouca idade para justificar uma possível falta de retrospecto, mas também evidencia, após a conquista, que a mesma, apesar da pouca idade, sabia da expectativa posta sobre ela. É no Bom dia Brasil de 26 de julho que encontramos a narrativa sobre esta conquista histórica, mas, acima de tudo, sobre o ressalte dos atributos de nossa então medalhista olímpica, sempre sustentados, direta ou indiretamente, em uma espécie de narrativa jornalístico-mitológica da fada, que voa para realizar os desejos: “Era muito talento pra encarar, mas Rayssa não estava ali de intrusa. Na hora decisiva, sob pressão, parecia que tinha milhares de horas de voo sobre as rodinhas, se meteu entre as duas japonesas.” (BDB, 26/07).

Essa ciência da responsabilidade de representar o país também é assumida por Pâmela Rosa, apresentada pelos jornalistas envolvidos na cobertura da modalidade enquanto líder do ranking mundial. Resgatando o princípio da resiliência, comum ao esporte, é com as palavras da própria atleta que a narrativa de exaltação é construída e apresentada. Deixando intrínseco o processo de treinamento e preparação, Pâmela reafirma a ciência da responsabilidade que tem ao disputar esse megaevento, mas garante que dá “(...) o meu melhor naquilo que eu tô fazendo, seja no skate ou na vida. Então, esse tombos aí não prejudicaram em nada, até pelo contrário, o que fez é querer evoluir e ainda mais.” (EE, 17/07).

As matérias produzidas sobre skate park também não levam ao conhecimento do público previamente os competidores do Time Brasil. No caso feminino, apenas são citados os nomes das competidoras e há o destaque às suas juventudes: Yndiara Asp, Dora Varela e Isadora Pacheco, esta última representante de 16 anos. Já no caso da modalidade masculina, apesar de deter três representantes com ótimos retrospectos em competições internacionais, e figurar como esperança de medalhas para o país, o único destaque aos atributos dos atletas se dá para a figura do “manezinho da ilha” (JN, 12/07), Pedro Barros, apresentado como hexacampeão mundial das disputas da modalidade e detentor de um espírito radical que, junto às suas técnicas e seu preparo, poderiam resultar em conquistas para o país.

É de Bob Burnquist, responsável pelos comentários técnicos da modalidade, o destaque feito aos atributos de Pedro Barros. Ao afirmar a presença de “paredes maiores” na pista de disputa do Parque Ariak, Burnquist destaca que Pedro detém de familiaridade com essa “geografia” da pista, já que (...) é acostumado a andar em paredes maiores e pode

mostrar muita coisa legal, tenho visto algumas imagens deles né? Nas redes e tá impressionante.”. Aqui, o destaque principal destes atributos está talvez na expressão valorativa de Bob, “impressionante”. Neste caso, ainda que haja a fusão entre o agente narrador e o praticante de skate, a enunciação traz a tona uma visão singular que confirma a expectativa posta sobre a competição e sobre o atleta, mas também, sobretudo, destaca o nível técnico do atleta, cujo diferencial poderia resultar em retrospectos significativos para o quadro de medalhas da competição.

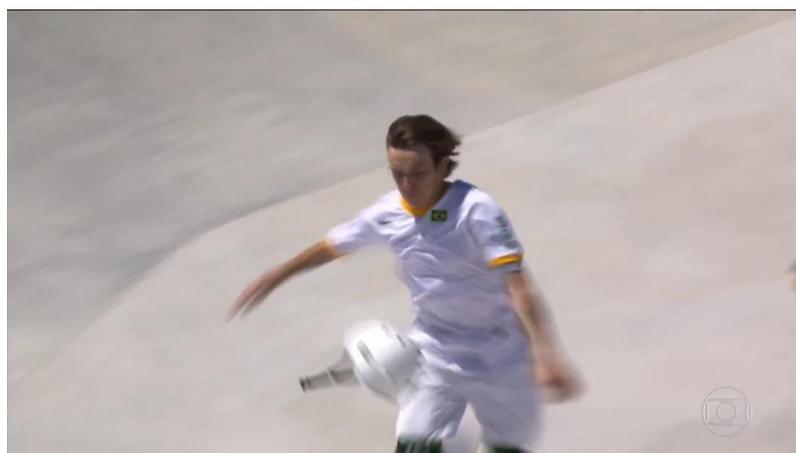
Diante de todo o processo de construção de expectativa, apresentado anteriormente correlacionado com outras questões relevantes, as narrativas jornalísticas analisadas também apresentam, em alguns momentos, que nem tudo transcorreu perfeitamente como planejado. Por isso, nos atentamos também para os momentos de “quebra de expectativas” tanto com os atletas do surfe quanto do skate. No caso das pranchas do mar, a mais relevante delas está na ausência de uma final totalmente brasileira, já que as construções discursivas apresentadas no momento anterior e durante as competições traziam como quase certa uma final 100% brasileira devido ao nível competitivo dos atletas, nomeados “estrelas do surfe” (BDB, 19/07), e “surfistas de alto nível” (JG, 26/07) com “talento extraordinário” (JG, 21/07). Para noticiar essa quebra de expectativa, foram usadas uma série de expressões que, mais do que nunca, revelaram os “eus” jornalistas para além das já demarcadas intencionalidades do discurso midiático construído sobre Ítalo e Gabriel.

Primeiramente, nota-se uma quebra de expectativa quando Felipe Andreoli destaca a impossibilidade de ocorrência da “bateria dos sonhos” (H1, 27/07). É neste momento, munido de um discurso não verbal, por seu tom de voz, que foi possível notar que, para além de um mediador informacional, Andreoli também se coloca enquanto espectador, torcedor brasileiro que ansiava a conquista. Em outro momento, ao voltarmos novamente para a enunciação de Andreoli, podemos claramente perceber, através de uma frase de cunho valorativo, que pudemos compreender de que forma estes “agentes informacionais” também acionam outros papéis na emissão discursiva (o de brasileiro e espectador), tal como uma forma de dar proporção à indignação dos telespectadores que repercutiam este acontecimento já nas redes sociais. Esta constatação foi possível após análise da interlocução de Andreoli com Miguel Pupo, surfista profissional e comentarista da modalidade, que o mesmo afirma, com expressões coloquiais que (...) agora não é hora de ficar no **chororô**, que a gente já chorou muito aqui, porque **foi uma barbaridade mesmo (...)**, na tentativa de também acionar Miguel não apenas como comentarista da emissora, mas como conhecedor do campo esportivo em questão, que “validaria” a indignação externada pelo jornalista.

Este discurso com tom de lamentação também fez parte das outras construções de narrativas do mesmo dia, como em “A gente tava aqui na maior esperança de ter uma final cem por cento brasileira.” (JG, 26/07) ou, enquanto prova deste sentimento de frustração, quando o próprio Gabriel Medina, que também foi vencido na disputa pelo bronze, afirma que “ (...) minha parte eu fiz, agora é continuar trabalhando. Tem coisas que não dá pra entender, mas tinha que ser assim”. Esta afirmação do atleta, para além de confirmar os discursos já construídos em tom de lamentação, também deixou claro um aspecto importante de toda disputa esportiva, o *Alea*, em que, apesar do princípio do confronto (*Agôn*) e da preparação do atleta, entram em cena elementos que podem “mudar o jogo” e garantir resultados improváveis, mesmo quando o indivíduo é considerado favorito à vitória.

Já no caso do skate, esta “quebra” pôde ser notada com mais destaque no caso do skate park masculino. É Kiko Menezes o responsável por construir e desconstruir esta expectativa criada, logo na frase seguinte, afirmando que “O Brasil classificou todos os três atletas do time pra final, Pedro Barros, Pedro Quintas e Luís Francisco que tirou a maior nota na fase classificatória. Ou seja, havia a chance de um pódio todo verde e amarelo, mas o uso dessas mesmas cores foi utilizado por um australiano que dominou a prova.”. Assim como também o foi no caso do surfe, a polêmica envolvendo a nota atribuída à volta final de Luís Francisco gerou embate, sendo utilizado como reforço para essa narrativa indignada de jornalistas, comentaristas e mediadores informacionais.

Imagem 36: Momento em que Luizinho chuta o capacete em tom de “dever cumprido” ao fim da sua última volta



Fonte: Reprodução Globoplay

Ao destacar que “Tava feliz por ter acertado a minha volta e isso era o mais importante na minha cabeça. Quando eu vi a nota fiquei um pouco um pouco frustrado,

porém cara vai da cabeça de cada juiz, né?”, o representante brasileiro mais do que ressaltar o aspecto *Alea* do jogo ainda traz à tona a relação diferenciada entre o atleta e o esporte, evidenciando todo um processo de treinamento anterior, e a necessidade de “dar o melhor” na pista, mas atrapalhado pelo julgamento subjetivo comum a este esporte. Este sentimento de “dever cumprido” do atleta, mesmo que posteriormente a nota tenha vindo abaixo do esperado, foi ressaltado pela imagem de sustentação da enunciação, mostrando Luizinho dando uma “bicuda” no capacete usado como proteção, como uma forma de descarrego de energia e de ansiedade natural à disputa (Imagem 36).

4.4.4. As pranchas olímpicas

Após um período de disputas e de conquistas significativas nas modalidades sobre pranchas, com um total de 4 medalhas (1 ouro no surfe e 3 pratas no skate street e park), foi possível notar um outro importante processo de construção narrativo-discursiva nos materiais que compõem o corpus de nossa pesquisa. Diante de um cenário de estreia das modalidades sobre pranchas nos Jogos Olímpicos, e de todos os ritualísticas e simbolismos que envolvem o universo deste megaevento, foi possível notar a abordagem discursiva de três temáticas, inter relacionadas entre si: 1) O sentimento de representar uma nação e “carregar” um país; 2) O sonho de estar nos Jogos Olímpicos, enquanto um evento que faz parte da mentalidade coletiva e, 3) A dimensão do surfe e do skate nos Jogos Olímpicos.

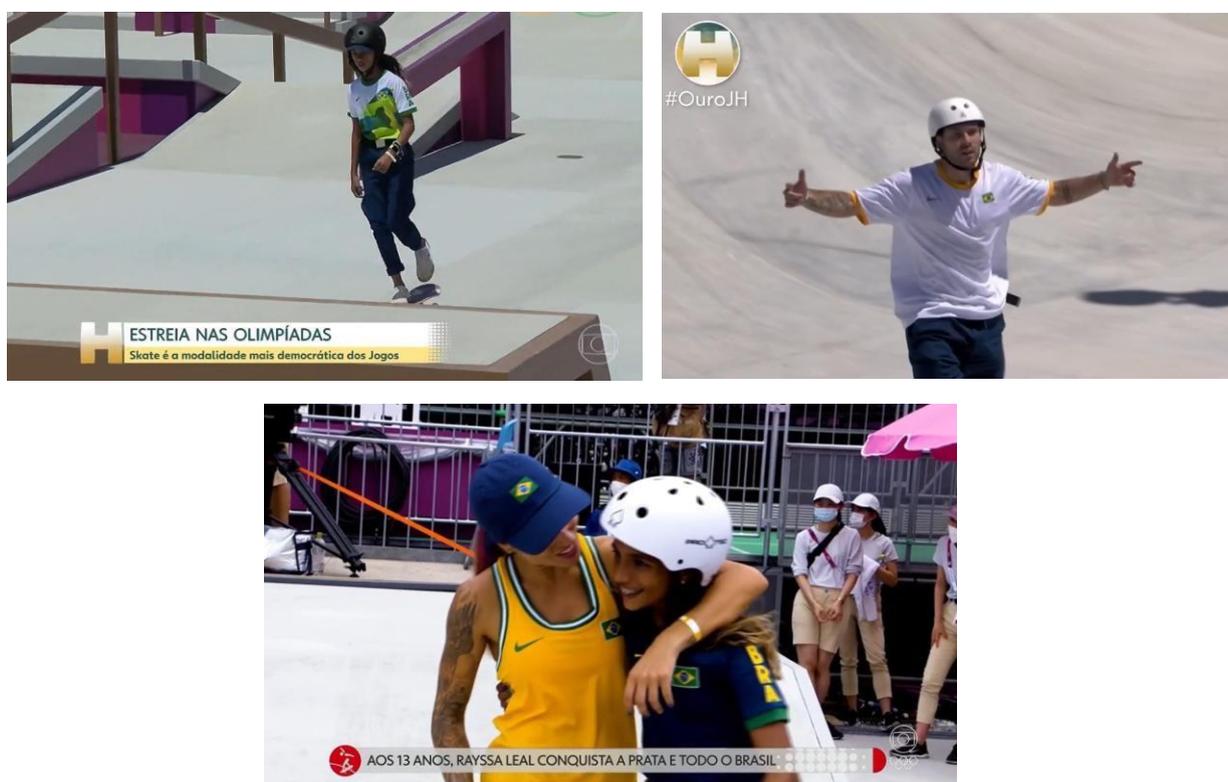
Podemos aqui começar nossa apresentação a partir de uma declaração especial feita por Guilherme Pereira ao Esporte Espetacular de 25 de julho, e que também traz à tona algumas discussões já apresentadas no decorrer de nosso trabalho. Para ele, diferente de uma competição a nível internacional, que apesar da nacionalidade, a glória da conquista recai sobre o atleta, “Nas Olimpíadas, defender o seu próprio país, muitas vezes acaba sendo mais importante que uma conquista individual.” (EE, 25/07). É a partir desta perspectiva que as narrativas, tanto sobre o surfe quanto sobre o skate se sustentam, sempre colocando foco sobre a responsabilidade de corresponder a uma série de expectativas criadas sobre estes atletas.

É a partir desta afirmação que procuramos entender qual foi o sentimento de representar o país em um evento destas dimensões em modalidades estreantes neste tipo de competição. Em um contraste com o questionamento de Felipe Andreoli a respeito do fato de serem deles a responsabilidade de “(...) correr na frente, ser o cara que tem o peso nas costas” (H1,27/07), recorrentes foram as utilizações de “gratificante”, “emocionante” e “incrível”

para descrever o sentimento dos atletas em pertencerem ao rol de competidores olímpicos na inauguração das disputas das modalidades aqui estudadas. Seguindo nas discussões a respeito do sentimento de representar o país em uma disputa destas dimensões, foi possível constatar uma recorrência nos discursos: O sentimento de “carregar” (JN, 27/07) (EE, 17.07), “levar” (JH, 26/07) e “representar” (EE, 25/07) (FANT, 25/07) um país é inevitavelmente seguido por alguns dos símbolos de representação nacional ou uma referência ao Brasil enquanto coletivo, tal como um sentimento de tentar poder retribuir tamanha expectativa postas sobre eles.

Para comprovar este aspecto, foram utilizadas sonoras dos atletas representantes do Time Brasil em suas modalidades: “(...) cê leva uma bandeira, cê leva uma nação ali junto com você pra água” (JG, 28/07), proferida por Ítalo Ferreira; “a gente nunca teve olimpíada, a gente nunca sentiu esse momento de vestir uniforme, a seleção (...)” e “O que mais me encanta é vestir a roupa do Brasil, uniforme do Brasil”, apresentadas por Kelvin Hoefler e Silvana Lima, respectivamente, servem de justificativa para algumas das construções discursivas que compõem o material jornalístico produzido para as duas modalidades no intervalo de tempo analisado.

Imagem 37: Exemplos de vestuários masculinos e femininos utilizados nas competições do skate



Fonte: Reprodução Globoplay

Para fazer parte do comitê olímpico brasileiro era preciso se adequar à uma certa imagem, relacionada à toda uma simbologia nacional, usando uniformes que, apesar de preservarem a identidade destas “tribos”, deveriam ter elementos que remetessem à simbologia da nação. Se, por um lado, o uso de uma roupa padronizada era uma prerrogativa da competição, de outro, encontramos elementos subjetivos no que se refere às escolhas de vestuário, não diluíram os elementos culturais a que pertenciam. No feminino, apesar de usar os símbolos da nação que representaram, houve uma intensa adaptação dos elementos do vestuário, com elementos de identificação de cada uma delas. Em momento algum, os representantes destas modalidades deixaram de representar o país, mas esta subserviência às regras foram “transgredidas” pelas subjetividades de cada uma das atletas (Imagem 37).

A sensação de estar entre os escolhidos para representar o país em suas modalidades foi destaque, e elemento discursivo recorrente nas falas dos atletas do Time Brasil. Talvez este ponto seja um dos mais interessantes das sonoras apresentadas nos materiais jornalísticos da emissora e que se aproxime com as discussões aqui também já empreendidas no decorrer deste trabalho. Como vimos, apesar de ser uma “tradição inventada”, com todas as suas conservações, readaptações e introduções de novos elementos, os Jogos Olímpicos ainda se fazem um forte elemento referencial na mentalidade coletiva. Assim também o foi no caso das modalidades sobre pranchas, mesmo diante do temor e da resistência em perder elementos identitários com a entrada nas Olimpíadas.

As sonoras revelam que “ser escolhido” para representar o país em um evento de tamanha magnificência e significância, mesmo que esta escolha esteja baseada em critérios classificatórios que tem a ver com a demonstração de habilidades por parte dos atletas, faz parte de um desejo coletivo, como a realização de um sonho antigo. Alguns elementos valorativos merecem aqui ser destacados das enunciações dos atletas: Para Tati Weston-Webb, a classificação para competir em terras japonesas “é uma experiência incrível (...) uma honra” (FANT, 25/07), enquanto para Silvana Lima, também representante do surfe brasileiro, o simples fato de ser apresentada no cerimonial que envolve o momento inicial das baterias “é demais, brother.” (FANT, 25/07), sendo “uma oportunidade” o fato de estar entre os escolhidos. Já Ítalo Ferreira vai além da experiência da disputa dos primeiros Jogos Olímpicos ao afirmar que “Realmente viver tudo isso pra mim é incrível, sabe? Como pessoa mesmo, não como atleta, não tô falando de fama, como uma vitória pessoal mesmo (...)”, reforçando a ideia de manutenção do simbolismo detido por esse universo esportivo singular.

Desta maneira, o que vemos é que, muito mais do que uma simples conquista, que de certa forma já atribuiria ao atleta o status de “primeiro campeão olímpico da história do

esporte”, a disputa das modalidades sobre pranchas nos Jogos Olímpicos resgatou um imaginário secular, antes mesmo do advento de sua edição moderna em 1896 por Pierre de Freudi, o Barão de Coubertin. Neste caso, muito mais do que as “tradições inventadas” (HOBSBAWM, 2020) ou o resgate daquelas ainda primitivas, é possível notar que fazer parte deste espetáculo-midiático-simbólico enquanto representante de uma nação, que deposita nestes indivíduos suas expectativas, é um “(...) verdadeiro show em celebração à união de todos os povos do planeta, oportunidade ímpar do país-sede apresentar sua história e promover sua cultura e seu folclore.” (COLLI, 2004, p.53), mas, acima de tudo, também é um momento ímpar da história pessoal destes atletas, que vai até mesmo além de um simples lugar no pódio histórico.

Imagem 38: Sonoras com Owen Wright, surfista australiano, e John John Florence, estadunidense, considerados expoentes da nova geração de surfistas



Fonte: Reprodução Globoplay

A sensação de representar toda uma nação ao ser escolhido para disputar os Jogos Olímpicos também perpassa as fronteiras geográficas. Isto fica perceptível quando resgatamos as entrevistas de dois ícones esportivos estrangeiros do surfe mundial, Owen Wright, australiano que viria a ser medalha de bronze “batendo” Gabriel Medina, e John John Florence, estadunidense bi-campeão mundial e um dos maiores nomes da nova geração do surfe (Imagem 38). Enquanto o representante dos Estados Unidos é descrito como “encantado” por Guilherme Pereira, e define o sentimento de representar seu país nos Jogos Olímpicos como “(...) uma coisa que eu nunca poderia ter sonhado. Estar entre os melhores no esporte é um sentimento incrível.” (EE, 25/07) Owen Wright descreve o sentimento daquele momento como “o melhor (...) da minha carreira.” (EE, 25/07).

O último aspecto diz respeito à dimensão da presença dos esportes sobre pranchas em um evento como os Jogos Olímpicos. Este ponto de análise revela importantes reflexões trazidas à tona pelos representantes do Brasil neste evento, de forma a demonstrar que, mesmo que se queira, “É impossível ficar indiferente aos Jogos Olímpicos.” (EE, 25/07), resgatando, ainda que nas entrelinhas, todo o universo que envolve a realização deste evento e as reverberações causadas pelo fato das disputas esportivas “se tornarem” modalidades olímpicas.

Neste sentido, as Olimpíadas foram descritas como “(...) o maior campeonato que eu vou correr na minha vida inteira.” (FANT, 18/07), por Rayssa Leal, por “(...) maior palco do esporte”. É onde você encontra os melhores do mundo.” (JH, 24/07) por Gabriel Medina ou, nas palavras de Guilherme Pereira, “(...) onde se reúnem os maiores atletas do planeta” (JN, 27/07) ajudam a dar a dimensão a respeito da inclusão do surfe e do skate neste megaevento. Mas é uma longa reflexão de Gabriel Medina que melhor ilustra as reflexões a respeito deste processo de introdução das pranchas nas disputas deste megaevento esportivo.

Por se tratar de uma disputa relacionada ao esporte-performance (TUBINO, 1999) com dimensões globais e tratado como objetos de consumo, os Jogos Olímpicos se destacam pela estrutura e pelo profissionalismo envolvido na sua organização e execução. A simples conjunção desta realidade “gerencial” do universo olímpico com as simbologias e representações envolvidas neste universo foram destacadas por Gabriel Medina. que, enquanto testemunha ocular dessa história e protagonista na disputa esportiva do surfe olímpico, relatou que “Quando eu cheguei aqui que eu fiz a primeira vez alinhando aqui, passei pelo por todo o processo, né? De entrar aqui na área dos competidores, entrar na água, falei caraca **o negócio é sério.**” (EE, 25/07), o que evidencia, além da grandeza do evento, a responsabilidade em participar do mesmo.

4.5. As pranchas e os espaços

Primeiro, elas tomaram as praias e passaram a fazer das ondas palco de apresentação de manobras incríveis, mas que também geravam desconforto para os frequentadores dos espaços (BARICKMAN, 2016). Depois, em um processo adaptativo de secas da região da Califórnia, EUA, elas ganharam rodinhas que saíram por aí ocupando os espaços urbanos e estabelecendo novos usos para os espaços partilhados. Neste caso, a resistência enfrentada com a “ocupação imprevista” (JACOBS, 2014), dos espaços partilhados, como já vimos, foi um forte elemento utilizado para construir representações negativas de desvio sobre os skatistas, imagem esta que perdurou durante muito tempo até que o processo de

esportivização passasse a ser reconhecido mediante conquistas dos atletas no cenário competitivo internacional (BRANDÃO, 2007) (BECKER, 2008).

Estabelecidos em uma relação interdependente, de certa forma identitária, espaços e as modalidades sobre pranchas não ficaram de fora dos discursos midiáticos produzidos sobre estas duas modalidades estreadas no cenário olímpico. Para poder dar atenção especial aos desdobramentos realizados a respeito desta íntima relação entre os esportes e as questões espaciais, estabelecemos dois principais pilares de análise: 1) As especificidades da relação construída entre os espaços e cada uma das modalidades e 2) O *alea* do jogo como fator determinante: a influência do meio para as disputas das modalidades.

4.5.1. O estabelecimento de uma relação

O segundo pilar que sustenta as discussões empreendidas por este trabalho está na íntima relação estabelecida entre as modalidades sobre pranchas e os espaços. A prática mais antiga delas, por exemplo, concebia o espaço da praia como refúgio ou paraíso e o mar como sinal de descarrego de energia, cura de enfermidades ou até mesmo espaço de divertimento (CORBIN, 1989) (LORCH, 1980) (DIAS, 2008), mesmo diante de todas as impasses encontrados em compartilhar o espaço da praia com os banhistas (BARICKMAN, 2016). Já no caso das pranchas do asfalto, a relação com o espaço carrega uma forte carga identitária de subversão à normas pré-estabelecidas e, sobretudo, uma necessidade de trazer “novos usos” àqueles já planejados para os equipamentos urbanos (DUMAZEDIER, 1979) (JACOBS, 2014).

Apesar de um forte esforço em destituir, ou diluir, essa visão marginalizada dos esportes, devido às intencionalidades discursivas detidas pela TV Globo, a evidência desta relação entre as práticas e os espaços era um tema que indubitavelmente se faria presente nas narrativas sobre skate e surfe. Mas, afinal, de que forma? Para isso, foi preciso separar as abordagens para cada uma das modalidades aqui estudadas, a fim de analisar as menções de maneira mais complexa. No caso do skate, foi possível notar duas principais formas de abordagem: a proposta de um skate esportivo como simulacro de piscinas e das ruas e, talvez a mais interessante delas, a proposta da descrição do espaço como “berço formador” das promessas olímpicas.

A primeira perspectiva ficou um tanto quanto restrita à apresentação dos espaços de disputa, entendidos como verdadeiros simulacros das ruas e das piscinas, onde a prática teve sua gênese. Neste caso, há, nas entrelinhas, uma breve retomada do histórico da prática, ainda como atividade de lazer, mas nota-se a preocupação de dar uma dimensão do que significa

“ter uma pista própria para uma disputa olímpica”, tal como se evidenciasse o “valor simbólico” da transformação dos “carrinhos” em esporte olímpico. No caso da modalidade park, a retomada do histórico parece mesmo uma mera descrição do espaço da disputa, com destaque para a radicalidade: “A prova (...) é disputada numa pista que tem o formato de piscina, só que o fundo dela é arredondado e as bordas são arredondadas, o que dá mais emoção” (JG, 03/08).

Mas é no caso do skate street que as construções a respeito desta relação íntima com o espaço encontraram palco para discussões analíticas. A “matéria de apresentação” da modalidade no Jornal Nacional talvez seja o exemplo mais claro deste discurso de exaltação. Escolhe-se a cidade de Florianópolis como “A cidade onde **brotam** pistas nos jardins” (JN, 19/07), o que, sem querer, virou uma “aposta certa” já que o único medalhista brasileiro na modalidade park, Pedro Barros, era nascido e criado nesta região. A referência aos aspectos da natureza, como no uso do verbo brotar, também se fizeram presentes nas declarações do próprio medalhista de prata nesta modalidade, que afirma que “Uma pista é uma cidade onde o skate **floresce.**” (JN, 19/07).

Imagem 39: Jogo de elementos da palavra Florianópolis que ajudam a construir, e sustentar, a narrativa apresentada no JN



Fonte: Reprodução Globoplay

A sustentação discursiva oferecida na articulação dos verbos “brotar” e “florescer” também ganham reforço de um jogo com os elementos da palavra Florianópolis, que é dividida pela metade para se remeter ao verbo mencionado na matéria. Além disso, o uso destes verbos ajuda a construir o discurso com o tom de naturalidade, tal como em “você acaba vendo no dia a dia, a galera na cidade, andando com skate na mão”, descrito por Pedro

Barros, como se a modalidade, ali, encontrasse terreno fértil, alimentado pelo interesse constante pela modalidade, para seu desenvolvimento.

Mas, como aqui tratamos de produtos audiovisuais, não podemos deixar de lado a menção aos recursos visuais que, muito mais do que complementar as narrativas, ou sustentá-las, dizem para além das palavras. Em diversas matérias que abordam o histórico da modalidade skate street ou se referem à apresentação dos atletas, em suas origens, são destacadas imagens de skatistas deslizando pelas ruas da cidade. Muito mais do que ilustrar, essa menção na forma de imagens resgata a origem da prática, ainda enquanto atividade de lazer, e serve como ferramenta para “familiarizar” o público com a “novidade olímpica”.

Imagem 40: O skate e as cidades representadas nas narrativas jornalísticas analisadas



Fonte: Reprodução Globoplay

A apresentação do espaço de disputas do skate street, e a menção a ele como “palco” de um momento histórico para a modalidade e para o próprio megaevento também se fez presente na forma das enunciações de Kiko Menezes. Além de apresentar imgeticamente o espaço em que a competição teria ocorrência, as menções à Arena Ariak se dão com propósitos distintos: primeiro, para demonstrar o primeiro contato dos atletas com este espaço

que era visto apenas enquanto projeto, já que o adiantamento dos Jogos fez com que estes atletas tivessem contato apenas “no papel”, ainda em fase de planejamento, para só depois ser lembrado enquanto palco de conquistas, como “(...) pedacinho de Brasil em Tóquio.” (BDB, 26/07), além de referenciado como espaço em que os brasileiros tiveram a oportunidade de “dropar pela primeira vez”, tal como afirma Felipe Gustavo, skatista street, ao Fantástico em 25/07.

Imagem 41: Apresentação da Arena Ariak, palco do skate street e park



Fonte: Reprodução Globoplay

A menção aos espaços públicos partilhados como “berço formador” dos skatistas está, principalmente, nas construções discursivas de exaltação dos medalhistas olímpicos. Neste tópico, resgatamos as discussões aqui já apresentadas no decorrer da produção deste trabalho, foi possível notar as potenciais transformações de espaços em lugares. Longe de conceber os espaços como concretos, impessoais ou como “territórios de passagem” (MAGNANI, 1993), aqui, a menção destes locais como “berços formadores” os transformam em “lugares”, simbólicos e significativos. Muito além das percepções de um “espaço vivido e sentido” (SERPA, 2019, p.103), este “lugar” é tomado como um elemento formador da identidade dos indivíduos, principalmente no que tange à particularidade dos grupos aqui estudados, na medida em que “Os sujeitos, neste caso, são a peça fundamental que dão significado a este território” (DAMATTA, 1997, p.19).

Aqui, é possível destacar dois principais exemplos de discursos construídos essencialmente após a conquista, como forma de exaltação: Kelvin Hoefler e Rayssa Leal, ambos medalhistas de prata na modalidade street. No caso de Kelvin, ao reconstituir a trajetória do primeiro medalhista olímpico em Tóquio, vemos claramente a íntima relação

entre o universo do skate e a questão espacial e com o cenário musical. Natural de Guarujá, Hoefler constrói sua relação com o skate em uma cidade vizinha, Santos, terra de um expoente na cena musical, Chorão, ex-vocalista da banda Charlie Brown Jr, descrito como “um ícone da música e do skate dos anos 2000” (EE, 01/08).



Imagem 42: Praça Palmares e a referência a Chorão



Fonte: Reprodução Globoplay

No transcorrer da narrativa, os discursos apresentados reforçam a ideia da rua como “berço formador” do atleta, que, para se divertir sobre as rodinhas, ainda tinha um caminho a percorrer: “a minha escola do meu skate foi a Praça Palmares. Porque imagina eu pegar um

ônibus, passar a balsa, passar o mar, pegar um outro ônibus e chegar na pista e andar do lado do Chorão.” (EE, 01/08). Neste caso, a Praça Palmares é vista como elemento propulsor do atleta, como um palco que fez aflorar as suas potencialidades que o levaram até a conquista olímpica, tal como assim o é no caso da narrativa da jornada do herói apresentada por Joseph Campbell (2007) (Imagem 42).

Imagem 43: Cena do vídeo que “revelou” Rayssa Leal na cena do skate street



Fonte: Reprodução Globoplay

Já no caso de Rayssa Leal, as referências aos espaços públicos utilizado para o desempenho de manobrar foi elemento de construção discursiva de duas maneiras distintas, mas com um único propósito, reconstruir o histórico da medalhista de prata no skate street feminino. A primeira menção se deve à tentativa de responder ao questionamento “Como Rayssa apareceu para o público?”. Esta abordagem não foi de forma nenhuma neutra, isenta de intencionalidades: No mesmo programa, em anos anteriores, Rayssa já tinha aparecido como destaque, ainda com 7 anos, quando “viralizou” em um vídeo publicado realizando manobras com a fantasia de fada, motivo pelo qual ganhou seu apelido que conserva até hoje. Ao afirmar que “A história da Rayssa viralizou na internet por causa de uma manobra que deu certo com uma calçada movimentada aqui do centro de Imperatriz.”, como afirma Raphael De Angeli.

Imagem 44: O “percurso” de Rayssa Leal nas narrativas do EE



Fonte: Reprodução Globoplay

Mas é um outro espaço que é apresentado como “berço” do aprendizado de Rayssa Leal, a Praça Mané Garrincha. O discurso construído por Raphael De Angeli conta com uma importante estratégia narrativa: a aproximação entre passado e presente. Enquanto o jornalista apresenta o espaço como “onde a paixão pelo esporte se concretizou” (FANT, 01/08), são recuperadas cenas antigas de Rayssa realizando manobras neste mesmo espaço usadas como contraste de uma Rayssa “crescida” reproduzindo-as nesta mesma praça. É este resgate histórico que, acima de tudo, sustenta a narrativa de uma relação íntima com os espaços e, para além de centrar-nos apenas na atleta, ajuda-nos a entender, em uma perspectiva mais ampla, a relação entre o esporte e estes espaços.

As impressões a respeito da relação entre as pranchas e o espaço da praia, do mar, foram inúmeras e diversas, o que demandou uma certa “setorização” nas análises: a primeira delas ocupa-se da relação propriamente estabelecida com o mar, restaurando o princípio do culto, do enfrentamento do desconhecido e a relação de amizade com este espaço natural (LORCH, 1980) (CORBIN, 1989) (DIAS, 2008). Além disso, outras duas abordagens saltaram aos nossos olhos: a ideia de apresentação da “praia olímpica” de Tsurigasaki e o destaque à “familiaridade” entre as ondas surfadas “em casa” e “em terras distantes”. Iremos aqui tratá-las mediante uma ordem específica, que melhor explique o desencadeamento das construções discursivas que relacionaram o indivíduo ao lugar, seja o de disputa, seja o da praia enquanto espaço mais generalizado

Não poderíamos começar as reflexões a respeito desta relação com espaço da natureza de outra forma a não ser apresentando as construções discursivas utilizadas para apresentar a “praia olímpica” ao público espectador. Estratégias de georreferenciamento foram utilizadas

para responder ao questionamento “De que espaço estamos falando?”. Optou-se por uma espécie de georreferenciamento, no qual a praia de Tsurigasaki é apresentada como pertencente ao município de Ichinomiya, que, por sua vez, se localizava “(...) a cem quilômetros de Tóquio” (BDB, 27/07), representado graficamente no Jornal da Globo em 19/07 . As narrativas que também se referiam à descrição do espaço da praia se aproveitaram das construções de representações já consolidadas a respeito das terras japonesas, essencialmente cosmopolitas, superpopulosas e cercadas por tecnologia. Optou-se, então, pela construção de um contraste, como é visível no discurso de Guilherme Pereira para o Globo Esporte: “Este é um Japão de praia e não de prédios. Em Ichinomiya, a cultura japonesa se conectou com a do surfe. Tá na paisagem, no estilo das pessoas, no costume e dentro d’água.” (GE, 21/07).

Imagem 45: Recurso gráfico utilizado para ilustrar o georreferenciamento da praia de Tsurigasaki, mostrada ao fundo



Fonte: Reprodução Globoplay

A apresentação das especificidades deste espaço de disputa inédito do surfe olímpico também destaca duas percepções: as particularidades geográficas da praia, com “ondas pequenas e curtas num fundo de areia” (JG, 21/07), e a influência direta de fenômenos naturais, que necessitam certa adaptabilidade humana para prevenção de catástrofes, tal como descrito por Carol Barcellos em 22/07 ao Bom dia Brasil, em uma tentativa de desconstruir uma visão pacífica que nós, brasileiros, temos dos espaços naturais das praias: “Em muitas praias aqui no Japão há essas barreiras de concreto porque essa é uma região muito afetada por desastres naturais.”, (Imagem 46), o que também nos levou a desdobrar, tal como veremos adiante, as narrativas que traziam este efeito do *alea* ocasionado pela influência direta de fenômenos ambientais para o cenário competitivo do surfe olímpico.

Imagem 46: Barreiras instaladas na praia de Tsurigasaki, palco das disputas inéditas do surfe olímpico



Fonte: Reprodução Globoplay

O complemento desta apresentação está no fato de que os discursos construídos sobre este espaço também procuraram aproximar as terras brasileiras e japonesas, que é explicitamente notável no discurso de Guilherme Pereira ao *Jornal Nacional* em 19/07: “Tsurigasaki nem parece Japão. E daqui a alguns dias essa praia pode ficar ainda mais com a cara do Brasil”, revelando a desconstrução de um imaginário japonês essencialmente cosmopolita e, acima de tudo, reforçando a criação de expectativa sobre os atletas do surfe brasileiro.

A aproximação Brasil-Japão ainda se dá de uma maneira bem particular. Nos discursos construídos, sobretudo sobre Ítalo Ferreira, encontramos tanto em declarações do atleta quanto nas enunciações de Guilherme Pereira que este “favoritismo” brasileiro estava alicerçado em um novo componente: a familiaridade de nossos representantes com a “geografia das ondas”. Os discursos jornalísticos produzidos no período de competições do surfe apontaram que, tanto Ítalo Ferreira quanto Silvana Lima, advindos do nordeste brasileiro, encontraram em solo japonês condições similares àquelas que já estavam acostumados em suas terras natais, o que seria um “extra” para que pudéssemos esperar medalhas olímpicas nesta modalidade. Seja nos relatos de Ferreira, como em “Eu surfo com essas condições de mar, acho que desde quando eu cresci, né? Nordeste tem bastante vento, é essa ondulação.” (*JH*, 26/07) ou em “Silvana Lima, que tava bem à vontade com o tipo de onda que tá rolando no Japão” (*FANT*, 25/07), como enunciado por Alex Escobar, o que vimos foi uma tentativa de reforçar uma “expectativa quase certeza” de medalhas que fizesse com que o público acompanhasse as disputas, transmitidas ao vivo horas mais tarde, devido ao ajuste de fuso-horário.

O destaque principal talvez esteja no investimento da narrativa a respeito da relação intrínseca, construída e reforçada, entre o homem e o espaço da praia. Em diversos discursos apresentados nos mais variados programas jornalísticos e esportivos da emissora, pudemos notar uma forte estratégia discursiva de “vender” a modalidade e atrair um potencial público consumidor da mesma, apresentando ao público um surfe que transpassa as proposições competitivas e resgata a sua gênese, ainda realizado de maneira ritualística, como descarrego de energias negativas ou como força curativa, além de trazer à tona a relação de enfrentamento do desconhecido x tomando o mar como “amigo”, que marcou o histórico da modalidade durante décadas (LORCH, 1980) (CORBIN, 1989) (DIAS, 2008).

Descrito como uma relação de “gratidão e respeito” relacionadas às imagens de Ítalo no momento em que ele vai disputar as baterias e conquista a medalha (GE, 27/07) (Imagem 47), a “imensidão do mar” e a “força das ondas” (JN, 27/07) são as principais estratégias para revelar o processo de interdependência, e condicionalidade, entre a efetividade da prática e as condições, imprevisíveis e incontroláveis, do ambiente de disputa, revelando o protagonismo do *alea* na disputa. Ao trazer essa reflexão à tona nos discursos, estavam também trazendo, indiretamente, um aspecto ritualístico, já prenunciado por polinésios e peruanos ainda na gênese da prática, que tinha como principal objetivo oferecer culto às divindades primitivas, em uma prática pagã.

Imagem 47: Relação de culto estabelecida entre o homem e o mar ilustrado por Italo Ferreira



Fonte: Reprodução Globoplay

E é neste cenário de inúmeras possibilidades oferecidas por um “elemento superior”, tal como propunha Alain Corbin (1989), que se destaca um outro importante aspecto aqui já apresentado, os atributos dos atletas em saber lidar com as adversidades, já que,

diferentemente dos esporte ditos “tradicionais”, “Aqui é a natureza que estabelece os parâmetros.” (EE, 25/07). Muito além do que uma disputa contra o outro (*agôn*), estabeleceu-se uma relação de “superação de si”, em que, diante das dificuldades apresentadas pelas condições de disputa, vence o “(...) surfista que sabe lidar com ela da melhor forma possível.” (BDB, 27/07).

O mar é ainda apresentado ao público por meio de uma relação maniqueísta interessante que compõem a articulação dos discursos produzidos sobre esta modalidade: O mar enquanto “amigo” vs. Enquanto desafio a ser enfrentado. Esta relação, sobretudo, faz parte do histórico desta modalidade, que, no decorrer do tempo, foi fruto de construções representativas do mar a depender do contexto, e das intencionalidades, de quem produzia este imaginário. Primeiramente construído como “(...) elemento líquido, irremediavelmente selvagem (...)” (CORBIN, 1989, p.72), o mar ganhou o acréscimo da praia, em que o espaço passou a ser visto como elemento de contemplação para um *fulgere urben*. A proposta de uma “praia lúdica” (MACHADO, 2000), viria somente no século XIX, e traria consigo os impasses criados a respeito das múltiplas utilizações deste espaço natural, como foi o caso da prática do surfe.

Nas narrativas jornalísticas analisadas, esta relação simultaneamente harmônica e conflituosa é recorrente. Algumas escolhas discursivas como “enfrentar o mar no momento mais difícil” (JH, 26/07), “O mar não foi gentil” (JH, 26/07), para descrever a situação de Silvana Lima e Tati Weston-Webb em suas baterias e em “(...) mas logo na primeira onda, o mar não se mostrou aqui velho amigo”, para relatar a situação da quebra de prancha de Ítalo Ferreira na bateria da final olímpica foram alguns dos destaques para a construção discursiva desta relação conflituosa, que, mais tarde, seriam por nós contrastadas nos retratos discursivos referentes ao “mar como amigo”.

Neste segundo caso, esta relação indivíduo-natureza encontrou reforço nas teorizações de Alain Corbin (1989), principalmente no que tange às representações construídas sobre o mar como descarrego de energias negativas e das ansiedades desenvolvidas no ambiente urbano, tal como apresentado no discurso de Guilherme Pereira ao Jornal Nacional:” (...) e pra conter a ansiedade de quem já é acelerado por natureza, fora e dentro da água, só mesmo o mar.” (JN, 27/07) ou em “Nos próximos dias Ítalo chega pra recarregar as energias”, destacado na mesma matéria. Além do destaque à familiaridade de Ítalo com as ondas surfadas “em casa” e “em terras distantes”, há uma referência importante do mar relacionado ao cotidiano das sociedades litorâneas, em uma relação harmônica que, muito mais do

diversão, também caracteriza o oceano como “Fonte de vida, de trabalho e de alegria.” (GE, 27/07) (Imagem 48).

Imagem 48: A relação harmônica entre os indivíduos e o espaço da praia



Fonte: Reprodução Globoplay

Para além de ser uma fonte de renda e um local de descarrego de energias, o mar neste caso também assume um outro papel, o de se fazer amigo do surfista. Se, nos casos de Tai Weston-Webb e Gabriel Medina o mar, e as condições do tempo, foram consideradas aspectos determinantes para as “quedas” nas baterias disputadas, colocando o mar como adversário indominável, no caso de Ítalo, o mar se tornou parceiro. Apesar dos percalços encontrados na jornada olímpica, tal como também classifica Joseph Campbell (2007), como a quebra da prancha, a chuva e o mar revolto, Ítalo encontra no mar “inimigo a ser enfrentado” uma espécie de aliado para construir a vitória inédita da modalidade em Jogos Olímpicos.

4.6. “Brinca-se, joga-se ou compete-se?”

Muito do que aqui já trazemos à discussão diz respeito da capacidade do surfe e do skate, nascidos enquanto práticas diversionais desempenhadas nos momentos de tempo livre e lazer (MELLO, ALVES JÚNIOR, 2012) (BRANDÃO, 2007) (FORTES, 2011). conservarem uma identidade própria que, apesar do processo de esportivização, se resgatasse a todo momento, como uma espécie de “essência” destas modalidades que se converteram em olímpicas na edição de 2020. Em diversos momentos do debruçar sobre o material empírico desta dissertação, foi possível observar constantes resgates a estas particularidades devidas das pranchas do mar e do asfalto nos discursos construídos para retrato das modalidades,

destacadas sempre como um “diferencial” se comparadas às demais modalidades já consolidadas no universo esportivo olímpico.

Neste caso específico, mais do que um destaque setorizado de cada um dos esportes olímpicos que motivam nossa pesquisa, nos interessou as menções, diretas e indiretas, que ressaltavam as relações entre estas práticas e os aspectos ligados às questões conceituais da brincadeira, do jogo e do esporte, tal como nos atentamos no capítulo 3 desta dissertação, não fazendo distinção se essa enunciação jornalística se ateuve às disputas das pranchas do mar ou do asfalto. O primeiro estágio do desenvolvimento destas atividades ligadas ao lazer, como já trazemos à tona, é ainda com caráter não pretensioso, cujo primeiro contato parte de observações e experimentações.

Fruto de um universo singular de sentidos, regulamentado e aceito pelos participantes (BARTHES, 2009), o destaque à brincadeira como um elemento associado à infância foi algo recorrentemente mencionado nos discursos enunciados nas narrativas jornalísticas da TV produzidos, essencialmente, sobre o skate. A menção mais direta a esta relação aparece em “Geralmente começa na infância, como um brinquedo” (JH, 22/07) mas é perceptível nas construções discursivas de outros materiais informativos, tal como em “Quando eram pequenininhas, era como brincar de carrinho” (EE, 25/07). Nesta segunda abordagem, o uso da palavra “pequenininhas”, no diminutivo, é o índice responsável por remeter à proposta da brincadeira como algo pueril, que também é evidenciado na construção “Isadora Pacheco. A menina que trocou a boneca pelo carrinho que voa”. Inclusive, o uso de “carrinho” para se remeter ao skate também fez parte dos discursos produzidos para outros telejornais e programas esportivos: a estratégia, de aproximação com as “ferramentas” da brincadeira, os brinquedos, também remontam às denominações dadas ao skate, tal como já apresentamos a partir das discussões de Giancarlo Machado (2011), além, de, como discutiremos mais adiante, também pode ser um índice da predominância masculina do esporte em sua gênese.

Para tratar das modalidades sobre pranchas enquanto práticas diversionais também se utilizou-se de menções específicas a uma das particularidades da mesma, o aspecto diversional. Tanto é que, por duas vezes, em matérias veiculadas no Jornal da Globo (03/08) e no Hora 1 (05/08), Rodrigo Bocardi e Carol Barcellos, respectivamente, referem-se ao ambiente de disputa do skate como “parque de diversões”. Além de remeter ao aspecto diversional e a uma atividade predominantemente infanto-juvenil, esta escolha discursiva também reforça as inúmeras escolhas discursivas dos mediadores informacionais pelo destaque à diversão, seja enquanto entretenimento para o público espectador, seja para os próprios competidores.

Esses achados discursivos ficam evidentes quando observamos com mais atenção as enunciações de Guilherme Pereira e Kiko Menezes, responsáveis por “testemunharem” as competições de surfe e skate, respectivamente. Além, é claro, das “provas documentais” deste aspecto diversional, evidentes nos atos de Ítalo Ferreira, momentos antes da bateria final e inclusive no pódio olímpico, e de Rayssa Leal, durante as disputas finais da modalidade skate street. Ao ressaltarem que “(...) se divertir de um jeito ou de outro parece ser o segredo desse lugar.” (FANT, 25/07) e “(...) como a gente pode ver a diversão tá garantida.”, Pereira e Menezes ressaltam um espírito diferenciado destes esportes, que trazem à cena um novo jeito de lidar com os aspectos competitivos, cumprindo, quem sabe, com os princípios olímpicos de união e confraternização, perpassando o *Agôn* da disputa.

Imagem 49: Imagens que ressaltam o aspecto brincadeira ligadas às disputas de skate e surfe



Fonte: Reprodução Globoplay

As “provas imagéticas” desta nova forma de lidar com a competição estão, curiosamente, nas ações de dois medalhistas olímpicos em suas modalidades. No caso de Ítalo, o espírito de descontração acontece em dois momentos: o primeiro, se refere à dança como estratégia de descontração na observação da bateria anterior à de Ferreira e, sobretudo,

no destaque à “manobra” dada após o ouro olímpico, um mortal, que evidencia o “espírito diferenciado” trazido por esta modalidade estreante. Além disso, a dança também foi o recurso utilizado por nosso outro destaque, Rayssa Leal, que, em um jogo entre infância e adolescência, construiu-se discursivamente no discurso midiático como sinônimo de extroversão, utilizando da dança como válvula de escape da “pressão competitiva” imposta à uma figura tão jovem disputando uma final olímpica (Imagem 49).

A passagem da brincadeira para o jogo também foi uma estratégia presente nas enunciações feitas pelos jornalistas responsáveis por cobrir as duas modalidades aqui estudadas. Nota-se a utilização de uma linguagem bastante coloquial, com inúmeras referências aos aspectos característicos dos jogos, tal como uma forma de levar, juntamente à informação, entretenimento a um público espectador das modalidades estreantes. Estas referências diretas ocorreram, sobretudo, no Jornal da Globo do dia 26/07, principalmente devido à proximidade temporal do programa informativo com o horário das competições de skate e surfe, que se desenrolariam no plantão esportivo na sequência da grade de programação.

Expressões como “Tá em jogo uma medalha”, que ressalta o aspecto competitivo da disputa (*Agôn*), “Jogar nossas fichas” ou “apostar naquela superonda” ressaltando o princípio da aposta, da aleatoriedade dos resultados e, “puxou da manga”, para se referir às estratégias adotadas pelos atletas brasileiros para conquistas de lugares nos pódios olímpicos além de “partir pro tudo ou nada” (JN, 05/08) foram algumas das estratégias discursivas que permearam as enunciações dos jornalistas envolvidos na cobertura e ressaltaram um discurso midiaticamente atrativo, cumprindo também com a proposta “comercial” da emissora em atrair as atenções de um público novo para as modalidades estreantes nos Jogos Olímpicos.

Já o princípio denominado por Caillois (1990) como *Agôn* também se fez presente em vários momentos nos discursos construídos para tratamento do evento noticioso envolvendo as disputas das modalidades sobre pranchas. O destaque, primeiramente, vai para as escolhas dos verbos que apresentam o princípio básico da disputa, que compõe o cenário do jogo. O uso recorrente de verbos como “bater”, “brigar” e “enfrentar” são quase autoexplicativos quando usados para destacar esta particularidade enunciativa dos discursos jornalísticos analisados. Principalmente se atentarmos para o fato de que aqui estamos diante de um evento de dimensões globais, com representantes de uma nação, muito mais do que o *agôn* destacar o “trave” de uma disputa “contra si próprios”, colocando “em jogo” anos de treinamento e preparação, neste caso o conflito se trava contra o outro, que, muito mais do

que um ser individual, também representa uma outra coletividade a ser vencida, em um princípio de disputa com condições ideais.

Expressões bastante corriqueiras em nosso cotidiano ajudam a ressaltar um outro aspecto bastante importante das disputas dos jogos, a *Alea*, ou o princípio da incerteza a respeito do transcorrer e do resultado das disputas: “Tudo pode acontecer”, “Tudo é possível”, destacadas no Jornal da Globo (03/08) e “(...) Mas surpresas sempre são esperadas nesse esporte e podem sair de onde a gente menos espera.” (JH, 26/07), ambas as menções referentes às competições das pranchas do asfalto. Interessante também foi a menção à aleatoriedade presente nas disputas do surfe, que, cotidianamente, já dependem das condições “imprevisíveis” do mar e dos ventos.

O exemplo utilizado para ressaltar essa característica está na bateria de Gabriel Medina e Julian Wilson, atleta australiano. Nas palavras de Guilherme Pereira, responsável por mediar os acontecimentos transformados em jornalísticos nas baterias do surfe olímpico, “Gabriel Medina saiu da água sem saber se tinha vencido.” (JH, 26/07) pois, devido a uma manobra “de última hora” do adversário, a decisão da bateria ficou à cargo das notas dos juízes, algo bastante comum neste esporte, como destacado pelo próprio atleta brasileiro. Medina afirma que “(...) passei por cada uma que eu falei: é melhor nem... Deixa, se der, pô, pensar positivo nessa ideia, deu, se não der, é isso aí.” (JH, 26/07), ressaltando também um fato bastante usual desta modalidade, lidar com as frustrações no que tange aos julgamentos.

Essa declaração ajuda a construir o pilar de sustentação do surfe como esporte de imprevisibilidades e fortemente subjetivo, o que também contribui para o “despertar de sensações” tanto nos próprios atletas, acirrando a disputa, quanto para os telespectadores, que contam com possíveis “vazios midiáticos” no decorrer das baterias de disputa da modalidade.

O “despertar de sensações” também esteve presente enquanto categoria relacionada aos aspectos do jogo na medida em que era preciso tentar transmitir, através das construções narrativo-discursivas, o “espírito” das competições. Por se tratar de esporte tipicamente radicais, era inegável o destaque dado ao *Ilinx*, de forma direta ou indireta, nas construções discursivas da emissora. “Sufoco” (JG, 26/07), para se referir à classificação de Ítalo para a final olímpica “emoção/ sofrimento” (H1, 05/08) para descrever as disputas do skate ou o uso de expressões como “eletrizante”, “dramática” (BDB, 27/07) ou “emocionante” (BDB, 26/07) como elementos valorativos referentes às finais das duas modalidades ajudam a “dar o tom” pretendido, como modalidades que valiam a atenção do espectador já que, conforme “programado”, deram a honra de medalhas olímpicas ao país.

Imagem 50: Momento da quebra de prancha de Ítalo Ferreira na bateria final



Fonte: Reprodução Globoplay

Por aqui estarmos tratando de duas modalidades relacionadas ao risco e à aventura, também não podemos deixar passar despercebidos os destaques dados a estas particularidades das práticas sobre pranchas, transformadas em modalidades olímpicas. No caso do surfe, encontramos apenas uma referência à radicalidade, presente nas declarações oferecidas pelo campeão olímpico, Ítalo Ferreira, após a disputa da conquista da medalha. Nela, o surfista destaca que a sua vontade é sempre “atacar o lugar mais crítico da onda”, tanto como uma forma de garantir uma boa avaliação, no caso de uma manobra executada, quanto no que se refere ao desafio imposto a si mesmo, como “prova” de um bom preparo para um evento competitivo. Esse aspecto do risco pôde ser constatado inclusive durante a “jornada” de Ítalo: as mesmas manobras aéreas, perigosas, que garantiram sua conquista da medalha de ouro também levaram o atleta a “arriscar” a medalha, no momento em que a execução de uma manobra, na arrebentação da onda, custou uma de suas pranchas na bateria final (Imagem 50).

Os destaques discursivos relacionados às disputas do skate, foram mais frequentes nos discursos construídos pelas narrativas jornalísticas. Dois aspectos chamaram nossa atenção: a menção às particularidades da pista de disputa do skate park e aspectos relacionados aos “acidentes”, tão comuns a esta modalidade. No primeiro caso, o uso de “maiores” (JG, 03/08) e “gigantes” (JN, 04/08) para se referir às “paredes” da pista de disputas do skate park ajudam a construir o aspecto da radicalidade, trazendo este aspecto singular como algo benéfico para o princípio da disputa, como força motriz do despertar da competitividade dos

atletas, que teriam possibilidades de desempenhar manobras mais bem conceituadas no critério dos juízes e poderiam alcançar o primeiro pódio olímpico da modalidade. Para reforço destes adjetivos valorativos das paredes da pista de competição, são usadas imagens que mostram ao espectador “do que estamos falando”, estratégia bastante usual no jornalismo televisivo.

Imagem 51: Cenas da pista de competição para reforçar a ideia de paredes maiores



Fonte: Reprodução Globoplay

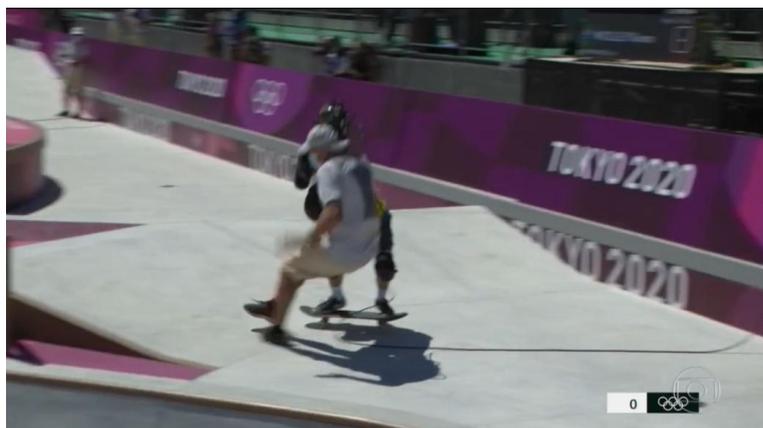
Já no que tange ao tópico “acidentes” temos três exemplos que melhor ilustram estes destaques. O primeiro deles, ainda enquanto matéria “fria”, de apresentação dos atletas olímpicos, no Esporte Espetacular de 17/07, que tem como protagonista Pâmela Rosa, a número 1 do ranking do skate street. Como reforça Marcos Uchôa, “pra pilotar aquilo ali tem que ter coragem.”, já que o risco é um elemento intrínseco da prática, que, como já vimos, inicia frequentemente ainda na infância. É por meio dos relatos dos pais de Pâmela que o fator acidentes é evidenciado nas construções discursivas da matéria.

Enquanto a mãe traz à cena a necessidade de “proteger” a filha das quedas e dos hematomas, e das recorrentes idas ao consultório pediátrico, tal como exposto em “Ele [o pediatra] pegou e falou assim, mãe protege com o capacete, da cabeça pra baixo nós conserta (sic). Deixa a menina andar de skate (...). Isso aí logo passa, vai passando e com o tempo ela vai melhorando.” (EE, 17/07), é do pai talvez a declaração mais importante a respeito do envolvimento do esporte com a radicalidade e o risco: “Cara, eu já queria **quebrar o skate no meio**, mas eu falei, não vou falar nada porque **tá fazendo mais do que mal, né?**” (EE, 17/07). Estas declarações vão ao encontro também do relato de Dona Nadir, personagem secundária na narrativa de apresentação da modalidade veiculada no Jornal Nacional de

12/07, em que a mesma ressalta que, por se tratar de uma modalidade essencialmente juvenil, é preciso “ficar de olho”, já que, para ela “(...) **É um perigo**. Tem que ficar de capacete, proteção, joelheira.”.

Esse cenário “perigoso” do skate também se faz presente na abordagem de um evento adverso ocorrido no skate park masculino: o “acidente” do atleta australiano Keegan Palmer em uma manobra que acabou derrubando o cinegrafista do evento (Imagem 52), descrito por Carol Barcellos como “(...) um susto, mas terminou tudo bem” (JG, 05/08). É através do complemento deste comentário, feito em um momento de interlocução com o âncora do jornal, Rodrigo Bocardi, que pudemos constatar a relação com os eventos anteriormente destacados. Este “perigo”, tão recorrente nesta prática, seja enquanto esporte ou como atividade de lazer, é destacado por Bocardi como “Que bom que ele conseguiu ali segurar, proteger a cabeça nessa queda e que o skate também não bateu na canela, porque essa madeira na canela dói demais.”, o que chama a atenção para as imprevisibilidades deste esporte, mas, sobretudo, também ajudam a entender o porquê de tamanha preocupação envolvendo a cena competitiva (como o uso de joelheiras e capacetes durante as competições do park e em menores de idade para ambas as modalidades disputadas) e a visão construída sobre o skate.

Imagem 52: Acidente envolvendo o atleta australiano Keegan Palmer durante as competições de skate park masculino



Fonte: Reprodução Globoplay

Estes exemplos demonstram que, apesar da prática do skate se inserir no conceito de risco, e representar uma possibilidade de acidentes leves ou mais graves, o que vale é a sensação de praticá-lo, mas em segurança. Neste caso, a possibilidade de ocorrência de incidentes é vista de maneira mais naturalizada, já que já foi assimilada como algo comum no

interior da prática da modalidade, seja por crianças ou por indivíduos mais experientes. Neste caso, o que vale ressaltar nestas construções discursivas é a mudança na construção destas representações sobre as pranchas do asfalto, em que o aspecto da radicalidade e do risco são postos como elementos constitutivos da prática, sendo representados positivamente, e não como um impeditivo, ou uma estratégia para associá-los ao desvio (BECKER, 2008)

4.7. Os “louros” da vitória

O percurso até o pódio olímpico foi marcado por inúmeros desafios para os atletas que representaram o país nas modalidades sobre pranchas. Após a conquista da tão almejada medalha e da presença em um pódio olímpico inédito na história das modalidades, foi o momento de desfrutar dos “louros” que envolvem uma conquista com dimensões tão amplas. Para compreender de que forma os discursos jornalísticos trataram esse momento “pós-conquista”, dividimos nossa análise em alguns momentos de reflexão: 1) A imortalidade olímpica, enquanto consequência direta da conquista; 2) O reconhecimento, dos “pares” e dos “comuns” e a importância dos invisíveis no processo de humanização dos atletas.

Apesar de setorizadas, as subdivisões temáticas encontradas neste pilar analítico dos “louros” da vitória se encontram entrelaçados. O primeiro deles, denominado aqui como imortalidade olímpica, joga luzes sobre uma conquista específica, a medalha de ouro de Ítalo Ferreira no surfe masculino, mas também foram encontradas construções breves nos relatos da conquista da prata de Rayssa Leal na modalidade skate street. Diversos são os fatores que tornam a conquista olímpica dos atletas das modalidades sobre pranchas feitos memoráveis: tratava-se da primeira disputa das modalidades em uma edição dos Jogos Olímpicos, projetou-se imensa expectativa por medalhas brasileiras devido ao alto rendimento dos atletas em competições já consolidadas nos cenários de disputas das modalidades e, sobretudo, e talvez o mais importante deles: ganhar uma medalha em uma disputa olímpica traz à tona aspectos ritualístico-simbólicos que perpassam o imaginário deste megaevento esportivo.

Como aqui já trazemos à luz do decorrer deste trabalho (COLLI, 2004) (SESI, 2012), os Jogos Olímpicos “jogam”, acima de tudo, com um universo simbólico-mitológico-ritualístico de sentidos, sendo talvez mais perceptíveis pelas cerimônias, de abertura, encerramento e premiação, do evento. Mesmo em tempos de pandemia, com protocolos sanitários rígidos, a conquista de um espaço no pódio teve talvez uma maior representatividade: tratava-se de uma superação de adversidades e abnegações que iam além de uma simples superação de seus próprios limites. Longe de destacar as construções discursivas realizadas pelos telejornais e programas esportivos em sua particularidade, foi

possível aqui notar que, indiretamente, as enunciações trouxeram à tona o significado de uma conquista olímpica por meio de escolhas verbais como “entrar para a história do esporte”, “colocar o nome definitivamente” ou “escrever o nome” na história do esporte, o que ajudam a compreender as dimensões deste “feito heroico”, de cumprimento de uma jornada em terras distantes (CAMPBELL, 2007).

Além destas menções, esta imortalidade olímpica de Ítalo Ferreira é marcada por alguns índices discursivos importantes, principalmente se olharmos um telejornal específico, o Hora 1, transmitido em 27 de julho, logo após a madrugada da conquista do atleta brasileiro. É Everaldo Marques quem enuncia, já que ficara responsável pela narração das baterias semifinais e finais do surfe na madrugada anterior, em um espaço destinado para a transmissão já no telejornal matinal da TV Globo. Naquele momento, Everaldo Marques entrava para levar ao telespectador um momento muito importante: a primeira medalha brasileira de ouro nos Jogos Olímpicos de Tóquio e, sobretudo, a primeira vitória brasileira na história da modalidade. O narrador, então, apresenta o momento de consagração do atleta, na cerimônia de premiação como “momento de consagração máxima”, “o momento mais aguardado”.

Outros dois exemplos ilustram com mais clareza a ideia da representatividade da medalha de ouro de Ítalo Ferreira. Ao rememorar o histórico profissional de títulos do atleta potiguar, repleto de desafios, percalços mas inúmeras vitórias, Everaldo Marques se utiliza do momento de “coroação” do herói olímpico para dimensionar a conquista, em “uma foto que é eterna, porque Ítalo Ferreira nunca mais vai sair do Panteão de grandes campeões” (H1, 27/07). A menção direta a esse espaço físico ou simbólico de reunião dos deuses de origem grega é de suma importância para consolidação desta narrativa heroica construída sobre o atleta, que, de representante de um país converte-se em herói próximo aos deuses, reconhecido e exaltado por seu feito inédito. Esta narrativa é confirmada também pela troca comunicacional estabelecida com Felipe Andreoli, mediador informacional entre Everaldo e Roberto Kovalick, âncora do Hora 1: “Daqui a cem anos quando fala aí da primeira medalha no surfe masculino, a primeira medalha de ouro vão vão lembrar do Ítalo Ferreira, vão lembrar do nome do brasileiro” (H1, 27/07), desdobrando as percepções que já foram apresentadas anteriormente por Marques.

Se, por um lado, o êxito olímpico inédita nas modalidades sobre pranchas representou um marco referencial na história dos esportes e dos atletas condecorados com as medalhas olímpicas, de outro, era inegável que este feito também fosse celebrado por uma coletividade, cumprindo com a proposta de Campbell (2007) da “divisão” da vitória com os “comuns”, um

retorno à essa realidade mundana, corriqueira, após um triunfo significativo. Para além da repercussão midiática, as medalhas conquistadas também foram acontecimentos celebrados tanto pelo que denominamos enquanto “pares”, em que estão contidos atletas, artistas ou personalidades conhecidas das pessoas e, de outro, os “comuns”, colocando dentre eles família, amigos, conhecidos, fãs ou simplesmente compatriotas que se identificaram com essas vitórias dos atletas brasileiros.

Primeiramente trataremos daquilo que chamamos de “reconhecimento dos pares”, que traz consigo toda uma carga simbólica ao feito da conquista de medalhas nas modalidades disputadas pela primeira vez na história das Olimpíadas. Diante da análise do material jornalístico produzido sobre as modalidades sobre pranchas e nos atentando para aquelas que tratavam da noticiabilidade da conquista de medalhas pelos representantes brasileiros, encontramos uma importante singularidade: o uso de redes sociais como fontes para a construção das narrativas noticiosas. Em um mundo em que as tecnologias da informação e comunicação tomaram um espaço importante da nossa vida cotidiana, e, considerando a localidade da disputa e as circunstâncias de realização, com restrições devido à pandemia, o “reconhecimento” chegou até os representantes brasileiros por meio das redes sociais. Aqui destacamos algumas possibilidades de estes registros de parabenizações estarem presentes como fontes noticiosas para a produção de materiais jornalísticos: 1) para dimensionar a importância, e a relevância, da conquista de uma medalha ou, ainda, 2) como uma estratégia de aproximar os atletas medalhistas de personalidades famosos, marcando a “entrada” destes em um universo singular dos heróis, ídolos e mitos.

Imagem 53: Postagens de personalidades reconhecidas sobre as conquistas dos atletas brasileiros nas modalidades sobre pranchas





#JHNAS
OLIMPIADAS



Fonte: Reprodução Globoplay

Para aqui trazer a dimensão deste reconhecimento, é preciso destacar a presença de alguns nomes que “validaram” a entrada dos atletas medalhistas do skate e do surfe no mundo das personalidades famosas, seja do universo esportivo, como no caso do time de vôlei, das seleções masculina e feminina de futebol ou de personalidades reconhecidas na própria modalidade, como Tony Hawk, seja em um contexto mais genérico, com destaque para artistas globais como Juliana Paes e Lúcio Mauro Filho, bem como o quadrinista e desenhista Maurício de Sousa, que buscou fazer uma representação dos atletas e das modalidades como uma forma de reconhecimento da vitória (Imagem 53).

As construções discursivas aqui, muito mais do que em forma de enunciação, pelas figuras dos jornalistas envolvidos na cobertura e na apresentação, estão contidas no interdiscurso. Como já afirmou Pierre Bourdieu (2001, p.12), “Nomear, como se sabe, é fazer

ver, é criar, é trazer à existência.”, e é a partir desta perspectiva que compreendemos as intencionalidades discursivas contidas nestes discursos. Ao enunciar e apresentar este reconhecimento por parte de figuras já conhecidas de nossos imaginários, os discursos jornalísticos se tornam validados, encontrando sustentação nestas fontes para levar ao leitor a importância, e a dimensão, destas conquistas.

Já no que tange ao reconhecimento “dos comuns”, como aqui classificamos, ao olhar com mais atenção para o material analisado, pudemos encontrar importantes índices que aqui valem ser ressaltados. Depois de transcorrida a retirada para terras distantes e vencidos os desafios impostos no processo, o atleta retorna ao mundo dos comuns para com eles partilhar uma conquista que, para além do prestígio próprio, também detém de um simbolismo de conquista coletiva, tão importante quanto a primeira (CAMPBELL, 2007). É com base nesta teorização que voltamos nosso olhar para o material produzido no momento pós-conquista de nossos atletas: Ítalo Ferreira, Rayssa Leal, Kelvin Hoefler e Pedro Barros. Longe aqui de querer comparar o retrato da conquista de cada um deles, interessa aqui retirar alguns importantes momentos em que o reconhecimento dos comuns, seus compatriotas, também contribuíram para “dar o tom” nas narrativas jornalísticas construídas pelos jornalistas envolvidos na cobertura do evento.

O reconhecimento por parte daqueles a quem denominamos “comuns” foi destacado pelas narrativas jornalísticas das conquistas inéditas através de enunciações, perceptíveis já em primeira olhada. Nos discursos, foi possível notar elementos comuns à nossa cotidianidade quando falamos de conquistas de tamanha proporção como é o caso dos megaeventos como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: a tradicional volta no caminhão de bombeiros já é um elemento culturalmente previsível quando tratamos deste compartilhamento da vitória com os compatriotas, que costumam acompanhar a espécie de cortejo do herói para comemorar seu feito.

E não foi diferente nas narrativas que tinham como protagonistas Ítalo Ferreira e Rayssa Leal. A volta no caminhão de bombeiros e o clima de festa marcaram as construções narrativas sobre as conquistas, sendo ainda mais importantes pelas imagens que sustentaram tanto as entradas ao vivo (no caso do surfista potiguar ainda no primeiro telejornal matinal do dia 27/07 após a vitória) e nas matérias que vieram no decorrer da grade noticiosa: trazendo carreatas, comemorações e também algumas pinturas e outdoors que exaltavam os “feitos em terras distantes”, em uma demonstração de orgulho dos compatriotas com essa conquista partilhada. (Imagem 54)

Imagem 54: O reconhecimento dos comuns acerca das conquistas olímpicas



Fonte: Reprodução Globoplay

Além da tentativa de construir narrativas que “devolvessem” os heróis olímpicos ao mundo dos comuns, ao cotidiano partilhado também foi possível notar nas narrativas uma tentativa de compartilhamento da vitória pelos atletas com os brasileiros. Aqui destacamos dois breves exemplos: as medalhas de prata de Pedro Barros, do skate park, e de Kelvin Hoefler, skatista street detentor da primeira medalha brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Se, para Hoefler, o reconhecimento da primeira medalha olímpica brasileira estava em sua intrínseca relação com a modalidade, tal como já destacamos anteriormente, também estava com a divisão da “glória” olímpica com os poucos espectadores da conquista, devido às restrições ao público, tal como pôde ser perceptível na declaração de Kiko Menezes ao Fantástico do dia 25/07 “Não foi só o esqueite que abraçou o Kelvin não. Depois de vencer a competição, ele improvisou e veio dar um abraço na nossa equipe de reportagem”. Já no caso de Pedro Barros, o partilhar da conquista alcançou patamares ainda mais significativos, o do esporte, e conseqüentemente da medalha, como ferramenta de transformação. Segundo ele, a

conquista da prata olímpica “é mais motivação pra gente poder voltar pra casa e eu fazer do meu bairro, da minha comunidade, das minhas pessoas e de mim mesmo melhor.” (GE, 05/07).

Há, ainda, um breve destaque ao retorno “virtual” vindo por parte de uma coletividade mais ampla, cujas fronteiras não puderam ser dimensionadas. No caso da skatista de prata, Rayssa Leal, o destaque vai para os números alcançados neste breve período de pós-conquista: “Antes da prova dela, onde ela conquistou a prata, ela tinha novecentos mil, cerca de um milhão de seguidores nas redes sociais. Hoje já está chegando a seis milhões.” (H1, 28/07). Igual repercussão foi acarretada pela conquista de Ítalo Ferreira no surfe masculino, presente na construção discursiva do jornalista Alex Barbosa: O Ítalo que era de Baía Formosa, agora é o Ítalo do Brasil.”, fato que parece ser constatado na fala do próprio atleta ao dimensionar sua conquista, que define “estar em choque” com os números encontrados em sua rede social momentos após a vitória inédita “Tem, realmente, um outro público agora que quer saber um pouco mais do que eu faço, como eu vivo (...) então tá sendo divertido.” (JN, 28/07).

Considerações finais

Foi preciso percorrer um longo caminho teórico e metodológico até chegar a algumas respostas possíveis ao questionamento central que motivou nossa pesquisa: “Como a imprensa brasileira, representada pela emissora oficial do evento no Brasil, a TV Globo retratou a presença do surfe e do skate enquanto modalidades estreadas nos Jogos Olímpicos de Tóquio haja vista que os atletas brasileiros tinham potencial chance de medalha?”, guiados essencialmente, pelos procedimentos teóricos-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, observando o processo comunicacional e midiático para além de uma visão tradicionalista baseada na unidirecionalidade Produção-Recepção.

Tendo este questionamento como ponto de partida, traçamos outros três objetivos específicos: 1) Verificar se os discursos produzidos acerca das duas modalidades estudadas foram potencialmente transformados quando o skate e o surfe se converteram de atividades destinadas ao lazer, ou seja, de ocupação do espaço urbano, para modalidades olímpicas; 2) Analisar a forma com que os discursos construídos sobre as duas modalidades, agora olímpicas, foram apresentados para os espectadores pela TV Globo, que representa o maior índice de audiência do país e, 3) Aferir o critério jornalístico de acessibilidade a uma coletividade através dos discursos produzidos por meio da figura dos comunicadores envolvidos na cobertura deste evento de abrangência mundial.

É na tentativa de construir apontamentos e apresentar percepções que ajudem a responder aos questionamentos centrais desta pesquisa que ancoramos este trabalho em um vasto material bibliográfico de forma a reconstruir os caminhos e as particularidades daquilo que chamamos de “pranchas do mar e do asfalto”. Para delinear os caminhos desta pesquisa, procuramos seccionar as discussões teóricas em capítulos específicos cujos temas tinham articulação direta com o objeto de estudo deste trabalho, e que, sem dúvida, seriam de essencial importância para lançarmos olhares críticos e analíticos para o corpus deste trabalho.

Não seria possível construir uma pesquisa que trouxesse como protagonistas o surfe e o skate sem apresentar uma vasta discussão teórica a respeito do histórico de ambas as modalidades e de uma série de particularidades que encontramos como especificidades destas práticas. Em um primeiro momento, como era inevitável, nos ocupamos na tarefa de tentar reconstruir um histórico do surfe e do skate que buscasse articular as trajetórias das modalidades sobre pranchas com alguns elementos fundamentais e indispensáveis para compreendê-las em seu sentido mais amplo. Através da apresentação de uma articulação

teórica vasta, buscamos discutir as associações entre os conceitos de identidade e cultura, de forma a interligá-los com as percepções a respeito de um terceiro conceito, o de juventude, categoria social predominante entre os praticantes. Além disso, era indispensável tratar das associações entre as práticas estudadas e os espaços, naturais e urbanos, uma vez que foi através destes que ambas ganharam “olhares atravessados” de membros da parcela conservadora da população brasileira. É este, inclusive, o último ponto de articulação do capítulo, que busca compreender como esta construção discursiva do desvio e da marginalização se fez presente, e recorrente, nos retratos construídos sobre as modalidades sobre pranchas.

Já em um segundo momento, foi preciso olhar o objeto a uma distância ainda maior, articulando uma série de autores que nos fizessem perceber as transformações, conceituais e efetivas, ocorridas no processo de transformação das práticas do surfe e do skate de modalidades relacionadas ao tempo livre e ao lazer em modalidades olímpicas. Além de uma discussão a respeito dos conceitos de brincadeira, jogo e esporte, seccionados em “esportes de risco e aventura” e “esportes olímpicos”, tentamos apresentar um breve histórico das transformações ocorridas no interior do imaginário dos Jogos Olímpicos, de forma a compreender o processo de “passagem” de sua edição na Antiguidade e as ressignificações constantes sofridas mesmo após o advento dos Jogos Olímpicos modernos, teorizados por Pierre de Coubertin. Para tanto, trazemos à cena discussões a respeito dos conceitos de megaeventos esportivos e midiaticização, percebendo os desafios, e os benefícios, desta transformação.

O capítulo seguinte se ocupa da primeira fase empírica deste projeto de pesquisa, primeiramente não previsto para este trabalho. 2020 entraria para a história do esporte mundial como aquele em que Tóquio sediaria a XXXII edição do evento, mas não foi por esta razão que consideramos este ano um marco histórico. Ainda no final de 2019, o mundo via surgir na província de Hubei, na China, uma doença ainda conhecida como “pneumonia de causa desconhecida”, que rapidamente se espalhou pelo mundo causando inúmeras infecções e óbitos. Foi diante de um cenário pandêmico caótico que o COI, juntamente com o comitê organizador local, decidiu adiar o evento para o ano seguinte, entre 23 de julho e 8 de agosto de 2021.

Foi com base neste evento histórico para o universo esportivo mundial que nos debruçamos sobre o material jornalístico produzido pela TV Globo veiculado entre 24 de março de 2020, data do anúncio do adiamento, e 30 de março do mesmo ano, momento em que foram anunciadas as novas datas para ocorrência dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de

Tóquio. O ineditismo da decisão já justificaria a cobertura midiática a respeito do acontecimento, mas aqui vale destacar que, no caso da TV Globo, movia-se concorrentemente um interesse comercial adicional para a realização do evento. São trazidos à cena os correspondentes internacionais como Rodrigo Carvalho e Marcelo Courrege, de Londres, Guilherme Roseguini, de Nova Iorque, e Carlos Gil, do Japão, que foram os responsáveis por uma espécie de testificação das dimensões ampliadas tomadas ao decidirem-se pelo adiamento olímpico.

Além destes, outras figuras importantes são usadas como objetos referenciais discursivos, seja enquanto “sujeitos da ação” do adiamento, seja como elementos de referências dos discursos produzidos pelos jornalistas envolvidos na cobertura, sendo eles: Thomas Bach, presidente do COI; Yoshiro Mori, presidente do comitê organizador local e Shinzo Abe, à época ainda então primeiro-ministro japonês. Estas figuras de referência são de fundamental importância, principalmente ao considerarmos as construções discursivas de Carlos Gil. Tomado como “testemunha ocular da História”, Gil recorre frequentemente às figuras aqui apresentadas para fundamentar aquilo que diz, sendo estas referências igualmente associadas imageticamente aos sujeitos referidos, de forma a “ambientar” o telespectador a respeito “de quem se está falando?”.

A menção a estas figuras de referência, postas como enunciadores da decisão, ainda traz importantes percepções que nos saltaram aos olhos durante a análise empírica. Enquanto parte interessada na realização do evento, a TV Globo construiu uma ampla cobertura deste acontecimento, contextualizando o público tanto a respeito dos impactos da decisão no campo esportivo quanto ampliando a visada para um panorama mais generalizado, enfocando em outras áreas da vida social. Esta percepção, somada às figuras de referência esportivas e às sonoras de atletas reconhecidos em suas modalidades, ajudaram a construir discursos que situavam o telespectador a respeito da dimensão da pandemia tanto no universo do esporte quanto nas demais áreas da vida social, ainda incipientes àquela época e, sobretudo, a respeito da seriedade da decisão pelo adiamento.

Por fim, o último capítulo se ocupa, essencialmente, da busca por possíveis respostas ao questionamento que move este trabalho de pesquisa. Em um primeiro momento, traçamos um breve percurso a respeito dos conceitos que envolvem o viés teórico-analítico que conduziu esta pesquisa, a Análise de Discurso de linha francesa. Em seguida, apresentamos ao leitor o corpus componente deste trabalho de pesquisa para, por fim, nos atentar para as articulações empíricas estabelecidas entre os discursos jornalísticos, produzidos pela emissora

no período compreendido entre 05 de julho e 08 de agosto de 2021, e as discussões teóricas específicas das modalidades sobre pranchas apresentadas no início deste trabalho.

A constatação mais visivelmente perceptível diz respeito ao amplo espaço midiático-jornalístico destinado ao tratamento das modalidades sobre pranchas, principalmente motivados pelo fato dos representantes brasileiros, em ambas as modalidades, possuírem reais chances de medalhas, dado o retrospecto de vitórias e bons resultados obtidos em campeonatos reconhecidos no universo esportivo de ambas as modalidades. Para construir algumas considerações a respeito dos discursos construídos sobre as modalidades sobre pranchas, foi preciso ampliar o recorte temporal do corpus de pesquisa. Durante os 33 dias de programação, encontramos 62 edições de telejornais e programas jornalístico-esportivos da TV Globo que trouxeram as modalidades sobre pranchas como fio condutor das narrativas, bem como também se fizeram presentes alguns trechos das baterias disputadas pelos atletas brasileiros no transcorrer das edições dos telejornais da emissora.

Foi possível, inclusive, perceber a linearidade das narrativas jornalísticas neste período analisado. Primeiramente, tratou-se de apresentar as modalidades, munindo-se de uma estratégia discursiva de familiarização destas práticas com o potencial público espectador em prol de um retorno de audiência que justificasse, mercadologicamente, a obtenção dos direitos de retransmissão dos Jogos Olímpicos de Tóquio pela TV Globo. Assim, visando um público mais amplo, heterogêneo e, por vezes, pouco ou em nada familiarizado com a dinâmica das modalidades, a emissora optou por apresentar ao telespectador uma série de matérias que ora reconstruíram elementos relacionados ao histórico das modalidades e sua relação com os elementos culturais e identitários, ora optaram pela apresentação dos atletas brasileiros sob duas principais perspectivas: 1) construindo-os discursivamente como sujeito no qual deveríamos depositar a esperança da presença no primeiro pódio olímpico das modalidades e 2) construindo-o de forma mais humanizada, percorrendo traços das trajetórias destes atletas a fim de apresentá-los como “um de nós”, sempre vinculando a relação destes indivíduos com as práticas e, sobretudo, com os espaços, algo mais recorrente no caso das narrativas jornalísticas protagonizadas pelo skate, street e park.

Aqui vale ressaltar um importante aspecto que permeou as matérias de “apresentação” das modalidades ao público telespectador. Foi possível notar que, apesar de uma variedade de tratamentos discursivos às narrativas de apresentação das modalidades, a rememoração do histórico das modalidades sobre pranchas se deu de forma bastante tímida. Não podemos dizer ao certo o porquê da escolha por esta estratégia de enunciação, mas ela pode ter se dado

por dois principais motivos: 1) uma enunciação que estabeleceu como elemento central aquilo que Pêcheux () denominou “esquecimento número 2” da ordem da enunciação, refletindo uma escolha de “esconder” a subversão e a aproximação com o desvio cultural para tornar a modalidade atrativa a um público que desconhece esta relação de histórico conturbado ou, 2) O fato de ambas já terem percorrido trajetórias de reconhecimento e visibilidade em seus campos de disputa específicos, principalmente após o processo de esportivização (BOURDIEU, 2001), e, principalmente por se tratar de um evento de dimensões ampliadas, como os Jogos Olímpicos, não cabendo uma abordagem pormenorizada da relação conturbada entre as modalidades, seus praticantes e a mentalidade conservadora vigente à época da introdução em solo nacional.

O material jornalístico produzido no período competitivo das modalidades estreantes também foi bastante consistente. Como não poderia deixar de ser, cumprindo com o critério jornalístico da atualidade, os jornalistas envolvidos na cobertura das competições optaram por trazer uma série de matérias, ora mais sucintas ora com maior profundidade, a respeito do cotidiano dos atletas brasileiros. Seja cobrindo suas chegadas em solo japonês ou a rotina diária de treinamentos, estes profissionais, que aqui chamamos de testemunhas oculares da história, ou aqueles responsáveis por fazer a “ponte” de uma experiência mediada, se fizeram presentes em diferentes momentos e com diferentes construções narrativas para responder ao questionamento “O que eles estão fazendo no período anterior às competições?”.

Além da abordagem da rotina dos atletas brasileiros, as matérias também trazem menções importantes a respeito de algumas temáticas que também foram mencionadas no decorrer da etapa teórica deste trabalho. Apesar de terem se esportivizado, skate e surfe conservam em suas identidades e disputas alguns aspectos encontrados na conceituação de jogo, principalmente aquelas nominadas por Roger Caillois (1990). No período de disputas das pranchas do mar e do asfalto, foi possível notar frequentes associações com o que o autor denomina *Alea*, que pressupõe que as disputas carregam consigo o caráter da imprevisibilidade.

Muito mais do que uma imprevisibilidade técnica, que determina a nota atribuída ao desempenho de cada atleta e do embate direto com concorrentes, aqui é preciso destacar uma singularidade bastante recorrente nas construções discursivas sobre as modalidades: o destaque ao aspecto relacionado à imprevisibilidade do jogo. Além do fato de se tratar de uma disputa com iguais condições aos concorrentes e de o resultado ser dependente dos acontecimentos desdobrados no momento do “embate”, aqui queremos evidenciar um outro aspecto ligado ao *Alea*, já desdobrado na etapa teórica deste trabalho. Em muitas das

narrativas jornalísticas analisadas, este aspecto intrínseco à prática do jogo esteve presente como um elemento estruturante dos discursos.

No caso das pranchas do asfalto, o fator esteve relacionado à ocorrência de forte calor e da umidade excessiva, que em muito influenciaram nas condições das disputas. Trata-se de uma questão relacionada à área da física: O mesmo calor, que garante o “bom tempo” para disputas a céu aberto, é apresentado ao público como um “vilão”, seja dos atletas, que não estavam adaptados às condições japonesas, seja dos próprios espaços, equipamentos e obstáculos, que ao entrarem em contato com o calor modificam suas condições e aumentam o grau de dificuldade das disputas. Tal como já foi aqui discorrido, é no surfe que encontramos a maior dependência de sua realização em função das condições climáticas e geográficas. Ora apresentando as singularidades do espaço de disputa do surfe olímpico, a praia de Tsurigasaki, ora enfatizando a ocorrência do impacto da chegada de um tufão, que alterariam as condições climáticas e de formação de ondas, as enunciações discursivas, elaboradas em sua maioria por Guilherme Pereira, ressaltaram esta questão como agente determinante, e interdependente, da identidade desta modalidade, de forma geral.

Outro aspecto também nos saltou aos olhos quando olhamos com mais atenção para o material coletado referente ao período de desdobramento das baterias decisivas das modalidades. A cobertura ampla das competições não se deu apenas na forma de materiais jornalísticos nos momentos anteriores e posteriores à conquista, que articularam, discursivamente, a aproximação dos atletas brasileiros participantes do primeiro pódio olímpico à “imortalidade” devida aos heróis, tal como foi questão recorrente nos discursos posteriores às conquistas. Ela também se fez presente em breves momentos de transmissão das baterias de renomados atletas brasileiros, como Gabriel Medina, Ítalo Ferreira e Pâmela Rosa durante as edições dos programas jornalísticos diários ou semanais da emissora.

O que isto tem a nos dizer? O significativo tratamento discursivo-narrativo dado às modalidades, ocupando a grade noticiosa por vários dias, e a “experiência mediada” de acompanhar parte das baterias ao vivo, dividindo espaço com outras informações que também passaram por todo o processo de avaliação com base nos critérios de noticiabilidade e da transformação do acontecimento em acontecimento jornalístico nos revela a importância dada à ambas as modalidades aqui estudadas. Tal como já nos apresentava Jay Coakley (2011), ao ocupar estes espaços de privilégio, surfe e skate emergiram como objetos midiaticamente importantes no processo de obtenção de audiência por parte da emissora, que fez suas escolhas a respeito de quais modalidades “mereciam” maior destaque na programação.

Além de oferecer visibilidade às modalidades no “horário nobre” da televisão brasileira, a inserção de partes das baterias dos atletas brasileiros também representou uma efetiva estratégia discursiva de atração do público espectador para um momento posterior. É usando da locução de Everaldo Marques e dos comentários de especialistas praticantes de ambas as modalidades que a emissora chamou a atenção do público para a transmissão das modalidades, que ocupavam uma espécie de plantão olímpico, que ia madrugada adentro, em uma espécie de multicobertura das modalidades disputadas na manhã do dia seguinte em terras japonesas.

Um último aspecto a ser ressaltado aqui, também disposto dentre os objetivos específicos que nortearam a condução desta pesquisa, está no papel desempenhado pelos profissionais envolvidos na cobertura televisiva das disputas das pranchas do mar e do asfalto. Estávamos, aqui, diante de um objeto essencialmente midiático: o valor simbólico dos acontecimentos retratados por meio das narrativas jornalísticas e eventuais breves transmissões das baterias, somados à força da narrativa imagética e ao ato de construção discursiva narrativo-valorativa a respeito dos acontecimentos desdobrados nas competições nos permitiram construir possíveis respostas ao questionamento central que conduziu nossa pesquisa.

Mas estas percepções não seria possíveis, sobretudo, sem os papéis desempenhados pelos profissionais da informação, aqui apresentados em cinco principais categorias: 1) Mediadores informacionais, que compreendem os âncoras dos telejornais e programas esportivos da emissora; 2) “Pontes” informacionais, ou os jornalistas responsáveis por fazer a mediação entre os âncoras e as transmissões das baterias ou fazendo comentários que levassem à veiculação da matéria produzida logo em seguida da fala; 3) Testemunhas oculares da História, ou os profissionais enviados às terras japonesas para cobertura do evento, seja para tratar de assuntos mais gerais de várias modalidades (Bárbara Coelho e Carol Barcelos, por exemplo) ou envolvidos especificamente na cobertura do skate e do surfe olímpicos (Guilherme Pereira, para o surfe, e Kiko Menezes, no skate) e; 4) Especialistas, responsáveis por tecer explicações técnicas a respeito do funcionamento das competições ou nomeando as manobras bem como avaliando o posicionamento dos atletas e das notas atribuídas à execução das mesmas (Miguel Pupo e Teco Padaratz, no surfe e Geninho Amaral e Bob Burnquist, no caso do skate) e 5) Os repórteres locais, responsáveis pelas narrativas baseadas na Jornada do Herói construídas no momento posterior às conquistas, destacando aqui duas mais recorrentes: a de Rayssa Leal e de Ítalo Ferreira.

Longe de aqui retomar discussões pormenorizadas, é preciso constatar a importância do papel destes profissionais no que aqui convencionamos chamar de experiência mediada. Além da transmissão de informações, estes se colocaram, em diversos momentos de suas aparições, como detentores de outros papéis sociais, deixando-os, por vezes, transparecer no processo de enunciação. Na medida em que compreendemos que é impossível a existência de discursos neutros e isentos, estes profissionais mesclavam seus papéis de jornalistas com os demais elementos que compõem suas identidades: eram brasileiros, esperançosos por uma medalha inédita para o país, e, no caso dos “testemunhas oculares da história”, ainda vivenciavam um momento inédito: ser a única torcida brasileira em um evento ocorrido no decorrer de uma pandemia global. Além disso, partiam destes sujeitos inúmeros comentários igualmente importantes, seja retomando aspectos históricos não desdobrados nas narrativas jornalísticas ou, ainda, trazendo questionamentos que instigassem os “especialistas” a desdobrarem determinadas abordagens relativas aos acontecimentos jornalísticos retratados.

Além disso, a presença dos especialistas representou uma importante ferramenta de construção dos acontecimentos e das representações construídas sobre estes, que se apresenta como elemento central na discussão deste trabalho. Ao promover ex-praticantes de surfe e skate para a categoria de comentaristas, a TV Globo deu um passo além no processo de aproximação das modalidades sobre pranchas com um potencial público espectador. Responsáveis por uma espécie de “decodificação” dos acontecimentos e das particularidades envolvidas no ambiente de disputa, estes sujeitos permitiram o êxito detido pela emissora ao “apostar” na transmissão e abordagem ampla destas modalidades “juvenis”. Ainda que não pudéssemos perceber diretamente nos discursos jornalísticos apresentados, é inegável que estes sujeitos também serviram como importantes fontes para a composição das matérias, que por vezes desdobraram as particularidades das práticas de forma bastante didática e atrativa.

Muito mais do que pretender concluir definitivamente este trabalho, estamos aqui apresentando algumas possibilidades de se perceber as singularidades deste importante objeto de pesquisa, as representações discursivas construídas sobre o surfe e o skate enquanto modalidades olímpicas. É certo que esta é apenas uma das múltiplas possibilidades de visadas lançadas a este objeto, já que, enquanto seres sociais amparados por múltiplas mediações culturais, estamos sujeitos à lançar olhares com base naquilo que somos, no lugar que ocupamos no espaço e na temporalidade em que estamos inseridos.

Assim, este trabalho se apresenta como um terreno fértil de possíveis visadas para este objeto de pesquisa, se apresentando como apenas uma singela contribuição para os estudos nas áreas de estudo acerca do jornalismo esportivo, dos processos de midiaticização dos Jogos

Olímpicos e, sobretudo, a respeito da transformação do surfe e do skate em modalidades olímpicas. Esperamos que, além deste, inúmeros trabalhos vindouros possam contribuir para a consolidação deste campo de pesquisa, igualmente relevante, sobretudo quando lançamos sobre ele a visada comunicacional.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

AMARO, Fausto; MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo. Mídia e megaeventos esportivos: as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas-1896 a Londres-1948. **Logos**, v. 1, n. 24, 2014.

BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux**. Mémoire et espoirs collectifs. Paris: Payot, 1984

BANDEIRA, Marília Martins. Os novos esportes e a cobertura jornalística: O caso da Folha de São Paulo. In. DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JR, Edmundo de Drummond Alves (orgs.). **Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói-RJ: EdUFF. 2009. p.125-140

BARBANTI, Valdir. **O que é esporte?** Revista brasileira de atividade física & saúde, v. 11, n. 1, p. 54-58, 2006..

BARICKMAN, B. Medindo maiôs e correndo atrás de homens sem camisa: a polícia e as praias cariocas, 1920-1960. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 1-66, jan/jun, 2016.

BARROS, Laan Mendes de. Recepção, mediação e midiatização: conexão entre teorias europeias e latino-americanas. In. MATTOS, Mariangela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. orgs. **Mediação & midiatização**. EDUFBA, 2012. p.79-106

BARTHES, Roland. O que é o esporte. **Revista Serrote**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n.3, 2009.

BAUMAN, Zigmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Editora Zahar, 2008.

BENDRATH, Eduard Angelo; BASEI, Andréia Paula. Jogos Olímpicos e capital social: Perspectivas de mudanças sociais nas cidades-sedes?. **Recorde**, v. 10, n. 1, p. 1, 2017.

BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos In. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p.107-121

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. In: **Problemas de linguística geral I**. 1991. p. 387-387.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2014

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. **Questões de sociologia**, p. 136-153, 1983.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Editora da Unicamp. 2012.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

BRANDÃO, Leonardo. O surfe de asfalto: a década de 1970 e os movimentos iniciais da prática do skate no Brasil In: **Skate e skatistas**: questões contemporâneas.[org. Leonardo Brandão e Tony Honorato]. Londrina: UEL, 2012

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte**: Uma história do skate no Brasil. Blumenal-SC: Edfurb, 2014(a)

BRANDÃO, Leonardo. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 49, 2014(b)

BRANDÃO, Leonardo. **Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil**. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2012.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Zahar, 2004.

CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens**. trad. José Garcez Palha. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. Cultrix /Pensamento, 2007

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. 1a ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p.53-74

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. Debates Filosofia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2019

CLARKE, John; HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony; ROBERT, Brian In. HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (ed.). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Hutchinson, 1976. p.9-74

COAKLEY, Jay; HALLINAN, Christopher J.; MCDONALD, Brent. **Sports in society: Sociological issues and controversies**. McGraw Hill, 2011.

COLLI, Eduardo. **Universo olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas**. São Paulo: Códex, 2004.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. Companhia das Letras, 1989.

CORNEJO, Miguel; CERDA, Gamal; VILLALOBOS, Alejandro. El skate una practica deportiva de transversalidad sociocultural en los jóvenes chilenos: los jóvenes de Concepción–Talcahuano Chile. In. BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (orgs.) **Skate e skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: Um texto para discussão. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1a ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p.41-52

COSTA, Vera de Menezes. O imaginário da aventura In: DIAS, C. A. G., & Alves Jr., E. D. (Eds.). (2009). **Em busca da aventura: Múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói: EdUEF. p. 53-72

COSTA, Vera Menezes da. O imaginário da aventura. In. DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JR, Edmundo de Drummond Alves (orgs.). **Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói-RJ: EdUFF. 2009. p.53-82

DA EUROPA, Conselho. **Carta Europeia do Desporto**. In: Rhodes: 7ª Conferência dos Ministros Europeus. 1992.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, v. 5, 1997

DE FREITAS, Joana Gaspar. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. **Revista de Gestão Costeira Integrada-Journal of Integrated Coastal Zone Management**, v. 7, n. 2, p. 105-115, 2007.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JR, Edmundo de Drummond Alves (orgs.). **Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói-RJ: EdUFF. 2009. p.15-20

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Para uma história do lazer na natureza. In. DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JR, Edmundo de Drummond Alves (orgs.). **Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói-RJ: EdUFF. 2009. p.35-52

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, v. 200, 2005.

ECO, Umberto. **A Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1979

ELIAS, Norbert ; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Zahar, 2000.

FAUSTO NETO; MATTOS, Mariangela; VILLAÇA, Ricardo Costa. Aportes para uma nova visada da metapesquisa em Comunicação. In: **Encontro Anual da Compós**, 20., 2011. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Compós, 2011.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do regime autoritário-vol. 4: Ditadura militar e redemocratização–Quarta República (1964-1985)**. Editora José Olympio, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2018

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant’Anna; MARQUES, José Carlos. Dropando sobre as pranchas: os impactos das transformações conceituais das práticas do surfe e do skate refletidos no anúncio do Comitê Olímpico Internacional. **História, Questões e Debates**: Curitiba-PR, v.68, n.37, p.37-54, jul-dez. 2020

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant’Anna. Os usos da cidade: apropriações dos espaços urbanos pelos skatistas sob as lentes do “street photography” In. **Fotografias**. GUIMARÃES, D.; MORGADONA, L. (Orgs.). Aveiro: Ria Editorial. 2020. p.273-294

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant’Anna; MARQUES, José Carlos. **A pista também é delas: Reflexões sobre o discurso produzido na página Globo Esporte sobre as skatistas** In. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém-PA. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, v.1

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant’Anna. ; MARQUES, José Carlos. **A pandemia que parou o mundo: o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio sob as lentes da Rede Globo** In. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, Virtual, Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, v.1.

FOGLIATTO, Monique Souza Sant’Anna. **Os holofotes estão sobre as pranchas: A conversão do skate e do surfe de atividades de lazer em modalidades olímpicas**. In. XXI Jornada Multidisciplinar “Crise nas humanidades: Inclusão e resistência em tempos de retrocesso. Anais da XXI Jornada Multidisciplinar. p.184-185

FORTES, Rafael. **O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura**. Apicuri, 2011.

- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. Debolsillo, 2012.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 2004.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. **O telespectador frente à televisão**. Uma exploração do processo de recepção televisiva. *Communicare*, v. 5, n. 1, p. 27-42, 2005.
- HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (ed.). **Resistance through rituals**: youth subcultures in post-war Britain. London: Hutchinson, 1976.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. Editora Brasiliense, 1990.
- HJARVARD, Stig. Mídia e cultura: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 21-44, 2014.
- HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Terence Ranger (org.). Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2020
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. Editora Companhia das Letras, 2015.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. Editora Perspectiva SA, 2020.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Martins Fontes, 2014
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed; tradução de Sônia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007
- LORCH, Carlos. **Surf: deslizando sobre as ondas**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1980.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De carrinho pela cidade: a prática do street skate em São Paulo**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Mão na massa e skate no pé: práticas cidadinas nas novas centralidades paulistanas. **Anuário Antropológico**, n. I, p. 285-305, 2019.
- MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. **Sociedade e Cultura 1. Cadernos do Noroeste**, Série Sociologia. Vol. 13 (1), 2000, p.201 a 218
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Forense-universitária, 1987.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Cadernos de História de São Paulo**, v. 2, 1993.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. **Cadernos de Campo. São Paulo**, 1991, v. 2, n. 2, p. 48-51, 1992.

- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes. 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Silvio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015
- MARTÍN-BARBERO. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997
- MELLO, Victor Andrade de; ALVES JR., Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. Barueri, São Paulo: Ed. Manole, 2012
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo 1**. Forense Universitária, 1997.
- NEVES, Vitor Hugo Rodrigues Marinho; SANTOS, Felipe Lameu dos. Entre manobras radicais, marginais e burocráticas: uma história do skate até sua entrada nos Jogos Olímpicos de 2020. **Revista Educação Pública**, v. 20, n° 17, 12 de maio de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/17/entre-manobras-radicaais-marginais-e-burocraticas-uma-historia-do-skate-ate-sua-entrada-nos-jogos-olimpicos-de-2020> acessado em 06 de junho de 2021
- OLIC, Mauricio Bacic. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 15, n. 1, 2014.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas-SP: Pontes, 2017.
- ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre mundialização**, 3.ed, Editora Olho d'Água, São Paulo, 2005
- PÊCHEUX, Micheli. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Editora da UNICAMP, 2014.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Autêntica, 2012.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, v. 3, n. 9, p. 1-35, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo-SP. 2012
- RUBIO, Kátia. **Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada**: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel/Secretaria de Estado de Cultura, 1996.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. Editora Contexto, 2018

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. 1a ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p. 97-108

SESI, Serviço Social da Indústria. **A evolução do esporte olímpico**. São Paulo: SESI Editora. 2012

SPINK, Mary Jane; SPINK, Simon Paul P. Aventura esportiva na modernidade tardia In. DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JR, Edmundo de Drummond Alves (orgs.). **Em busca da aventura**: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói-RJ: EdUFF. 2009. p.21-34

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In. BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2020. p.11-36

TRAQUINA, N.(org.) Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Trad. Rosaura EICHEMBERG, São Paulo: Companhia das Letras, 2019

TUBINO, Manoel J. G. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999

WEBER, Max. Conceitos e categorias da cidade. In. SIMMEL, Georg et al. **O fenômeno urbano**. Tradução de Luciano Vieira Machado. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 67-88.

Produtos audiovisuais que compuseram o corpus de análise

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 24 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Combate ao Corona Vírus. Rio de Janeiro: Rede Globo, 24 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 24 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 24 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 24 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 25 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 25 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 26 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de março, 2020. Programa de TV

ADIAMENTO DOS JOGOS OLÍMPICOS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de março, 2020. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Hora 1. Rio de Janeiro: Rede Globo, 13 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Hora 1. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Hora 1. Rio de Janeiro: Rede Globo, 26 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Hora 1. Rio de Janeiro: Rede Globo, 27 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Hora 1. Rio de Janeiro: Rede Globo, 28 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Hora 1. Rio de Janeiro: Rede Globo, 04 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Hora 1. Rio de Janeiro: Rede Globo, 05 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 14 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 22 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 26 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 27 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 04 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Bom dia Brasil. Rio de Janeiro: Rede Globo, 05 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 20 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 21 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 22 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 23 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 24 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 26 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 27 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 28 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 04 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 05 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 05 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 12 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 24 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 26 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 27 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 28 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 29 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 04 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 05 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 20 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 21 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 23 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 26 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 27 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 28 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 03 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Jornal da Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 05 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Globo Esporte. São Paulo: Rede Globo, 20 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Globo Esporte. São Paulo: Rede Globo, 21 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Globo Esporte. São Paulo: Rede Globo, 26 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Globo Esporte. São Paulo: Rede Globo, 27 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Globo Esporte. São Paulo: Rede Globo, 28 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Globo Esporte. São Paulo: Rede Globo, 30 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Globo Esporte. São Paulo: Rede Globo, 04 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Globo Esporte. São Paulo: Rede Globo, 05 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Esporte Espetacular. Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Esporte Espetacular. Rio de Janeiro: Rede Globo, 17 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Esporte Espetacular. Rio de Janeiro: Rede Globo, 25 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Esporte Espetacular. Rio de Janeiro: Rede Globo, 01 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Esporte Espetacular. Rio de Janeiro: Rede Globo, 08 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Fantástico.
Rio de Janeiro: Rede Globo, 18 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Fantástico.
Rio de Janeiro: Rede Globo, 25 de julho, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Fantástico.
Rio de Janeiro: Rede Globo, 01 de agosto, 2021. Programa de TV

ABORDAGEM DO SURFE / SKATE COMO MODALIDADES OLÍMPICAS. Fantástico.
Rio de Janeiro: Rede Globo, 08 de agosto, 2021. Programa de TV